

Francisco Antonio Doria

De Gênova ao Brasil, I.

Francisco Antonio Doria

De Gênova ao Brasil, I

*Costa Doria, Rocha Doria,
Lucatelli Doria.*

Bingen

2002

*À memória de meu pai,
Gustavo Doria (1910–1979),
que me contava,
“Tunico dizia: o nome da família
era Mendonça; puseram Doria
porque era mais bonito.”*

De Gênova ao Brasil.

A origem dessa família é lendária,¹ ou quase; ou, melhor, esconde-se na lenda uma origem banal, talvez romântica, um affaire banal disfarçado depois, devido ao brilho dos muitos descendentes, numa lenda romântica. Eis a lenda: diz-se que, pelo século XI, certo Arduino dei visconti di Narbonne refugia-se em Gênova, onde casa com Oria, filha de Corrado della Volta. Dos três filhos do casal, Pietro, Rubaldo, e Ansaldo, deixa descendência sabida apenas o último, cujo neto homônimo é o ancestral mais antigo, documentado, desta família dos

¹No que se segue, mostramos, citando-se os documentos pertinentes, uma linha dos *Dorias* genoveses desde as origens italianas até o Brasil de hoje.

Tal linha possui três classes de fontes:

- Para as gerações genovesas, utilizamos como base a genealogia do padre Battilana [9], reconhecida como confiável pela historiografia de hoje: vejam-se, p.e., os textos de G. W. Day [22] e de S. Epstein [26]. E também a narrativa de Clemente Fusero sobre os *Dorias* medievais [35]. Fizemos também as correções de Fusero a Battilana, como, p.e., ao derivarmos a linha de Oneglia de um irmão de Branca Doria.

(Nestes textos e em alguns outros [74] obtivemos detalhes históricos sobre alguns personagens dessa linha.)

- O enlace entre Gênova e Portugal dá-se em Aleramo Doria, mercador com negócios em Lisboa ao tempo de D. João III, cuja filha Clemenza Doria, “criada da rainha D. Catarina,” é mandada para o Brasil em 1553 para aqui se casar. Identificamos Aleramo Doria ao “Lourenço de Oria” citado como pai de Clemenza Doria no *Nobiliário* de Torres, datado de 1635, aproximadamente. Esse nome exótico, requício de ancestrais nos marqueses da casa alerâmica, é referido como “Alarame,” “Larame,” “Lorame,” no século XVI, em Portugal.
- Os séculos XVI, XVII e XVIII desta família acham-se cobertos ao mesmo tempo nas fontes primárias e nas genealogias de Macedo Leme e Jaboatão [52, 68]. A partir daí, valemo-nos de fontes primárias para chegar ao presente. Ramos subsidiários foram acrescentados às últimas gerações, algumas vezes com base em genealogias manuscritas das diferentes famílias, informações de parentes, e (no caso dos chamados “judeus de Itapicuru”) numa reconstrução tentativa baseada nos registros da região.

Dorias, de Auria, Aureus, de Oria, d'Oria.

Rubaldo e Ansaldo são nomes comuns na aristocracia genovesa do século XI, o que aponta para uma base factual do mito familiar; e, talvez, a narrativa certamente lendária sobre o primeiro ancestral, Arduino—um prenome que, contraditoriamente antes o localiza entre os Arduinici do Piemonte do que entre nobres provençais—sendo dito dos viscondes de Narbonne, aponte para um vínculo entre essa gente e a Provença, e o mundo ao ocidente dos Pirineus. Pois Oria ou Auria, ou melhor dizendo-se, Auriya, é nome que levam duas das princesas Banu Qasi, dos senhores de Saragoça na Espanha muçulmana. De qualquer modo, quando encontramos o segundo—o histórico—Ansaldo Doria, este comanda uma expedição contra os mouros a soldo de Afonso VII de Castela, justo em Castela; e isso em 1147.

Ainda assim, a historiografia de agora prefere ver os primeiros Dorias como descendentes do Visconde Ido, investido pelos marqueses Obertenghi, pelo século X, do vicecomitatus de Gênova. O nome Arduino derivaria, no caso, de uma associação da família viscontal com os Arduinici de Ivrea, assim como muito tempo depois o nome dos três Aleramos Dorias refere-se a um distante ancestral nos marqueses Aleramici.

Seguros, atestam-se Martino e Genualdo Doria em 1110; da família, são os primeiros documentados diretamente. (Seriam antes primos co-irmãos que irmãos, mais parece.) Em 1125 Martino faz construir a igreja de San Matteo, paróquia gentilícia da família (Martino seria um monge da abadia de San Fruttuoso al Monte). Simone, filho de Ansaldo, e os filhos de Simone, Niccolò e Pietro, exercem o consulado em Gênova e lhe comandam os navios: Simone participa do cerco a São João d'Acra junto com Ricardo Coração de Leão.

Voltam-se para o Mediterrâneo ocidental alguns ramos dos Dorias. Data do fim do século XII a penetração dos Dorias na Sardenha. Em 1207, Niccolò Doria comanda uma expedição militar naquela ilha, e em 1223 seu filho Manuele ou Emmanuele Doria reforça a posição feudal da família na região de Torres, que a família dividirá em 1259 com os Spinolas e os Malaspinas. Os feudos dos Dorias vão de Alghero a Castelgenovese (hoje Castelsardo), e contém diversas praças fortificadas; de lá só serão expulsos pelos aragoneses em 1448.

Neste meio tempo os Dorias, em Gênova, repartem, em meados do século XIII, o poder político sobre a cidade com outra família gibelina, os Spinolas. Oberto Doria e Oberto Spinola exercem o consulado até fins do século XIII; Oberto Doria comanda a vitória naval genovesa em La Meloria (1284), e seu irmão Lamba (lama, “a lâmina”) vence os venezianos em Curzola, em 1298. O outro membro notável, a esse tempo, da família, é Branca Doria (branca é “garra”), de memória infame—teria assassinado à traição, durante um banquete, seu sogro Michele Zanche, sr. de Logudoro na Sardenha, provavelmente em 1275. Talvez injustamente infame: agia como agiam os Visconti ou os Scaliger.

De seu filho Bernabò Doria, morto em 1325 (assassinado como o pai Branca, ao que parece), descendem marqueses, duques e reis: foi sua filha Valensa ou Valentina Doria, que se casou com Stefano Visconti, duque de Milão; foram bisavós de Valentina Visconti, duquesa de Orléans, ancestral da segunda linha

dos Valois. Valentina Doria casou-se primeiro com o marquês Franceschino del Carretto, de quem teve uma filha, Tiburzina. Casa-se em seguida com Stefano di Matteo Visconti, de quem deixa três filhos, Matteo, Bernabò e Galeazzo, Bernabò nascido em 1323. Morre-lhe o marido Stefano, envenenado, em 1327, e depois de várias peripécias Valentina tem um fim tranquilo em 1359, estando enterrada ao lado de Stefano Visconti na igreja de S. Eustorgio.

Sua irmã Isabella, poetisa provençal, de vida mais tranquila, casa-se com Manfredo IV, marquês de Saluzzo e de Montferrat.

Os Dorias são sempre navegadores, quase piratas, e comerciantes. E são interesses comerciais, provavelmente a aplicação no mercado de commodities (no caso, o açúcar), de fundos excedentes ganhos durante o pontificado de Sixto IV, que impelem alguns Dorias mais ainda para o ocidente, para Portugal e para a Madeira. Um Luigi ou Lodisio Doria é atestado na Madeira em 1480, junto com Urbano e Battista Lomellini; é proprietário de engenhos. Dele sabemos o nome da filha, Leonor, isto é, Leona ou Leonia, e podemos identificá-lo a Lodisio Doria, filho de Imperiale Doria e de Bianca Doria, do ramo dos co-senhores de Oneglia. Sete décadas depois de Luis Doria, documenta-se em Lisboa Aleramo Doria, também do ramo de Oneglia, que recebe de D. João III um padrão de juro sobre a alfândega da cidade; isso em 1557. A “criada da Rainha D. Catarina,” Clemenza de Oria, trazida para o Brasil em 1553, era sua filha. Também Cristóvão Doria, nascido em Faro pelo começo do século XVI e filho de um Francesco Doria de Arzila, é muito certamente irmão ou meio-irmão de Aleramo Doria. Próximos estes a Colombo, seu nome pode ser que lembrasse o do navegador, antigo agente de Luigi Centurione Scotto, banqueiro genovês e parente ou avoengo de vários destes personagens. Neste caso, ter-se-ia perpetuado o apadrinhamento onomástico de Colombo até inícios do século XIX nos Dorias da Bahia, no Brasil, quando, em 1809 morre Cristóvão da Costa [Doria] Barbosa, em S. Francisco do Conde (Bahia), tronco da família dos Costas Dorias de hoje.

Costa Doria.

1. ARDUINO.² Personagem do qual só conhecemos notícias através de tradições que nos vêm pelo menos do século XIII. Eis uma delas:

Traggono la loro origine da Arduino, Visconte di Narbona, verso il 1050. Questo visconte passando da Genova per andare crociato³ a Gerusalemme si ammalò gravemente e fu ospitato in casa di una vedova della famiglia De Volta, dove curato si innamorò di una delle sue due figlie a nome Oria [Orietta] e la tolse per sua. Ebbe da lei un figlio: Ansaldo, che dal nome della madre fu detto “figlio d’Oria.”⁴

Outras variantes da narrativa tradicional dão o nome do pai desta Oria (Auria) della Volta; seria certo Corrado della Volta, ou de Volta.⁵ Há um fato que sugere a verdade ao menos parcial dessa narrativa: no século XII, em 1161, as casas dos

²Personagem não documentado. Documentada, ainda que indiretamente, apenas a ancestral que dá origem ao nome familiar, *Oria* ou *Orietta*.

³Cruzados não existiam, em meados do século XI, mas o costume da peregrinação *individual* a Jerusalém vinha de longe, desde o século IX.

⁴Veja [70], p. 87.

⁵Assim se refere ao mito que envolve a origem dos Dorias, o genealogista argentino D. Hernán Lux-Wurm: “Una de las primeras familias de la antigua nobleza de Génova, sumamente numerosa y ramificada, al punto que llegaron a inscribirse más de treinta ramas diferentes en el *Libro d’Oro della Nobilitá Genovesa*.

Derivados por línea femenina de la antigua casa feudal de’ della Volta, provienen de Martino d’Oria, hijo de un hijo natural de Oria, a su vez hija del poderoso magnate Corrado della Volta, en el siglo XI. La leyenda hizo que se tuviera por abuelo del referido Martino, a un tal caballero cruzado *Ardouin de Narbonne*, que afirman tuvo amores con dicha Orietta della Volta, cuando pasaba por Génova rumbo a Tierra Santa y dicen que está enterrado en el Convento de Santo Stefano, cerca de Portoria.

Furiosos gibelinos, los Doria tuvieron su casa originaria frente a la Iglesia de San Mateo, que edificaron generosamente; con la reforma de 1528, los Doria constituyeron el tercer albergó; dieron seis Dux de Génova, seis Cardenales de la Iglesia y 62 senadores de la República Genovesa.

della Volta e dos Dorias eram lado a lado em Gênova, segundo Giovanni Scriba ([22], p. 80), vivendo juntos Ingo della Volta e seu filho Marchese, e, ao lado destes, Simone Doria. Além do mais, sempre houve uma associação política e comercial entre os dois grupos familiares, o que sugeriria um parentesco entre as famílias. E, enfim, uma ancestral de nome *Oria* para esta família é um fato documentado.⁶ Segundo a tradição, tiveram três filhos,

1. Pietro,
2. Rubaldo, e,
3. Ansaldo, que segue.⁷

2. ANSALDO.⁸ Dado indiretamente como *filius Auriæ*. Este teria tido igualmente três filhos. Segundo a tradição foram filhos de Ansaldo,

Armas: usaron diversos escudos de armas (“Doria diversa faciebant signa”) en tiempos medioevales, hasta que unificaron su heráldica hacia 1314 por especial concesión del Emperador Enrique VII, por: “spaccato d’oro e d’argento, all’aquila imperiale sul tutto di nero, membrata, imbeccata e coronata di rosso, per dimostrare la propia fede ghibellina.”

Sobre los antiquísimos Della Volta, “vel De Volta,” volveremos a tratar en los *Cattaneo*, por cuanto ese fue el nombre del Albergó que, con otras familias genovesas, fundaron en 1301. Las primeras generaciones se establecen así:

1. Ugone de Volta, padre de:
 1. Ugone de Volta, cónsul de Génova en 1080, padre a su vez de muchos hijos, entre ellos del célebre Ugone della Volta, obispo de Génova en 1163.
 2. Corrado della Volta, poderoso magnate gibelino de Génova, padre de mucha prole, siendo padre de Orietta, autora de la Casa Doria, y abuelo de Ingo del console Guglielmo della Volta (Ingo desposó Cortesina, hija de Martino Doria) Ingo fué Almirante de Génova en 1134 en la guerra con Pisa, y “console del comune” en 1162. Los Della Volta dieron cuatro Dux de Génova y 12 senadores. Sus armas antiguas eran: “bandato d’argento e di rosso.”

Segun Stella, en sus *Annales*, la visita del Emperador Enrique VII (de la Casa de Luxemburgo) a Génova ocurrió el 21.10.1311. Sobre las armas concedidas a los Doria, relata: “*Adveniente Januam Henrico sexto, Romanorum Imperatore, nobiles de Auria, qui in vexillis et locis aliis diversa faciebant signa,—al aliq̄ue de domo ipsa de Auria faciebano leones, aliq̄ue turr̄im et aliq̄ui ex ipsis aliud—et legerunt de cetero pro se ipsis omnibus imperius signus facere, nec eis concedens videbatur us que unus debebant esse et solum retinerent signum unum; hoc etiam egerunt ut imperatori devotio pateret, qua et amabant maiestatem ipsius et colebant; et ut suum dignosceretur a proprio signo Imperii, dimidium spatii, cui inherent aquila mutaverunt in album.*”

⁶A narrativa lendária, cheia de inconsistências, é ainda factualmente errada ao menos em parte. Não há notícias do nome “Arduino” [72] entre os viscondes de Narbonne, nos séculos X e XI; com certeza não existiam cruzados em 1050—somente peregrinos—e o resto da narrativa é um conto de fadas tradicional, a lenda do peregrino que se apaixona por sua hospedeira. Notemos, no entanto, que Arduino é o prenome característico da família dos Arduinici, marqueses lombardos e senhores da região de Turim, e este do caput, ainda que semi-lendário, poderia na verdade ser um colateral de tal clã. Mesmo assim, notemos que *nenhum* descendente dessa família exibe o prenome “Arduino” até meados do século XV.

⁷Nenhum desses personagens é atestado em documentos contemporâneos.

⁸Personagem não documentado; está referido apenas nas genealogias mantidas na família Doria, e que datam do século XIII, pelo menos.

1. Genualdo, que segue;
2. Oberto, e
3. (talvez) Martino, que seria no fim da vida monge na Abadia de S. Fruttuoso al Monte—depois de 1127, quando ainda aparece como *consigliere* da *compagna* (companhia militar de cidadãos) da comuna.⁹ Martino casou-se ([35], pp. 28 e ss) com Giulia di Gandolfo Visconte, e teve filhos:

- (a) ... [filho], falecido antes de 1125.
- (b) Cortesina Doria, que c.c. Ingo della Volta, filho de Guglielmo della Volta, cônsul da comuna, e neto de Corrado della Volta, pai de Orietta, ancestral semi-lendária dos *Dorias*.

3. GENUALDO.¹⁰ Dado como um dos *de filiis Auriæ* num documento de 1110.¹¹ Também dito Zenoardo, Gherardo, Genoardo. Pai de:¹²

4. ANSALDO DORIA. Personagem historicamente documentado, nele começam as genealogias contínuas desta família. Foi cônsul de Gênova em 1134 e depois em 1147, e como cônsul esteve na tomada que os de Castela fizeram a Almería e Tortosa — pois há muito tinham os genoveses vínculos com a Espanha. Giovanni Scriba refere-se a este, em 1156, seja como Ansaldo Doria, seja apenas como Doria [9]. Casou com Anna ..., filha de Niccolò Talvez tenha se casado com uma prima Doria em segundas núpcias. Do primeiro casamento, pai de:

1. Enrico Doria, s.m.n.
2. Guglielmo Doria, cônsul em Gênova em 1174; ainda vivo em 1190. Dele descendem os príncipes de Oneglia, depois marqueses de Ciriè e del Maro, linha que se extinguiu na varonia em 1918.
3. Simone Doria, que segue.

5. SIMONE DORIA. Personagem de grande projeção no seu tempo em Gênova. Nasceu em Gênova entre 1130 e 1140. Foi cônsul de Gênova seis vezes, entre 1165 e 1188, quando combateu pelos interesses da pátria e de sua própria família na Sardenha. Participou também das negociações subsequentes entre Gênova e Pisa, mediados por Frederico Barbarroxa, pelas terras sardas.

⁹Martino poderia ser primo-irmão de Genualdo. Martino, primeiro personagem atestado com segurança nesta família e talvez fundador da sua fortuna, que [35] poderia vir da coleta de impostos pagos pelo *comune*; aparece como testemunha junto com Genualdo num documento de 1110, a sentença passada pelos cônsules de Gênova, Guidone Spinola e Idone di Carmandino, na causa entre os religiosos da igreja de N. S. delle Vigne, e os arrendatários de suas terras; são referidos como *de filiis Auriæ*, o que faria antes supor que tivessem pais diferentes. Aparece também o mesmo Martino, em 1125, fundando a paróquia gentilícia da família, a igreja de S. Mateus, ainda existente, que subordinou ao mosteiro de S. Fruttuoso al Monte.

¹⁰O nome deriva-se de *Genua*, baixo latim para *Ianua*, Gênova.

¹¹Nota precedente.

¹²Segundo a tradição; não existe documento que o mostre pai do que se segue.

Combateu no assédio a S. João d'Acra ao lado de Filipe Augusto e de Ricardo Coração de Leão em 1191, tendo sido nomeado almirante em Gênova no ano de 1189 para o fim de comandar a frota de Gênova que ia auxiliar os cruzados. Morre depois de 1195.¹³ Filhos,

1. Giacomo Doria, casado com Argenta di Rubaldo Lercari, que já estava viúva em 1203. C.g. até hoje, embora não na varonia.
2. Barca Doria, † 1210. Seria corsário.¹⁴ A linha possui descendentes até hoje.
3. Niccolò Doria, que segue;
4. Andrea Doria, atestado em 1184, c.g. de sua mulher ([35], p. 122, nota) Susana, desposada em 1180, filha de Barisone II de Lacon, sr. de um julgado na Sardenha e depois feito rei da mesma ilha.
5. Pietro Doria, no cerco de Damietta em 1219. Teve filhos:
 - (a) Niccolò Doria, atestado em 1211 e 1265,¹⁵ c.g.; e
 - (b) Oberto Doria, casado com Mabilia. . . Filhos:
 - i. Lanfranco Doria, atestado em 1251, casado com Adelasia de' Mari, filha de Ansaldo de' Mari. C.g.
 - ii. Ansaldo Doria, atestado entre 1247 e 1271. C.g.
 - iii. Tommaso Doria, atestado entre 1248 e 1271, e † antes de 1293. C.c. Caracosa. . . . C.g.
 - iv. Inghetto Doria, † antes de 1250, pai de Ughetto Doria, † 1294.
 - v. Niccolò Doria, atestado entre 1227 e 1250. C.c. Taddea di Federico Grillo. C.g.
 - vi. Mabilia Doria, atestada em 1253, casada com Lanfranco de Rodolfo; e
 - vii. Pietro Doria, atestado entre 1227 e 1271; † antes de 1274. C.c. Mabilia, filha de Diotesalvi Casiccia.
Pais dos grandes irmãos de nome Doria no século XIII:
 - A. Oberto Doria, n.c. 1230, ancestral dos senhores de Dolceacqua, senhorio que adquiriu e fez prosperar, capitão de Gênova com Oberto Spinola, e vencedor dos pisanos em La Meloria

¹³Seria quem guiou a frota genovesa em Damietta em 1219, junto ao filho Pietro? Parece muito tardia essa data, pois seu primogênito Niccolò já teria filhos antes de 1180 ([35], p. 127), o que remeteria o nascimento de Simone para entre 1130 e 1140.

¹⁴O nome é uma alcunha: *barca*, "gordo." Este personagem era motivo sempre de *gozação* de seu distantíssimo colateral *Tatá*, ou Antonio Adolpho Accioli Doria, que deformava seu nome em *Vacca Doria*. . .

¹⁵Battilana fá-lo casado com Giacobba della Volta, em lugar do avô paterno.

em 6.8.1284¹⁶ Em setembro de 1285, Oberto Doria deixou voluntariamente seu cargo de capitão do povo de Gênova, devido a divergências quanto à condução dos negócios externos, nomeando em seu lugar o filho Corrado. Ainda comanda, em 1295, uma esquadra genovesa que pretende atacar Veneza, e que não tem sucesso, pois volta devido às péssimas condições do mar.

- B. Jacopo Doria, n. 1234, † 1294, o analista, autor das crônicas genovesas de fins do século XIII. Deve ter sido educado nos conventos de Castelletto (franciscano) e de Domoculta (dominicano). Está documentado como comerciante desde 1253; em setembro de 1256 investe dinheiro na Tunísia com a marquesa Contessina di Gavi, nora de seu parente, o poeta Percivalle Doria. Em 1254 apresta um navio, em sociedade com Ogerio Scotto. Em 1276 investe em negócios na Armênia, associado a Iacopo Boccanegra, irmão de Guglielmo Boccanegra. Com o irmão Oberto, é co-senhor de Calvi, na Córsega, e senhor de Mornese. E' quem atesta *la partenza di due nobili cittadini di Vinegia che vanno alla corte del Grande Cane signori di tutti i tartari*—fala de Matteo e Nicolao Polo, este, pai de Marco Polo.

Em 1273 é nomeado podestà de Voltri; engaja-se então na guerra contra os angevinos, e o faz muito bem. Em 1285 aparece como embaixador de Gênova a Constantinopla. Começa a escrever seus anais sobre a história de Gênova em seu tempo em 1280, e o faz até 1293. Falece pouco depois [35].

- C. Lamba Doria,¹⁷ vencedor da batalha naval de Curzola, ou Kurčula, em 1298. Deve ter nascido em Gênova c. 1240, ou pouco depois.

Foi nomeado almirante de uma esquadra de 76 galeras que partem de Portovenere em 29.8.1298. Navegando em direção ao Adriático, e depois de enfrentar uma tempestade ao largo de Otranto, move-se em direção à esquadra veneziana, que tem no comando o almirante Andrea Dandolo, e que se com-

¹⁶Conforme a seguinte inscrição (traduzida) na fachada da igreja de San Matteo:

Em nome da Indivisível Trindade. No ano do senhor de 1284, no dia 6 de agosto, o egrégio e poderoso senhor Oberto Doria, então capitão e almirante da comuna e do povo de Gênova, triunfou sobre os habitantes de Pisa em Porto Pisano, capturando suas trinta e três galeras, depois de lhes haver afundado sete, posto em fuga as outras, causado a morte de muitos daqueles, e voltou a Gênova com grande multidão de prisioneiros, num total de 9272 nos cárceres genoveses. Entre os prisioneiros estava o veneziano Alberto Morosini, podestà e comandante geral da comuna de Pisa, com o estandarte da comuna, conquistado pela galera dos Dorias e trazido a esta igreja junto do selo daquela comuna; Lotto, filho do defunto Conde Ugolino, e grande parte da nobreza de Pisa ([35], p. 200).

¹⁷*lamba* ou *lama* significa “lâmina.”

punha de 96 galeras e de numerosas naves auxiliares. Confrontam-se as duas esquadras na ponta oriental da ilha de Curzola, na tarde de 7.9.1298. Bem de manhãzinha no dia 8.9.1298, entre Curzola e Meleda, Lamba Doria inicia o ataque aos venezianos. Várias lendas, muito provavelmente infundadas, cercam seu comportamento—que certamente foi muito agressivo—durante a batalha. A batalha durou todo o dia, e a vitória genovesa foi alcançada quando entraram em ação, mais ao fim do combate, quinze galeras que o almirante havia posto à parte.

Morreram de sete a dez mil venezianos, e foram feitos entre cinco a sete mil prisioneiros. Foram afundadas ou queimadas de 65 a 80 galeras, e 18 aprisionadas (escaparam 12).

Entre os prisioneiros estava Andrea Dandolo, que se matou batendo furiosamente a cabeça contra o banco onde estava agrilhado. Foi também aprisionado Marco Polo, já retornado das suas viagens, e com 44 anos.¹⁸

Lamba Doria foi declarado “salvador da pátria,” e ganhou da comuna, como presente, um palácio. Lamba Doria morreu em 1323, e está enterrado em San Fruttuoso ([35], p. 232 e ss.).

D. Niccolò Doria. Ver parte da descendência deste Niccolò Doria na pág. 18.

6. NICCOLÒ DORIA. Teria nascido em Gênova por volta de 1150. Em 1188 testemunha um dos muitos acordos de paz com Pisa, este patrocinado pelo papa Clemente III. Em 1197, desafiando o *podestà* genovês Drudo Marcellino, lança-se ao mar numa expedição vitoriosa contra a Sicília; voltando a Gênova, viu que o *podestà* havia derrubado a casa-torre dos Dorias no *borghetto* da família, junto à igreja de San Matteo. Sua revolta é contida pela ação do *podestà* em resposta.

Foi cônsul da comuna em 1201. Em 1202 representa Comita II, sr. do julgado de Torres na Sardenha, nas negociações para o casamento de Maria di Lacon, filha de Comita II, com o marquês Bonifazio di Saluzzo. Em 1207 comanda expedição militar à Sardenha contra os pisanos. Em maio de 1212 hospeda em sua própria casa, em Gênova, o jovem imperador Frederico II. Citado nos documentos genoveses pela última vez em 1224 ([35], p. 121). Filhos:

1. Ingo Doria, atestado entre 1227 e 1239. C.g.
2. Antonio Doria, atestado em Gênova em 1227.
3. Manuele, que segue.
4. Lanfranco Doria, cônsul da comuna junto com o irmão Manuele em 1215; atestado ainda entre 1225 e 1235.

¹⁸Na prisão, em Gênova, dita a Rustichello di Pisa a narrativa de suas viagens, o livro *Il Millione*.

7. MANUELE DORIA.¹⁹ Sr. de Valle Stellanello e de Andora. N.c. 1180 ou pouco antes, em Gênova; atestado em 1202, quando comprou, de um filho de Obizzo Malaspina, em sociedade com Guglielmo Embriaco, certos direitos de pedágio no Val di Trebbia ([35], p. 127 e ss).

Em 1210, com trinta anos ou mais, casa-se com Giorgia (na forma dialetal sarda, Iurgia) di Lacon, filha de Comita di Lacon, sr. do julgado de Torres, e neta de Barisone II de Lacon, por um breve período rei da Sardenha.²⁰

Foi cônsul da comuna em 1215; representou então Gênova no quarto Concílio de Latrão. Podestà de Savona como o pai, em 1223; depois, em 1225, podestà de Albenga. Atestado desde 1223 nos feudos da família na Sardenha, em setembro de 1224 induziu o cunhado Mariano III di Lacon, irmão de Giorgia, a renovar a aliança com os genoveses.

Dois incidentes marcam, ainda, a vida de Manuele Doria. Em 1233 conspiram vários sardos contra o herdeiro de Torres, Barisone di Mariano Lacon, uma criança. Entre eles, mais notório, Michele Zanche, futuro sogro de Branca Doria (ver à pág. 12). Mal sucedida a conspiração, fogem para Gênova, onde pedem, já em 1234, a Manuele Doria e a seu filho Percivale que sirvam de intermediários entre os conjurados e os Lacon. A paz é feita. Então, traiçoeiramente, já retornados à Sardenha os conjurados, entre os quais Zanche, provocam em 1235 uma insurreição na qual morre o pequeno Barisone.

Ainda em 1241, junto com o irmão Ingo, e mais o primo, o poeta Percivale Doria, Manuele Doria tentou derrubar o governo guelfo em Gênova. Fracassando, submetem-se todos e são os Dorias conspiradores banidos da pátria durante dez anos. Em 1246 esteve Manuele Doria em Florença, como vigário²¹ do podestà Frederico de Antióquia, um dos bastardos de Frederico II. Em 1248 Manuele é feito podestà em Como, na qualidade de um dos mais notórios gibelinos da Itália. Terminado o banimento, em 1251, volta a Gênova, quando, por influência do papa Inocêncio IV, um Fieschi, recebe uma quantia compensatória, como espécie de anistia pelo seu exílio já cumprido. Torna-se, no mesmo ano, um dos conselheiros da comuna, quando negocia, junto ao filho Niccolò, um pacto com Florença para atacar Pisa.

Filhos:

1. Guglielmo Doria, atestado em 1235, 1239, † 1248. C.c. Guglielma Stancone, filha de Tommaso Stancone, c.g.
2. Babilano Doria.²²
3. Percivale Doria, que participa com o pai dos atos de mediação na Sardenha

¹⁹Também chamado EMMANUELE.

²⁰Segundo Battilana, casou com Alda, filha de Oberto Vento, de uma família originária de Benevento e fixada em Gênova no começo do século XII. Mas, devido aos grandes interesses sardos deste ramo dos Dorias, o casamento com a herdeira dos Lacon é o correto. Aliás esta é uma aliança bem documentada.

²¹Enviado e representante.

²²Battilana coloca este como o ancestral da linha dos co-senhores de Oneglia, o que não parece correto, pois a cronologia confirma a versão que apresentamos aqui.

em 1234.²³

4. Niccolò Doria, segue.

8. NICCOLÒ DORIA, n. pouco após 1210, é atestado em Gênova entre 1250 e 1263. Senhor vários dos feudos familiares na Sardenha, c. (por volta de 1230) c. Preziosa, filha natural (legitimada pelo pai e depois pelo papa) de Mariano III de Lacon, senhor do julgado de Torres na Sardenha, e sobrinha de Giorgia di Lacon, mãe deste Niccolò. É um dos plenipotenciários que assinam, em 13.3.1261, o tratado de Ninfeu com os Paleólogos imperadores de Bizâncio. Morreu em janeiro de 1276 e está enterrado em San Fruttuoso. Pais de:

1. Mariano Doria, atestado entre 1254 e 1275. Teria sido assassinado pelo irmão Branca, antes de 1275. C.g.
2. Rissardo (ou Ricciardo) Doria, atestado entre 1278 e 1287. C.c. Pietra, filha de Fulcone de Castro, c.g.
3. Branca Doria, o personagem de Dante. N. após, mas perto de 1230, e † em 1325. Senhor de Logudoro na Sardenha, c. em começos de 1253 c. Caterina, filha de Michele Zanche, amante ou marido de Adelasia, herdeira dos Lacon do julgado de Torres na Sardenha.²⁴

Branca Doria aparece em vários documentos, entre 1259 e 1271, quando (por exemplo) “vende por nove liras um escravo de pele negra.” Vive mais na Sardenha que em Gênova.

No episódio descrito por Dante, teria feito assassinar, no verão de 1275, à traição, o sogro, no meio de um jantar que a aquele era oferecido. Não há documentos contemporâneos ao fato atestando-o, e as motivações de Branca Doria para assassinar o sogro são obscuras, já que herdaria os bens do Zanche pela filha Caterina. Casa logo em seguida o filho Bernabò com uma das herdeiras dos Fieschis guelfos, e passa a ter um comportamento filoguelfo. Teria também assassinado, antes de 1275, o irmão Mariano.

Nos seus relacionamentos com os subalternos é generoso: doa terras, liberta escravos. Terá um fim trágico: em 17.3.1325, Branca já perto dos 90 anos, é banido pela facção guelfa (retornara ao partido gibelino) ora dominante em Gênova. Capturado pelos aragoneses, é condenado à morte e executado, sem que dele se apiedassem os algozes devido à idade muito avançada.

Nos começos do século XIV, Branca Doria foi, na prática, senhor de Gênova. É quem lá recebe, em sua casa, no *borghetto* dos Dorias, Henrique VII de Luxemburgo, e quem determina a unificação das armas da família, em homenagem ao imperador, nas que persistiram desde então,

²³Segundo alguns o poeta provençal homônimo, que viveu a esta época, o que não é correto, por ser o poeta sabidamente da linha de Montanaro.

²⁴Mas não se sabe quem fosse a mãe de Caterina ([35], pp. 239 e ss.).

Troncato di oro e d'argento, all'aquila al volo spiegato di nero, imbeccata e membrata di rosso, coronata d'oro (o di rosso), posta sul tutto. Cimiero: aquila uscente a volo spiegato.

Deve-se entender Branca Doria à luz de seu tempo. Não foi mais violento que os Scaliger (cujos nomes, Mastino, “mastim,” Can Grande, “cachorrão,” dizem tudo), ou que Viscontis e Sforzas. Ou ainda, que os chefes de bandos nos morros do Rio, 2002.

Filhos de Branca Doria e de Caterina Zanche:

- (a) Babilano Doria, atestado em 1315.
- (b) Lazzaro Doria, s.m.n.
- (c) Bernabò Doria, atestado na primeira metade do século XIV, † 1325. C. após setembro de 1275, mas antes do fim do ano, c. Eliana²⁵ Fieschi, filha de Federico Fieschi, irmão do papa Adriano V (Ottobuono Fieschi), sobrinhos ambos do papa Inocêncio IV (Sinibaldo Fieschi). Capitão de Gênova junto a Opizzino Spinola, logo com este se atrita e joga a comuna numa disputa sangrenta entre as facções de um e outro.

Inocêncio IV, o cardeal Sinibaldo Fieschi, foi eleito papa em junho de 1243. Foi quem convocou o concílio de Lion, no qual foi excomungado Frederico II. Morreu em Nápoles em 1254.

Adriano V, o cardeal Ottobuono Fieschi, sobrinho do precedente e cardeal desde 1252 graças ao tio, foi eleito papa em 1276, mas reinou apenas quarenta dias. Sendo cardeal-diacono, sequer chegou a ser ordenado padre e sagrado bispo, o que se faria necessário para sua coroação como papa (já que o papa é o bispo de Roma).

Foram filhos de Bernabò Doria e de Eliana Fieschi:

- i. Violante Doria, ou Valentina [Valensa] Doria, casada em segundas núpcias em maio de 1317 com Stefano Visconti, senhor de Milão.²⁶ Dela descendia—era bisneta—Valentina Visconti, que levou os direitos ao ducado de Milão aos últimos Valois.

²⁵Fusero chama-a *Eleonora*.

²⁶*Signora di Milano. Figlia di Bernabò Doria, nata a Genova, ebbe come primo marito il marchese Franceschino del Carretto; da tale matrimonio nacque una figlia, Tiburzina. Rimase presto vedova poiché un atto, datato 7 marzo 1350, attesta che Valensa Doria aveva ricevuto 32.000 fiorini d'oro per la dote a lei dovuta, da restituirsì sui beni del defunto marito Franceschino, che così aveva disposto con testamento redatto il 25 luglio 1313. Dal secondo marito, Stefano Visconti, figlio di Matteo, signore di Milano, Valentina Doria ebbe tre figli: Matteo, Bernabò e Galeazzo. Con Stefano e i figli Valentina Doria visse direttamente le intricate vicende di cui furono protagonisti i Visconti lungo la prima metà del XIV secolo. Nel novembre 1322, quando Stefano dovette fuggire da Milano con i fratelli Luchino e Giovanni, Valensa Doria, che era gravida di Bernabò Visconti, trovò rifugio presso il convento delle monache di S. Margherita, dove partorì. Nel luglio 1327 venne annunziata la morte di Stefano, ufficialmente deceduto per avvelenamento. Più tardi però pare che Valensa Doria nel suo testamento accusasse i cognati di averlo ucciso.*

I tre figli, ancora molto giovani, furono affidati alla madre. Vissero tranquillamente durante tutto il periodo azzoniano, ma furono cacciati da Milano dopo la presa del potere da parte

- ii. Isabella Doria, poetisa provençal muito talentosa, casada em 1307²⁷ com Manfredo IV, marquês de Saluzzo e marquês titular de Montferrat (senhorio que acabou não herdando).
 - iii. Galeotto Doria, nome dantesco, aliás, casado com Giovanna Lomellini, e pai de uma *Clemenza Doria*, casada com o primo *Alaone Doria*, filho de *Argone di Alaone Doria*.
 - iv. Cassano Doria, capitão na guerra naval contra os aragoneses em 1312, † antes de 1367, casado com Geronima del Carretto,²⁸ uma de cujas filhas foi *Eliana* ou *Andreola Doria*, casada com *Ceva di Percivale Doria*, abaixo, na pág. 18, c.g.²⁹
 - (d) . . . , casada com o Conde Griffo, de Sassari.
 - (e) Percivale Doria.
4. Babilano Doria, que segue.
 5. Bonifacio Doria, atestado em 1271. C.c. Benedetta. . . , já viúva em 1331.
 6. Lotterengo Doria, s.m.n.

A linha que descende de *Valensa Doria*, filha de *Bernabò Doria*, supra, e neta de *Branca Doria*, espalha-se em toda a alta nobreza europeia.³⁰

dello zio Luchino. Successivamente furono invece protetti dallo zio Giovanni, l'arcivescovo che detenne il potere dal 1349 al 1354. Dopo la morte di quest'ultimo, i figli di Valensa Doria, che erano a Milano, assunsero il governo e spartirono l'eredità dell'arcivescovo (1354). Nel settembre dell'anno successivo, Matteo, figlio primogenito, morì, e anche riguardo a questo decesso pare che Valentina Doria nel testamento accusasse i figli Galeazzo e Bernabò di aver avvelenato il fratello maggiore. Valentina Doria morì a Milano. Nella chiesa di S. Eustorgio si trova il mausoleo di Stefano e Valensa Doria realizzato da Bonino da Campione, opera di cui Valensa Doria si era già probabilmente presa cura quando era in vita, e in cui pare sia anch'essa raffigurata. (Ved. G. Giulini, Memorie spettanti alla storia, al governo ed alla descrizione della città di Milano ne' secoli bassi, *Milano, 1854-1857*; B. Corio, Storia di Milano, *Milano, 1855, vol. II, parte I, cap. V. L. Osio, a cura di, Documenti diplomatici tratti dagli archivi milanesi, Milano, 1864-77, vol. I, p. 137, nota 70, p. 312, nota 218*; A. Ferretto, "Contributo alla storia delle relazioni fra Genova e i Visconti," in *Bollettino della Società pavese di storia patria, 1901*; Storia di Milano, *Fondazione Treccani, Milano, 1953-1962, vol. V, pp. 118 sgg.*)

²⁷Levando um dote de 5 mil liras genovesas.

²⁸Segundo Fusero, tav. III [35], o que talvez explica o nome *Aleramo* em descendentes desta linha, já que os *del Carretto* eram de origem alerâmica.

²⁹Por esta entra o sangue de Branca Doria na linha que passará ao Brasil.

³⁰Aqui está parte desta descendência, que chega a vários reis da França, nos *Valois* e nos *Bourbons*, pois Henrique IV dela descendia também. Mostramos a linha até os reis *Valois-Orléans*.

1. Stefano Visconti, falecido a 4 de Julho de 1327. Casado em 1318 com Valentina Doria, nascida c. 1290, falecida em 1359 (com a idade de 69 anos). P.d.:
 - (a) Bernabò Visconti, nascido c. 1319, falecido a 19.12.1385. Casado c. 1350 com Regina Beatrice della Scala, nascida c. 1325, † a 18.6.1384. P.d.:
 - i. Verde, nascida c. 1350, Milão, † antes de 1.3.1414, Milão. C. 1365 com Leopold III "o probo" von Habsburg, n. em 1351, Viena, † 9.7.1386, Sem-pach.
 - (b) Galeazzo, que segue.

-
2. Galeazzo II Visconti, n.c. 1320, † 4.8.1378 em Pavia. C. em 1350 com Blanche de Savoie, n. 1336, † 1387. P.d.:
 3. Giangaleazzo I Visconti, n. 1351, † 3.9.1402. C. 1360 com Isabelle de Valois, n. 1348, † 1372. P.d.:
 4. Valentina Visconti, n. 1366, † em dezembro de 1408, em Blois. Casada a 17.8.1389 com Louis, Duque d'Orléans, n. 1372, assassinado a 23.11.1407. P.d.:
 5. Charles d'Orléans, n. 24.11.1394, hôtel de Saint-Pol, Paris, † 4.1.1465.
Casado (1) em 1406 com Isabelle de Valois, n. 1389, Paris, † 1409, Blois, c.g. C. (2) a 18.4.1410, Gien, com Bonne d'Armagnac, n. 19.2.1399, Lavardens, † c. 1433, em Castelnau de Montmirail. C. (3) em 1440 com Maria von Kleve, n. 1426, † 1487. Deste último, p.d.:
 6. *Louis XII*, rei da França, n. a 27.6.1462, † a 1.1.1515.
C. (1) em 1476 com Jeanne de Valois, n. 1464, † 1505. C. (2), a 8.1.1499, no castelo de Nantes, com Anne de Dreux, n. 25.1.1476, no castelo de Nantes, † a 9.1.1514, no castelo de Blois. P.d.:
 7. Claude de France, n. a 13.10.1499, Romorantin, † a 20.7.1524, Blois. C. em 1514 com *François Ier*, rei da França, n. 12.9.1494, em Cognac, † a 31.3.1547, Rambouillet. P.d.:
 - (a) Louise, n. 1515, † 1518. Noiva entre 1515 e 1518 de Karl V von Habsburg (Carlos V), n. 24.2.1500, em Gent, e † 21.9.1558, no mosteiro de San Jeronimo de Yuste.
 - (b) Charlotte, n. 23.10.1516, † 4.9.1524. Noiva entre 1518 e 1524 de Carlos V.
 - (c) François, n. 28.2.1517, Amboise, † 10.8.1536, Tournon.
 - (d) *Henri II*, rei da França, n. 31.3.1519, em Saint-Germain-en-Laye, † a 10.7.1559, no hôtel des Tournelles, Paris, e enterrado na igreja da abadia real de Saint-Denis. Casado em 1533 com Catherine de' Medicis (Caterina de' Medici), n. 13.4.1519, em Florença, e † em 5.1.1589, no castelo de Blois. P.d.:
 - i. *François II*, rei da França, n. 19.1.1544, no castelo de Fontainebleau, batizado em 10.2.1544, em Fontainebleau, † a 5.12.1560, em Orléans. Casado a 24.4.1558, em Notre-Dame de Paris, com *Mary I Stuart*, rainha da Escócia, n. 8.12.1542, no Linlithgow Castle, na Escócia, e executada a 8.2.1587, no castelo de Fotheringhay, ao norte da Inglaterra.
 - ii. Élisabeth, n. 22.11.1545, Fontainebleau, † a 3.10.1568, Madrid. Casada a 22.6.1559 com *Felipe II*, rei da Espanha, n. 21.5.1527, Valladolid, † a 13.9.1598, no Escorial. C.g. na Casa de Savóia.
 - iii. Claude, n. a 12.11.1547, Fontainebleau; † a 21.2.1575, em Nancy. Casada a 22.1.1559, em Notre-Dame de Paris, com Charles II "o grande" de Lorraine, n. em fevereiro de 1543, em Nancy e † a 14.5.1608, em Nancy, enterrado no convento dos Cordeliers de Nancy.
 - iv. Louis, n. 3.2.1549, no castelo de Saint-Germain-en-Laye, batizado a 19.5.1549, e † a 24.10.1550 em Nantes.
 - v. *Charles IX*, rei da França, n. a 27.6.1550, em Saint-Germain-en-Laye, † a 30.5.1574, no castelo do Bois de Vincennes. Casado em 1570 com Elisabeth von Habsburg, n. a 5.7.1554, em Viena, e † a 22.1.1592, em Viena.
 - vi. *Henri III*, rei da França, n. 19.9.1551, no château de Fontainebleau, batizado a 5.12.1551, e assassinado a 2.8.1589, no château de Saint-Cloud, enterrado em 1610, em Saint-Denis.
Além do amor muito romancado que viveu com Marie de Clèves, n. em 1553, e † a 30.10.1574, casou, a 15.2.1575, Reims, com Louise de Lorraine, n. a 30.4.1553, em Nomeny, e † a 29.1.1601, em Moulins, e enterrada no convento dos Capuchinos em Paris.

9. BABILANO DORIA,, n.c. 1240,³¹ † antes de 1316. Enviado por volta de 1270 por seu primo Oberto Doria, capitão de Gênova, à Riviera ocidental, como *vicarius* do governo genovês, para pacificá-la e expulsar grupos de malfeitores lá estabelecidos. C.c. Leona, filha de Oberto Savignone, teve dois filhos conhecidos:

1. Niccolò Doria, ancestral da linha da qual descende o grande Andrea Doria.

A linha é a seguinte: *Niccolò Doria*, atestado entre 1292 e 1310 nos atos notariais de Gênova; lutou em La Meloria (1284) e foi o pai de, e.o., *Cattaneo Doria*, já falecido em 1341, quando aparece como sua viúva uma Margarita... Em 1314 atesta-se também filho destes, *Aitone Doria*,³² almirante de grande notoriedade. Aitone Doria era um dos co-senhores de Oneglia. Entre 1329 e 1330 tomou treze navios aos guelfos em San Remo, e em 1331, nove mais, aos aragoneses. Nomeado almirante, foi enviado à Flandres em 1337 no comando de uma armada, para socorrer Filipe VI da França contra Eduardo III da Inglaterra. Morre, enfim, em 1346 na batalha de Crécy, no comando dos besteiros genoveses.³³

Sem que saibamos o nome de sua mulher, segue-se-lhe *Ceva Doria*, atestado entre 1381 e 1387 nos atos cartoriais genoveses, co-senhor de Oneglia e feudatário de Prelà, foi chefe dos gibelinos e morreu em 1398, lutando por estes últimos. Sendo este Ceva casado com Maria, filha de Gaspare Grimaldi, entre seus filhos está *Francesco Doria*, atestado em 1417, e casado com Caterina Grimaldi, filha de Giorgio Grimaldi, dos senhores de Antibes. Citamos dois filhos: *Giovanni Doria*, que veremos adiante, e *Ceva Doria*, † 1476, casado com a parenta *Caracosa Doria*, filha de *Enrichetto Doria*, senhor de Dolceacqua. Foram os pais do grande *Andrea Doria*, n. em Oneglia em 1466 e † em Gênova em 1560, casado com *Peretta Usodimare*, filha do comerciante Gherardo Usodimare e de sua mulher Teodorina Cibò, filha do papa Inocêncio VIII, viúva do marquês Alfonso del Carreto, e mãe de Marcantonio del Carretto, cuja filha Zenóbia casa-se com *Gian Andrea Doria*. Andrea e Peretta não tiveram filhos.

Andrea Doria nasceu em Oneglia, senhorio compartilhado por vários agnatas deste ramo dos Dorias, em 30.11.1466, festa de Santo André. Falecendo-lhe os pais, Ceva e Caracosa, antes de 1485, com 19 anos passa a Roma para servir junto ao parente Domenico Doria, capitão da guarda do papa Inocêncio VIII, no século um Cybò, genovês. Serve em seguida a Fernando I e Alfonso II de Nápoles, até ser esse reino ocupado pelo rei francês Carlos VIII. Entre 1503 e 1506 acha-se na Córsega, junto a mais outro primo, Niccolò Doria, que o tem como seu locotenente. Entre 1512 e 1515 acha-se a serviço de Ottaviano Fregoso, doge de Gênova, e logo depois dos franceses de Francisco I, suzeramos de Gênova. Em 1522 contrata diretamente junto a Francisco I seus serviços como *condottiero*. Ocorre um breve

³¹Data estimada, por ser primogênito Branca Doria, n.c. 1230.

³²Também referido como *Antonio Doria*.

³³Devemos notar que seu primo *Giovanni Doria*, filho de *Alaone Doria*, combateu em 1338 os escoceses, e isso a soldo de Eduardo III da Inglaterra.

intervalo quando passa ao serviço do papa Clemente VII; mas logo volta a servir aos franceses. Mas reclamando do atraso constante dos pagamentos de Francisco I, aproxima-se do rival deste, Carlos V, com quem contrata seus serviços em 1528, num documento minucioso que ainda existe.

Apoiando-se em Carlos V, dá um golpe de estado em Gênova, submetendo-a à sua tutela, e entra triunfal na cidade em 9.9.1528. Impõe uma constituição aristocrática à sua pátria, onde o poder político concentrava-se em 28 *alberghi*, sendo cada *albergo* uma reunião de famílias que, embora retendo a própria individualidade, assumiam o sobrenome da mais poderosa no *albergo*. Gênova passava a ser governada por doges eleitos a cada biênio pelos membros dos *alberghi*, registrados no livro de ouro da nobreza local.

Em 1532 é feito príncipe de Melfi pelo imperador Carlos V, sendo o primeiro genovês a ter tal título e posição. (É até hoje referido em Gênova apenas como *il Principe*.) Enfrenta diversas conspirações, das quais a mais séria é a Conjura dos Fieschi, em 2.1.1547, quando seu herdeiro *Gianettino Doria* é assassinado; a repressão aos conjurados foi feroz. Morre em 25.11.1560, em Gênova, e está sepultado na igreja de San Matteo, junto ao antigo palácio dos Dorias.

Depois de Colombo—associado enfim a esta família—é considerado o maior dos navegadores italianos.

Foi seu herdeiro o sobrinho-primo *Gianettino Doria*, assassinado em janeiro de 1547 por Gian-Luigi Fieschi. Gianettino começou a vida trabalhando como vendedor de azeite no balcão da loja de Bernardo Invrea, um dos associados dos Dorias, mas logo tornou-se lugar-tenente do tio Andrea, que o fez seu herdeiro e sucessor, e casou-o com Ginetta, filha de Carlo d'Adamo Centurione (ver à pág. 18). Gianettino Doria era filho de *Tommaso Doria* e de Maria Grillo, e neto de *Giovanni Doria*, casado com a prima Luigia Doria, sendo ele irmão de Ceva Doria, supra.³⁴

2. Federico Doria, que segue.

³⁴De Gianettino Doria descendem os *príncipes de Melfi, de Torriglia e Valditaro*, de nome *Doria-Pamphilj-Landi*, cuja última representante, Orietta Doria-Pamphilj-Landi in Pogson Doria-Pamphilj morreu aos 78 anos no domingo, 19.11.2000.

Donna Orietta Emily Mary Doria-Pamphilj-Landi (segundo dados biográficos tirados dos obituários publicados na imprensa internacional) nasceu em Londres em 22.4.1922, filha de Don Filippo Andrea VI Doria-Pamphilj-Landi e de sua mulher, a enfermeira inglesa Gesine Dykes. Por suas avós e bisavós paternas, aparentava-se à alta aristocracia inglesa, aos Manners e aos Talbots. Seu pai era rigidamente anti-fascista, o que motivou perseguições aos Dorias-Pamphiljs, tendo sido Don Filippo Andrea confinado a um campo de concentração. Quando Roma foi libertada, o príncipe tornou-se seu prefeito—*sindaco*—provisório.

Por esta época Orietta Doria conheceu no porto de Ancona, no Adriático, o então sub-oficial naval inglês Frank Pogson, com quem iria casar-se em 1958. De acordo com os desejos do recém-falecido Don Filippo Andrea, Frank Pogson passou a chamar-se Frank Pogson Doria-Pamphilj. Nos começos dos anos 60, o casal, que não podia ter filhos, adotou duas crianças inglesas, Jonathan e Gesine Doria-Pamphilj. Frank Pogson Doria-Pamphilj morreu em 1998, e sua viúva, em 19.11.2000, pouco depois de haver sido Condecorada, em cerimônia particular no Palazzo Doria, na Via del Corso, pela rainha Elizabeth II da Inglaterra.

10. FEDERICO DORIA. Atestado em Gênova em 1297. Obscuro, comprou em 1298 ([35], p. 208), com seu irmão Niccolò, o feudo de Oneglia ao bispo Lanfranco, titular da diocese de Albenga, na Riviera del Ponente [17].³⁵ Foram ambos srs. de Borgo S. Agata. Teve seis filhos homens conhecidos:

1. Martino Doria, c.g., s.m.n.
2. Percivale Doria, que segue.
3. Giorgio Doria, atestado em 1297.
4. Niccolò Doria, também atestado em 1297.
5. Castellano Doria, atestado entre 1297 e 1338.

A descendência deste Castellano, nas linhas femininas, volta a alguns ramos dos Dorias: vejamos primeiro *Bianca Doria*, filha de *Lodisio Doria* e de Violante Doria; neta de *Castruccio Doria* (atestado entre 1332 e 1352) e de Ginevra di Ambrogio Embriaco; bisneta deste Castellano. *Bianca Doria* foi a segunda mulher de *Imperiale Doria*, co-senhor de Oneglia, e pais de *Lodisio Doria*, que passa à Madeira em 1480.

Depois, *Clemenza Doria*, outra com este nome, filha de *Lazzaro di Castruccio Doria*, e de Chiara Doria.

11. PERCIVALE DORIA. Atestado em 1297, no mesmo ato notarial onde comparece seu pai. Obscuro. Pai de:

1. Ceva Doria, atestado em 1345. C.c. Andreola Doria, filha de Cassano Doria, supra, filho de *Branca Doria*, na página 11. Pais de:
 - (a) Acciò Doria. Atestado em 1382, † antes de 1404. C.c. Maria di Ottobono Grillo. Pais de:
 - i. Baldassare Doria, at. 1409, c.c. Selvaggia Grillo, s.g.
 - ii. Ginevra Doria. C.c. Adamo Centurione Oltramarini. De seu filho *Carlo d'Adamo Centurione* foi filha *Ginetta* ou *Giovinetta Centurione*, casada com *Gianettino Doria*, † 1547, herdeiro do grande Andrea Doria, e ancestral dos *Príncipes de Melfi*, Doria–Pamphilj–Landi. Veja-se supra, na pág. 16.
 - iii. Niccolò Doria, at. 1409, c.c. Andreola Doria, filha do almirante *Luciano Doria*. Luciano Doria venceu a batalha naval de Zara, e, nomeado supremo comandante da frota genovesa, derrota em 29 de maio de 1379 em Pola a frota veneziana, mas morre na batalha. Era filho de *Ugolino Doria*, e de sua mulher Orietta. . . , talvez uma Doria, já viúva em 1338; neto de *Odoardo Doria*, atestado em Gênova entre 1274 e 1301—este Odoardo era senhor

³⁵Seus descendentes foram, todos, co-senhores de Oneglia; numerosíssimos no século XV, já não podiam mais viver dos rendimentos das terras e voltaram-se para o comércio para subsistirem.

de Quiliano, e com dezessete galeras destruiu em 1304 a frota dos almorávidas, tomou Savona aos guelfos (1317) e incendiou em Palermo dois navios catalães (1335)—e de sua primeira mulher, de nome desconhecido; e bisneto de *Niccolò Doria* e de sua mulher Alda. . . , sendo Niccolò irmão de Jacopo, Lamba e Oberto Doria (veja à pág. 7).

Ugolino Doria, supra, era irmão do almirante *Filippo Doria*, que venceu os venezianos em Negroponte (1350) e tirou aos piratas barbarescos o porto de Tripoli (1355).

Pais, Niccolò e Andreola, e.o., de *Eliana Doria*, casada com *Leonello Doria*, na pág. 22.

- (b) Isolta, c.c. Marco de' Marini.
- (c) Marco Doria. De seu filho Imperiale Doria, atestado entre 1413 e 1439, cuja segunda mulher foi Bianca Doria, filha de Lodisio di Castuccio Doria (veja-se à pág. 18, supra), foi filho outro *Lodisio Doria*, atestado de início em 1439, e que identificamos ao *Luiz Doria*, que em 1480 tem engenhos de açúcar na Madeira. C.g.: *Dorias da Madeira*.
- (d) Maria Doria, c.c. Brancalone Doria, filho de Opizzino Doria. C.g.: *Príncipes de Angri*, em Nápoles.
- (e) Teodora Doria, c.c. Odoardo di Ottaviano Grillo.
- (f) Sescarina, c.c. Bartolommeo di Bartolommeo Gentile.
- (g) Gironimo Doria.

2. Giano Doria; segue.

3. Niccolò, Scipione, Brasco, Federico, s.m.n.

4. Bastardos: Vespa, Milone e Alaone.

A linha dos *Dorias da Madeira*, acima referida, deixa descendentes não só em Portugal como também no Brasil.³⁶

³⁶Eis aqui, em resumo, a linha da Madeira, na sua ramificação para o sul do Brasil:

1. LODISIO DORIA, filho de Imperiale Doria e de Bianca Doria, supracitados; identificado ao genovês conhecido também como *Luís de Oria* que possuiu engenhos de açúcar na Madeira em 1480; e, tentativamente, ao banqueiro de Cádiz que em 1492 levantou 500 000 maravedis para pagar a viagem de Colombo. Pai de:
 - (a) João Doria: foi administrador da capela fundada pelo avô Velosa; solteiro, s.g. conhecida.
 - (b) Luiz Doria Velosa, que segue.
3. LUIZ DORIA VELOSA n.c. ?1485 e † 1546 na Madeira. Foi f.c.c.r., cavaleiro da ordem de Cristo, administrador do morgado fundado pelo avô paterno. Deve ser o que, em 1528, ao serviço de D. João III, partiu para a Índia na armada de Nuno da Cunha, e deve ser o mesmo que em 154. . . defendeu a ilha da Madeira de um ataque de corsários, ao lado

de Simone Acciaioli. C.c. Ana de Paiva de Barros, n. Azamor. Luiz está enterrado em S. Francisco, junto aos pais. Pais de:

- (a) Cecília de Paiva, que segue.
 - (b) Luiz Doria Velosa, n. 1512, serviu na África e † 1569. Herdou a terça e a capela do bisavô Velosa, e teve passada em 22.11.1547 carta de brasão na qual é referido como *Luiz de Oria Velloso*. Mas suas armas foram: partido, I, Velosa; II, Barros. C.c. Francisca Riscada. C.g. extinta.
 - (c) Joana de Paiva. N. 1515 e c.c. Tristão Teixeira de Vasconcelos, filho de Hivão Teixeira de Mendonça, † 1551, e de s.m. e prima Iria de Goes; n.p. de João Teixeira (filho de Tristão Vaz, descobridor da Madeira) e de s.m. Filipa de Mendonça Furtada (filha de Bartolomeu Perestrelo e meia-irmã de Filipa Moniz, mulher de Cristóvão Colombo); n.m. de Lançarote Teixeira (outro filho de Tristão Vaz) e de s.m. Beatriz de Goes.
C.g.: *Teixeiras Dorias, França Dorias*.
4. CECILIA DE PAIVA, n.c. 1505?, † 30.5.1554, c. em 1520 c. Gabriel Pestana da Câmara, filho herdeiro de Jorge Pestana da Câmara, f.c.c.r. em 1503, e de s.m. Beatriz de Goes, filha de Lançarote Teixeira (filho do descobridor Tristão Vaz); n.p. de Duarte Pestana de Brito, armador-mor do reino no século XV, e de s.m. Leonor Homem de Sousa, filha esta de Garcia Homem de Sousa, genro do Zargo, casado com Catarina Gonçalves da Câmara. P.d. (e.o.):
 5. JOÃO PESTANA DA CÂMARA, n. 1526 e c.c. Ana Ferreira, filha de João Rodrigues Calaça e de Ana Ferreira. P.d. (e.o.):
 6. D. MARIA DAS NEVES. C.c. o concunhado Antonio Ruas Lomelino, filho de Antonio da Rua, e de s.m. Maria Lomelino, casados em 1560; n.p. de Pedro da Rua, feitor da especiaria em Flandres, n. do Porto; n.m. de Antonio Baião de Castro e de s.m. Madalena Lomelino. P.d. (e.o.):
 7. ANTONIO RUAS LOMELINO. C. (1) c. D. Mariana Moniz, filha de Martim de Castro e de s.m. D. Catarina de Goes. C. (2) em 1660 c. D. Águeda de Mendonça e Vasconcelos. Do primeiro leito:
 8. JOÃO MANUEL PESTANA DE VELOSA. C. em 1690 c. D. Antonia Moniz, filha de Manuel Homem da Costa e de s.m. D. Isabel Moniz de Menezes, casados em 1670. N.p. de Pedro Jorge de Arvelos e de s.m. D. Isabel de Sousa; n.m. de Jerônimo Dornelas de Abreu, dos Ornelas Gamboas, sargento-mor da capitania de Machico, e de s.m. D. Bernarda de Menezes. Era esta filha de Manuel de Castro, do Porto Santo, e de s.m. D. Maria de Menezes; n.p. de Cristóvão Rodrigues Uzadamar (bisneto de Giovanni Usodimare, genovês) e de s.m. Isabel Moniz; por esta bn. de Filipe Moniz e de s.m. Francisca da Costa; e tn.p. de Vasco Martins Moniz e de s.m. Joana Teixeira. (Ver à pág. 136.) P.d.:
 9. HIERÔNIMO DORNELLAS DE MENEZES, o “patriarca de Viamão.” N.c. 1690 na Madeira. Passou em começos do século XVIII ao Brasil, onde vivia em Guaratinguetá em 1721. C.c. Lucrecia Leme Barbosa em 1723, filha de Baltazar Correia Moreira e de s.m. Fabiana da Costa Rangel. † Hierônimo em 1771; recebera a sesmaria do morro de Sant’Ana (RS) em 1740, confirmada em 1744. Filhos:
 - (a) Fabiana de Ornelas, bat. Guaratinguetá, SP, 25.4.1724, † no Triunfo, RGS, c.c. José Leite de Oliveira, n. Braga, † 19.9.1774, c.g.
 - (b) Rita de Menezes, n. S. Paulo, † S. Amaro (RGS), 7.2.1801, c.c. Francisco Xavier de Azambuja, n. S. Paulo e † Triunfo, RGS, 6.11.1768, c.g.
 - (c) Antonia da Costa Barbosa, bat. Guaratinguetá, SP, 9.10.1727, c.c. Manuel Gonçalves Meireles, n. de Portugal, † Triunfo, 28.8.1777 com 70 anos, c.g.
 - (d) Maria Leme Barbosa, n. Laguna (SC) e † Taquari (RGS), 23.5.1792. C. em 1747, Viamão, c. o tenente Francisco da Silva, n.c. 1705, Portugal, e † 27.10.1797, Taquari, c.g.

12. GIANO DORIA. Seu irmão Ceva Doria está atestado em 1345; é este Ceva ou Sceva Doria quem, em nome da república, pacifica a Riviera do Levante em 1397 ([26], p. 254). Pai, Giano, de:

1. Argenta Doria, at. 1395, c.c. Luchino Doria.

2. Aleramo Doria, segue.

-
- (e) Gertrudes Barbosa de Meneses, n.c. 1736, Viamão (RS), e † Triunfo, 16.7.1820. C.c. Luiz Vicente Pacheco de Miranda, n.c. 1722 em Ponte do Lima (Portugal) e † Triunfo, 17.9.1802. C.g.
 - (f) Clara Barbosa de Meneses, n. Viamão (RS) e † antes de 1789. C.c. José Fernandes Petim, n. S. Maria de Abedim, Portugal, e † Porto Alegre, 28.9.1789. C.g.
 - (g) Teresa Barbosa de Meneses, n. Viamão (RS) c. 1742 e † 20.10.1810. C. 25.9.1758 no Triunfo c. Agostinho Gomes Jardim, alferes, n. do Funchal (Madeira), c. 1708, e † S. Amaro (RS), 11.6.1806. C.g.
 - (h) Brígida Ornelas de Meneses, n. Viamão. C. 19.9.1763 no Triunfo (RS) c. Jacinto Roque Pereira Guimarães, n. Guimarães (Portugal), c.g.
 - (i) José Raimundo Dorneles, s.g.
 - (j) Manuel Dorneles, s.g.

Hierônimo Dorneles teve dois bastardos:

- (a) Lourenço Dorneles de Meneses, filho de uma índia de nome Maria Cardosa, n. em S. José dos Pinhais e † 6.12.1785, com mais de 60 anos. C.c. Maria da Luz Lopes, c.g.
- (b) Maria Esperança, filha de Luciana da Luz, c.c. Miguel Garcia, com um filho.

Duas linhas valem ser notadas aqui:

Primeira linha: da segunda filha do casal Hierônimo e Lucrecia,

1. Rita de Menezes, n. em S. Paulo e † em Santo Amaro (RS) em 1801, e casada com o cap. Francisco Xavier de Azambuja, era filho:
2. Manuel Francisco de Azambuja (1753–1820), que c.c. D. Francisca Angélica Veloso da Fontoura, † 1834. Tiveram a:
3. D. Ana da Fontoura de Azambuja, † 1870 em Porto Alegre, que c.c. o primo Luiz da Rocha Rangel, n. 1770 em Viamão. Pais de:
4. Rita Justina de Azambuja Rangel (1808–1871), c.c. Justo José Luiz, n. do Triunfo, filho de João José Luiz, n. do Faial. Tiveram a:
5. Justo de Azambuja Rangel, que c.c. D. Ana dos Santos Ferreira.

Um filho do casal, Silvio Ferreira Rangel, foi fundador da Sociedade Nacional da Agricultura.

Uma filha, Cecilia Ferreira Rangel, “a maragatona,” 1860–1946, foi c.c. o gal. Luiz Mendes de Moraes (1850–1914), chefe da casa militar de seu tio Prudente de Moraes e depois ministro da guerra de Afonso Pena. C.g.

A segunda linha leva ao chefe dos farrapos: pois outro descendente de Hierônimo Dornelas foi o farroupilha Bento Gonçalves da Silva (1788–1847), filho do português Joaquim Gonçalves da Silva e de s.m. Perpétua da Costa Meireles, filha de Manuel Gonçalves Meireles e de s.m. Antonia da Costa Barbosa, n. 1727, filha de Hierônimo Dornelas. (Notemos que os Dorneles gaúchos, de Getúlio Vargas, não descendem de Hierônimo Dornelas.) Como referência, ver [31, 58].

3. Linò Doria, casada com Bonifacio Rotario, de Asti.

13. ALERAMO DORIA. Sua irmã Argenta Doria está atestada em 1395. Aleramo casou com Andreola. . . . Pais de:

1. Leonello Doria, que segue.
2. Emmanuele Doria, que c.c. Violante. . . , c.g.
3. Giano Doria, atestado em 1405, c.c. Selvaggia di Niccolò Guasco.
4. Bonifacio, Paride, Michele, Urbano, Percivalle, Brasco.

14. LEONELLO DORIA. Atestado em 1427. Casou com sua prima Eliana Doria, filha de Niccolò di Acciò di Ceva Doria (ver à pág. 18). Tiveram os filhos:

1. Aleramo Doria, que segue.
2. Bianca Doria.
3. Stefano Doria, atestado entre 1461 e 1495. C.c. Ginevra, filha de Ignazio di Piero Doria, s.g.
4. Antonio Doria, at. 1461.
5. Bernardo Doria, at. 1461. C.c. Maria, filha de Daniele Centurione Becchignone, c.g.
6. Cattarina, que c. (1) c. Stefano di Visconte Torre, e (2) c. Pietro Ferro, de Varazze.
7. Battista Doria, at. 1461, c.c. Catetta di Cipriano Lomellini, com um filho, Niccolò.
8. Pancrazio Doria.
9. Luciano Doria, at. entre 1461 e 1490. C. (1) c. Orietta Doria, filha de Luciano Doria; c. (2) c. Argenta di Cesare Doria. Este Luciano † entre 1490 e 1491. C.g. dos dois casamentos.

15. ALERAMO DORIA. Segundo do nome, casou com Giacobba, filha de Melchiorre ou Marchio Vivaldi, que já era viúva em 1461.³⁷ Três filhos citados:

1. Francesco Doria: segue.
2. Gironima Doria, c.c. Bartolommeo di Andrea Doria.
3. Ginevra Doria, c.c. Stefano Rocca, de Savona.

³⁷Até este ponto, a fonte principal para esta genealogia é a “Famiglia Doria,” no tratado de Battilana [9].

16. FRANCESCO DORIA. Casou com Gironima Centurione, filha do grande banqueiro Luigi Centurione Scotto e de sua mulher Isabella Lomellini. Luigi Centurione recebe em 1471, junto a Eliano Spinola³⁸ e a Baldassare Giustiniani, o direito de explorar o alume de Tolfa, que pertencia ao papado. Aplicando seus ganhos, Centurione envia à Madeira, em 1478, Cristoforo Colombo como seu agente, para comprar caixas de açúcar, e apesar do insucesso deste negócio específico, permanece até o fim da vida ligado ao almirante (Luigi Centurione morre em 1499). O genro, Francesco Doria, supra, é o banqueiro de Sevilha que financia a parte de Colombo na viagem de Nicolau Ovando à América em 1502, e igualmente identifica-se ao pai de Cristóvão Doria, navegador natural de Faro, no Algarve.³⁹ Filhos:

1. Aleramo Doria, que segue.
2. Margarita Doria, c.c. Pietro di Ludovico Spinola.
3. Niccolò Doria.
4. Catetta Doria.
5. (Talvez bastardo.) Cristóvão Doria, navegador, natural de Faro.⁴⁰ Naufraga no Oceano Índico, em 1545; † depois de 1550 e antes de 1570, como governador de S. Tomé e Príncipe. C.c. D. Catarina de Meneses, c.g. em linha feminina nos *Figueiredos Mascarenhas* do Algarve.
6. (Talvez bastardo.)⁴¹ Luiz Doria, comerciante de grosso trato em Albufeira (Algarve), que recebe em 1529 um perdão real.⁴²
7. (Talvez bastardo, e na dúvida.) Baltazar Doria, procurador do número na Vila de Loulé em 1522.⁴³

³⁸Eliano era casado com Argenta, irmã de Isabella; filhas de Battista Lomellini e de Luigia Doria, prima, no 2o. grau misto com 4o., do grande Andrea Doria.

³⁹Para a filiação de Francesco Doria, seu casamento com Gironima di Lodisio [Luigi] Centurione Scotto, e filhos, como Aleramo (abaixo), ver Natale Battilana, “Famiglia Doria,” tav. 36, in *Genealogie delle Famiglie Nobili di Genova*, repr. A. Forni, 1971 [9].

C. Varela, [76], doc. LX, p. 308 [Colombo, carta a Diego, seu filho, onde comenta que um Francisco Doria, de Sevilla, ajuda a financiar-lhe o oitavo na expedição de Ovando. Dada a proximidade de Colombo a Luigi Centurione, seria este Francesco Doria o genro do banqueiro Centurione, neste ítem; citado em C. Varela [77], p. 51.]

‘Ludovico Centurione, nobile,’ pedido de depoimento de ‘Cristofforus Columbus civis Ianuæ,’ estabelecido em Lisboa; em Gênova, 25.8.1479. Ver [36]. Resumo em L. F. Farina e R. W. Tolf [28].

⁴⁰Dado por Sanches de Baena, *Famílias Algarvias*, II, como filho de um “Francisco Doria, genovês, de Arzila.” Identificamos esse Francisco ao Francesco desse *caput*, e conjecturamos que o nome “Cristóvão” fosse homenagem a Colombo.

⁴¹Na dúvida, pois nenhum documento conhecido ou genealogia dá-lhe a filiação. Aqui colocado por ser comerciante (e não escudeiro ou cavaleiro, como os Dorias da Madeira, também de nome Luiz), e de Albufeira; o nome é comum nessa gente.

⁴²Está registrado na Chancelaria de D. João III.

⁴³Chanc. D. João III, ANTT. O fato de ser “procurador do número”—encarregado do alistamento militar—mostra seu *status* nobre.

17. ALERAMO DORIA. Filho de Gironima Centurione, terceiro do nome Aleramo, nascido antes de 1508 em Gênova, é atestado num padrão de juro de 1.1.1557, passado em nome de D. João III em Lisboa, dando-lhe 80\$ 000 rs perpétuos sobre a alfândega de Lisboa. Neste padrão é dado como “genovês, vizinho da cidade de Gênova e lá morador,” e tem como agente em Lisboa a Benedetto Centurione. D. João III diz ainda que Aleramo Doria financiou-lhe, “a câmbio,” em parte, as expedições portuguesas à África e à Ásia.⁴⁴

Aleramo Doria casou com Benedetta, filha de Alessandro Cattaneo, c.g. do casamento.⁴⁵ Filhas:

1. Clemenza Doria, que segue.⁴⁶
2. Gironima Doria, at. 1542, c.c. Francesco Doria.
3. Isabella Doria, atestada em 1551, c. (1) c. Oberto di Pietro Gentile, e (2) c. Bartolommeo Doria.

Sem mais notícias que nos permitam identificar estes Francesco e Bartolommeo Doria.

⁴⁴A questão do financiamento das explorações portuguesas na primeira metade do século XVI não costuma ser examinada em detalhe. O padrão de juro passado a Aleramo Doria (e logo remido) é um remanescente do sistema implantado por D. António de Athayde, Conde da Castanheira: as navegações portuguesas e o esforço colonial, na sua parte militar, de início, foram financiados, em boa parte, por empréstimos feitos a banqueiros italianos, “a câmbio,” como está no padrão de juro de Aleramo Doria, garantidos pelas rendas futuras do esforço colonial.

Em geral afirma-se que D. João III deixou de tomar dinheiro com os padrões em 1542, mas o documento de Aleramo Doria desmente essa tese.

⁴⁵Ver supra, N. Battilana, “Famiglia Doria,” tav. 36 [9]. Dá a paternidade de Aleramo, mas não cita a filha que segue.

‘Alarame’ Doria, padrão de juro de 1.1.1557, 80\$ 000 rs sobre a alfândega de Lisboa; ANTT [3]. A raridade do nome permite identificar ‘Alarame Doria’ com este Aleramo, de um ramo da família há muito com interesses na região; vide supra. Este Aleramo Doria (“Alarame,” “Laramo”) é identificado ao “Lourenço” de Oria que é o pai da “criada da rainha D. Catarina” Clemenza Doria.

Eis passagens deste padrão:

Dom Joam & c aquantos esta minha quarta virem faço saber que considerando [...] o lugar o quetenho em africa que pollos Reys destes Reynos foram ganhados ao muyto trabalho edespesa [...] y nas partes da India y alem della foy necessario fazer grandes guastos edespesas [...] se tomou grande somae cantidade dnr.o [de dinheiro] acaimbo [...] ep.r quamto alarame doria genoves Vizinho da cidade degenova eLaamorador p.r meservir eajudar [...] alarame doria porseu Respondente benedito centurjão estando nestacidade [...] pmr.o diadeJan.ro do dito anno de bLvij [...] Afolhas Vay asynada p.lo barão daluyto [de Alvito]...

⁴⁶Clemenza Doria—referida como “Clementia” em Macedo Leme—com certeza nasceu em Gênova. Não poderia ser bastarda, desde que tinha o status de “criada da rainha,” e contrariaria a fundo os mores da época vermos a rainha de Portugal dar criação à bastarda de um mercador genovês, ainda que muito rico.

Notemos, enfim, que os *Cattaneo*, família da mãe de Clemenza Doria, eram o *albergo* onde estavam os della Volta, longínquos originadores destes Dorias.

18. CLEMENZA DORIA.⁴⁷ N.c. 1535 em Gênova,⁴⁸ †após 1591 em Salvador.

⁴⁷Eis aqui o inteiro teor da mais antiga genealogia completa e exclusiva, manuscrita, desta família, feita para o ramo dos *Menezes Doria*s da ilha dos Frades, pelo (então futuro) Barão de Loreto, Franklin Américo de Menezes Doria, segundo o ms. *Livro de Família* deste, s/d, no arquivo do IHGB, e confirmada pela certidão de nobreza de Belarmino Doria, abaixo transcrita. Possui erros óbvios na origem genovesa da família, mas no mais mostra-se bastante fidedigna. Têm, uma e outra, óbvia fonte comum, e são contemporâneas, isto é, os textos-base de uma e outra foram escritos na primeira metade do século XIX, com base ao que parece num texto do século XVIII:

Descendencia da familia Doria

1A. FAMILIA (TRONCO). *Florentim Doria, general de Genova, filho do general e famoso official de marinha, André Doria, ao depois doge. Por morte de seu pae, emigrou para Portugal, d'onde em virtude do alvará de 10 de outubro de 1556, se passou para a provincia da Bahia [Por mandado de D. Catharina, mulher de Dom João 3o.; o que consta do referido alvará] no Brasil, com sua filha D. Clemencia Doria.*

2A. FAMILIA. *D. Clemencia Doria, casou-se com D. Fernão Vaz da Costa, fidalgo cavalheiro portuguez, sobrinho do governador da Bahia, D. Duarte da Costa.*

3A. FAMILIA. *D. Luiza Doria, filha d'aquelles, casou-se com Martim Carvalho de Menezes, fidalgo cavalheiro, provedor da fazenda em Pernambuco.*

4A. FAMILIA. *D. Clemencia Doria, segunda filha dos mesmos, casou-se com Braz da Silva de Menezes, fidalgo cavalheiro, filho de Fernão da Silva de Menezes e de sua mulher D. Domingas Pereira.*

5A. FAMILIA. *Martim Carvalho de Menezes, segundo do mesmo nome, filho d'aquelles, fidalgo cavalheiro, casou-se com D. Luiza Doria, também segunda do mesmo nome, — filha do outro Martim Carvalho de Menezes e de sua segunda mulher D. Maria de Lemos.*

6A. FAMILIA. *D. Luiza Doria, terceira do mesmo nome, filha dos prim.os, casou-se com Domingos Rodrigues Forte, instituidor de um vínculo de morgado erecto na ilha dos Frades, provincia da Bahia.*

7A. FAMILIA. *D. Anna de Menezes, filha d'estes, casou-se com Manuel da Silva de Menezes, filho de Silvestre Fernandes e de sua mulher D. Anna de Menezes, outra do mesmo nome.*

8A. FAMILIA. *D. Eugenia Maria de Menezes, filha d'aquelles casou-se com Francisco Luiz Pereira, filho de Manuel Antonio Pereira e de sua mulher D. Anna de Menezes, outra do mesmo nome, aliás — D. Isabel Maria.*

9A. FAMILIA. *Francisco Pereira de Menezes Doria, filha d'aquelles casou-se com D. Maria Xavier de Santiago. [Além de Francisco Pereira de Menezes Doria teve mais os seguintes filhos: Manuel da Silva de Menezes Doria, Antonio Pereira de Menezes Doria, Martinho Pereira de Menezes Doria. D. Ursula de Menezes Doria, D. Anna de Menezes Doria e D. Maria de Menezes Doria, mulher de Manuel Jacome Ferreira, dos quais era filho José Jacome Doria.]*

10A. FAMILIA. *Ignacio Francisco de Menezes Doria, filho d'estes, casou-se com D. Maria Francisca de Assis, filha de João Damasceno Palmeira e de D. Genoveva Thomazia de Jesus, nascida de José Domingues Pereira e Domingos Antonio, negociantes portuguezes.*

11A. FAMILIA. *José Ignacio de Menezes Doria, filho d'aquelles, casou-se com D. Agueda Clementina de Menezes Doria, filha de João Francisco de Menezes Doria e de D. Maria Joaquina de Araujo Doria. [São filhos dos mesmos: João Francisco de Menezes Doria, Anastacio Francisco de Menezes Doria, Fran.co. Gil de Menezes Doria, D. Anna Francisca de Menezes Doria e D. Eugenia Eulalia de Menezes Doria.]*

Meu avô paterno, Ignacio Francisco de Menezes Doria, falleceu a 3 de setembro de 1822. Minha avó paterna, D. Maria Francisca de Assis, falleceu em 21 de agosto de 1827. Meu avô materno, João Francisco de Menezes Doria, falleceu a 18 de outubro de 1866. Minha avó materna, D. Maria Joaquina de Araujo Doria, falleceu a 27 de janeiro de 1867, anniversario natalicio de seu marido. A dita minha avó era filha de Antonio de Araujo Cortez e de D. Victorina Maria de Jesus. Meu pae nasceu a 19 de junho de 1811. Filho do capitão Ignacio Francisco de Menezes Doria e de D. Maria Francisca de Assis Doria. Minha mãe nasceu

“Criada da rainha D. Catarina,” mulher de D. João III,⁴⁹ Clemenza passou ao Brasil em 1553, onde casou duas vezes, c.g. Da primeira, com Sebastião Ferreira;⁵⁰ da segunda, com Fernão Vaz da Costa, filho de Lopo Alves Feyo, sr. de Atalaia e Pancas, e de D. Margarida Vaz da Costa, dada como irmã do Cardeal D. Jorge da Costa nos nobiliários; e portanto primo de D. Duarte da Costa. Filha de ‘Lourenço de Oria,’ identificado a Aleramo Doria supra.⁵¹

Filha do primeiro leito:

1. Luiza Doria,⁵² n. provavelmente em 1554.⁵³ Casou-se com Martim de Carvalho, c.g.—a família *Menezes Doria*, de Franklin Américo de Menezes Doria, Barão de Loreto.⁵⁴

a 5 de fevereiro de 1815. Filha do cap. João Francisco de Menezes Doria e de D. Maria de Araujo Cortez Doria. Baptizou-se a 15 de março do mesmo anno em que nasceu na capella do Senhor Bom Jesus dos Passos, freguesia da Madre de Deus do Boqueirão: foram seus padrinhos seu tio Manuel de Araujo Cortez e sua mulher D. Agueda Maria de Jesus, e officiou o acto o vigario d’aquella freguezia, Francisco José do Sacramento. Meus paes casaram-se no dia 5 de fevereiro de 1832: foram testemunhas do acto José Jacome Doria e o coronel Antonio Diogo de Sá Barretto, assistindo ao mesmo acto muitas outras pessoas. Minha mãe falleceu a 22 de outubro de 1861, com 46 para 47 annos de idade. Meu pae falleceu a 8 de agosto de 1864, com a idade de 53 para 54 annos.

⁴⁸Era com certeza natural de Gênova, ou lá educada até a adolescência, pois seu nome é sempre escrito de modo a sugerir a forma italiana: *Clemençia de Oria*, *Clementia*; e seus filhos repetem a onomástica da família imediata de Aleramo Doria.

⁴⁹Eis a abertura do alvará de 1559 que a cita, e a Fernão Vaz:

Dom Sebastião & c aquantos esta minha qurt.a [carta] Viren Faço saber qcõfiando eu defernão Vaz Da costa m.or morador] nas p.tes dobrasyll casado cõ clemencia doria crjada da R.a [Rainha] minha sra eaVo q no cargo de qt.dor [contador] das teras do brasiL me servirá bem [...]

⁵⁰Note-se que Sebastião Ferreira morre, em 1556, no naufrágio da nau “N. Sra. da Ajuda” porque ia protestar em Lisboa contra os supostos desmandos de D. Duarte da Costa, e de seu filho e ‘sobrinho,’ D. Álvaro da Costa e Fernão Vaz da Costa. Logo após a morte do marido, Clemenza Doria casa com o adversário do finado: percebemos aqui mais um drama, oculto?

⁵¹Cf. ‘Laramo,’ ‘Loramó’; devido à semelhança gráfica de um e outro nomes, na escrita do século XVI, mais a proximidade de Aleramo à corte portuguesa, aos negócios destes voltados para o financiamento das explorações, e enfim aos paralelos onomásticos: Niccolò, irmão de Aleramo, e Nicolau, filho de Clemenza; Ludovico Centurione, Luiza, filha primeira de Clemenza; ‘Guiomar,’ filha de Clemenza, com certeza má leitura para Gironima, cf. Gironima Centurione. (Conjecturamos que a filiação nos nobiliários viesse das provanças eclesiásticas do pe. Francisco da Silva de Meneses, filho de Braz da Silva de Meneses e de Clemencia Doria, a neta homônima, confundida com a avó no ms. de Afonso Torres e no texto de Gayo, abaixo.)

Clemencia Doria, alvará [32] de 12.5.1559 nomeando contador—mor da colônia a Fernão Vaz da Costa, dado como ‘marido de Clemencia de Oria, criada da rainha.’

‘D. Clemencia de Oria’ dada como filha de ‘Lourenço de Oria,’ no *Nobiliário* de Afonso Torres, ms., na BN-Rio [75], com data original de c. de 1630, e no *Nobiliário* de Gayo [29], tit. “Silvas,” mesmo lugar.

Fernão Vaz da Costa, em sentença brasileira de nobreza de 1845, abaixo transcrita, tem reconhecido, incidentalmente e em caráter póstumo, o tratamento de “Dom,” que passa por representação aos descendentes de seu filho Cristóvão [10].

⁵²Não há um só documento contemporâneo que a faça filha de Sebastião Ferreira; ela é assim colocada porque não aparece na enumeração dos filhos de Fernão Vaz da Costa em Macedo Leme e em Jaboatão, segundo as evidências copiados todos dos assentos na Sé de Salvador. Mas a omissão poderia dever-se a uma lacuna nos registros, *tout court*.

⁵³Seu nome repete o de Luigi Centurione Scottò.

⁵⁴Eis o inteiro teor [10] da certidão de nobreza de *Belarmino Jácome de Menezes Doria*,

descendente de Luiza Doria (a grafia foi atualizada):

Certidão passada a requerimento de José Jácome Doria, como abaixo se declara.

Antonio Augusto de Mendonça, tabelião do público judicial e notas nesta leal e valorosa Cidade de São Salvador, Bahia de todos os Santos, por provisão vitalícia de sua majestade o imperador constitucional, o senhor Dom Pedro Segundo, que Deus o guarde. Certifico aos que a presente certidão virem que em meu poder e cartório do dito ofício que sirvo se acha uns autos de justificação por traslados de Belarmino Jácome Doria, de cuja justificação que por parte do suplicante José Jácome Doria me fora pedida por certidão o seu teor é o que se transcreve:

Justificação.

Traslado dos autos da justificação que abaixo vão transcritos. Belarmino Jácome Doria. Justificação. Juízo de direito da primeira vara cível. Escrivão Antonio Augusto de Mendonça. Ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e quarenta e cinco, aos doze dias do mês de Abril do dito ano nesta cidade da Bahia, em meu cartório autuou a petição do justificante Belarmino Jácome Doria que se segue. Do que fiz este termo; eu, Antonio Augusto de Mendonça, o escrevi.

Ilustríssimo senhor juiz de direito. Diz Belarmino Jácome Doria que, para justificar sua hereditária nobreza, moralidade e serviços com que sempre se distinguiram seus predecessores, se lhe faz preciso apresentar neste juízo testemunhas que deponham acerca dos itens seguintes, a fim de que sendo estes por tais juramentos provados, assim sejam julgados por sentença para que o suplicante com este documento possa requerer o que for a bem de seu direito.

Primeiro item. Que o suplicante é filho legítimo de José Jácome Doria e de sua mulher Dona Ana Francisca de Menezes Doria, brancos, naturais desta província, e primos co-irmãos.

Segundo item. Que estes seus pais descendem de uma família muito nobre sucessivamente ligada pelo vínculo matrimonial, originando-se-lhe o apelido de Doria do general genovês Florentim Doria, filho do famoso oficial de marinha André Doria, depois doge da mesma nação, cujo príncipe, por ocasião da morte do dito seu pai, e revolta daquele país emigrou para Portugal e dali em virtude do alvará de dez de Outubro de mil quinhentos e cinquenta e seis, se passou para aqui, onde casou sua filha Dona Clemencia Doria com Dom Fernão Vaz da Costa, fidalgo cavaleiro e sobrinho do governador Dom Duarte da Costa: e casando-se a filha deste, Dona Luiza Doria, com Martim Carvalho de Menezes, que fora o provedor da fazenda em Pernambuco, deu origem ao outro apelido de Menezes derivando deste fidalgo cavaleiro português, que inda distingue a mesma família, posto que muitos de seus membros o não usem, ou tenham deixado de adotar, como alguns àquele primeiro, ou mesmo ambos estes apelidos.

Terceiro item. Que continuando assim esta descendência em linha reta do suplicante, quase sempre ligados entre seus consanguíneos, casou-se a filha destes últimos, a segunda Dona Clemencia Doria, com Braz da Silva de Menezes, também fidalgo cavaleiro e filho de Fernão da Silva de Menezes, outro fidalgo cavaleiro, casado com Dona Domingas Pereira, e resultando do consórcio daqueles o segundo Martim de Carvalho de Menezes, também fidalgo cavaleiro, casou-se este com a segunda Dona Luiza Doria, filha daquele Martim de Carvalho de Menezes e de sua segunda mulher Dona Maria de Lemos; união esta de que descendeu a terceira Dona Luiza Doria, que se casou com Domingos Rodrigues Forte, instituidor do vínculo do morgado ereto na ilha denominada dos Frades, termo da Vila de S. Francisco da Barra do Sergipe do Conde, inda existente; a filha destes Dona Ana de Menezes casou-se com Manuel da Silva de Menezes; que Dona Eugênia Maria de Menezes, filha destes, casou-se com Francisco Luiz Pereira, administrador do mesmo vínculo; e que finalmente Dona Maria de Menezes Doria, filha destes, casou-se com Manuel Jácome Ferreira, avô paterno do suplicante, sendo o materno Francisco Pereira de Menezes Doria, irmão desta.

Quarto item. Que, posto seus últimos avós, conforme fica demonstrado, por negligência ou desleixo deixassem de solicitar a graça, e conseqüentemente de obter, não só o referido foro, como o brasão de armas que tiveram seus antepassados, todavia sempre abastados lavradores se trataram à lei da nobreza; ocuparam postos e cargos distintos, e fizeram serviços mui

relevantes ao estado desde essas remotas épocas, que alcançam o descobrimento do país, até as últimas crises por que tem passado esta província, como se passa a indicar, e sem que jamais conste que algum membro desta família tenha sido infiel ou rebelde ao governo, ou mesmo haja cometido crime algum, o que de certo não deixa de ser bastante raro numa prole tão numerosa, coletivamente tomada por seus laterais.

Quinto item. Que o pai do suplicante, em virtude do decreto de nove de Agosto de mil oitocentos e trinta e sete, exerce o lugar de contador da marinha desta província, pelo qual é, consequentemente, capitão de mar e guerra honorário, na conformidade do decreto de dois de Dezembro de mil oitocentos e quarenta e dois, com referência ao de vinte sete de Setembro de mil oitocentos e vinte e oito, sendo além desta tão evidente a nobreza com que nascera, que seu irmão (tio do suplicante, e filho de ambos os pais), Pedro Jácome de Menezes Doria, fora reconhecido cadete mediante a necessária justificação quando sentara praça na extinta legião de caçadores desta guarnição, da qual foi depois alferes, posto este em que fora gloriosamente morto no memorável ataque de oito de Novembro de mil oitocentos e vinte dois, nos remarcados campos de Pirajá, em defesa e sustentação da proclamada independência do Império, contra as opressoras coortes lusitanas.

Sexto item. Que mesmo estes últimos avós do suplicante que não tiveram o mencionado foro, gozaram de reconhecida nobreza, porquanto o dito avô paterno não só fora alferes do extinto primeiro regimento de milícias desta capital (quando se denominava dos Úteis e Distintos, por ser composto exclusivamente do corpo do comércio desta praça, e ter por coronéis natos os respectivos governadores) como negociante matriculado, e moedeiro do número da Casa da Moeda desta cidade, por cujos gratuitos serviços, amplos privilégios, liberdades e isenções eram outorgadas a estes empregados.

Sétimo item. Que o referido avô materno em que recaíra a administração hereditária do supradito vínculo, pela mesma nobreza do seu nascimento fora igualmente reconhecido cadete quando voluntário, se alistou para expedicionar com a força de primeira linha, que marchou desta em socorro da província do Rio de Janeiro, ocupada então por inimigos externos; e que posto não tivesse direito à sucessão daquele vínculo, pela mesma razão de nobreza de seus progenitores fora também nesta mesma ocasião reconhecido cadete Antonio Pereira de Menezes Doria, irmão mais moço deste avô do suplicante (depois proprietário dos engenhos Natiba e Currealinho no termo daquela vila), o qual da mesma forma voluntário na predita força para ali destacou.

Oitavo item. Que em consequência desta nunca interrompida nobreza da honesta família do suplicante, têm constantemente sido cadetes todos os seus parentes que se hão dedicado ao serviço do exército; no qual alguns destes subiram aos postos superiores, como fosse o brigadeiro Antonio Frutuoso de Menezes Doria, já falecido, o coronel honorário de primeira linha José Antonio de Menezes Doria, primos do pai do suplicante, Condecorados com outros honoríficos e medalhas de campanha.

Nono item. Que de semelhante nobreza portanto têm sempre gozado todos os ramos de sua família até a presente geração, e consequentemente merecido sempre a dita praça nobre de cadetes, quantos de seus membros hão procurado honrar-se na carreira das armas, sendo o último destes Epifânio Borges de Menezes Doria, sobrinho do Visconde da Pedra Branca, e primo co-irmão do suplicante, o qual sentando praça na artilharia depois que o mesmo suplicante se alistou na Academia da Marinha, em mil oitocentos e quarenta e um, já na qualidade de segundo tenente marchou da Corte à província de Pernambuco, em que inda se acha destacado.

Décimo item. Que havendo-se pois sempre toda a parentela do suplicante conduzido pela senda da dignidade e da honra, sem que jamais os manchasse um só ato indecoroso a vida pública ou privada do cidadão brioso de que haja notícia antiga ou moderna, educados e mantidos sempre com a decência própria de suas posições sociais, constantemente se hão prestado do serviço do trono e da pátria, e assim ainda mais enobrecido suas origens com a glória que lhes resulta de seus esforços, sacrifícios, despesas e perigos marciais dos quais muitos outros, além dos referidos, tem-se igualmente exposto, já anteriormente, não só na qualidade de cadetes e oficiais, tanto da primeira, como da extinta segunda linha, e ordenanças, se não recentemente na Guarda Nacional, e primeira linha, cujos serviços honrosos têm sido reproduzidos em outras províncias do Império, inclusive a do Rio Grande do Sul, onde atualmente milita ainda, já há muito, no posto de tenente de infantaria Joaquim José de Menezes Do-

ria, também primo co-irmão do suplicante, o qual para ali voluntariamente marchou em mil oitocentos e trinta e oito, como alferes em comissão, depois de ter feito aqui a campanha que suplantou a rebelião proclamada nesta cidade a sete de Novembro de mil oitocentos e trinta e sete, e na qual fora baleado.

Undécimo item. Que nessas mesmas épocas remotas seus ascendentes prestaram ainda outros muitos relevantes serviços com o risco de suas vidas e dispêndio de suas fortunas, como fosse por exemplo quando os holandeses ocuparam esta cidade, além de outros, o capitão Manuel Gonçalves Doria, e Francisco Gonçalves Doria, referidos nas Memórias Históricas e Políticas do coronel Accioli; o citado bisavô materno do suplicante, capitão de ordenanças da freguesia da Madre de Deus do Boqueirão, o qual não só armou nessa ocasião a companhia do seu comando em defesa das ilhas de que se compõe o distrito da mesma freguesia, como fez construir a expensas suas na ponta do norte da já referida denominada dos Frades um interessante reduto, no qual colocou as convenientes peças de artilharia, honroso monumento este, que ainda hoje existe ali no extremo daquela entrada para o interior do Recôncavo por esse lado, que abrange os termos da mencionada vila e cidade de Santo Amaro.

Décimo-segundo item. Que este hereditário patrimônio de seus avoengos tem sido sempre imitado por seus descendentes quando a urgência o reclama, como se verificou nas ulteriores lides das pré-citadas independência e rebelião, nas quais alguns parentes do suplicante ofereceram com seus bens, dinheiros e pessoas diferentes corpos, que lhes foram aceitos, e serviram na linha dos combatentes: sendo um destes seu tio paterno o tenente-coronel Domingos Jácome Ferreira, por cujos bons serviços de tais contingentes obtiveram patentes de honorários os oficiais deles que o requereram, como fosse, da família do suplicante, o major Manuel Domingues de Menezes Doria e o capitão João José de Menezes Doria, tendo ainda outros deixado de solicitá-las.

Décimo-terceiro item. Que finalmente o mesmo pai do suplicante (único membro da família que segue a carreira da fazenda) nem por isso tem deixado de prestar valiosos serviços nas citadas crises por que tem passado esta província, quer na dita independência, quer na indicada rebelião, e quer ainda em outras menores ocorrências, como fosse a da revolta dos presos da fortaleza do Mar, em mil oitocentos e trinta e três; da insurreição dos africanos nesta capital em mil oitocentos e trinta e cinco etc., sendo os destas últimas praticados na qualidade de juiz de paz, cargo que serve desde mil oitocentos e trinta e dois, em sucessivas reeleições, e ao qual desde sua criação reúne o de subdelegado, lugar este de que o governo o não quis dispensar, como do de presidente do troco da moeda de cobre de toda a província, em mil oitocentos e trinta e sete, no único ponto desta capital, apesar de alegar a acumulação de seus outros trabalhos; o que decerto comprova a confiança que o mesmo governo deposita em seu préstimo, e cujos serviços, assim apreciados, lhe têm sido oficialmente louvados por diversos presidentes.

Portanto, respeitosa e recorre e pede a Vossa Senhoria se sirva mandar tomar o depoimento das testemunhas que apresentar seu procurador, visto estar o suplicante fora desta província; e julgado por sentença o que provado seja se lhe entregue o original, ficando traslado no cartório para a todo tempo constar. Receberá mercê. Como procurador e irmão do suplicante José Jácome de Menezes Doria.

DISTRIBUÍDA. Justifique no dia quatorze do corrente às dez horas. Bahia doze de Abril de mil oitocentos e quarenta e cinco. Cardoso. Ao tabelião Antonio Augusto. Bahia, quatorze de Abril de mil oitocentos e quarenta e cinco. Filgueiras.

Testemunhas que produziu o justificante Belarmino Jácome Doria. Aos quatorze dias do mês de Abril de mil oitocentos e quarenta e cinco nesta cidade da Bahia, em causa dos despachos do doutor Juiz de Direito da primeira vara cível aí por eles foram inquiridas e perguntadas as testemunhas apresentadas por parte do justificante cujos nomes, idades, qualidades, estados, naturalidades, viveres e costumes se seguem. Daqui fiz este termo eu Antonio Augusto de Mendonça tabelião o escrevi.

FRANCISCO MANUEL DA CUNHA, branco, viúvo, de oitenta e cinco anos de idade, natural desta cidade, morador à rua do Castanhedo, comendador da ordem de Cristo, tenente-coronel de infantaria miliciana, provedor aposentado da extinta casa da moeda, vive de seus bens e ordenado, jurou aos Santos Evangelhos prometo dizer verdade, e do costume nada. Sendo perguntado pelo conteúdo na petição folhas duas disse, que conheceu bem ao justificante, e seu pai, e conheceu mui bem seu avô paterno, com o qual ele testemunha, e seu próprio

pai, teve as mesmas relações, além das que cultivaram no serviço da referida repartição da casa da moeda, de que era moedeiro; e como tal foi ótimo empregado, gozava dos privilégios indicados, era negociante matriculado, e oficial do corpo apontado. Que além destes parentes do justificante, conheceu sua mãe e avô materno, e outros que ora são falecidos, e conhece muitos dos que inda vivem, quase todos lavradores abastados, educados e mantidos à lei da nobreza, servindo cargos e postos distintos, sempre fiéis ao governo, guiados da melhor conduta e conceito público prestando os serviços alegados na presente súplica, alguns dos quais ele sabe perfeitissimamente, e de outros tem notícias exatas, como acontece acerca da origem dos apelidos de sua família, foros e brasões que gozaram seus antecessores; os quais conta sempre tiveram a praça de cadetes quando se alistavam no serviço do exército em virtude da bem conhecida nobreza da mesma família; a cujos membros aliás nunca constou a ela testemunha que houvesse manchado crime ou indignidade alguma, antes a enobrece e excita louvores ações de valor e patriotismo como as referidas na presente petição, assim verdadeira em todo o seu alegado, segundo o que ele testemunha sabe a respeito dos fatos que lhe são contemporâneos, e de ouvir dizer, e ser público e notório pelos que pertencem a épocas mais remotas; e mais não disse, e assinou com o juiz, depois de lido por mim, Antonio Augusto de Mendonça que escrevi. Cardoso. Francisco Manuel da Cunha.

PAULO MARIA NABUCO DE ARAÚJO, branco, casado, natural desta província, de idade cinquenta anos, morador à rua da Lapa, tenente-coronel reformado de primeira linha do exército, cavaleiro de S. Bento da ordem de Aviz, Condecorado com a medalha da campanha da restauração da Bahia; vive de seus soldos e bens; jorou aos Santos Evangelhos, prometo dizer a verdade, e do costume nada; sendo perguntado sobre o conteúdo da petição folhas duas disse que pelo pleno conhecimento que tem do justificante sabe que é o próprio e idêntico Belarmino Jácome Doria, filho legítimo do contador do Arsenal de Marinha desta cidade José Jácome Doria, e de sua mulher Dona Ana Francisca de Menezes Doria, e que conheceu muito bem seu avô paterno, que foi ótimo empregado da Casa da Moeda, de que era moedeiro, gozava de privilégios, era negociante matriculado, e oficial do extinto corpo dos Úteis. Que além deste parente do justificante conheceu seu avô materno, e outros parentes já falecidos, e conhecendo muito dos que vivem sabe por ver, que quase todos são lavradores abastados, educados à lei da nobreza, que servem cargos e postos distintos, sempre fiéis ao governo, guiados de boa conduta e conceito público, prestando serviços relevantíssimos; que alguns destes ele sabe perfeitissimamente, e de outros tem notícias certas, como acontece acerca das origens dos apelidos de sua família, brasões, e foros que gozavam seus antecessores, os quais tiveram sempre praças de cadetes quando se alistavam no serviço do exército, pela bem conhecida nobreza da mesma família, cujos membros sempre se exaltaram e enobreceram com louváveis ações de valor e patriotismo; não constando a ele testemunha que crimes ou indignidade alguma manchasse algum deles; e mais não disse e assinou com o juiz, depois de lido, e eu Antonio Augusto de Mendonça tabelião o escrevi. Cardoso. Paulo Maria Nabuco de Araújo.

FRANCISCO JOSÉ CORTE IMPERIAL, branco, casado, natural desta cidade, de idade de sessenta e dois anos, morador ao sítio do Bonfim, da freguesia da Penha, vive de seu ordenado de oficial aposentado da secretaria do governo desta província; jurou aos Santos Evangelhos, prometeu dizer verdade, e do costume nada. Sendo perguntado pelo conteúdo dos ítems da petição folhas duas, disse ao primeiro sabe que o justificante é filho legítimo de José Jácome Doria, e de sua mulher Dona Ana Francisca de Menezes Doria, brancos, naturais desta província, primos co-irmãos, os quais ele testemunha conhece há muitos anos; e mais não disse deste; ao segundo disse saber por ser público e notório que o pai do justificante são por legítima sucessão descendentes de pais nobres, e que todos sempre se trataram à lei da nobreza, e ocuparam cargos honrosos, e de importância. Nada mais depôs deste nem do terceiro e quarto. Do quinto disse sabe por ver que o pai do justificante serve com muita honra e dignidade o emprego de contador da marinha no arsenal desta cidade, e como tal goza das honras de capitão de mar e guerra, em conformidade das leis a respeito, o que seu irmão, tio do justificante, filhos dos mesmos pais, Pedro Jácome de Menezes Doria, de honrosa memória, foi reconhecido cadete em cuja praça ele testemunha o conheceu na extinta legião, da qual foi alferes, e neste posto pereceu nos campos de Pirajá combatendo corajosamente as coortes lusitanas no dia oito de Novembro de mil oitocentos e vinte dois, em defesa da independência e do Império; e mais não disse deste. Do sexto disse sabe por ser público, que o avô paterno do justificante Manuel Jácome Ferreira foi alferes do distinto regimento

Do segundo leito:

1. Nicolau.⁵⁵ Batizado na Sé de Salvador em 13 de Dezembro de 1558.
2. Cristóvão da Costa Doria, tronco do ramo primogênito. Segue.
3. Gironima.⁵⁶ Batizada na Sé em 5 de Dezembro de 1561.
4. Francisca.⁵⁷ Batizada na Sé em 17 de Outubro de 1563. Casou com o algarvio Francisco de Abreu da Costa; ancestrais do ramo secundogênito. Segue no § 1.

de milícias desta cidade, denominado Úteis, negociante matriculado, moedeiro do número, e como tal gozou de muitos privilégios outorgados pelas leis do estado; e que todos os tios e parentes do justificante que tiveram praça na tropa de linha foram reconhecidos cadetes, e alguns do conhecimento e amizade dele testemunha, chegaram a postos elevados que serviram sempre com muita honra e probidade em todas as crises de comoções políticas com exemplar conduta e fidelidade ao governo legal, sem a menor pecha na sua conduta, tanto civil como militar. Nada mais depois deste até o duodécimo: ao duodécimo terceiro disse sabe por ver que o pai do justificante por sucessivas reeleições tem servido o cargo de juiz de paz com muita inteireza e probidade, e atividade em todas as ocasiões de revoltas em diversas época, e com o mesmo zelo e probidade se tem portado no de subdelegado, que atualmente serve, e mais não disse nem do final e assinou o seu juramento com o juiz, depois de lido; eu Antonio Augusto de Mendonça o escrevi. Cardoso. Francisco José Corte Imperial.

CERTIFICO ter folhas doze com a seguinte, e pagar sessenta réis. Augusto. Selo B. Número dezoito setecentos e vinte. Pagou setecentos e vinte réis. Bahia, vinte e quatro de Abril de mil oitocentos e quarenta e cinco. Luz. Pereira.

Aos vinte e quatro dias do mês de Abril de mil oitocentos e quarenta e cinco, nesta cidade da Bahia, em meu cartório faço estes autos conclusos ao doutor juiz de direito da primeira vara cível Lúcio Bento Cardoso. Do que fiz este termo, eu Antonio Augusto de Mendonça tabelião o escrevi.

Conclusos para o julgamento com mil e seiscentos réis, e o inquiratório folhas sete.

HEI por bem justificar o deduzido na petição folhas duas à vista das testemunhas de folhas e folhas; dê-se portanto a própria justificação na forma que se pede na mesma petição, ficando traslado, e pague o justificante as custas. Bahia, vinte e quatro de Abril de mil oitocentos e quarenta e cinco. Lúcio Bento Cardoso.

Aos vinte quatro dias do mês de Abril de mil oitocentos e quarenta e cinco nesta cidade da Bahia, casa dos despachos do doutor Juiz de Direito interino da primeira vara cível Lúcio Bento Cardoso, onde eu tabelião vim, aí por ele foi publicada em minhas mãos a sentença retro, que mandou se cumprisse e guardasse como nela se contem e declara. Do que para constar faço este termo eu Antonio Augusto de Mendonça tabelião o escrevi. Está conforme ao original que concertei conferi subscrevi e assinei na Bahia aos vinte seis dias do mês de Abril de mil oitocentos e quarenta e cinco, e eu Antonio Augusto de Mendonça tabelião o subscrevi e assinei; estava original público em testemunho da verdade. Concertado por mim tabelião Antonio Augusto de Mendonça. E por mim contador Domingos José Cardoso.

Certifico que paga selo de folhas treze a sessenta réis. Augusto.

Nada mais continha nem outra alguma coisa declarava em ditos autos de justificação por traslado, que me fora pedido por certidão e a eles me reporto, indo a presente sem coisa que a menor dúvida faça e por mim e outro oficial companheiro conferida, concertada subscrita e assinada nesta leal valorosa cidade da Bahia aos vinte um dias do mês de maio de mil oitocentos e quarenta e cinco. Pagou de feitiço deste papel verba a quantia de cinco mil quatrocentos e cinquenta, à margem carregada. Eu Antonio Augusto de Mendonça tabelião subscrevi e assinei.

⁵⁵O nome, infrequente a este tempo, repete o de um irmão do Aleramo Doria pai de Clemenza, Niccolò Doria.

⁵⁶Jaboatão registra “Guiomar,” mas com cereteza é má leitura para “Gironima,” nome da avó de Clemenza, e de uma de suas irmãs.

⁵⁷Nome do pai de Aleramo.

5. Clemencia. Batizada na Sé em 1565.
6. Maria. Batizada na Sé em 10 de Fevereiro de 1567.
7. Ana. Batizada na Sé em 31 de Julho de 1568, póstuma.

De Sebastião Ferreira, primeiro marido de Clemenza Doria, pouco ou nada sabemos: era moço de câmara do infante D. Fernando, e tinha sido escrivão de uma das armadas que aportaram em Salvador no estabelecimento do governo geral, a de Tomé de Sousa, ou, mais precisamente, a de Antonio de Oliveira Carvalhal. Morre junto com o bispo Sardinha em 1556.

Quanto a Fernão Vaz da Costa, é personagem muito melhor documentado. Veio para o Brasil no comando do bergantim S. Roque; era cunhado de Tomé de Sousa, por ser irmão da mulher deste, D. Maria da Costa. Casa-se, muito possivelmente em 1557, com Clemenza Doria, que logo começa a lhe dar uma feira de filhos, sete ao todo. Entre 1561 e 1562 vai a Lisboa, onde vemos seu parente D. Álvaro da Costa nomeá-lo procurador no Brasil. Aqui morre pouco depois, decerto ainda em 1567.⁵⁸

⁵⁸Em 11.4.1554 de Fernão Vaz se queixa D. Pero Fernandes Sardinha, bispo de Salvador, ao rei:

... porque afirmo a Vossa Alteza que quem vio esta terra em tempo do bõ Tome de Sousa e a vee agora que tem tanta causa de se carpir quanto teve Jeremias de chorar sobre a cidade de Jerunsalem porque sam tantos os desconcertos desarranjos e dissoluções de Dom Alvaro [da Costa] Joam Rodriguez Peçanha Luis de Goes, Fernão Vaz da Costa e de outros seus sequazes e tamanho o descuido do governador que não ha homem que nam seja afrontado e ameaçado nem mulher que nam seja desonrrada e combatida em sua onrra e sam estes omens tam atrevidos em ofemder a Deus e em afrontar aos moradores desta cidade que bem se pode dizer delles aquillo da escriptura predicauerunt peccatum suum sicut Sodoma et non erubuerunt et non sit timor Dei ante oculos eorum.

...

De Dom Duarte nam sei que dizer senam que tirou ca o rebuço que la trazia de virtuoso e trocou a ordem da policia porque o pae obedece ao filho e o filho nam tem nenhuma reverencia nem acatamento ao pae e nam se faz na terra senam o que Dom Alvaro manda e Joam Rodriguez, Luis de Goes e Fernam Vaz da Costa querem.

...

([53], III, pp. 368–369). Aparentemente D. Álvaro cercava-se de uns poucos fidalgos que haviam em Salvador, e com eles fazia arruaças.

Mas não só arruaças: em 10.6.1555 o governador-geral escreve ao rei sobre os conflitos entre os colonizadores e os índios próximos a Salvador:

... domingo vinte seis dias do mez de Maio [de 1555] mostrarão os Gentios desta terra a vontade, que sempre tiverom para fazer guerra a esta Cidade [do Salvador]; nom se contentando com o bom tratamento que sempre della receberão;

...

E loquo aa Sexta feira seguinte derradeiro de Mayo, me screpveo Antonio Cardoso [de Barros], que estava cerquado no seu Engenho de Gentio de seis Aldeas, que derrador delle estavam, e de tres cerquas de madeira peguadas com elle, em que havia muita gente, e que aquelle dia nom podera tomar e assi nada do mantimento de sua Roça, e que lhe soccorresse: mandei loquo Dom Alvaro meu filho, com perto de duzentos homens de pé com os da Cidade, e das Naos,

e alguns de Cavallo, afora alguma Escravaria, e até chegarem a jantar ao Engenho, queimaram cinco Aldeas, e em huma só houve registencia, e depois de jantar os da cerqua mayor, que estava peguada com o Engenho, onde estava recolhido todo o peso da gente, que serião mil homens mandarão recado a meu filho: dizendo que ate então nom pelejara com homens, se não com gente fraca, e que queimara casas de palha, que fosse pelejar com elles, e saberia quem elles herom, e se não que o verião buscar; e meu filho sahio logo do Engenho com a gente em ordem, e deu a dianteira a Christovão d'Oliveira, e a Manoel Jaques, e a Fernão Vaz da Costa, e derom na cerqua, e pelejaram mui bem grande espaço, onde acharom grande registencia, e por força d'Armas entraram acerqua, e os deitarom fora, e os de Cavallo os alcançaram, e matarom muitos em que entraram alguns principaes, e forão muito feridos, que depois achavão mortos por os Matos; no rompimento desta cerqua forom feridos Christóvão de Oliveira de uma frecha, que lhe atravessou um braço, e Manoel Jaques em outro braço, e Fernão Vaz da Costa polos peitos, e hum Pedro Fernandes, que serve de screpvão dos Contos, pela testa e Ayres Quinteiro, Moço de Camara de Vossa Alteza, que foi de meu filho, huma mão atravessada com uma frecha, que lhe passou a rodella, a Dom Alvaro ferirão muito o Cavallo, e assí firirrom outros tres, ou quatro homens da Companhia, e Deos seja louvado sam todos sãos. . .

([53], III, pp. 377–378.) O conflito com estes índios, “os da banda de Itapoã,” estendeu-se até as terras “de um Garcia d'Ávila, criado de Tomé de Sousa,” vaquejador ao norte da capital, e primeiro sesmeiro das gentes da Casa da Torre.

Não custa nada lermos um pouco mais sobre essa gente que ia lutar com os índios:

. . . eu, Senhor, pera esta guerra fiz seis Capitancias da gente desta cidade, que pode sahyr ao Campo, e acodir ás Roças de vinte homens cada huma, e os Capitães são João de Araujo, que servio de Thezoureiro, Christovão Cabral, Fernam Vaz da Costa, Antonio do Rego Moço da Camara da Raynha nossa Senhora, que agora serve de Thezoureiro, e Sebastião Ferreira, que foi Moço da Camara do Infante Dom Fernando, e veo a esta terra por Scripvão d'Armada, e servio de Thezoureiro quando suspenderom Luiz Garces, e em tudo mais, que lhe mandei; e agora estando embarcado pera o Reyno, folgou muito de ficar; por esta guerra, que sobcedeu, foi cativo em Africa em serviço de Vossa Alteza: manda pedir a Vossa Alteza por sua petição, que o haja por Cavalleiro Fidalgo de sua Caza, receberei eu nisto muito grande mercê, por quã bem elle serve; . . .

([53], III, p. 379.) Eram todos fidalgos: moços de câmara ou cavaleiros fidalgos. Alguns, presume-se, conhecidos do rei, porque não mencionados na carta nada ou quase nada além de seus nomes: Cristóvão Cabral, Fernão Vaz. Sebastião Ferreira nos interessa: é o primeiro marido de Clemenza Doria. Aqui aprendemos algo de sua biografia: moço de câmara de um dos infantes, ganha uma sinecura na armada—talvez a de Antonio de Oliveira Carvalhal, que aqui chegou depois de Tomé de Sousa—provavelmente como compensação por seu cativo na África.

Como D. Duarte pede em seu favor nesta carta, não parece que optasse pelos partidários do bispo no conflito que dividia Salvador. Mas vai morrer no naufrágio da nau *N.S. da Ajuda*. (Com Clemenza Doria teria tido uma filha, Luiza Doria, que se casa com Martim de Carvalho, o bandeirante, e deixa como descendentes a família *Menezes Doria*.)

O conflito entre o governador e o bispo explode num incidente do qual se queixa o físico [médico] Jorge Fernandes em carta ao rei, datada de 10 de junho de 1555 ([53], III, p. 379):

. . . por verem a sem razão e injustiça que se comigo . . . e outras afrontas de cada ora determinaram matar me . . . se não lembrara de mim, vendo a pouca culpa que eu tinha . . . ás duas horas depois da meia noite estando eu mal disposto na minha cama . . . adormecer chegaram Dom Alvaro da Costa e hum Fernam Vaz da Costa . . . parede sabendo onde eu dormia me deitaram hum seixo sobre minha . . . que toda esta cidade vio que pesava 27 arrateis e quis Deus que me tomou a travessa de pao e ferro do leito e tudo espedaçou e com o grande peso cahio sobre o ceu do leito e tudo rasgou e vinha ja tam fraca que se deteve em hũa parte do ceo em direito de minha cabeça, quis Deos livrar me, porque em

nenhũa parte me dera que não matara. . .

Jorge Fernandes, pelo que vemos, dormia em vasta cama de docel, quando D.Álvaro e Fernão Vaz lhe atiram em cima um bruto pedregulho. Provavelmente porque o físico era dos partidários do bispo, e censurara o governador e seu filho em algum momento. De interesse, a surpreendente cama de docel: móvel incomum na colônia, em que boa parte das gentes dormia em redes.

O fim é conhecido: vão-se, bispo e queixosos, a Portugal na *N.S. da Ajuda*, que naufraga em Alagoas, e quem não morre no naufrágio é devorado pelos índios:

. . . E pera mais desaventura nosa permetio o Senhor Deus per nosos pecados que a nao Nossa Senhora dAjuda se perdesse da quall dependya toda nosa esperança e o bem desta terra por que nella iam pesoas que allem de lhe terem amor e desejarem ho acrescentamento della aviam a V.A. de dar imteyra entformação de tudo ho que tem pasado, os quais eram ho bispo, Antonio Cardoso de Barros e Lazaro Ferreira, Francisco Mendes da Costa, Sebastião Ferreira que hya por procurador da cidade marido de Clemencia Dorya a sogra de Rodrigo de Freitas a mulher de Bras Fernandes, seu pai Antonio Pinheiro a velha que veo com has orffans, o capitão Lloas ho adaiam e outros dous conheguos os quaes todos iam com asas agravos a queyjar se a V.A. fazendo muita ffalta na terra e todos morreram com outros muitos inocentes tam constantes no serviço de Deus e no que erão hobrigados a sua honra. . .

([53], III, p. 381.) E aqui vemos citada, pela primeira vez, num documento, Clemenza Doria. É quem identifica o marido: “marido de Clemência Doria.”

Voltemos a Fernão Vaz. Casa-se com Clemenza, *Clemençia a Doria*, Clemência Doria, em 1557; e nasce-lhes o primeiro filho, NICOLAU, em fins de 1558. Sem outra notícia. O segundo filho, CRISTÓVÃO DA COSTA DORIA, primeiro a levar o sobrenome duplo que se manterá por quatro séculos e mais, nasce em 1560.

Fernão Vaz teve terras. Mas onde? As evidências são indiretas: em 16 de janeiro de 1557 D. Álvaro da Costa recebe do pai, “capitão da cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos e governador, que é, nestas partes do Brasil” (é irresistível citar estes títulos de D. Duarte, gostosamente formais), uma sesmaria, que será a capitania dos Condes de Soure, existente até o século XVIII. O filho pedia ao pai

. . . que [de algumas terras] lhe fizesse mercê e mandasse passar sua carta de sesmaria, convem a saber da parte da boca do dito rio Peruaçu [Paraguaçu] da parte do sul até a boca do rio Jaguaripe por costa que poderá ser quatro léguas de costa pouco mais ou menos, ou aquela quantidade que houver dentro deste limite, e para o sertão pelos ditos rios acima dez léguas de terra, e isto entrando dentro de todas as ilhas que estiverem ao longo da costa da dita data e a água do Igaraçu que está pelo rio Peruaçu a dentro da parte do sul, para nelas fazer engenho de açúcar e com todas as suas entradas e saídas, pastos e matos, logradouros que nesta data couberem para suas criações de gado.

. . .

Despacho do Governador—*Dou a D. Álvaro meu filho estas terras e águas que pede, não sendo dadas a outrem, e havendo El rei Nosso Senhor por bem, e com esta condição mando ao escrivão das sesmarias que lhe passe sua carta em forma hoje.*

E das terras toma posse D. Álvaro no próprio local, no rio Paraguaçu, em 28.1.1557, lá arribando na galé *Conceição*, tendo por testemunhas o escrivão da provedoria Aires Quintero, o escrivão do bergantim Manuel Lopes, e mais Vasco Rodrigues de Caldas, Antonio Alcoforado e Francisco de Bruzza de Espiñoza, ou Francisco de la Bruzza de Spinoza, personagem cujo nome jamais saberemos ao certo, personagem vindo das minas do Peru, metido em conflitos com Pero do Campo Tourinho, e (junto com Vasco Rodrigues de Caldas e Martim de Carvalho) dos primeiros bandeirantes das bandeiras da Bahia [78].

Quase seis anos depois, em 17.11.1562, D. Álvaro da Costa, em Lisboa, passa uma procuração a Vasco Rodrigues de Caldas e a Fernão Vaz da Costa, que, estes, igualmente se achavam em Lisboa, atribuindo-lhes a própria capacidade de doar em sesmarias as suas

19. CRISTÓVÃO DA COSTA DORIA. Do segundo casamento: batizado na Sé de Salvador em 17 de Julho de 1560, † após 1606, segundo filho de Clemenza Doria e de Fernão Vaz da Costa, c.c. Maria de Meneses, filha de Jerônimo Moniz Barreto de Meneses e de sua primeira mulher Mécia Lobo de Mendonça. (Ver sua ascendência à pág. 137.)⁵⁹

Filhas:

1. D. Antonia de Meneses, ou Antonia Doria de Meneses, que c.c. Antonio Moreira da Gamboa. Segue.
2. D. Francisca de Menezes, que c.c. Agostinho Subtil de Siqueira, irmão de maior condição da Santa Casa em 1679, † ele em 18.6.1683, sepultado no Socorro; c.g. mas aparentemente sem o nome *Doria*. Era filho de Francisco Subtil de Siqueira, desembargador que chegou ao Brasil em 1602 e cá faleceu em 4.4.1619; era n. de Tancos (Portugal), e de s.m. Joana Argolo, filha de Paulo de Argolo e de s.m. Felícia Lobo. P.d.:⁶⁰

terras do Paraguaçu. Quando Fernão Vaz retorna ao Brasil, já é o único procurador de D. Álvaro, o que sabemos de uma carta de sesmaria que ele, Fernão Vaz, passa a certo Antonio de Oliveira em 20.2.1564:

... apareceu Salvador Gonçalves, morador na dita povoação, e, por parte de Antonio de Oliveira, me apresentou uma petição com um despacho nela do Senhor Fernão Vaz da Costa, Procurador bastante do Senhor D. Álvaro da Costa, da qual petição e despacho dela o traslado é o seguinte...

(Diz da concessão de uma data de terras a este Antonio de Oliveira [79].) Notável é o tratamento formal, “Senhor Fernão Vaz da Costa,” que se repete mais duas vezes, e que lhe explicita o *status* formal de fidalgo forado da casa d’el-rei.

Fernão Vaz era um colonizador: segundo Vicente Vianna, nesta data de terras concedida a Antonio de Oliveira (que não era o homônimo Antonio de Oliveira Carvalhal, alcaide-mor da Vila Velha, junto a Salvador, em 1549) surge a povoação que se torna em Nazaré. Povoação e colonização planejadas. Para si, Fernão Vaz reservou, entre outras datas de terra, a ilha que existe na barra do Jaguaripe, à qual Gabriel Soares de Souza chama “ilha de Fernão Vaz.”

(A ilha de Fernão Vaz, segundo Vicente Vianna, é aquela que hoje se conhece como ilha de Santana.)

A atuação de Fernão Vaz da Costa não foi sem conflitos com o parente. Em 27.3.1565 o rei eleva a capitania a sesmaria de D.Álvaro. Fernão Vaz morre entre 1567 e 1568, e em 1571 D. Álvaro passa nova procuração a Pero Carreiro, moço da câmara da casa real, na prática anulando as doações de Fernão Vaz. Seguem-se, ao que parece, ameaças de processos, faz-se um acordo, e a capitania de D. Álvaro se partilha em dezoito sesmarias, uma das quais passada a Martim de Carvalho por Fernão Vaz. E Martim de Carvalho era já (ou viria logo a ser) o marido de Luiza Doria, enteada—ou talvez, filha—de Fernão Vaz.

Talvez aqui se originasse a sesmaria da ilha dos Frades, que os descendentes de Luiza Doria e Martim de Carvalho terão até o século XIX [79]. Ou, talvez melhor, nas terras que Fernão Vaz guarda para si e para os seus.

⁵⁹Cristóvão da Costa Doria casado com D. Maria de Meneses, nas provanças perante a inquisição de Baltazar de Vasconcellos Cavalcanti de Albuquerque, ANTT, onde se fala também da filha D. Antonia [Doria] de Meneses, casada com Antonio Moreira da Gamboa, e da filiação deste; datas extremas do processo, 1712–1724. Filiação também em Macedo Leme, *Memórias...* [52], “Costas Dorias,” ms., BN–Rio, 1792. Descendência em “Moreiras, id., ibid.

Filiação ainda em Jaboatão [68]. Descendência em “Moreiras do Socorro,” id., ibid.

Refs. nas denúncias de 1591, e no ms. do pe. Lourenço Ribeiro [65].

⁶⁰Esta descendência é tomada em [15].

- (a) Francisco Subtil de Siqueira. Foi vereador em Salvador em 1671. Em 2.4.1667 c. na Sé c. D. Bárbara de Azevedo Henriques, filha do licenciado Antonio Mendes de Oliva e de s.m. Isabel de Azevedo Henriques. Francisco † em 3.9.1693, e D. Bárbara em 8.3.1686. P.d.:
- i. Agostinho Subtil de Siqueira, bat. em 26.2.1668. Vivia, em 1718.
 - ii. D. Isabel Maria de Azevedo. Bat. em 7.10.1669. C.c. Manuel de Azevedo Negro, em 26.11.1692, no Socorro, filho do alferes Mateus Mendes de Oliva e de s.m. Apolônia Nunes.⁶¹ P.d.:
 - A. D. Leonor Josefa Subtil de Meneses. C.c. o cap. Diogo Pereira da Silva, filho do Dr. Manuel de Matos de Viveiros, médico formado em Coimbra em 1662, e de s.m. D. Francisca da Silva, s.g.
C. em seguida c. o Cel. Francisco Vieira de Lima, † 16.3.1743, em Passé, filho natural do Cel. Antonio Vieira de Lima, com um filho, *Mateus Vieira de Lima*.
 - B. Francisco Subtil de Siqueira.
 - C. Manuel de Azevedo Negro.
 - D. José.
 - E. João de Oliva, † 4.7.1752, sep. em S. Francisco (Salvador).
 - F. Antonio Subtil.
 - G. Sebastião Subtil.
 - iii. Sebastião Subtil de Siqueira, bat. em 1.2.1671 no Socorro, e casado com D. Ana de Figueiró, s.g., † 26.7.1728, sep. no convento da Vila de S. Francisco. Por amor ao marido, passou a chamar-se Ana Subtil de Figueiró.
 - iv. D. Joana Luiza de Meneses, c. em 26.11.1692, no Socorro, c. Luiz de Oliva da Franca, filho do alferes Mateus Mendes de Oliva e de s.m. Apolônia Nunes. P.d.:
 - A. Mateus de Oliva da Franca.
 - B. Agostinho Subtil de Siqueira, capitão-mor, bat. no Iguape em 22.2.1711, morador no distrito do Rio S. Francisco. Vivo em 1748, quando ganha a patente de capitão-mor.
 - C. Lourenço Subtil.
 - D. D. Bárbara, D. Antonia, D. Maria, D. Joana, D. Clara, D. Córdula.⁶²
- (b) D. Joana de Argolo, c. em 5.12.1655, em Passé, c. Braz Lobo de Mesquita. P.d.:
- i. D. Francisca de Meneses, bat. no Socorro em 25.5.1656.
 - ii. D. Maria de Meneses, bat. 4.2.1658, no Socorro.
 - iii. D. Clara, bat. no Socorro em 18.1.1660.

⁶¹Eram primos, e a mulher de Mateus, Apolônia, era negra.

⁶²Solteiros todos, segundo Jaboatão.

- iv. D. Ana, bat. no Socorro em 22.11.1664.
- v. Baltazar Lobo, bat. no Socorro em 16.1.1667.
- vi. Francisco, bat. no Socorro em 15.12.1669, no Socorro.
- vii. D. Mariana de Meneses, bat. no Socorro em 23.7.1673.
- (c) D. Maria de Meneses, c.c. João de Barros Aranha.
- (d) D. Leonor de Meneses, bat. na capela de S. Paulo em 19.11.1646.
- (e) D. Mariana de Meneses, c.c. Lucas Tavares de Alvim. Casados na capela de S. Paulo, no Socorro, em 12.11.1663, sendo ele filho de Tomé Tavares de Alvim e de s.m. Bárbara Pereira de Gusmão. P.d.:
 - i. D. Bárbara de Gusmão Pereira, bat. 29.10.1668.
 - ii. D. Joana de Argolo, bat. 16.12.1669.
 - iii. D. Francisca de Meneses, bat. 22.4.1671.
 - iv. Antonio de Alvim Brandão, bat. 27.11.1672.
 - v. D. Violante de Gusmão, bat. 17.9.1674.
 - vi. Antonio Tavares, † moço, bat. 27.4.1676.
 - vii. Francisco Tavares Bezerra, bat. 23.7.1677.
 - viii. D. Rosa Maria, bat. 11.2.1679.
 - ix. D. Maria de Meneses.
 - x. Antonio, outro, † criança.
- (f) D. Antonia de Meneses, c.c. Antonio Teles Pereira, s.g.
- (g) D. Angela, † criança.

20. D. ANTONIA DE MENESES.⁶³ Bat. 1606 em Salvador, † após 1648. C. em 17.9.1631⁶⁴ c. Antonio Moreira de Gamboa, n. e † na Bahia, n.c. 1590 e † após 1648. Filho de Martim Afonso Moreira, n.c. 1550 em Setúbal (Portugal) e † depois de 1622 em Salvador, quando vendeu aos frades franciscanos terras para a construção de seu convento. Martim Afonso Moreira seria f.c.c.r.;⁶⁵ chegou

⁶³A ascendência toda se acha documentada em várias fontes, uma delas [65]:

Martim Affonço Moreira foi um homem honrado noReconcavo da Bahia, cazou com airmã do Deam Velho da Cid.e da B.a, edeste cazam.to nomea [o padre Lourenço Ribeiro] varios filhos efilhas qteve, essas com o apeLido de Gamboas, que sem duvida lhesdevia vir pela May, eaquelles com odeMoreira apelido do Pay, entre estes filhos há hum, Antonio Moreira de Gamboa Avo Paterno dahabilitanda [D. Ana de Argolo], o qual diz o d.o Vig.ro, continuando aSua historia, cazara com Dona Antonia de Meneses filha de Christovão da Costa Doria edeSua m.er Dona Maria de Meneses, decujo Matrimonio teve muitos filhos q osnomea, ehum delles hé Antonio Moreira de Meneses [...]

[...] porquanto alem deSever ghé omesmo Anto. Moreira de Meneses qserá marido de Dona Anna de Argolo, como este teve hum irmão gera omais velho chamado Martim Affonço de Mandonça [...]

Essa transcrição tem data de 26.11.1723, mas o texto de Lourenço Ribeiro é de c. 1670.

⁶⁴Se corretamente interpretamos o que parece ser uma confusão de Jaboatão, v. [15], II, p. 690.

⁶⁵Segundo Jaboatão [68].

ao Brasil numa viagem cujo destino era a Índia, em 1567,⁶⁶ e aqui se casa com Joana de Gamboa, de quem era filho Antonio Moreira de Gamboa. Depois c.c. com Luiza Ferreira Feio, também c.g. Martim Afonso Moreira era filho de Antonio Moreira, dos Moreiras de Celorico de Basto.⁶⁷

Filhos:

1. Martim Afonso de Mendonça, que segue.
2. D. Francisca de Meneses, que c. em 1661⁶⁸ c. Francisco Soares Brandão, capitão da companhia do Iguape (BA) em 1687, e depois de Embiara; † 1693. Era filho de Miguel Brandão Coelho e de s.m. Mônica do Amaral, desposada em 11.11.1629. Mônica era administradora da capela de seu pai (que testou em 9.10.1625), Miguel Ferreira Feio, que c.c. Isabel Serrão. C.g.
3. D. Joana Moreira, que c.c. Gaspar da Cunha Severim, em 15.10.1657. C.g.—uma filha.
4. Antonio Moreira de Meneses, que c.c. D. Ana de Argolo, bat. 19.2.1650, filha de Rodrigo de Argolo e de s.m. Isabel Pereira de Magalhães. C.g. ampla, de apelido *Argolo de Menezes*. Segue no § 3, à pág. 54.
5. José Teles de Meneses, clérigo.
6. Francisco de Sá Barreto, ou Francisco de Sá e Menezes. N. Paripe. Batizado em 18.3.1642 em Paripe. C. primeira vez c. Jerônima Diniz, filha de Filipe Veloso e de s.m. Maria da Cruz Diniz. C.g.
C. segunda vez c. Maria Monteiro de Abreu, e † 15.1.1703. Foi capitão (em 1687) do regimento do Cel. Francisco Dias de Ávila.
7. D. Luzia de Meneses. Batizada em 20.12.1643; c.c. Antonio de Faria Severim.
8. D. Mariana de Meneses, batizada em 22.11.1648. C.c. Nicolau de Freitas, e depois c. Filipe de Góes.
9. Manuel Teles de Meneses. Vereador na cidade do Salvador em 1669; capitão no distrito do Socorro em 1676; proprietário do ofício de juiz de órfãos da cidade, 1678. † 1692 ou 1693.
C. primeiro c. Violante, filha de Luiz de Barros Fajardo e de s.m. Maria Barroso.
C. segunda vez c. Maria de Burgos, † 15.1.1745. Filha legítima de Gaspar Pacheco de Burgos e de Petronilha Henriques. Sepultada em S. Francisco,

⁶⁶Segundo Macedo Leme [52].

⁶⁷D. Antonia [Doria] de Meneses e Antonio Moreira de Gamboa, na habilitação [65] de Baltazar de Vasconcellos Cavalcanti de Albuquerque, supracitada. Jaboatão e Macedo Leme têm esta linha. Ver a família dos *Moreiras* no Apêndice à pág. 112.

⁶⁸[15], II, p. 690.

deixou no testamento 200 missas de corpo presente e quatro capelas de missas. C.g. (O sogro deixou a Manuel Teles o ofício de juiz de órfãos.)

21. MARTIM AFONSO DE MENDONÇA. Fidalgo da casa real,⁶⁹ irmão da Santa Casa da Misericórdia de Salvador em 7.12.1672; n.c. 1632. C.(1) c. D. Inês de Carvalho Pinheiro, s.g.⁷⁰ C. (2) c. D. Brites Soares, filha de Sebastião Soares, c.g. Em 10.9.1665, no Monte Recôncavo, c.(3) c. D. Joana Barbosa, filha de Miguel Nunes Peixoto e de s.m. Concórdia Barbosa.⁷¹

Do segundo leito:

1. Sebastião Moniz, que c.c. D. Maria de Sousa, filha de Belchior Barreto e de s.m. D. Clara de Sousa, sendo Maria já viúva de Miguel Rodrigues de Gusmão. Não há notícia de sucessão deste casamento.
2. D. Antonia de Menezes, ou Antonia de Mendonça, que c. primeiro c. João de Araújo Cabreira. C.g.
Antonia de Mendonça c. segunda vez c. Paulo Pereira de Melo, s.g.
3. D. Maria, mulher de Manuel Gomes e em seguida de Pedro Moniz, † 28.7.1672, e enfim de Henrique de Valença, s.g.
4. D. Helena de Menezes, c.c. Gregório Soares. S.m.n.

Do terceiro leito,

1. Cristóvão da Costa Doria, que segue no § 4, à pág. 58.
2. D. Brites de Menezes, que c.c. Nicolau de Carvalho Pinheiro, filho de Francisco de Azevedo e de s.m. Maria de Barros Lobo; n.p. de Afonso de Azevedo; n.m. de Manuel Pinheiro de Carvalho e de s.m. Maria de Barros Lobo. C.g. até hoje. Pais de: Pais, Nicolau e Brites, de:
 - (a) Sebastião Moniz Teles, que em 31.8.1733 c.c. D. Jacinta Teles de Menezes, filha de Manuel Teles de Menezes e de s.m. Brites Aires de Figueiredo. P.d.:
 - i. Antonio Moniz Teles.
 - ii. José Moniz Teles.
 - iii. D. Brites de Menezes, que em 1748 em S. Francisco do Conde c.c. João de Araújo Barbosa, filho de Bento Gomes e de s.m. Custódia de Araújo de Almeida, defuntos em 1748.

⁶⁹Apud Jaboatão [69], que enfatiza neste seu manuscrito tal condição, colocando-a à margem do parágrafo onde trata deste.

⁷⁰Com certeza a filha homônima, n. 1636, de Manuel Pinheiro de Carvalho e de D. Maria de Barros.

⁷¹Martim Afonso de Mendonça, admitido como irmão de maior condição à Santa Casa de Salvador, 7.12.1672 [27]. Filiação em Jaboatão e Macedo Leme [68, 52]. Linha ascendente até Cristóvão da Costa Doria, primeiro do nome, no ms. de Lourenço Ribeiro, citado no familiarato de Bartolomeu de Vasconcellos Cavalcanti de Albuquerque [65].

- iv. D. Micaela, que c.c. Manuel de Lima, n. do reino, com engenho no Iguape (BA), enteado de Teotônio Teixeira, capitão–mor da vila da Cachoeira em 1747.⁷²
 - (b) Antonio Moreira de Menezes, que em 14.12.1728 c.c. sua prima Joana Barbosa, filha de Cristóvão da Costa Doria (§ 4), com filhos:
 - i. Cristóvão da Costa Doria.⁷³
 - ii. Nicolau de Carvalho Pinheiro.
 - iii. D. Joana Barbosa.
 - (c) D. Leonor Francisca de Meneses, que c.c. seu primo Martim Afonso de Mendonça, no § 4.
 - (d) José de Barros Lobo, D. Eugênia de Meneses, D. Maria de Meneses e D. Joana Barbosa de Meneses.
3. D. Mariana de Menezes, que c.c. José Teles de Menezes, que foi batizado em 29.5.1661, licenciado, filho de Miguel Moniz Barreto, f.c.c.r., e de s.m. Ursula Pais de Azevedo; n.p. de Cristóvão Rabelo de Azevedo e de s.m. Ana de Lemos; n.m. de Sebastião Pais e de s.m. Isabel de Azevedo.
4. Gonçalo Barbosa de Mendonça, que segue.
5. Antonio Moniz, s.m.n.
6. Miguel Moniz Barreto, ancestral dos *Rochas Dorias*. Segue no § 5.
22. GONÇALO BARBOSA DE MENDONÇA. Do 3o. leito. N.c. 1675, † 1737, capitão de milícias, c. 27.4.1716 na matriz do Socorro c. D. Antonia de Aragão Pereira, filha de Alberto da Silveira de Gusmão⁷⁴ e de s.m. D. Isabel de Aragão, descendente esta do Caramuru.⁷⁵ Filhos:
- 1. Miguel Teles Barreto, n.c. 1719, casado.
 - 2. D. Helena de Aragão, n.c. 1723, e c.c. seu tio materno Antonio de Aragão Pereira, † outubro de 1756, intestado. C.g. extinta.
 - 3. D. Isabel de Aragão, n.c. 1726, e † 16.10.1762, primeira mulher de seu primo (e concunhado) José Luiz da Rocha Doria, filho de Manuel da Rocha Doria e de Ana Maria de Vasconcellos, e neto paterno de Miguel Moniz e de D. Angela da Rocha, c.g. (Ver § 5.)
 - 4. Antonio Moreira de Menezes, ou Antonio Moniz, n.c. 1729.
 - 5. Cristóvão da Costa Barbosa (c. 1731–6.4.1809); segue.

⁷²Segundo Jaboatão, tinham filhos menores quando o título *Carvalhos Pinheiros* foi escrito.

⁷³Este personagem, bem como muito da sucessão de D. Brites de Meneses, não se acham atestados, até hoje, em documentos contemporâneos—unicamente em Jaboatão.

⁷⁴Filho de Miguel Rodrigues de Gusmão e de s.m. D. Maria da Silveira; n.p. de Gregório Rodrigues Varela e de s.m. D. Maria Bernardes [27].

⁷⁵Gonçalo Barbosa de Mendonça, inventário [1]. Relaciona os filhos, entre os quais ‘Cristóvão.’ Filiação de Gonçalo está dada em Jaboatão e Macedo Leme [68, 52].

6. Martinho Afonso, n.c. 1735.

23. CRISTÓVÃO DA COSTA BARBOSA (1731–6.5.1809).⁷⁶ Sr. do engenho “Ladeira” em São Francisco do Conde. C.c. a prima D. Antonia Luiza de Vasconcelos Doria (1744–1825), filha de Manuel da Rocha Doria e de D. Ana Maria de Vasconcelos (*sub* § 5), descendente esta do Caramuru e também longínqua descendente de duas meias-irmãs de Filipa Moniz, mulher de Cristóvão Colombo, casados Manuel e D. Ana Maria em 4.12.1726 no Carmo, em Salvador, na capela da família da noiva, cujo tio materno, João Álvares de Vasconcelos, usava as armas “esquartelado; I e IV, Vasconcelos; II, Aguiares; III, Pachecos. Elmo, etc. Timbre, Vasconcelos.”⁷⁷ Pais de:

1. D. Maria Francisca de Menezes Doria n.c. 1764. C.c. Francisco Marinho de Sá Queiroz, c.g.
2. José da Costa Doria. N.c. 1765; † 1803, sr. do engenho “Boa União.” C.g. no § 8, à pág. 72.
3. D. Teresa Maria de Jesus, ou Teresa das Virgens de Jesus, n.c. 1769, freira.
4. Francisco José da Costa Doria, n.c. 1770, casado, c.g.
5. D. Vitória Maria da Rocha, n.c. 1772, c.c. José da Rocha Neves, c.g.
6. Manuel Joaquim da Costa Doria. Segue no § 9, à pág. 75.
7. D. Filipa Joaquina da Rocha (ou de Vasconcellos), n.c. 1777, c.c. Manuel da Rocha Neves.
8. D. Antonia Ludovina da Rocha Doria (ou Antonia Ludovina de Aragão), n.c. 1782, recolhida no Convento das Humildes em Santo Amaro.⁷⁸
9. D. Luiza Maria da Rocha, ou Luiza Angélica de Vasconcellos Doria, n.c. 1783, † antes de 1825. C.c. o viúvo Manuel Pereira de Ornellas e Vasconcellos,⁷⁹ c.g.:
 - (a) D. Joana de Vasconcellos.
 - (b) D. Francisca de Ornellas.
 - (c) D. Joaquina de Ornellas, estava c.c. João da Costa Lobo em 1825.
 - (d) Joaquim Manoel, herdeiro já falecido em 1825.
10. João da Rocha Doria, n.c. 1785, c.c. D. Rosa Joaquina ..., c.g.:

⁷⁶Ao que parece, tomou o *Barbosa* para se diferenciar do tio paterno, que se chamava Cristóvão da Costa Doria, como o bisavô.

⁷⁷‘Cristóvão,’ no inventário de Gonçalo Barbosa de Mendonça, supra. Cristóvão da Costa Barbosa, fragmento do inventário [1, 19]. Para D. Anna Maria, ver pág. 50.

⁷⁸Fundado em 1815; ela ainda estava viva em 1825.

⁷⁹Primeira mulher: a prima de Luiza, D. Ana Francisca de Aragão e Menezes, filha do primeiro casamento de José Luiz da Rocha Doria, ver à pág. 63.

- (a) Antonio Joaquim da Rocha Doria. C.c. a prima direita D. Rita Joaquina da Costa Doria, à pág. 76.
- 11. D. Joana Maria de Vasconcellos Doria, n.c. 1788, c.c. o tte. Cel. Antonio Bittencourt Berenguer César, viúvo, sr. do engenho “Papagaio.” P.d.:
 - (a) D. Joaquina Clara de Vasconcellos Chaves. C.c. José Joaquim Chaves. C.g.
 - (b) D. Francisca Jorge César de Bittencourt, c.c. o cunhado José Joaquim Chaves, depois de viúvo.
 - (c) D. Isabel Maria de Vasconcellos Doria.
 - (d) D. Francisca Isabel César de Bittencourt.
 - (e) ... teve filhos com Angelo Moniz da Rocha Doria, certamente neto do primeiro Manuel da Rocha Doria. P.d.:
 - i. José Joaquim Moniz Doria, n. 1826.
 - ii. Francisco Moniz Doria, n. 1830.

1 *Vaz da Costa, Sá Doria*

19. FRANCISCA DORIA, que também aparece como FRANCISCA DE SÁ, filha de Clemenza Doria e de Fernão Vaz da Costa (ver à pág. 31), casou com Francisco de Abreu da Costa, algarvio, n. 1560, filho de Diogo Mendes da Costa e de s.m. Beatriz de Ares, ditos cristãos velhos.⁸⁰ Foi vereador em Salvador em 1607 e em 1633 [66]. Pode ter sido, ou seu filho homônimo, o capitão enviado a Ilhéus para dar caça aos guaimurés da região.⁸¹

Francisco de Abreu da Costa esteve em Lisboa em 1620 para contratar o casamento de dois de seus filhos com parentas portuguesas.⁸² Viúvo por esta época, casa-se, possivelmente no Algarve, em 2as. núpcias, com Maria de Oliveira, e têm um filho, Pedro da Costa de Oliveira, c.g. no Rio de Janeiro, onde se casa em 30.9.1675 com Isabel da Silva, c.g.⁸³

Do primeiro casamento foram filhos:

1. Francisco Vaz da Costa, que segue.
2. Fernão Vaz da Costa. C.c. sua prima Apolônia da Costa, filha de Luiz Bernardes da Costa, senhor da quinta de Oeiras; n.p. de Antão Bernardes Tinoco e de s.m. Florença da Costa, filha esta do Dr. Cristóvão da Costa, desembargador da relação de Lisboa, e de s.m. Guiomar Caminha, sendo o Dr. Cristóvão irmão de Fernão Vaz da Costa, o velho.

⁸⁰A origem cristã-nova deste Diogo Mendes da Costa e de sua mulher Beatriz de Ares não pode ser afastada: havia uma família *Mendes da Costa*, no Algarve, de notórios judaizantes.

⁸¹Não se sabe de onde vinha a esta Francisca o apelido *Sá*. Talvez fosse uma corruptela de *Ares*, apelido da mãe de seu marido; de qualquer forma, o *Sá* aparece apenas neste ramo da família.

⁸²Ver as notas de Calmon a Jaboaão [15], p. 450 e ss.

⁸³Sé, 2, 50v.

O casamento de Fernão Vaz da Costa, o moço, e Apolônia da Costa, deu-se em 1625. Teria deixado filhos em Portugal?

3. Antonio de Sá Doria, casado com sua prima Maria, irmã de Apolônia (acima), em 1625.

Seriam bem ricos, os irmãos, como se constata na documentação. Antonio de Sá Doria parece como vereador em Salvador em 1649, e como juiz ordinário eleito em 1663 [66], mas não exerceu, porque † em fins de 12.1662 ou no dia de Ano Novo de 1663.⁸⁴

É o mais importante e conhecido membro da família em inícios do século XVII. Senhor de um grande engenho em Itaparica, deixou-o, com cerca de 40 escravos, em legado à Santa Casa da Misericórdia de Salvador.

4. Diogo Mendes da Costa, bat. Sé, 19.5.1591, sendo madrinha a tia, Clemência Doria *a moça*. Vivia em 1625, quando disse em carta ao pai que não lhe podia mandar dinheiro porque estava muito endividado no Brasil. Aparece como vereador em Salvador em 1645 [66].

21. FRANCISCO VAZ DA COSTA⁸⁵ deve ter sido o primogênito. Seu nome aparece algumas vezes como FRANCISCO DE ABREU DA COSTA, nos documentos da época, ou como FRANCISCO DA COSTA DORIA. Como o irmão Antonio de Sá Doria, era muito rico e possuía ao menos um engenho movido a água em Itaparica; o reservatório de água para mover a moenda custou 1\$ 000 Rs no início do século XVII, uma fortuna, então [71].⁸⁶

Segundo Calmon [15] comprou a ilha dos Frades, no Recôncavo, em 1643, e nesta ilha levantou em 1645 a capela familiar dedicada a N. S. do Loreto.⁸⁷

⁸⁴Ver seu riquíssimo inventário em cópia manuscrita no Arquivo Histórico da Santa Casa de Salvador, sua legatária. Era senhor de um grande engenho em Itaparica, onde chegou a possuir mais de uma centena de escravos.

⁸⁵Macedo Leme e Jaboatão fazem Francisco Vaz da Costa filho de Cristóvão da Costa Doria, irmão da mãe. Com certeza não é correto. Este é o ramo onde domina o prenome *Francisco*, e do qual descende Francisco *de Abreu* da Costa, abaixo, ger. 21, nome incompreensível se não como repetição daquele do ancestral que citamos na ger. 18, acima. Os engenhos de Itaparica—ao menos dois, já que Francisco Vaz da Costa transmite ao neto terras na ilha—também pertencem a esta linha [71]. E, enfim, o nome *Cristóvão da Costa Doria*, comum entre os descendentes dos Moreiras do Socorro, nunca aparece aqui. Jaboatão conhecia, aliás, muito pouco sobre estes personagens, embora amplamente documentados, já que não fala em Antonio de Sá Doria, no entanto um dos baianos mais ricos do início do século XVII, a quem Russell-Wood se refere como *the vain Antonio de Sá Doria*.

⁸⁶Parece também haver sido solicitador da justiça e porteiro da Relação da Bahia, o que se adequa bem ao perfil de grande proprietário deste Francisco Vaz da Costa.

⁸⁷Não é claro como a ilha dos Frades passou, em inícios do século XVIII, à propriedade dos Menezes Dorias descendentes de Luiza Doria, primogênita de Clemenza Doria.

Assim conta o *Santuário Mariano* [67] a história da capelinha de Loreto, erigida por este:

Por vezes temos tratado dos princípios, e milagrosa origem da Senhora Lauretana, como se pode ver com os primeiros tomos destes nossos Santuários; o que não repetimos aqui. Tratamos agora da Senhora do Loreto da Ilha dos Frades, por ser Santuário de grande devoção no Arcebispado da Bahia de Todos os Santos. Esta Ilha dos Frades dista da Cidade da Bahia sete léguas para a parte do Norte, e chama-se dos Frades: porque nos princípios do descobri-

Casou com uma parenta de nome Clemência Doria,⁸⁸ e tiveram ao menos um

mento do Brasil, dando à costa naqueles mares um navio, uns Religiosos, que nele iam, e que haviam escapado do naufrágio, fiados em que por Religiosos não receberiam dano; mas escapando da tirania do mar, não escaparam dos dentes dos Gentios, os quais costumados à crueldade, e execrando vício de se comerem uns aos outros, os comeram, e meteram em seus ventres. E daqui nasceu o título, que deram à Ilha.

Numa ponta desta Ilha se vê fundada a casa da Senhora do Loreto, e seu milagroso Santuário; vê-se edificada sobre um penhasco, ou cais obrado pela natureza, aonde bate o mar salgado do boqueirão, por onde entram, e saem as embarcações do Recôncavo, o qual sítio, e entrada se faz mais célere, e estimado pelo alegre, e largo da sua vista, e pelo delicioso do seu terreno. Vê-se esta casa, e Santuário da Senhora situado com a porta principal para a parte do Oriente.

Dedicou-se esta Igreja à Senhora do Loreto por especial devoção, que tinha para com ela, um Francisco da Costa, que era o senhor daquela Ilha, ou daquelas terras, o que fez pelos anos de 1645. Era este homem devotíssimo da Senhora, e enquanto viveu a servia com grande zelo, e fervorosa devoção, e na morte se mandou sepultar à vista da sua Benigna Protetora. Desde os princípios, em que esta Santíssima Imagem foi colocada naquela Igreja, começou logo a obrar muitas maravilhas, e milagres, e à fama deles se começaram a ver grande concurso deromeiros, que de várias partes concorriam a venerar a Senhora, e a buscar na sua intercessão o remédio de suas necessidades, e trabalhos, e de suas enfermidades e doenças. Ali na casa da Senhora vinham ter as suas novenas, e a fazer as suas rogativas.

De suas maravilhas referirei uma somente, e foi, que navegando numa ocasião com vários passageiros Antonio da Cruz um preto forro, que era senhor do mesmo Barco, no qual andava aos fretes. Este chegando perto do Santuário da Senhora do Loreto, lhe deu repentinamente um temporal tão rijo, e uma tempestade de vento, e água tão forte, que logo lhe virou o barco, em cujo perigo, e grande sobressalto, ou temor de todos se afogarem gritaram, e chamaram pela Senhora do Loreto, pedindo-lhe que lhes valesse. Logo imediatamente à invocação do seu Santíssimo Nome cessou a tempestade, e logo se viram todos livres do perigo, e o barco se viu direito, e recuperado. Isto mesmo se acha escrito num quadro, que em ação de graças por tão grande benefício ofereceram à Senhora, obrigados por tão grande benefício. Na mesma Igreja se vêem outras de várias mercês, e maravilhas que a Senhora tem obrado a favor dos seus devotos, livrando-os de grandes perigos.

É esta Santíssima Imagem da Senhora do Loreto de estatura de quatro palmos e meio, é de escultura de madeira estofada de ouro, e vê-se sobre uma peanha de menos de meio palmo. Está com as mãos levantadas e com uma coroa de prata na cabeça, e com o adorno de um manto de seda, ou tela. É tão grande a devoção, que os moradores daquela Freguesia de Madre Deus (aonde é anexa esta casa da Senhora do Loreto) lhe têm, que não uma só vez a festejam, mas duas, e com muita grandeza; e além destas lhe solenizam outras os seus devotos, em ação de graças de vários favores, que dela recebem, e desta sorte obrigam a Senhora, que sempre a acham propícia em seus trabalhos, e necessidades. Não tem esta Senhora Irmandade aprovada, tem Mordomos, que se elegem todos os anos, e todos a desejam servir, e empregar-se nos seus obséquios. As suas festividades, se lhe fazem nos dias da festa do Natal do Senhor, por ser o tempo mais acomodado para elas. Desta Senhora faz menção na sua Relação o Pároco da Senhora da Madre de Deus, o licenciado João Rodrigues de Figueiredo.

(Este material foi-nos repassado por Myriam Vilarinho, descendente deste Francisco da Costa através de D. Joana Angélica de Menezes Doria; ver à pág. 68.)

⁸⁸O casamento deste Francisco Vaz da Costa com uma Clemência Doria é indubitável,

filho conhecido:

22. FERNÃO VAZ DA COSTA, referido nos nobiliários como FERNÃO VAZ DA COSTA DORIA. C.c. D. Inácia de Azevedo, filha de Cristóvão Vieira Ravasco e de s.m. Maria de Azevedo, e irmã de Bernardo Vieira Ravasco e do padre Antonio Vieira. Jaboatão diz que se casaram em 14.11.1648. Foi este Fernão Vaz da Costa vereador em Salvador em 1651 [66].

Cristóvão Vieira Ravasco era filho de Baltazar Vieira, o *Ravasco* (ravasco: “brigão”), “que tivera conversação com uma mulata, da qual nascera um filho,” esse Cristóvão. Maria de Azevedo era filha de Braz Fernandes, armeiro de Filipe III, e neta de Gonçalo Fernandes. Estes Vieiras eram serviçais dos alcaides-mores de Alegrete, de origem obscura até passarem ao Brasil, onde se educa o grande Antonio Vieira, irmão de D. Inácia de Azevedo.

Em 12.11.1652 Cristóvão Vieira Ravasco pede para este seu genro o ofício de escrivão dos agravos e apelações cíveis da relação da Bahia, de que era proprietário. Foi-lhe concedido, a Fernão Vaz, o ofício, em 19.8.1654.

Pais de:

1. Francisco de Abreu da Costa, que segue.
2. Manuel de Sá Doria Ravasco. Casado com D. Inês de Sequeira. Recebeu sesmaria por alvará de 17.10.1673, certamente junto com o irmão.⁸⁹
Teve este Manuel de Sá Doria Ravasco um filho:⁹⁰
 - (a) José Vieira Ravasco, n.c. 1680–1685, † 2.4.1745, também detentor da patente de capitão. Talvez fosse este o José *da Costa Doria*, neto de Fernando Lemos Palha (casado com uma Costa Andrade de Sequeira), e parente do Dr. José Borges de Sequeira, sobrinho do Palha, que serviram ao mesmo Palha como testamenteiros quando este Fernando de Lemos Palha morreu em 30.7.1735 ([15], p. 763).
3. (Conjectural.) D. Antonia de Sá Doria, que c.c. João de Goes Pizarro.

P.d.:

- (a) Bernardino de Sá Doria. N.c. 1689.⁹¹ Dele se sabe que em 14.10.1735 comparece nos autos de justificação testemunhal sobre fatos alega-

porque referido em fontes documentais, como p.e. o testamento e inventário de seu irmão Antonio de Sá Doria. Segundo Jaboatão, casara com sua tia Clemência Doria, a *moça*, irmã de sua mãe, mas isto parece pouco provável, porque a tia Clemência Doria n. 1565, e esta Clemência não deve ter nascido antes de 1585, dada a fertilidade do casal. A mulher deste Francisco Vaz da Costa pode, sim, ter sido uma prima, o que parece razoável, e como o ramo das *Clemências* está nos descendentes de Luiza Doria, supusemos que fosse sua mulher uma filha de Braz da Silva de Meneses. Note-se que seus irmãos conhecidos também se casaram com primas, iniciando uma política endogâmica nos casamentos familiares que persiste até o século XIX.

⁸⁹Fonte: Calmon ([15], p. 451) cita um Manuel de Sá Doria Ravasco, capitão do regimento novo em 1687, marido de Inês de Sequeira. Certamente não é o abaixo, que nasceu em 1676.

⁹⁰Citado por Calmon no mesmo lugar.

⁹¹Aqui colocado devido ao prenome, típico dos Ravascos, e ao apelido.

dos por Francisco Machado.⁹² C. no Rio em 1719 c. Francisca de Oliveira, viúva, filha de Antonio Pereira, onde lemos o nome dos pais deste Bernardino.⁹³

23. FRANCISCO DE ABREU DA COSTA. N.c. 1650. Morador com a mulher em Itaparica, vendeu em 1673 na casa de D. Leonor Ximenes de Aragão, viúva de Mateus Lopes Franco, terras que possuíam na ilha, “quatro braças e quatro palmos de terra que tinham na praia que vai das Olarias ao convento de Santa Teresa” ([15], p. 451). No mesmo ano, 1673, adquiriu uma sesmaria. Em 1687 foi feito capitão da ordenança do distrito de Patatiba.

Era proprietário do ofício de escrivão dos agravos, quando em 15.2.1698 se queixa ao Conselho Ultramarino que desejam dele remover a serventia. Deve ter morrido em 1698 ou em 1699.

Jaboatão conta que matou de cruel morte à mulher, D. Ana de Menezes e Castro, e que suicidou-se com peçonha na prisão, sendo degolado em estátua. Não se acham outras referências, além de Jaboatão, a este episódio, que pode ter contornos lendários.

Casou-se com D. Ana de Menezes e Castro, ou Ana Maria de Menezes e Castro, filha de Rui Dias de Menezes e de s.m. D. Guiomar Ximenes de Aragão, † D. Guiomar em 8.7.1708. N.p. de Damião Dias de Menezes, e de s.m. D. Ana de Castro do Rio, filha de Tomé de Castro do Rio, bastardo de Luiz de Castro do Rio, filho este por sua vez de Diogo de Castro do Rio, comerciante muito rico, amigo e financiador de D. João III, casado com uma flamenga. Era D. Ana de Menezes e Castro n.m. de Mateus Lopes Franco, cristão-novo, cripto-judeu, filho de Francisco Lopes Franco e de s.m. Guiomar da Maia, todos cristãos-novos alentejanos, comerciantes. Mateus Lopes Franco foi remetido preso em 1619 para Portugal, mas voltou perdoado ao Brasil em 1626. Apesar de herói da luta contra os holandeses, foi de novo preso pela inquisição em 1646, estando liberado em 1647. Morreu antes de 1657. Era sua mulher D. Leonor Ximenes de Aragão.

D. Ana de Menezes e Castro era bn.p. de outro Rui Dias de Menezes, escrivão da fazenda e secretário das mercês em Portugal, e de s.m. D. Ana de Faria; tn.p. de Duarte Dias de Menezes, também escrivão da fazenda, e de s.m. Brites de Carvalho, filha do chanceler-mor do reino, Gaspar de Carvalho; e 4n.p. de Damião Dias, cristão-novo nobilitado por D. João III, escrivão da fazenda daquele rei, que lhe deu armas novas com o apelido *Ribeiro*, e de s.m. D. Joana de Menezes, filha bastarda de D. Duarte de Menezes, capitão de Tânger e governador da Índia, havida em Clara Morena de Bivar, castelhana. Duarte de Menezes era filho de D. João de Menezes *o trigo*, primeiro Conde da Tarouca, mordomo-mor de D. João II, e de s.m. D. Joana de Vilhena; neto de D. Duarte de Menezes, Conde de Viana, e bisneto por bastardia de D. Pedro de Menezes,

⁹²*An. Biblioteca Nac.* 46, verbete 9319 (1924). Seria este Francisco Machado algum seu parente?

⁹³Seria com certeza o *Bernardo Machado* Doria, que aparece como vereador em Salvador em 1717 [66], junto a José Pires de Carvalho e Antonio de Araújo Goes; o nome diverso pode resultar de má leitura.

Conde de Viana. Para esta longa genealogia, ver Jaboaão [15], p. 449 e notas.⁹⁴

⁹⁴De todas estas famílias, a mais interessante é a dos Ximenes de Aragão. Começam os Ximenes de Aragão num casal castelhano, cristãos-novos os dois, Fernão Ximenes e s.m. Joana Nunes de Aragão. Viviam na Covilhã no século XV. Seu neto Duarte Ximenes de Aragão vivia na Covilhã nos começos do século XVI; depois, recebeu o grau de doutor em Coimbra, e se achava em Lisboa em 1530, casado com Isabel Rodrigues da Veiga, irmã do Dr. Tomé Rodrigues da Veiga, lente em Coimbra, e filhos do médico Rodrigo da Veiga, médico da câmara de D. Manuel o *Venturoso*. Todos cristãos-novos. O primogênito do Dr. Duarte Ximenes, Fernão Ximenes de Aragão, nasceu em 1526. Grande comerciante nas praças de Colônia e Antuérpia, passou em 1593 a Florença. Recebeu, junto com os irmãos, um inusitadíssimo *motu proprio* de Sixto V (Felice Peretti):

O papa Sixto V, atendendo nos serviços por Fernão Ximenes prestados aos católicos de Flandres, deu-lhe a ele e a seus irmãos um breve de motu proprio, em que os declara cristãos-velhos, e hábeis para todas as dignidades, assim eclesiásticas como seculares, tirando a todos os fiéis a liberdade de darem a este breve outra interpretação, agregando todos os irmãos e irmãs, à sua família dos Peretti, para que pudessem usar do seu apelido e das suas armas, derogando todas as leis, constituições, decretos, breves apostólicos, e decisões de concílios, que se pudessem alegar contra a validade do dito breve, datado de Roma a 15 de agosto de 1586 e confirmado por Filipe III em 1619.

Rui Nunes Ximenes, outro dos irmãos de Fernão Ximenes, † em Florença em 1601, casado com outra judaizante, Grácia Rodrigues de Évora. Seus descendentes casam-se na aristocracia florentina: nos Mancini, Antinori, Bartolini, e nos Medici, ramo dos marqueses della Castellina.

O terceiro irmão, Tomás Ximenes de Aragão, nasceu em Lisboa em 1534. Comerciante como os irmãos, casou com Teresa Vasques de Elvas, filha de Antonio Fernandes de Elvas, cristão-novo muito rico, ancestral dos marqueses de Penafiel e tesoureiro da infanta D. Maria, filha de D. Manuel. Filho destes foi Duarte Ximenes de Aragão, casado com sua parenta Catarina da Veiga. Tiveram uma filha de nome Leonor Ximenes de Aragão, n.c. 1590, que, supomos (embora não o diga assim Julio de Castilhos) fosse a Leonor Ximenes supra.

Em geral, todos serviam como funcionários *doublés* de comerciantes e banqueiros. Deles nos conta J. G. Salvador:

... um consórcio de cristãos-novos assume o contrato [da pimenta]. É gente de alto coturno nos negócios de Portugal, cujo interesse se enfocou na importação e na exportação de artigos de luxo e de matérias-primas: pólvora, especiarias, pedras preciosas, açúcar, etc. Têm representantes no oriente, em Angola e nas demais conquistas. Como estão entrelaçados por uniões matrimoniais, dominam alguns dos melhores setores da economia nacional. Veja-se o caso da pimenta. Em 1592, subscrevem um contrato por cinco anos com a coroa Tomás Ximenes, neto do Dr. Rodrigo da Veiga e genro do mercador Antonio Fernandes d'Elvas, o qual, por sua vez, o é de Jorge Roiz Solis; o parente André Ximenes; Duarte Furtado; Luiz Gomes d'Elvas (parente dos Fernandes d'Elvas); Heitor Mendes, conhecido por o rico, cujo filho se casou com Luiza Fernandes d'Elvas, e finalmente Jorge Roiz Solis. Eles se comprometiam a trazer da Índia em cada ano 30.000 quintais de pimenta, cobrando-a a 12 cruzados, além de mais 4 alusivos ao frete. Com outras despesas, montava o preço a 24 cruzados. O lucro era excelente, porque no ano de 1594 chegou a alcançar até 54 cruzados. Uma vez vencido o prazo deste contrato, não o quiseram renovar, mas fizeram outra proposta, que foi aceita. Comprariam ao preço de 80 cruzados toda a pimenta que chegasse a Lisboa no ano em curso, ou seja, 1598. O que mais desejaria el-rei? Porém a morte de Filipe [II], o acerto das contas com os rendeiros, o falecimento de Heitor Mendes e de Tomás Ximenes em 1600 transtornaram os ajustes de parte a parte. No ínterim, levantou-se uma longa pendência, cujo trâmite perdurou até 1634, pelo menos...

(Entre colchetes pequenos acrescentamentos.) Este, o contexto no qual se dá o casamento

Pais, Francisco de Abreu da Costa e Ana de Menezes e Castro, de:

1. Manuel de Sá Doria, que segue;
2. D. Inácia de Menezes, que † 12.11.1737. C.c. Antonio Carneiro da Rocha, c.g. de apelido ‘Menezes Doria,’ c.g. no § 2;
3. D. Francisca de Menezes Doria, s.m.n.
4. D. Isabel Bárbara de Menezes, que c.c. Antonio de Melo de Vasconcelos, c.g. mas sem o nome *Doria*.⁹⁵

Antonio de Melo de Vasconcelos era filho de Jorge de Melo de Vasconcelos e de s.m. Isabel Cordeiro (viúva, † 20.7.1679). Antonio e D. Isabel Bárbara foram os pais de (segundo Jaboatão):

- (a) José de Melo, Antonio, e João de Melo.
- (b) D. Mariana de Melo, que c.c. Antonio Moniz Barreto, † este em 12.10.1692. S.m.n.

24. MANUEL DE SÁ DORIA ou MANUEL DE SÁ DORIA RAVASCO. Capitão da ordenança de Itaparica em 1695? N. 1676.⁹⁶ Vivia em 1700, e morreu logo em seguida. Herdou do pai o ofício na relação da Bahia, em 1698. C.c. D. Mariana da Rocha da Fonseca, filha de Luiz Carneiro da Rocha e de s.m. D. Jerônima da Silva.⁹⁷

P.d. (única):

desta Ximenes de Aragão e Dias de Menezes com o Costa Doria. Apontaria a uma origem cristã-nova dos Vaz da Costa/Mendes da Costa?

⁹⁵Jaboatão coloca-a filha de outro Francisco da Costa, numa geração anterior, mas a data do casamento de uma sua enteada, 1690, e o apelido *Menezes* a coloca aqui; o engano do frade é óbvio.

⁹⁶Seu batistério, encontrado no processo que o colocou em 1698 no ofício paterno:

Aos vinte e oito de setembro de mil seis sentos setenta e seis baptizei & pus os Sanctos oleos na capella de Nossa Senhora da Ajuda a Manoel filho de Francisco de Abreu e de sua mulher Dona Ana, foram padrinhos o capitam João de Velasco Sarmento e o Pe. Coadjutor Antonio Vieyra.

⁹⁷Jaboatão cita o que parece ser a verba na abertura de seu testamento ([15], p. 448; [69]):

Manuel de Sá Doria Ravasco, natural desta cidade da Bahia, filho legítimo do sargento-mor Francisco de Abreu da Costa Doria e de sua mulher D. Ana de Menezes, casado com D. Mariana da Rocha da Fonseca, filha do capitão Luiz Carneiro da Rocha e de D. Jerônima da Silva, de cujo matrimônio houve uma filha, por nome D. Ana de Menezes, e sobrinho do coronel Gonçalo Ravasco Cavalcanti de Albuquerque. Declaro que sou neto por linha legítima da parte materna de Ruy Dias de Menezes, e bisneto de Damião Dias, e pela paterna quarto neto de Clemência Doria, sobrinha do príncipe André Doria, cuja senhora casou nesta Bahia com o sobrinho de D. Duarte da Costa, tronco da casa do armeiro-mor e Condes de Soure, e neto de D. Inácia de Azevedo, irmã do padre Antonio Vieira, e de Fernão Vaz da Costa Doria. . .

25. D. ANA DE MENEZES E CASTRO, † 10.12.1760. C.c. seu primo Nicolau Carneiro da Rocha, n. em Vera Cruz de Itaparica, filho de Bernardo Carneiro da Rocha (irmão de Mariana da Rocha da Fonseca, mulher do segundo Manuel Doria Ravasco, supra), capitão de cavalos em Itaparica e depois coronel ao sul, em Camamu, e de s.m. D. Guiomar de Sousa, † 20.9.1741, filha esta de Jácome Caldeira da Silva e de s.m. D. Maria da Rocha Zurria.

O rei prometera, em 1702, vincular o ofício de escrivão dos agravos da relação da Bahia ao dote de D. Ana de Menezes, filha única. Nicolau Carneiro da Rocha tomou posse neste ofício em 10.2.1725, presumindo-se então que haja se casado um pouco antes. Depois de sua morte, casou-se D. Ana de Menezes e Castro novamente, com Bernardo Franco da Silva ([15], p. 755).

Pais, Ana e Nicolau, de:

26. NICOLAU CARNEIRO DA ROCHA E MENEZES, de quem descendem os *Carneiros da Rocha* de hoje na Bahia. N. 23.9.1736. Requereu suceder ao pai no ofício de escrivão dos agravos e apelações cíveis da relação da Bahia em 1742, ocupado interinamente pelo padrasto e tutor, Bernardo Franco da Silva, com aquiescência deste. Foi atendido em 6.10.1742, e confirmado em 28.1.1777. Tornou-se irmão da Santa Casa da Misericórdia em 10.4.1769.

C.c. Bárbara da Rocha e Sousa, filha do tte-gal. João da Rocha Roxo e de s.m. Leonor de Souza. † Bárbara em 4.3.1766.

P.d.:

27. NICOLAU CARNEIRO DA ROCHA E MENEZES, capitão, Tenente-cel. em 1798, Cel. do segundo regimento de milícias. Foi vereador em Salvador em 1799. C.c. sua prima, abaixo, D. Caetana Josefa Herculana de Matos, filha do Cel. Antonio José de Souza Portugal e de s.m. D. Luiza Arcângela de Menezes, abaixo à pág. 52. Pediu, e entrou na posse do ofício de escrivão que fora do pai por alvará de 25.9.1801. Em 1808 hospedou em sua casa o Conde da Ponte, governador e capitão-geral da capitania. Reformou-se como brigadeiro, por motivos de saúde, em 1811. Em 14.6.1824 fez parte do conselho para deliberar sobre a defesa da província; † 14.4.1830.

Tiveram um filho, *Nicolau Carneiro da Rocha*, que c.c. D. Ana Soares, e foram os pais de *Antonio Carneiro da Rocha* (1842–1925), ministro da marinha e da agricultura (1882, 1884), senador no império (1889), etc. ([15], p. 755 e s.) Um neto deste último, *Armando Carneiro da Rocha*, c. em 14.12.1918 c. Heloisa Tourinho Junqueira Ayres. Todos c.g. ampla na Bahia e no Rio.

2 *Carneiro da Rocha*

24. D. INÁCIA DE MENEZES E CASTRO, filha de Francisco de Abreu da Costa, à pág. 48, casou-se com Antonio Carneiro da Rocha, filho do capitão Luiz Carneiro da Rocha, n. do Porto (Portugal), e de s.m. Jerônima da Silva; n.p. do capitão de mar e guerra José Carneiro de Freitas e de s.m. Mariana da Rocha da Fonseca, nn. Porto. Antonio Carneiro da Rocha estudou cânones em Coimbra,

de 1678 a 1687 ([15], p. 754). Deve assim ter n.c. 1658, e sua mulher após 1676; e devem ter casado c. 1695.

Pais, Antonio e Inácia, de:

1. Luiz Carneiro de Menezes, que segue;
2. D. Bernarda de Menezes Doria, que c.c. Antonio Barbosa Leal, filho de Antonio Barbosa de Vasconcellos, irmão da Misericórdia em 1704, e de s.m. Joana de Góes, casados no convento de S. Francisco em 2.3.1696; n.p. do Cel. Pedro Barbosa Leal e de s.m. D. Antonia Maria de Vasconcellos; n.m. de José de Góes de Araújo e de s.m. D. Isabel Teresa de Góes.

Pais de:

- (a) D. Inácia Maria de Menezes Doria.
 - (b) D. Joana de Sá Doria.
 - (c) Pedro Barbosa Leal, Bernardino Barbosa Leal e Matias Barbosa Leal.
 - (d) José Vicente Barbosa Leal. N. 1774, pois alegou em 1823 ter 49 anos. Capitão de auxiliares, pedia o hábito de Cristo, diz Calmon ([15], p. 723).
3. D. Maria Madalena de Sá Doria, que c.c. Diogo de Sá Barreto, de quem foi 2a. mulher, filho de Gaspar Maciel de Sá, s.g.

25. LUIZ CARNEIRO DE MENEZES, capitão–mor, casou–se com D. Angela de Menezes, filha do Dr. João Álvares de Vasconcellos, que era irmão de D. Maria de Vasconcellos mulher de Manuel Gomes Dias (§ 5) e formado em Coimbra em 1693, médico do presídio da cidade da Bahia em 29.6.1696. ([15], p. 230.) Era o dito médico c.c. D. Antonia Teles de Menezes. D. Angela de Menezes era n.p. de Mateus de Aguiar Daltro, ou Aguiar de Álvaro, e de s.m. D. Maria de Vasconcellos; n.m. do sargento–mor Marcos de Bittencourt, vivo ainda em 1672, e de sua segunda mulher D. Angela de Menezes, outra do nome, irmã do alcaide–mor Francisco Teles de Menezes.

Francisco Teles de Menezes, e sua irmã D. Angela, supra, eram, enfim, filhos de Mateus Pereira de Menezes e de s.m. D. Isabel de Almeida.⁹⁸

⁹⁸Biografia deste alcaide de vida trágica: nasceu Francisco Teles de Menezes em 1635. Capitão de infantaria, viajando a Portugal foi aprisionado por piratas, que no entanto logo o libertaram. Comprando a Bernardo de Miranda Henriques a alcaidaria–mor da cidade da Bahia, tornou–se devido a seu gênio intrigante e maldoso um personagem odiado a ponto de originar uma insurreição em Salvador, na qual morreu. Assim relatam–se os fatos no livro de F. Borges de Barros, *À Margem da História da Bahia*:

O tumulto de 1682 foi provocado pelo alcaide–mor Francisco Teles de Menezes, que, por seu gênio rancoroso, caiu na antipatia do povo, sendo assassinado. Devido a uma conspiração em que tinha tomado parte na Bahia em 1667, foi preso e remetido para Portugal, onde após algum tempo comprou a alcaidaria–mor e voltou mantido neste cargo com Alexandre de Souza Freire, quando este veio em 1668 como governador. O novo alcaide–mor grangeou mais ódios pelo defeito de uma língua imodesta e de um ânimo vingativo. Vindo Antonio de Souza Menezes, apelidado o Braço de Prata, com quem Francisco Teles de Menezes,

Mateus de Aguiar de Altero, supracitado, casou-se com D. Maria de Vasconcellos em Cotegipe em 23.1.1652.⁹⁹

Os Aguiares de Altero,¹⁰⁰ uma família de proprietários de terras, senhores das áreas que desciam do Carmo, no alto do Pelourinho, até Água de Meninos, foram, na pessoa de um dos dois Cristóvão de Aguiar de Álvaro, do século XVI, os fundadores da Capela de N. S. da Piedade, hoje incluída na igreja conventual do Carmo, em Salvador, onde esta família dos Aguiares de Álvaro, e depois dos

quando esteve em Lisboa, havia contraído amizade, como governador da Bahia, o alcaide-mor, preponderando sobre ele, deu curso às suas vinganças. O resultado foi que em junho de 1682 foi acometido na rua, atrás da Sé, por uns mascarados que, depois de dispararem os bacamartes, um deles tirou a máscara mostrando ser Antonio de Brito de Castro; avançou à serpentina em que ia Francisco Teles e deu-lhe um golpe mortal no pescoço, seguido de outro que lhe aplicaram os seus sequazes, vindo a falecer horas depois.

O assassino escondeu-se no convento dos jesuítas, razão por que o governador prendeu vários deles, enchendo as prisões de pessoas do povo. A cidade ficou convulsionada, repetindo-se os conflitos até que chegou o marquês das Minas, que restabeleceu a ordem.

⁹⁹ Era ele filho de Custódio Nunes, senhor de um engenho em Cotegipe, e de s.m. D. Ana de Figueiró, dado Custódio como judaizante; D. Maria de Vasconcellos era filha do trágico Bartolomeu de Vasconcellos *o Má Pele* e de s.m. D. Luiza Pacheco. De ascendência ilustre (pela qual se chega aos Perestrellos, e a Cristóvão Colombo como um colateral, bem como a S. Luiz pelos Lacerdas), Bartolomeu de Vasconcellos, que segundo Macedo Leme se acha enterrado no Carmo, era filho de Paulo de Carvalho de Oliveira, que matou brutalmente a Francisco de Barbuda em 1607, e foi por este crime—no qual teve a ajuda do filho, que assim ficou chamado *o Má Pele*—condenado à morte e degolado à maneira portuguesa, em alto cadafalso e com cadeia no pé, em 7.10.1614 em Salvador.

Chega-se a Cristóvão Colombo através dos Oliveiras e Vasconcellos: Paulo Carvalho de Oliveira, n. em 1557, e era c.c. Francisca de Aguiar de Spinoza, † 17.7.1633, filha de Cristóvão de Aguiar de Álvaro *o velho*. Paulo Carvalho de Oliveira era filho segundo de Antonio de Oliveira Carvalho e de s.m. Luzia de Melo de Vasconcellos. Esta era filha de Troilo de Vasconcellos e de s.m. Iria de Mello, filha de Diogo de Mello da Cunha; Troilo de Vasconcellos era filho de Heitor Mendes de Vasconcellos e de s.m. Catarina Correa, filha de Pedro Correa da Cunha, senhor da Graciosa, dos de Farelães, e descendente dos Pereiras de la Cerda (que provinham de S. Fernando de Castela e de S. Luiz de França através de Martim Gonçalves de la Cerda, bastardo de D. Juan de la Cerda (1327–1357) e da judia Sol Martínez). Martim foi pai de Isabel Pereira de la Cerda, casada com Gonçalo Correia e pais de Pedro Correia. Heitor Mendes de Vasconcellos era filho de Mem Rodrigues de Vasconcellos e de s.m. Catarina Furtada de Mendoça, filha de Bartolomeu Perestrello, descobridor em 1419 da ilha de Porto Santo e seu donatário desde 1420, e de sua mulher Beatriz Furtada de Mendoça. Falecendo Beatriz, casou-se Bartolomeu Perestrello com Isabel Moniz, parente de Vasco Martins Moniz, tronco madeirense dos Monizes, e teve como filha a Filipa Moniz, que se casou com Colombo.

D. Luiza Pacheco, mulher de Bartolomeu de Vasconcellos, descendia do *Caramuru*. Era filha de Francisco Fernandes Pacheco, e de s.m. Violante de Araújo, e por esta neta de Manuel Correa Brito e de s.m. Mícia de Figueiredo Mascarenhas, † 18.8.1614, sepultada em N.S. da Ajuda. E era Mícia de Figueiredo filha de João de Figueiredo Mascarenhas, *o buatacá*, “cobra caçadora,” bombardeiro que chegou ao Brasil com Tomé de Sousa, que o armou cavaleiro, e de s.m. Apolónia Álvares, filha de Diogo Álvares *Caramuru*, que chegou ao Brasil como naufrago em 1509 e † em 5.10.1557, e de s.m. Catarina Álvares, a suposta *Guaimbimpará* filha de Taparica, † 20.1.1583. Mais detalhes à pág. 144.

¹⁰⁰ Pedro de Aguiar de Altero, citado logo a seguir, era irmão de Cristóvão de Aguiar de Altero, mencionado neste *caput*. Dez anos após os incidentes que se narram em seguida, na primeira década do século XVII, os supracitados Antonio e Sebastião estavam casados e com filhos.

Vasconcellos do *Má Pele*, tem sepultura.

Estes Álteros comparecem nos documentos históricos do século XVI em alguns episódios escabrosos cujo registro se fez nas confissões da primeira visitaçãõ do santo ofício à Bahia, em 1591–1592.¹⁰¹

D. Angela de Menezes † 12.7.1749 [5]); foi “amortalhada em uma mortalha branca,” e dada à sepultura na capela de N. S. da Conceição do Pouco Ponto, filial da matriz de N. S. do Monte (Recôncavo). Encomendada pelo pe. José Barbosa de França [5].

Pais, Luiz Carneiro e D. Angela, de:

1. D. Luiza Arcângela de Menezes, n. antes de 1730, c.c. Antonio José de Souza Portugal, filho do Cel. Manuel Domingues Portugal e de s.m. D. Josefa Maria de Mariz Girão.¹⁰²

Pais de:

¹⁰¹O depoimento de Antonio de Aguiar de Áltero, feito perante o inquisidor Furtado de Mendonça em 5.2.1592 dá uma idéia dos *mores* tropicais, ao fim do primeiro século do Brasil:

Dize [Antonio de Aguiar de Altero] ser cristão velho natural desta Bahia filho de Pero d'Aguiar d'Altero e de sua molher Custodia de Faria morador com elles em Matoim deste reconcavo de idade de vinte anos solteiro

e confessando dize que averá seis annos pouco mais ou menos que sendo elle de idade de treze ou quatroze annos e sendo seu irmão mais moço de idade de doze ou treze annos dormiam ambos juntamente em hũa cama, hum mamaluco foro criado em casa per nome Marcos que então seria de idade de dezasete ou dezoito annos se hia de noite da sua rede em que dormia as vezes por ssim mesmo as vezes chamado por elles deitar sse com elles na sua cama o qual se deitava anitre elles irmãos e chegarão acontecer lhes que elle Marcos e elle confessante peccarão ho peccado nefando deitando-se elle confessante de bruços e sobre elle se deitava o ditto Marcos metendo seu membro deshonesto pello vaso trazeiro delle confessante e comprindo nelle por detraz como home com molher por diante cõossumando e efectuando o peccado de sodomia

e pello semelhante modo fazia elle confessante lançando-se tambem de barriga o ditto Marcos e elle confessante pondosse em cima delle por detras dormindo com elle carnalmente como home com molher penetrando com seu membro o vaso trazeiro do ditto Marcos e comprindo dentro em seu vaso trazeiro efectuando o dicto peccado de sedomia de maneira que alternados o faziã

e isto lhes aconteeço a cada hum delles algũas quinze ou vinte vezes em espaço de hu mes que poderia durar esta deshonesta conversaçãõ e que duas vezes emtenderão elles que o ditto seu irmão Bastiam d'Aguiar que com elles estava na cama os sentio e entendeo o que elles faziam pello que o ditto Marcos se pos tambem sobre o ditto seu irmão na mesma feição sodomitica e essas duas vezes sentio elle confessante ao ditto seu irmão Bastiam d'Aguiar e ao ditto Marcos ajuntarem se ambos amigavelmente nas mesmas posturas de sodomia mas não sabe se ambos consumarão o ditto peccado, e das dittas culpas disse que pedia perdãõ ([2], pp. 152 e ss.)...

¹⁰²Em resumo, é isto o que dele conta Calmon ([15], p. 231): capitão do regimento velho, sucessor de Domingos Borges de Barros como ajudante de ordens, de 1756 a 1759. Passou então a sargento-mor do regimento novo. Em 1770, Tenente-cel. de infantaria. Em 1777 alegava 40 anos de serviço militar, o que nos sugere haja nascido c. 1720, ou um pouco antes; servira 28 anos na Bahia em 1777 (portanto, lá chegou em 1749). Alcançou o coronelato de um regimento de linha em 1790; † 1795. Estimamos tenha casado c. 1750.

- (a) D. Caetana Josefa, que c.c. seu primo o capitão Nicolau Carneiro da Rocha, acima, pág. 49, c.g., os *Carneiros da Rocha*.
- (b) Pedro Alexandrino de Souza Portugal. Quando capitão, casou na freguesia do Pilar em 15.8.1787¹⁰³ com D. Luiza Rosa de Gouveia, † testada em 6.5.1836, filha do tte. Antonio Nunes de Gouveia, do regimento de artilharia auxiliar. P.d.:
- i. José Maria de Gouveia Portugal, † em 4.11.1839, inventariado em 1840. C.c. . . . P.d.:¹⁰⁴
 - A. José Maria de Gouveia Portugal, maior em 1840; n. antes de 1819.
 - B. João Gualberto de Gouveia Portugal, maior em 1840; n. antes de 1819.
 - C. D. Olimpia Rosa de Gouveia Portugal, n. antes de 1819.
 - D. D. Lucrecia Rosa de Gouveia Portugal, n. antes de 1819.
 - E. D. Luisa Bruna de Gouveia Portugal, n. antes de 1819 e c.c. o Dr. Herculano Cercundes [?] de Carvalho.
 - F. D. Joana da Matta de Gouveia Portugal, n. em 1820.
 - G. D. Camila Rosa de Gouveia Portugal, n. em 1821.
 - H. D. Lucia Caia de Gouveia Portugal, n. em 1824.
 - I. D. Germana Rosa de Gouveia Portugal, n. em 1826.
 - J. Nicolau Tolentino de Gouveia Portugal, n. 1828.
 - K. D. Cecilia Rosa de Gouveia Portugal, n. 1829.
 - L. Pedro Alexandrino de Gouveia Portugal, n. 1830.
 - M. Antonio Nunes de Gouveia Portugal, n. 1832.
 - N. Daniel Eduardo de Gouveia Portugal, n. 1833.
 - O. D. Maria do Carmo de Gouveia Portugal, n. 1834.
 - ii. D. Maria do Carmo de Sousa Portugal, que em 1814 c.c. Domingos Borges de Barros, Visconde de Pedra Branca. Foi então filha deste casamento D. Luiza Margarida de Portugal e Barros (n. 1816, † 1891), Condessa da Pedra Branca, Condessa de Barral e Marquesa de Montferrat pelo seu casamento com Horace de Barral (1812–1868), Conde e Marquês daqueles títulos. C.g. do casamento. Como é bem sabido, a Condessa de Barral foi a companheira íntima—*maitresse en titre*, digamos—desde 1856, de Pedro II, no Brasil e depois no exílio.

Pedro Alexandrino de Souza Portugal esteve envolvido numa disputa com Felisberto Caldeira Brant, inspetor-geral militar na Bahia, desacatando-o, sofrendo corte marcial e sendo absolvido graças à influência de seus parentes.

¹⁰³Segundo Calmon [15].

¹⁰⁴Fonte: [1], p. 244.

2. Vicente Luiz Carneiro de Menezes, que c.c. sua prima D. Maria Francisca de Aragão e Menezes, filha do Cel. José Luiz da Rocha Doria (n. 1730, † 1796), e de s. primeira m. D. Isabel de Aragão, à pág. 63. P.d.:
 - (a) José Xavier Carneiro de Menezes Doria.¹⁰⁵
3. Custódio de Aguiar de Vasconcellos, c.c. D. Clara Maria do Espírito Santo, filha do cap. Simão de Avelar, n. 1689, e de s.m. D. Antonia de Freitas Martins. P.d.:
 - (a) Luiz Carneiro de Menezes.
 - (b) Simão Carneiro de Menezes.
4. D. Ana de Menezes e Castro. N. pouco antes de 1730, com certeza era a *D. Ana de Menezes Doria*, † em 13.2.1802 “com 75 anos,” conforme o assento, dada como branca, viúva de Luiz Marques. Foi sepultada no Convento *Peruaçu*, conforme o assento, isto é, Convento de Santo Antonio de Paraguaçu, em Iguape [4].
5. D. Francisca Xavier de Menezes Doria, que n.c. 1740. C. em 1763 c. seu parente, o viúvo José Luiz da Rocha Doria, filho de Manuel da Rocha Doria e de s.m. D. Ana Maria de Jesus e Vasconcellos. Ver à pág. 63.

3 *Argolo de Meneses, Vargas Cirne*

21. ANTONIO MOREIRA DE MENESES,¹⁰⁶ à pág. 38, filho segundo de Antonio Moreira da Gamboa, fidalgo da casa real, e de D. Antonia de Meneses, foi irmão de maior condição da Santa Casa da Misericórdia da Bahia (Salvador), em 21.4.1671; dado como capitão, natural da freguesia do Passé, juiz ordinário da câmara de Salvador em 1691. C.c. D. Ana de Argolo, bat. em 19.2.1650, nat. do Socorro, filha de Rodrigo de Argolo e de s.m. Isabel Pereira de Magalhães. P.d.:

1. José de Argolo de Meneses. Segue.
2. Bartolomeu de Argolo de Meneses. Casou (1) na capela de Santo Antonio do Socorro, em 29.1.1715, com a concunhada D. Antonia Isidora Maria Bezerra de Vargas Cirne, † 18.8.1730. Foi admitido como irmão de maior condição da Santa Casa da Bahia em 1733. Era senhor do engenho “Taguipe.”¹⁰⁷ Estava como sargento-mor de Santo Amaro em 5.8.1748, e foi juiz ordinário (de S. Francisco?); † 10.7.1764. P.d.:
 - (a) D. Ana, n. em S. Francisco do Conde e † solteira em 13.5.1731.

¹⁰⁵Reformado no posto de capitão do regimento de milícias da vila da Cachoeira, 26.10.1820. (AN, Reg. ger. mercês, fls. 12, col. 137.) Hábito de Cristo, Rio, 5.4.1826. (AN, livro 11, D-158, col. XV, fls. 5v.) Cav. da Ordem do Cruzeiro, 19.3.1826.

¹⁰⁶Fontes para este parágrafo são [15] e [14].

¹⁰⁷Seria Jacuípe? Ou Itacuípe?

- (b) Fr. João de Argolo, n. em S. Francisco do Conde, carmelita na Bahia.
- (c) D. Maria, n. em S. Francisco do Conde e † menor, em 12.10.1718.
- (d) Rodrigo de Argolo Vargas Cirne de Meneses, n. em S. Francisco do Conde. Bat. em 1.5.1722 no Monte, padrinhos os irmãos João e Ana (?). Irmão de maior condição da Santa Casa da Bahia em 1726, foi expulso por incivildade em 1762, e readmitido em 1763. Escrivão da Casa da Moeda em 8.5.1780, Cel. do regimento auxiliar de Salvador em 1770, † em 25.6.1795, aos 74 anos. Doou ao genro Francisco Alexandre, em 11.11.1794, o ofício de escrivão. C.c. D. Marcela da Purificação da Silva, filha de Antonio da Silva Gomes, ferreiro da Casa da Moeda e depois familiar do Santo Ofício. P.d.:
 - i. Inácio de Argolo Vargas Cirne, n. em Salvador e bat. no Monte em 1748; † em Salvador em 14.1.1811. C.c. D. Ana Joaquina de Souza de Matos, filha do cap. José de Souza de Matos e de s.m. D. Francisca P.d.:
 - A. Inácio.
 - ii. Rodrigo de Argolo Vargas Cirne de Meneses, cap. do 1o. regimento de tropas de linha, lutou em 1817 contra os insurretos de Pernambuco.
 - iii. D. Luisa Vicência da Ressurreição.
 - iv. João de Argolo, n. em Salvador e † moço, solteiro.
 - v. D. Antonia Izidora de Argolo e Meneses, c. em 20.2.1792 c. Francisco Alexandre de Freitas e Eça, filho do cap. João Marques de Faria e de D. Joana Leonor de Freitas e Eça, c.g.
 - vi. D. Ana Maria Joaquina de S. Joaquim, n. no Monte Recôncavo, bat. em 16.7.1750 e † solteira em Salvador em 22.7.1773.
 - vii. D. Maria Francisca de Argolo, † solteira, nat. da Bahia.
- (e) D. Ana Maria, bat. no Monte em 1718 e † menor em 3.5.1731.
- (f) D. Joana Barbosa de Argolo, que c.c. Estevão da Mata Gomes, † na ilha do Príncipe com os bens sequestrados, tendo ela tido permissão para se repatriar.
- (g) D. Rosa, que † menor em 8.9.1733.
- (h) D. Helena, bat. em 7.11.1729 e † com nove meses em 13.2.1730.

Casou (2) com D. Águeda Luisa Gomes de Lima, filha do cap. Manuel Rodrigues Brandão e de s,m. D. Maria Rebouças, sendo D. Águeda viúva do sargento-mor Antonio da Costa Coelho. P.d.:

- (a) Pedro de Argolo de Meneses, bat. em 2.9.1734. C.c. D. Josefa Maria
- (b) Victorino de Argolo de Meneses. Cap. de cavalos, c.c. D. Ana Inês Josefa Saldanha, † 17.11.1768, primogênita de José Borges de Siqueira. Contador e distribuidor da cidade da Bahia (Salvador), em

- 17.2.1763, familiar do Santo Ofício, em 12.11.1765. Irmão de maior condição da Santa Casa em 27.3.1763; † 29.5.1785. P.d.:
- i. D. Maria, n. 1751.
 - ii. Antonio de Argolo de Meneses, n. 1761.
 - iii. Manuel, n. 1763 e bat. 1764.
3. Vicente de Argolo de Meneses. Um dos doze cavaleiros dos jogos festivos na Bahia em 1717; cap.-mor de Jaguaripe em 23.10.1723, casou em 21.10.1726 c. D. Ana Maria Bezerra [de Vargas Cirne], irmã de suas concunhadas. P.d.:
- (a) D. Ana de Argolo Vargas Cirne, c. (1) c. José Pinto Ribeiro, † 11.5.1744, filho de Antonio Pinto Ribeiro e de s.m. D. Rosa Maria de França. Em 17.10.1774 c. (2) c. João Crisóstomo da Costa Pinto, filho do cap. Antonio da Costa Pinto e de D. Maria de Jesus José.
 - (b) D. Maria, † menina em 15.1.1728, bat. em casa.
 - (c) D. Maria, bat. no Monte em 15.1.1731.
 - (d) Francisco Xavier de Argolo Vargas Cirne de Meneses, bat. 19.5.1732. C. em 24.9.1750 c. D. Antonia Bezerra de Vargas, s.g.
 - (e) Inácio de Argolo de Meneses, bat. em 30.9.1733, solteiro.
 - (f) Leandro de Argolo Vargas Cirne de Meneses. C. em 30.8.1768 c. D. Teresa Maria de Jesus Filgueiras, filha do cap. Francisco Correia Filgueiras e de D. Maria Sofia de Jesus. Morava junto do Carmo, com cujos frades teve conflito em 1790. † em Santo Amaro, c.g.
 - (g) D. Antonia de Argolo Vargas Cirne de Meneses, n. em S. Francisco do Conde e c. em 23.2.1756 c. Francisco de Vasconcellos e Albuquerque, † em Santo Amaro em 31.5.1778. C.g.
4. Manuel Teles de Meneses. C.c. D. Isabel da Rocha, filha de Zenóbio de Almeida e de s.m. Maria da Rocha de Ávila. P.d.:
- (a) Antonio Moreira de Meneses, casado.
 - (b) Carlos José de Argolo de Meneses, casado.
 - (c) João de Argolo.
5. Rodrigo de Argolo, sacerdote.
6. D. Helena Maria de Argolo, bat. 29.6.1672, casada duas vezes: primeiro, com Bartolomeu Soares, e depois com Francisco de Negreiros Corte Real, este já viúvo de D. Antonia de Araújo de Aragão, s.g. † Francisco em 26.7.1790.
7. D. Antonia de Argolo, bat. em 31.7.1675,¹⁰⁸ no Socorro. C. primeiro com João Pereira Coronel, e pela segunda vez com Baltazar de Vasconcellos Cavalcanti de Albuquerque, s.g. dos dois casamentos.

¹⁰⁸Seu batistério:

8. D. Inês de Argolo, casada em Sergipe d'El Rei com Teodósio de Sá Brandão. S.g.

22. JOSÉ DE ARGOLO DE MENESES, dono de sesmaria de onde teria expulsado os índios, segundo carta do rei, datada de 17.1.1726, que o chama de “homem muito poderoso naqueles sítios.” Casou duas vezes.

Da primeira vez, em 4.6.1710, com sua prima (1o. grau de consaguinidade) D. Francisca de Meneses, filha de Antonio Barbosa de Araújo e de s.m. D. Mônica Serrão de Meneses. Da segunda vez, em 8.1.1727, com D. Catarina Ponciana Bezerra de Vargas Cirne, n. em S. Francisco do Conde, filha do cap. de cavalos Miguel Bezerra e de s.m. D. Maria Cerne, ou Cirne.

Do primeiro leito:

1. João de Argolo de Meneses, casado com D. Fé de Sousa, de Cairu, s.g. Por motivos desconhecidos foi degredado para Angola, onde ainda estava vivo em 8.3.1747, quando pede para de lá sair, por ter-se findado o degredo.
2. Antonio Moreira, † solteiro.

Do segundo leito:

1. Simão Manuel de Argolo, que segue.
2. José de Argolo de Meneses, bat. 15.4.1731 no Monte. Solteiro.
3. D. Maria Bernarda de Argolo de Vargas Cirne, n. em S. Francisco do Conde, que c. em 14.4.1749 c. o guarda-mor Bernardo da Silveira de Meneses, filho de outro homônimo, e de s.m. D. Antonia de Meneses. Era o segundo Bernardo cav. da Ordem de Cristo, tabelião público do judicial e notas de Maragogipe, nomeado em carta régia de 14.12.1726. P.d.:
 - (a) D. Ana Joaquina de Argolo de Meneses, n. em Santo Amaro, que em 29.1.1787 c.c. o Cel. Francisco de Araújo Bacelar e Castro, em Santo Amaro; filho de Manuel de Araújo Bacelar e Castro e de s.m. D. Leonor Pereira de Sousa. C.g.
 - (b) Caetano José da Silveira de Meneses, sr. do engenho de “Giricó,” em Santo Amaro. Em 1797 pede para lá edificar uma capela; † solteiro.

23. SIMÃO MANUEL DE ARGOLO DE MENESES, n. em S. Francisco do Conde, foi bat. em 28.12.1730 e † 1756. Juiz ordinário da Vila de S. Francisco do Conde, lavrador de canas, c.c. D. Clara Maria da Encarnação, filha do sargento-mor Antonio da Costa Coelho e de s.m. D. Águeda Luiza Gomes de Lima. P.d.:

Aos trinta e hum dias doze de Julho de mil e seiscentos e Setenta e Cinco nesta Igreja Parochial de N. Sra. do Socorro baptizey epús os Stos. O Leos a Antonia, filha de Antonio Moreira de Mendonça edesuam.er D. Annade Argolo, forão padrinhos Joanna de Argollo, e Martim Affonço de Mendonça de q fiz este as. no dia utsupra. Diogo Costa de Oliveira.

(Trasladado no familiarato de Bartolomeu de Vasconcellos Cavalcanti de Albuquerque, [8].) O nome do pai está incorreto; é Antonio Moreira de Meneses, e não de Mendonça.

1. Tomás de Argolo de Meneses.
2. José de Argolo de Meneses, bat. 16.6.1751.
3. D. Rosa Maria de Argolo.
4. D. Maria Clara Rufina d'Argolo de Meneses, que c.c. o cap. Vicente José de Sousa Lisboa.

4 *Os judeus de Itapicuru*

22. CRISTÓVÃO DA COSTA DORIA. Segundo do nome, filho de Martim Afonso de Mendonça e de sua terceira mulher D. Joana Barbosa, à pág. 39. N.c. 1667. C. em 27.11.1692 c. D. Catarina de Vasconcellos, † 2.1723, filha de Manuel Mendes de Vasconcellos¹⁰⁹ e de s.m. Brites de Sá, filha de Miguel de Sá e de s.m. Catarina Correa. C.g.—os *Mendonças*, de Itapicuru (BA).

Eram os chamados “judeus de Itapicuru”; as origens judaicas vinham-lhes dos Carvalhos Pinheiros,¹¹⁰ até onde se pode ver:

Estabelecera-se em Itapicuru uma família que diziam, não sei se com fundamento, ser de origem judaica. No entanto, todos dessa família se batizavam, ouviam missa e não desprezavam prática alguma do culto externo. Não impedia isso de correrem boatos de que eles, no interior de suas casas, maltratavam as imagens de Cristo, de Nossa Senhora e outras, tornando-se de tal modo réus dos ridículos crimes atribuídos em Portugal aos chamados cristãos-novos. [...]

¹⁰⁹Filho com certeza de outro homônimo, que lutou nas guerras contra os holandeses em Pernambuco, e depois na Bahia, com farta documentação a respeito. Esse primeiro Manuel Mendes de Vasconcellos era dos chamados *Vasconcellos do Esporão*, e o nome “Mendes de Vasconcellos” permaneceu até pelo menos o século XIX sendo usado neste ramo.

Joane Mendes de Vasconcellos, 5o. senhor do morgado do Esporão, casou com D. Ana de Ataíde, filha de D. António de Ataíde, Conde da Castanheira e principal ministro de D. João III, rei que † 1557. Dentre seus filhos estiveram Manuel Mendes de Vasconcellos, 6o. sr. do morgado do Esporão, que aos 14 anos lutou em Alcácer-Kibir (1578), e Luiz Mendes de Vasconcellos, autor de um livro, *Sítio de Lisboa*, publicado originalmente em 1608, e casado com D. Beatriz Caldeira, filha de um negociante enriquecido na Índia, Manuel Caldeira. Tiveram, como filhos, a Joane Mendes de Vasconcellos e a Manuel Mendes de Vasconcellos, que, ambos, lutaram contra os holandeses na Bahia em 1625. Joane Mendes voltou depois a Portugal, onde distinguiu-se como general, foi injustiçado, preso, e morreu em 1657 ou 1658. O irmão Manuel, atestado em muitos documentos na Coleção Luisa da Fonseca (AHU, Lisboa), foi com certeza pai deste Manuel Mendes de Vasconcellos casado com D. Brites de Sá.

¹¹⁰A fama de judaizantes dos Carvalhos Pinheiros está documentada numa denúncia de 1635, no Doc. 648 da Coleção Luisa da Fonseca, onde se lê:

[...] Eque o Governador daquelle estado [do Brasil] tem posto naquella cap.a [da Bahia] por Ouvidor, eProvedor dafaz.da, edefundos eAuzentes, ahum Antonio Pinh.ro de Carvalho, homem qtem parte de Nação [...]

“Parte de nação,” claro, é ter sangue judaico.

Uma senhora dessa família usava saia mais comprida do que era então moda. Uma sua comadre perguntou-lhe a razão de tal esquisitice.

—*Ora, comadre, se eu bem ando, bem arrasto.*

A mulher, suspeitosa, pesquisou-lhe às ocultas a bainha da saia e aí encontrou um crucifixo entre os dois forros! A judia comprazia-se em arrastar o Cristo pelo chão. Um outro mandou um seleiro consertar um selim; achou este, no suadouro, um crucifixo. Horrorizado, mostrou-o ao homem, que disse:

—*Não foi por desacato que meti aí essa imagem; foi porque me disseram ser bom para que sarasse de uma doença de que sofro.*

Os meninos, não chegados à idade de ocultar, segundo as insinuações dos pais, suas irreverências pelas coisas sagradas, cuspiam nas cruzes e imagens santas que lhes davam a beijar.

Ora, dizia-se, e com razão, que tal gente era de caráter baixo, e que as mulheres, quase todas bonitas, não primavam por honestidade. Penso que a aversão de que se via cercada essa raça concorria para isso.

Alguns membros dessa família, enquanto eram dotados de inteligência e atividade, tinham adquirido bens avultados, e um deles, julgando-se por isto autorizado a ter mais altas vistas—costumavam casar entre si—pediu uma filha de Luiz de Almeida Maciel. Foi rejeitado com insolência. Dizia o orgulhoso fazendeiro que preferia ver a filha casada com um negro, ou morta. [...] A jovem senhora, fugindo do teto paterno, casou com o mancebo da raça maldita. Embora a desonra não houvesse manchado os brios da honesta família, o pai não perdoou. Ele e toda a família vestiram rigoroso luto, como se fora morta a desobediente filha.

Essa filha foi Ana de Almeida, casada com Inácio Mendes de Vasconcellos.¹¹¹

Pais de:

1. Martinho Afonso de Mendonça, que c.c. sua prima co-irmã Leonor Francisca de Menezes, filha de Nicolau de Carvalho Pinheiro e de s.m. D. Brites de Menezes, acima. (Ver a pág. 40.) Pais de:

- (a) Antonio Sotério de Vasconcellos,¹¹² n.c. 1735. Casou Antonio Sotério c. D. Maria Telles de Meneses. Viveram em Itapicuru, Bahia, onde possuíam uma fazenda. Pais de:

¹¹¹Anna de Goes Bittencourt, *Longos Serões do Campo*, I, Nova Fronteira (1992), p. 90 e ss.

¹¹²Filiação conjecturada pela onomástica; personagem citado no testamento de Martinho Afonso de Mendonça, seu filho comprovadamente.

- i. Martinho Afonso de Mendonça, n. e † em Itapicuru (BA), (1773–1864), sr. da fazenda “Pau Ferro.” Foi capitão–mor de Itapicuru. Não deixou descendentes conhecidos.¹¹³ C. (1) c. D Ana Francisca de S Tomé, viva ainda em 1831; c. (2)¹¹⁴ c. sua prima direita D. Ana Martinho de Vasconcellos.¹¹⁵
- ii. Cristóvão da Costa Doria,¹¹⁶ casou com D. Maria Francisca de Souza, que seria dos *Dantas* de Itapicuru.¹¹⁷ Pais de:
 - A. Antonio Ponciano de Souza Mendonça (1791–1874), tabelião em Itapicuru.¹¹⁸ Casou com uma parenta . . . Mendes de Vasconcellos, talvez D. Elena, filha de Sebastião Mendes de Vasconcellos.¹¹⁹

¹¹³Sua atividade política está no livro de Anna de Goes Bittencourt, *Longos Serões do Campo*, I e II, Nova Fronteira (1992).

¹¹⁴Ver o inventário e testamento de Martinho Afonso no APEBA, 09/3897/03. Seu segundo casamento realizou-se em 1840:

Aos onze de J.lo de mil oito centos equarenta Recebeo enestado conjugal o Rd.o Antonio Muniz Bettencourt conlic.a m.a a Martinho Affonso, diMd.ca e D. Anna Delfina de Vas.cos forão test.as Honorio Bispo de Sz.a e Esequiel Ferr.a Bap.ta cazados, logo lhes dei asbenções do Custume. OVigr.o Manoel Joze Alvares.

(Livro 2 de Casamentos, Itapicuru de Cima, 1831/1855, fls. 43.)

¹¹⁵Batistério de Anna Martinho de Vasconcellos:

Aos coatro dias domez de Março demil, Sete, Centos, noventa, enove, na Matriz deSanto Antonio, eSenhora daSaude, Missão de Indios deminha Licença oPadre Missionario della Frei Reginaldo da Conceição Bessa, Baptizou á Anna parvula, nascida aos coatro de Janeiro, filha deLegítimo Matrimonio Martinho Correa de Vasconcellos, eSua mulher Dona Bernarda Maria da Fonceca, elhepoz os Santos Oleos: forão padrinhos Bartholomeu Joseph de Carvalho, e Sua mulher Dona Anna Maria Telles, freguez desta MatrizdeNossa Senhora deNazareth do Itapicuru deSima. O Vigario Encom.do Joaquim Pedreira Lapa.

(Livro 1 de Batizados, 1792/1811, Itapicuru, fls. 98v.)

¹¹⁶Filiação devida ao nome, que é obsessivo nessa gente, assim como o nome Martinho Afonso de Mendonça.

¹¹⁷Conjecturamos que fosse filha de Inácio dos Reis Leite e de sua mulher, outra D. Maria Francisca de Souza, e irmã do capitão–mor João d’Antas dos Imperiais Itapicuru (1773–1832).

¹¹⁸Filiação baseada no registro de batismo que segue:

ANTONIO . . . [deze]nove dias do mes de Julho do anno de mil e sete/[centos] e noventa e dous baptizou de minha Licença o Padre Fr./João de Sam Francisco na Capella deNosa Senhora da Concei/ção do Aporá a Antonio filho de Christovão da Costa Doria edesua molher Dona Maria Francisca de Souza, e lhe poz os/Santos Oleos: foram padrinhos Lourenço Cardoso de Negreiros/ e Dona Marcelina Francisca, do que mandei fazer este asSen/toque por ser verdade asignei//o vigo. Salvador de Souza Frra. (Assento no. 2440, Itapicuru, batizados, 1776–1792).

no nome “Souza,” que têm este e a filha D. Helena Bernardina, e na memória familiar que os faz dos Costas Dorias.

¹¹⁹Batistério dessa Helena:

Aos quatorze dias domez de Janeiro de mil, Sete, Centos, noventa, enove, na Missão de Santo Antonio, eSenhora daSaude, baptizei á Elena parvula, nascida aos deza Seis de Agosto do anno preterito denoventa, oito, filha legitima de Sebastião Mendes de Vasconcellos, edeSua mulher Dona Anna Roberta, elhepoz os Santos Oleos: foram padrinhos o Alferes Pedro Nolasco deVasconcellos, Solteiro, e Dona Maria de Menezes Doria, Cazada, freguez desta Matriz deNossa Senhora deNazareth do Itapicuru deSima, doque tudo para Constar fiz este assento, que por verdade assignei. O Encom.do Joaquim

Com uma filha, *D. Helena Bernardina de Souza*, ou *D. Helena Mendes de Vasconcellos* e um filho, *José Vicente de Souza*, c.g. este também; ver na página 76, abaixo.¹²⁰

- B. José Alvino de Souza Mendonça, falecido em Itapicuru sem descendentes, em 1856.
 - C. Gonçalo de Souza Mendonça.
 - D. D. Helena Olinda de Souza Mendonça, c.c. José Antonio de Souza Correia.
 - E. D. Ritta Joaquina de Souza, casada com João Gualberto de Souza.
 - F. D. Anna Joaquina de Souza Mendonça, c.c. Domingos Gomes de Carvalho.
 - G. D. Perspicina de Souza Mendonça, c.c. Tranquilino Antonio de Souza.¹²¹
 - H. Pedro Nolasco de Souza, vivo em Itapicuru em 1815.¹²²
- (b) Martinho Correia de Vasconcellos.¹²³ Casou com D. Bernarda Maria da Fonseca. Pais de:
- i. Sebastião Mendes de Vasconcellos.¹²⁴
 - ii. D. Anna, casada com Martinho Afonso de Mendonça, o capitão-mor.
 - iii. (Conjectural.) Martinho Correa, c.c. D. Rosa Joaquina da Rocha. Pais de:
 - A. José Joaquim da Rocha, que c.c. D. Joaquina Rosa da Costa Doria, à pág. 76.
- (c) D. Anna Maria Telles,¹²⁵ c.c. Bartolomeu José de Carvalho. Pais de (conjectural):

Pedreira Lapa.

(Livro 1 de Batizados, 1792/1811, Itapicuru de Cima, fls. 96v.) Pedro Nolasco de Vasconcellos seria Pedro Nolasco de Souza? D. Maria de Menezes Doria é, com certeza, D. Maria Francisca de Menezes Doria, à pág. 41.

¹²⁰Outros personagens dessa família, nos registros de Itapicuru:

- Pedro José de Mendonça, dado como “sobrinho” do capitão-mor de Martinho Afonso de Mendonça no testamento deste; já falecido em 1874; casado após 1835, com uma filha em 1837, Elena. Supomos que fosse filho de Antonio Ponciano.
- Ponciano José de Mendonça: devido ao prenome e sobrenome. Atestado entre 1832 e 1840 em Itapicuru.

Seriam irmãos.

¹²¹Desde [2.2] estes personagens acham-se listados no inventário de José Alvino, APEBA 04/1520/1989/23.

¹²²Conjectural. Dado em doc. referido no livro de Anna de Goes Bittencourt, l.c., como sobrinho do cap.-mor Martinho Afonso; aqui colocado devido ao “Souza” de seu nome.

¹²³Conjectural: o nome “Correia” viria de D. Catarina de Vasconcellos.

¹²⁴Conjectural: dado como primo do capitão-mor Martinho Afonso de Mendonça em documento referido em Anna de Goes Bittencourt, o.c.

¹²⁵Conjectural; aqui colocada devido ao apelido *Telles* e devido a apadrinhar a sobrinha Anna, com o marido.

- i. Manuel José de Carvalho Vasconcellos, capitão nas ordenanças, casado com D. Leandra Chaves Leite, irmã do cap.-mor João d'Antas dos Imperiais Itapicuru (1773–1831).
2. D. Joana Barbosa, que c. em 14.12.1728 c. seu primo Antonio Moreira de Menezes, filho de D. Brites de Menezes e de seu marido Nicolau de Carvalho Pinheiro, e irmão da cunhada de Joana, D. Leonor, à pág. 40.

5 Rocha Doria

22. MIGUEL MONIZ BARRETO. Filho de Martim Afonso de Mendonça (à pág. 39) e de sua terceira mulher D. Joana Barbosa.¹²⁶ C.c. D. Angela da Rocha. Era capitão de ordenanças do Socorro. Por motivos desconhecidos, em 1697 perdeu Miguel Moniz Barreto a patente de capitão, sendo Condenado a dez anos de degredo em Angola. Não cumpriu pena; estava fugido, mas na Bahia, ainda, em 1712. Sua mulher Angela era viúva em 1722, quando os carmelitas ganharam contra ela uma questão referente a um tal sítio “Parnataí.” Angela da Rocha † em 1753. Pais de:

1. Manuel da Rocha Doria. Segue.
2. D. Luiza Josefa de Menezes, que c.c. o cap. Antonio Ferreira da Silva, irmão da Santa Casa em 31.7.1721, de Lisboa, filho de Manuel Ferreira e de s.m. Maria Quaresma. C.g.: *Ferreira da Rocha Doria*.

23. MANUEL DA ROCHA DORIA. Dado como “coronel.” N.c. 1695? † 29.12.1753. C. em 4.12.1726, no Carmo, com certeza na Capela de N. S. da Piedade, da família da noiva, c. D. Ana Maria de Jesus e Vasconcelos, filha de Manuel Gomes Dias e de D. Maria de Vasconcelos, irmã esta do Dr. João Álvares de Vasconcelos, à pág. 51, vejam-se as notas. O assento de óbito de Manuel da Rocha Doria dá-lhe a idade de “60 anos, pouco mais ou menos,” diz dele ter sido morador no rio Beraba (rio *Buraco*, existente no Monte?), dá como data do óbito 31.12.1753 (o assento foi feito em 6.2.1754), e diz que foi sepultado na matriz de S. Sebastião das Cabeceiras do Passé, de onde era freguês. P.d.:

1. José Luiz da Rocha Doria, que segue.
2. Angelo Moniz [da Rocha Doria], n.c. 1732. Casado, ao que parece c.g.
3. Miguel [Moniz Barreto], n.c. 1734. Casado.

¹²⁶Jaboatão, no seu manuscrito [69], lista dois filhos do terceiro casamento de Martim Afonso de Mendonça cuja filiação não está clara no texto publicado: são “Antonio Moniz” e “Miguel Moniz,” sem outras notícias. Por outro lado, Macedo Leme [52] parece ter-se baseado principalmente no manuscrito de Lourenço Ribeiro, que terá sido concluído entre 1670 e 1680, o que explica a ausência de menção ao casamento de Gonçalo Barbosa de Mendonça, e mesmo a falta de menção a estes filhos caçulas de Martim Afonso de Mendonça. Miguel Moniz Barreto, ancestral dos *Rochas Dorias*, tem ainda uma patente na ordenança do Socorro, de onde é toda esta família, donde a identificação que agora fazemos.

4. Manuel [da Rocha Doria], n.c. 1736, † junho de 1810. Casado com D. Clemência da Rocha Doria (assim no inventário), ou Clemência Narcisa de Vasconcellos (no batismo do filho Nicolau).¹²⁷ P.d.:

(a) Nicolau [de Vasconcellos Doria?], bat. 6.1.1794 na Capela dos Remédios (S. Fco. do Conde). Padrinho: Manuel da Rocha Soares, solteiro. (Livro de batizados de S. Fco. Conde, 1790/1807, fls. 12.)

(b) D. Isabel Maria de Vasconcellos Doria. C.c. o parente José Ferreira da Rocha Doria, † s. test. em 1.1.1827, em Candeias (N.S. da Encarnação do Passé), e que [supomos] era sobrinho-neto do avô, Manuel da Rocha Doria. C.g. (Ver no § 9.4.)

5. João [da Rocha Doria], n.c. 1742.

6. D. Antonia Luiza de Vasconcellos Doria, n.c. 1744, † 1825. Casada (ver pág. 41) com o primo Cristóvão da Costa Barbosa, c.g.

7. D. Ana, n.c. 1746.

24. JOSÉ LUIZ DA ROCHA DORIA, n.c. 1730, † 1796.¹²⁸ Coronel de milícias, chamado de “grande cigano” (enganador nos negócios) pelo cônego Macedo Leme [52], porque, hábil nas transações comerciais, ganhou a baixo custo as terras dos seus vizinhos Albuquerque Câmara.

Casou pela primeira vez com sua prima D. Isabel de Aragão (n. 1726–† 16.10.1762, “com 35 anos”), filha de Gonçalo Barbosa de Mendonça. (Ver à pág. 40.) Pais de:

1. D. Maria Francisca da Rocha Doria, c.c. Vicente Luiz Carneiro de Menezes, c.g. (Ver à pág. 54.)

2. Gonçalo Barbosa da Rocha Doria. n.c. 1760. Capitão; oficial da praça da Bahia. C.c. D. Joana Maria da Ressurreição e Vasconcellos. P.d.:

(a) D. Luiza, bat. 11.7.1790. Padrinhos: Antonio Frutuoso de Menezes Doria e Luiza Arcângela de Menezes Doria.¹²⁹

3. D. Ana Francisca de Aragão (n. em 1762, tendo a mãe † de parto? † s. test. 30.6.1786). C.c. o sargento-mor Manuel Pereira de Ornellas e Vasconcellos, n.c. 1739, filho do cap. mor Cristóvão de Ornellas e Vasconcellos e de s.m. D. Isabel Maria de Vasconcellos, † s. test. 4.4.1739.¹³⁰ Manuel

¹²⁷Inv. processado em S. Fco. do Conde em 1880, de modo que há muitas incertezas aqui.

¹²⁸Uma confusão arquivística fez com que diversos autores colocassem seu falecimento em 1769, o que é comprovadamente errado, pois José Luiz paraninfa o batismo de seu neto Antonio Marcelino em 1795; ver à pág. 72.

¹²⁹Livro de batizados de S. Francisco do Conde, 1790/1807, fls. 2.

¹³⁰Era este Cristóvão de Ornellas e Vasconcellos filho de Pedro de Ornellas de Abreu, madeirense, que esteve no Brasil em fins do século XVII, e neto de João de Ornellas de Abreu e de s.m. Helena Spinola. Eram parentes próximos de Hierônimo Dornellas de Menezes, o sesmeiro do Morro de Sant’Anna, um dos fundadores de Porto Alegre (RS) e um dos povoadores do Rio Grande do Sul.

era juiz de órfãos de S. Francisco do Conde em 1798 ([1], pp. 24/25 e 332). Depois de viúvo, Manuel de Ornelas c.c. a prima de sua mulher, D. Luiza. Filhos:

- (a) D. Francisca, n.c. 1779.
- (b) José Luiz de Ornellas e Vasconcellos Doria, n.c. 1780, † c. test. em 29.11.1826. C.c. D. Rita Mariana da Veiga ([1], p. 294). P.d.:
 - i. D. Ana da Veiga Ornellas, maior em 1826, c.c. Antonio Joaquim de Magalhães Castro, antes de 1814. Foram os pais de:
 - A. José Antonio de Magalhães Castro, n. na Bahia em 8.6.1814 e † em Cambuquira em 18.12.1896. Foi bacharel em direito pelo curso jurídico de Olinda, juiz de direito de Angra dos Reis, desembargador da Relação da corte, e ministro do Supremo Tribunal de Justiça, cargo no qual foi aposentado. Exerceu também o cargo de deputado geral durante o império.
Seu filho *José Antonio Pedreira de Magalhães Castro* foi bacharel em direito por S. Paulo e tinha o foro de moço fidalgo da casa imperial. Co-autorou um projeto de constituição em 1890.
 - ii. José da Veiga Ornellas, maior em 1826.
 - iii. Pedro da Veiga Ornellas, maior em 1826. Dado como coronel, c.c. D. Joana de Goes.¹³¹ P.d.:
 - A. José Luiz da Veiga Ornellas, major, c.c. D. Joana de Araújo Goes, filha do Cel. Joaquim Gomes de Araújo Goes e de s.m. D. Atanásia. P.d. *Pedro da Veiga Ornellas*, n. 28.5.1883 na Bahia, magistrado; em 9.6.1909 no Rio Grande do Sul c.c. D. Cecilia Paranhos, lá nascida em 9.6.1885, filha do major Horácio da Silva Paranhos, s.g.¹³²
 - iv. Manuel da Veiga Ornellas, n.c. 1808.
 - v. Vicente da Veiga Ornellas, n.c. 1810.
 - vi. D. Maria da Veiga Ornellas, n.c. 1811.
 - vii. Estanislau da Veiga Ornellas, n.c. 1813.
 - viii. João da Veiga Ornellas, n.c. 1814.
- (c) D. Teresa, n.c. 1782.
- (d) Cristóvão Dornellas, n.c. 1783.
- (e) D. Maria, n.c. 1785.
- (f) D. Ana, n. 1786. (A mãe provavelmente † de seu parto.)

José Luiz c. segunda vez (c. 1768) c. D. Francisca Xavier de Menezes Doria, igualmente sua prima, à pág. 54. N.c. 1740, † após 1799. Filha de Luiz Carneiro

¹³¹Provavelmente confusão com a nora.

¹³²*An. Gen. Lat.* 4 (1952), p. 292.

de Menezes e de D. Angela de Menezes, † esta em 12.7.1749; n.p. de Antonio Carneiro da Rocha e de s.m. D. Inácia de Menezes e Castro, filha de Francisco de Abreu da Costa Doria, †1699.¹³³ Pais, do segundo casamento, de:

1. Antonio Frutuoso de Menezes Doria, c.g. N.c. 1770. Brigadeiro. C.c. D. Francisca Benedita Lucatelli, c.g.—*Lucatelli Doria*. Ver § 6.
2. D. Joana Angélica de Menezes Doria, n.c. 1773, c.c. Bernardino Marques de Almeida Torres. C.g. ampla: deste casal descendem as famílias *Almeida Torres, Rodrigues da Costa, Cezario Alvim, Bocayuva Catão, Pereira Novis*, entre outras; os *Viscondes de Macaé* e *Condes de Lages*. Ver o § 7.

Deste casal descendem Chico Buarque de Holanda; as mulheres de J. J. Seabra, Quintino Bocayuva e de Manuel Victorino Pereira.
3. D. Luiza Arcângela de Menezes Doria (n.c. 1778, † 1829). C.c. o primo José da Costa Doria, filho de Cristóvão da Costa Barbosa, abaixo, c.g. no § 8.
4. D. Isabel Maria de Menezes Doria, n.c. 1780. Inv. em S. Francisco do Conde, em 1853. C.c. Pedro Marinho de Sá Queiroz, irmão de Francisco Marinho de Sá Queiroz, casado com a concunhada de Isabel, Maria Francisca de Menezes Doria, filha de Cristóvão da Costa Barbosa; Isabel e Pedro venderam, em 1816, o engenho *São Cosme*, de sua propriedade. C.g.
5. D. Teresa Mariana de Menezes Doria, n.c. 1785. Depois de 1809, D. Teresa Sebastiana, c.c. Manuel Joaquim da Costa Doria, c.g. no § 9.

6 *Lucatelli Doria*

25. ANTONIO FRUTUOSO DE MENEZES DORIA, filho do 2o. casamento de José Luiz da Rocha Doria (à pág. 65) n. em S. Miguel (Bahia) c. 1770. Casou em Lisboa (Mercês, c6, 1796/1808, fls. 73v), a 23.11.1796, em casa de Sebastião José Jácome de Castro, com Francisca Benedita Lucatelli, n. em Lisboa e batizada na paróquia de N. S. do Loreto, filha de João Batista Lucatelli e de s.m. Maria Joaquina. . . . Antonio Frutuoso foi admitido irmão de maior condição da Santa Casa em 30.10.1797,¹³⁴ vereador à câmara de Salvador em 1805, e chegou a brigadeiro; foi também ajudante de ordens do governo da Bahia em 8.1811. † em 25.9.1827, e sua mulher, † em 22.11.1822, sepultados no cemitério da Santa Casa.

Pais de:

¹³³D. Angela de Menezes foi “amortalhada em uma mortalha branca,” e dada à sepultura na “capela . . . da Conceição do Pouco Ponto,” filial da matriz de N. S. do Monte (Recôncavo). Encomendada pelo pe. José Barbosa de França.

¹³⁴Livro 6 de irmãos, fls. 16. Informação da profa. Neusa Esteves.

1. José Lucatelli de Menezes Doria. N.c. 1797; c.c. D. Simeana Rita Xavier. José Lucatelli Doria foi segundo tenente do regimento de artilharia da Bahia em 25.10.1817; sargento-mor em 20.7.1824. Por motivos desconhecidos, morreu assassinado na noite de 26.12.1829, e seu inventário foi processado em S. Francisco do Conde em 19.7.1830. D. Simeana, a viúva, testou entre 1831 e 1846.

Pais de:

- (a) Lino Xavier Lucatelli Doria,¹³⁵ n.c. 1820, major, † no seu engenho “Barbado,” em S. Sebastião do Passé, com inventários de 1875 e 1879. C.c. D. Maria Teodora de Araújo Gois, n. na freguesia de S. Bento do Rio Fundo, Santo Amaro (BA) em 11.9.1818, e † em Catu (BA) em 21.6.1903, filha de Inocêncio Marques de Araújo Gois e de s.m. D. Maria Joana Calmon de Aragão.

Era D. Maria Teodora irmã dos Barões de Araújo Goes e de Camaçari, e sobrinha materna da Condessa de Itapagipe.¹³⁶ P.d.:

- i. D. Maria Joana Lucatelli Doria, n. e † 9.11.1859 em Catu (BA).
- ii. D. Jovina Amália Lucatelli Doria, n. Catu (BA) em 25.12.1854 e † na cidade do Salvador em 6.7.1896, Baronesa de Camaçari. Em 24.6.1882 c.c. seu tio materno Antonio Calmon de Araújo Gois, Barão de Camaçari, de quem foi segunda mulher, † ele em Catu em 13.9.1913. C.g. de nome *Araújo Goes*.
- iii. José Lucatelli Doria. N. Catu (BA) em 18.12.1857 e † Catu em 14.10.1881. Em 19.2.1878 c.c. D. Maria Teresa Lopes Ribeiro, filha de Domingos Ribeiro Guimarães Lopes e de s.m. Teresa Maria de Jesus. P.d.:
 - A. José Lucatelli Doria. N. 12.2.1877, bat. em 19.3 na matriz de Sant’Anna da Maré, tendo como padrinhos ao cap. Domingos Ribeiro Guimarães Lopes e a Maria Teodora de Gois. Eram pobres. Este José Lucatelli Doria, em 29.9.1906 c.c. Maria José Araújo Lopes, filha de Joaquim Jacinto Lopes e de Adelaide Araújo Lopes [47].
 - B. D. Maria José Lucatelli Doria, n. Catu em 8.3.1879, bat. em Sant’Anna da ilha da Maré em 6.1.1880, tendo como padrinhos o cap. Durval Vieira de Aguiar e Jovina Amália Lucatelli Doria.
 - C. Lino Lucatelli Doria. N. 25.4.1880, batizado na Maré em 30.7.1881.
- iv. Lino José Lucatelli Doria. N. 18.5.1859 em Catu. C. em 1899 c. D. Maria Francisca de Araújo Gois, filha de Alexandre de Araújo Gois e de D. Maria Joana de Araújo Goes, filha do Barão de Araújo Goes. P.d.:

¹³⁵Herdeiro único, recebeu o engenho “Barbado,” “e suas fábricas,” e teve o quinhão testamentário avaliado em 36:873\$ 310 rs.

¹³⁶Nota de José Gabriel da Costa Pinto.

- A. D. Maria Joana Lucatelli Doria, n. Catu em 18.4.1902 e † em Catu em 23.6.1903.
- v. D. Amélia Lucatelli Doria. N. Catu em 26.11.1860, onde † solteira em 21.5.1893.
- vi. Antonio Frutuoso Lucatelli Doria. N. em 9.5.1862 em Catu, onde † em 1931. C.c. D. Jesuína de Vasconcellos. P.d.:
- A. D. Irene Lucatelli Doria, n. Catu em 22.4.1912. C.c. Oscarino de Araújo, e pais de Paulo Doria de Araújo, Antonio Doria de Araújo, Geraldo Doria de Araújo e Lígia Doria de Araújo, todos nm. Barreiras (BA).
- vii. Horácio Lucatelli Doria. N. Catu em 20.6.1856. Bacharel em direito pela Faculdade do Recife em 1886. Carreira na magistratura de 1886 a 1936, quando se aposentou como juiz de varas de fazenda em Salvador. Em 1888 c. pela primeira vez c. Olíndina de Paiva Leite, † em Salvador em 27.12.1931, s.g., filha do Dr. Ernesto de Paiva Leite e de Roberta Francelina da Silva Franco. Pela segunda vez, em 8.9.1934, c.c. Edith Veloso Moniz Barreto, filha de Clélio Muniz Barreto e de s.m. Angelina Veloso. O Dr. Horácio † em Salvador em 11.3.1942. (Horácio havia adotado por escritura pública a Clélia, irmã de sua segunda mulher; esta segunda Clélia c.c. o cap. Ernesto Leite Machado, parente de Olíndina, e tiveram um filho, Dylton Doria, sambista.)
Do segundo casamento, pais de:
- A. José Alberto Lucatelli Doria, n. Salvador, 25.6.1935.
- B. Maria Edith Lucatelli Doria, n. Salvador em 1.10.1937, onde † 8.3.1938.
2. Francisco Lucatelli Doria. C.c. sua prima legítima, D. Isabel Doria de Almeida Torres, n.c. 1803. Pais de:
- (a) D. Francisca Lucatelli Doria, n.c. 1824. C.c. seu primo Bernardino Marques Rodrigues da Costa, supra, s.g.
- (b) D. Caetana Lucatelli Doria, n.c. 1825. C.c. seu primo e ex-cunhado Bernardino Marques Rodrigues da Costa, c.g.
- (c) D. Isabel Lucatelli Doria, n.c. 1827 e † criança.
3. D. Ana Lucatelli Doria, n.c. 1804. C.c. Antonio José de Almeida Couto, n.c. 1801 e † 28.7.1832, inventariado em 29.10.1832 ([1], p. 176), filho do comerciante e armador português João Francisco do Couto e de s.m. D. Ana Rita de Almeida Torres, de quem foi o segundo marido.
- (a) Antonio José de Almeida Couto, n.c. 1823.
- (b) Antonio Frutuoso de Almeida Couto, n.c. 1828.
- (c) Antonio Olavo de Almeida Couto, n.c. 1829.

7 D. Joana Angélica, os Almeidas Torres, e outros

Este é um ramo vastíssimo, que inclui famílias como os Almeidas Torres, Rodrigues da Costa, Freitas, Augusto da Silva, Novis, Rocha Fraga, Cezário Alvim, Buarque de Hollanda, Almeida Couto, Freire de Carvalho, Catão, e muitos outros. Face a seu tamanho, dele só damos aqui uma visão sumária.

25. D. JOANA ANGÉLICA DE MENEZES DORIA, filha do 2o. casamento do Cel. José Luiz da Rocha Doria, à pág. 65. C.c. Bernardino Marques de Almeida Torres, capitão, filho de José Vieira Torres e de s.m. D. Luiza Marques de Almeida Arnizaud, e n.m. de Bernardino Marques de Almeida Arnizaud e de s.m. D. Caetana P.d.:

1. D. Luiza Marques de Almeida Torres, n.c. 1790. C.c. João Antunes Rodrigues da Costa, filho de Manuel Lourenço da Costa e de s.m. D. Ana Zeferina Rodrigues da Costa. P.d.:
 - (a) D. Luiza Benvinda [Doria] Rodrigues da Costa, n.c. 1811. C. (1) c. Manuel Maria do Amaral. C. (2) c. João Caetano de Almeida Couto, filho de João Francisco do Couto e de s.m. Ana Rita de Almeida Torres. Do segundo casamento, p.d.:
 - i. José Luiz de Almeida Couto, n. 28.10.1833 em Pirajá (BA), † 9.10.1895, político baiano pelo Partido Liberal, catedrático da Faculdade de Medicina da Bahia, presidente de S. Paulo e depois último presidente da província da Bahia, cargo no qual o alcançou o golpe de 15.11.1889.
Segundo-anista do curso médico, fundou a *Sociedade Abolicionista Dois de Julho*; presidiu ainda a *Sociedade Patriótica Sete de Setembro*. Foi deputado, durante várias legislaturas, à assembleia provincial, e depois foi deputado geral pelo Partido Liberal, de 1879 a 1881. Administrou S. Paulo de 1884 a 1885, e depois a Bahia, sendo que pela primeira vez como interino, e em seguida como efetivo, até 1889. Foi catedrático da Faculdade de Medicina da Bahia; como presidente de S. Paulo, chantou a pedra fundamental do Monumento do Ipiranga, em 25.3.1885, e, logo em seguida, na Bahia, fez o mesmo para o Monumento ao 2 de Julho.
 - (b) D. Ana Benvinda Rodrigues da Costa. C.c. seu primo Antonio Olavo Rodrigues da Costa.
 - (c) D. Joana Benvinda Rodrigues da Costa. C.c. Manuel Freire de Carvalho. P.d.:
 - i. João Freire de Carvalho, c.c. sua prima Jacinta Martingil, s.g.
 - ii. D. Joana Freire de Carvalho, c.c. Eduardo Portella, s.g.
 - iii. Manuel Freire de Carvalho, c.c. sua prima legítima Isaura Freire de Carvalho. P.d. *Oscar Freire de Carvalho*, n. 1882, patrono da Rua Oscar Freire, em S. Paulo.

- (d) João Antunes Rodrigues da Costa, c.c. sua parenta D. Febrônia de Menezes Doria, filha de Antonio Joaquim de Menezes Doria, do ramo dos *Menezes Dorias* da ilha dos Frades. P.d.:
- i. Alexandre Rodrigues da Costa;
 - ii. Frederico Augusto Rodrigues da Costa;
 - iii. D. Idalina Rodrigues da Costa;
 - iv. D. Oraida Rodrigues da Costa, primeira mulher de seu parente João Agripino da Costa Doria, à pág. 96.
- (e) Bernardino Marques Rodrigues da Costa. C. (1) c. sua prima D. Francisca Lucatelli Doria. C. (2) c. a cunhada D. Caetana Lucatelli Doria, filhas ambas de Francisco Lucatelli Doria e de s.m. D. Isabel Doria de Almeida Torres. Do segundo leito, tiveram a *Francisca Doria Rodrigues da Costa*.
- (f) Manuel Lourenço Rodrigues da Costa.
- (g) D. Maria Benvinda Rodrigues da Costa, c.c. José Antonio de Freitas, professor da Faculdade de Medicina da Bahia. P.d.:
- i. Luiz de Freitas, Amélia de Freitas.
 - ii. José Augusto de Freitas c.c. sua prima D. Francisca Doria da Costa, que supomos filha de Bernardino Marques Rodrigues da Costa, supra. Tiveram a Isolina de Freitas, n. Salvador (Penha) em 20.8.1885, e casada no Rio com Álvaro da Silva Lima Pereira, n. em Salvador em 27.8.1885, pres. no Rio da Cia. Sul América, filho de Manuel Vitorino Pereira (1853–1902), vice-presidente da república de 1894 a 1898, no governo Prudente de Moraes, e de s.m. Maria Amélia da Silva Lima. Pais, entre outros, de Francisca de Freitas Pereira, *Chiquita*, n. no Rio em 1913, e c.c. o médico Aloisio Augusto Novis, abaixo.
 - iii. D. Maria Paula de Freitas, n. em Salvador (BA) em 29.6.1864, † no mesmo local em 11.12.1949. Casou-se em 23.2.1884, na igreja da Vitória, em Salvador, com o Dr. Fortunato Augusto da Silva Jr., filho de homônimo e de D. Maria Augusta Paraíso. O Dr. Fortunato Jr. nasceu na Paraíba do Norte em 4.12.1858; foi catedrático da Faculdade de Medicina da Bahia, de Anatomia Topográfica e operações, em 1890. P.d.:
- A. D. Olindina Augusto da Silva. N. em Salvador (BA) em 1.6.1885; † no Rio em C. em Salvador (BA) com o Dr. Clementino da Rocha Fraga [Filho, que não usava], n. em Muritiba (BA) em 15.9.1880, † no Rio em . . . , filho de Clementino da Rocha Fraga e de s.m. D. Córdula de Magalhães.
- Clementino Fraga* começou a carreira como assistente do primo afim João Agripino da Costa Doria (pág. 96). Foi catedrático de clínica médica da Faculdade de Medicina da

Bahia em 1914, depois transferido para o Rio. Foi membro da Academia Brasileira de Letras.

Seu filho *Helio Fraga* (n. em Salvador (BA) em 22.4.1911 e † no Rio em . . .) foi reitor da UFRJ.

Seu outro filho *Clementino Fraga Filho*, n. em 11.8.1917, é o heróico reitor da UFRJ que em 1968 foi espancado pelas forças policiais da ditadura na defesa dos estudantes da mesma universidade, aprisionados no campo de concentração em que fora transformado o estádio do Botafogo de Futebol e Regatas, na rua Gal. Severiano, no Rio. Homenageia-o o nome do hospital das clínicas da UFRJ, *Hospital Clementino Fraga Filho*.

- B. D. Maria Augusta da Silva. N. em Salvador (BA) em 2.7.-1887, e † no mesmo local em 20.7.1945. C. em 19.3.1908 em Salvador com o Dr. Aristides Novis, Prof. Catedrático de Fisiologia da Fac. de Medicina da Bahia.

De seus quatro filhos citamos *Aloisio Augusto Novis*, casado com sua prima D. Francisca de Freitas Pereira, supra. C.g. ampla, na qual se incluem o empresário *Manoel Vitorino Novis*, “Tuíno,” e o neurologista *Sérgio Pereira Novis*. C.g.

- C. Alvaro Augusto da Silva. N. em Salvador (BA) em 17.9.1890, advogado pela Fac. de Direito da Bahia (1910). C.c. D. Haydéa Ayard Maciel, c.g.

- D. D. Jacinta Augusta da Silva. N. em Salvador (BA) em 21.5.1892. C.c. o Dr. Alvaro Garcia-Roza (Salvador, BA, 15.5.1893–3.2.1961), médico pela Fac. de Medicina da Bahia, c.g.

- E. Osvaldo Augusto da Silva. N. em Salvador (BA) em 9.8.1897, lá † em 8.2.1957, engenheiro-civil e empresário. C. em 25.3.-1926 em Salvador (BA) c. D. Noemia Adeodato de Souza, filha do Prof. José Adeodato de Souza, catedrático da Fac. de Medicina da Bahia.

Pais de, e.o. da Dra. *Myriam Vilarinho*, profa. universitária em SP.¹³⁷

iv. Carlos de Freitas, Julio de Freitas, . . .

- (h) D. Amélia Benvinda Rodrigues da Costa, c.c. Eulálio da Costa Carvalho, c.g.: *Costa Carvalho*, *Cezário Alvim*. Foram, entre outros, os pais de Álvaro Augusto da Costa Carvalho, *Álvaro de Carvalho*, n. em Piracicaba (SP) em 23.9.1865, bacharel em direito por S. Paulo, político atuante do Partido Conservador.

C.(1) c. D. Carolina Barbosa, tendo tido uma filha, D. Maria do Carmo (1888–1976), que c.c. Francisco Cezário Alvim, mineiro, n.

¹³⁷Este ramo, dos Novises e dos Fragas, foi-nos comunicado pela Dra. Myriam Vilarinho. Ver [7].

1880 e † 1946. Dos filhos deste casamento de Francisco Cezário Alvim e Maria do Carmo de Carvalho destacamos *Maria Amélia Cezário Alvim*, que c.c. Sergio Buarque de Holanda, sendo pais do compositor *Chico Buarque de Holanda*; *Sylvia Cezário Alvim*, c.c. Roberto de Souza Dantas; *João Eulálio Cezário Alvim*, e a jornalista *Teresa Cezário Alvim*, os dois últimos já falecidos, ambos c.g.

Álvaro de Carvalho c.(2) c. D. Maria Rodrigues Alves, sendo os pais de *Francisco de Paula da Costa Carvalho*, empresário, c.g. de sua primeira mulher, Dalva Padilha Gonçalves, ambos ††.

- (i) Antonio Joaquim Rodrigues da Costa [Sobrinho], c.c. sua parenta D. Maria Stella de Menezes Doria, filha de Temístocles de Menezes Doria e (supomos) neta de Martinho Pereira de Menezes Doria, filho de Francisco Luiz Pereira e de D. Eugênia de Menezes, do ramo dos *Menezes Doria*. C.g.: *Maria Amélia Rodrigues da Costa*, *Eduardo Rodrigues da Costa*, *Mário Rodrigues da Costa*, *Luiza Rodrigues da Costa*, amiga de seu parente o Barão de Loreto, Franklin Américo de Menezes Doria.

2. D. Francisca Joana de Almeida Torres. N.c. 1795. C.c. seu concunhado Antonio Joaquim Rodrigues da Costa, irmão de João Antunes, marido de sua irmã Luiza. C.g.

Pais de *D. Luiza Amélia de Almeida Costa* (1830–1885), que c.c. Quintino Bocayuva (1836–1912), um dos republicanos históricos brasileiros.

Pais de *Quintino Bocayuva Filho*, n. 1864. C.c. sua prima D. Francisca Joana de Almeida Torres. Pais de *D. Luiza Amélia Torres Bocayuva* (n. 1897 no Rio), que se casou com Alvaro Monteiro de Barros Catão.

Pais de *Alvaro Luiz Bocayuva Catão* e de *Francisco Catão*, ambos já falecidos, industriais e homens de negócios.

3. D. Maria Eudóxia Engrácia de Almeida Torres, n.c. 1803. C.c. seu primo, o desembargador José Carlos Pereira de Almeida Torres, n. na Bahia em 1799 e † no Rio em 25.4.1856.

Deputado, senador, ministro de estado, presidente das províncias de S. Paulo e do Rio Grande do Sul, e, enfim, Visconde de Macaé. Era filho do desembargador José Carlos Pereira e de s.m. D. Ana Rita Marques de Almeida Torres. Pais de:

- (a) D. Maria Caetana Eudóxia de Almeida Torres, n. 1826, † 21.8.1913 no Rio. Em 1848 c.c. Alexandre Manuel Vieira de Carvalho, n. no Rio Grande do Sul em 21.2.1817, e † no Rio (Catumbi) em 16.7.1877, segundo os registros do cemitério de S. Francisco de Paula.

Era filho de João Vieira de Carvalho e de s.m. D. Sebastiana Benevenuta Marques Portelli, Marqueses de Lages.

Alexandre Manuel Vieira de Carvalho foi 2^o Barão de Lages, com grandeza; Visconde do mesmo título em 3.2.1866, e enfim Conde em 23.9.1874. C.g. de nome *Vieira de Carvalho e Belford Roxo*.

- (b) José Carlos Pereira de Almeida Torres, n.c. 1828, e c.c. D. Mariana Luíza Álvares de Azevedo, no Rio, em 24.12.1853, na igreja da Glória, n. ela no Rio em 25.12.1834, e † no Rio em 16.3.1901.
 - (c) Paulo José Pereira de Almeida Torres, n. no Rio em 15.5.1838, no Rio. Bacharel em direito por S. Paulo em 1858. C.c. sua prima D. Maria Caetana Rodrigues da Costa, c.g.
4. D. Isabel Doria de Almeida Torres. N.c. 1804, c.c. seu primo legítimo Francisco Lucatelli Doria, n.c. 1799.

8 José da Costa Doria

24. JOSÉ DA COSTA DORIA,¹³⁸ sr. do engenho “Boa União,” em S. Francisco do Conde; filho de Cristóvão da Costa Barbosa, à pág. 41. N.c. 1765 e † 2.12.1803. C. (1793) c. sua prima direita D. Luíza Arcângela de Menezes Doria, † 1829, filha do Cel. José Luiz da Rocha Doria (1729–1796) e de sua segunda mulher (e prima) D. Francisca Xavier de Menezes Doria; ver à pág. 65.¹³⁹ Pais de:

1. Antonio Marcelino da Costa Doria.¹⁴⁰ Nasceu na freguesia de S. Sebastião das Cabeceiras do Passé (hoje S. Sebastião do Passé) c. 1794 e faleceu em Salvador em 22.10.1875, na freguesia de S. Pedro. Em 1851, quando formalizou seu testamento, declarou-se solteiro, tenente reformado da artilharia de linha do exército.¹⁴¹ Deixou, com várias mulheres, algumas das quais de sangue negro, algumas das quais provavelmente muito pobres e vivendo em grande necessidade, os seguintes filhos ilegítimos—nem todos listados no testamento, mas todos citados a partir de alguma fonte documental:¹⁴²

¹³⁸Provavelmente faleceu acometido de doença longa e inabilitante, pois destes foi um dos raros a fazer testamento solene. A cada herdeiro deixou 354\$ 487 rs; era, portanto, bem mais pobre que seus primos os ricos Lucatellis Dorias. Ver [1], p. 252.

¹³⁹O processo de dispensa dos impedimentos refere os nubentes, José e D. Luíza Arcângela, como sendo “pessoas nobres,” e lhes detalha o múltiplo parentesco.

¹⁴⁰Seu batistério:

Em vinte Maio demil setecentos noventa, eSinco naCapella dos Remedios desta Freguesia deSão Gonçalo daVilla deSão Francisco batizou solememente delicença minha o Padre Domingos Joze de Moraes, epôz osSantos Oleos a Antoniofilholegitimo de Jozé da Costa Doria, e Dona Luíza Arcangela deMenezes, eforão padrinhos Joze Luiz daRoxa Dorea, esuamulher Dona Francisca XavierdeMenezes Dorea todos desta Freguesia, doqueparaconstar sefez estertermo, que assignei. Ovigr.ro João Felix dos Santos.

(Livro 6 de Batizados, 1790/1807, S. Francisco do Conde.) O Cel. José Luiz da Rocha Doria e sua mulher D. Francisca eram os avós maternos.

¹⁴¹Fonte: Inventário de Antonio Marcelino da Costa Doria.

¹⁴²Reconheceu alguns dos filhos para que estes pudessem se alistar como cadetes e chegar ao oficialato, o que só era permitido a quem tivesse ascendência nobre, mesmo se ilegítima, mesmo se com sangue negro. (Informação de Ruy Vieira da Cunha.)

- (a) Luiz de França da Costa Doria. N. 1819, depois de junho. Reconhecido no testamento do pai, com quem vivera, aparentemente, em conflito. C. primeiro c. Antonia Maria da Penha. Enviuvando, paroquiano da freguesia de Santo Antonio de Além do Carmo em Salvador, c. em 2.2.1856 na freguesia da Penha c. Horminda Rosa Nunes, filha de João Antonio Nunes e de Maria Francisca do Nascimento. Faleceu este Luiz em 6.6.1880, “com 60 anos,” sendo qualificado no óbito como funcionário público. Deixou viúva, ‘Orminda,’ e foi sepultado no cemitério da Quinta em 7.6.1880.¹⁴³
- (b) Firmino Antonio da Costa Doria. N. 1825; reconhecido em testamento. Foi primeiro cirurgião do exército, cav. da ordem de Cristo, por serviços prestados na guerra do Paraguai em 17.3.1866, dignitário da ordem da Rosa, 6.9.1870, comendador da ordem da Rosa, 11.4.1868 .
- (c) Francisco Marcelino Doria, n. 1827. Legitimado por escritura e carta judicial.
- (d) D. Leopoldina Maria da Costa Doria. N. 1829. Reconhecida em testamento.
- (e) Antonio da Vera Cruz da Costa Doria. N. 1830 e † entre 1865 e 1870 no Paraguai; capitão de infantaria, legitimado por escritura e carta judicial.¹⁴⁴ C. c. D. Leopoldina Matilde. . . , aparentemente *in extremis*, e tiveram os filhos:
- i. Lupércio Leopoldo da Costa Doria. Dado como professor. Citado no espólio de Guilhermino Álvares da Costa Doria, por quem pode ter sido adotado, com o irmão abaixo. C.c. Valentina da Costa Doria. P.d.:
 - A. Alfredo Pérciles da Costa Doria, n. 1891 em Salvador e † 1.11.1953 também em Salvador. C.c. Arlinda do Nascimento Doria. C.g.
 - ii. Libério Calixto da Costa Doria. Nasceu na Bahia; bat. N.S. da Purificação de Cairú em 10.1.1865. Teve como padrinhos a Joaquim Teotônio do Nascimento e a Umbelina Gonçalves dos Santos.
- (f) Florencio Rodrigues da Costa Doria. N.c. 1831; legitimado por escritura e carta judicial.

¹⁴³L. óbitos da freg. do Pilar, 1875–1883, fls. 73.

¹⁴⁴As razões de cadete de Libério Calixto, dão-no como o pai, e como sua mãe, a Leopoldina Matilde da Costa Doria que, depois de viúva, casou com o irmão Guilhermino Álvares da Costa Doria, abaixo. A documentação é obscura; os filhos assinalados em seguida e que estão aqui atribuídos a este casal aparecem, no inventário correspondente, como filhos de Guilhermino Álvares. Supomos, no entanto, que após o falecimento de Antonio da Vera Cruz Doria, que se teria casado *in extremis*, como se vê mais adiante na nota que transcreve a certidão de casamento de Guilhermino Álvares, e o casamento da viúva com esse cunhado, hajam sido Lupércio e Libério adotados pelo novo casal.

- (g) D. Maria Emilia da Costa Doria, n. 1832. Reconhecida em testamento.
- (h) Joaquim Apolinário da Costa Doria. N. Bahia em 23.7.1839. Bat. na capela do Sr. dos Aflitos em 20.9.1843, sendo padrinhos Joaquim Bernardino Doria e Francisca Xavier Bacelar e Costa. Era filho de Martinha de São Gonçalo. Reconhecido por escritura pública em 2.5.1861, sendo já † a mãe. Cadete do 7^o batalhão de infantaria em 1862. Cav. ordem de Cristo, por serviços prestados, 6.8.1870.
- (i) Pittes da Costa Doria, n. 28.7.1841, bat. na Sé, 1.5.1842. Dado como pardo no batistério, de pai incógnito. Mãe: no batistério, Luiza Maria Rosa de Jesus; no ato de reconhecimento pelo pai, Luiza Maria da Conceição. Padrinhos: Antonio da Silva Bastos Varella e N. S. da Conceição. Cresceu, provavelmente, no seio da família da mãe. Não listado no testamento de Antonio Marcelino.¹⁴⁵ Reconhecido cadete para o mesmo batalhão do meio-irmão em 1861, documento no qual está a filiação.
- (j) Guilhermino Álvares da Costa Doria. Capitão (como é referido em seu inventário) n. Salvador em 1842, e † também em Salvador em 10.4.1910. No óbito é dado como “mestiço, de filiação ignorada.” C. em 6.4.1872¹⁴⁶ c. D. Leopoldina Matilde da Costa Doria, viúva de seu meio-irmão Antonio da Vera Cruz Doria, † Leopoldina em Salvador em 28.8.1911. Ele, reconhecido no testamento do pai com o nome de “Guilhermino *Abade*.” Era caixeiro, isto é, encarregado do livro-caixa de casa comercial, e foi intendente municipal (vereador) em Salvador na primeira câmara do período republicano (1891–1895). Teve, com Leopoldina Matilde, os filhos seguintes:
- i. Silvino Álvares da Costa Doria, n. 1872. C.c. Maria Inês da Costa Doria. P.d.:
 - A. Everaldo da Costa Doria. Dado como pardo, advogado, n. 1908, e † Salvador, 4.3.1965. C. Jequié, 22.12.1934, c. Maria Augusta Cordeiro de Almeida, n. Jequié c. 1913, filha de João

¹⁴⁵Seria este Guilhermino Álvares, que teria então trocado de nome?

¹⁴⁶Eis o casamento:

Aos seis de Abril de 1872 tendo procedido dispensa de proclamas e dos impedimentos de publico honestidade, e de Afinidade por copula illicita em primeiro grau de linha transversal, e de tempo prohibido, em Oratorio privado e em minha presença receberam-se em Matrimonio Guilhermino Alvares da Costa Dorea e D. Leopoldina Mathilde da Costa Dorea, pardos, naturais desta cidade; elle filho legitimo do Tenente Antonio Marcellino da Costa Dorea, e ella, cazada em primeiras nupcias com o Tenente Antonio da Vera Cruz Dorea, irmão do Contrahente por procuração do mesmo passada no Paraguay onde faleceo sem ter vindo a esta cidade depois de Cazado. Receberam as benções nupciaes sendo testemunhas o Dezembargador Innocencio Marques de Araujo Goes, o Doutor Innocencio Marques de Araujo Goes Filho, e outras mais pessoas. Do que fiz este assento, e assinei. O Conego Cura João Jozé de Miranda.

(Livro 4 de Casamentos, 1838/1879, Paróquia da Sé, Salvador, fls. 245v.) Note-se que Guilhermino era filho *legitimado* de Antonio Marcelino.

Cordeiro de Almeida e de Maria Teófila de Almeida. P.d. um filho:

[1] Erivaldo.

- B. Waldemar da Costa Doria, n. Bahia, 14.5.1912, † Salvador, 12.5.1959.¹⁴⁷ Dado no óbito como pardo, médico, formado pela Faculdade de Medicina da Bahia em 5.12.1935. Foi interno de clínica de doenças tropicais naquela faculdade de 1933 a 1935; em 1939 foi nomeado “assistente de 3ª classe” junto à cadeira de doenças tropicais e infectuosas na mesma instituição, e exerceu tais funções (com uma promoção) até 1957, quando se licenciou para tratamento de saúde. C. 8.12.1939 em Salvador c. Hermosina Miranda Doria, filha de Otávio Emídio Miranda e de Ricarda Bacelar Miranda. Pais de:

[1] Silvino Octavio Miranda Doria, n. Salvador, 16.1.1941, dado como branco no registro.

[2] Elvira Inês Miranda Doria, n. Salvador, 20.6.1949, branca.

- ii. Virgílio Astério da Costa Doria, n. 1875, dado como solteiro em 1910, c.c. Georgina Luiza do Sacramento Doria, † Salvador, 15.5.1953, s.g., filha de Virgínia Portela do Sacramento.
- iii. D. Idalina Matilde da Costa Doria, n. 1877, c.c. Pacífico Ferreira Lima;
- iv. D. Leopoldina da Costa Doria, c.c. Felisberto Barroso; viúva em 1910.

2. Joaquim Bernardino da Costa Doria, n.c. 1796. C.g.

3. Francisco Antonio de Menezes Doria, n.c. 1797. C.g.

4. D. Maria Francisca de Menezes Doria, n.c. 1798. Provavelmente afilhada de batismo da tia paterna homônima. C.c. José Francisco Soares, c.g.

5. João Maria da Costa Doria, n.c. 1799, † antes de 1829.

9 *Manuel Joaquim da Costa Doria*

24. MANUEL JOAQUIM DA COSTA DORIA. Boiadeiro, filho de Cristóvão da Costa Barbosa, à pág. 41, acha-se documentado em S. Francisco do Conde e depois em Santo Amaro (BA). N.c. 1775 em S. Fco. do Conde; † após 1843. C. (c. 1808) c. D. Teresa Sebastiana, antes D. Teresa Mariana de Meneses Doria, sua prima co-irmã, n. c. 1785, filha do Cel. José Luiz da Rocha Doria e de sua segunda mulher e prima D. Francisca Xavier de Menezes Doria, do ramo dos *Rochas Dorias*, atrás, no § 5.

¹⁴⁷No arquivo da Faculdade de Medicina consta 13.5 como data de seu falecimento.

Dele e de seu irmão primogênito José da Costa Doria descendem os *Costas Dorias* de hoje.¹⁴⁸ Filhos:

1. José da Costa Doria, que segue.
2. Antonio Joaquim da Costa Doria, n.c. 1815 ou um pouco antes. C. (depois de 1843) c. D. Eleutéria Sofia de Menezes, c.g.—os *Agripinos Dorias*. Ver o §9.4.¹⁴⁹
3. D. Rita Joaquina da Costa Doria. C.c. o primo co-irmão Antonio Joaquim da Rocha Doria, c.g.—ver à pág. 42.
4. D. Joaquina Rosa da Costa Doria, n. 1819, c.c. José Joaquim da Rocha, n. 1823. (Ver à pág. 61.)¹⁵⁰ C.g. Casaram em 26.2.1843.

25. JOSÉ DA COSTA DORIA.¹⁵¹ N. 1809, batizado (19.11.1809) no oratório do engenho “Papagaio,” em Rio Fundo, ao norte de Santo Amaro (o engenho pertencia aos Berenguer César, sendo Antonio Bittencourt Berenguer César seu tio paterno); † 1871. Passou a Itapicuru (BA) e depois a Estância (SE) e c. em Itapicuru (1830) c. D. Helena Bernardina [Mendes de Vasconcellos, ou Souza Mendonça],¹⁵² filha de Antonio Ponciano de Souza Mendonça, tabelião

¹⁴⁸Manuel Joaquim da Costa Doria, filiação no inventário de Cristóvão da Costa Barbosa [19], 1809, APEBA. Batistério do filho ‘José,’ abaixo [45]. Casamento da filha Joaquina Rosa da Costa Doria, S. Amaro, matriz de S. Sebastião, 26.2.1843, abaixo [44].

¹⁴⁹Citado no casamento de Joaquina Rosa entre as testemunhas, José da Costa Doria, Joaquina Antonia e Eleutéria Maria, esta depois casada com Antonio Joaquim.

¹⁵⁰Seu casamento:

Aos vinte Ceis dias domez de Fevereiro doanno demil oito centos quarenta tres, nesta Igreja Matriz deS. Sebastião feitas as denunciações doestillo sem impedimento Receberão se emminha preZença edas testemunhas em matrimonio por palavras depreZente, aJoZe Joaquim da Rocha filho legitimo de Martinho Correia e D. Roza Joaquina da Rocha, Ambos já falecidos Com D. Joaquina Roza da Costa Doria, Filha legitima de Manoel Joaquim daCosta Doria, e D. Thereza Sebastiana da Costa Doria, Ambos natural desta fregueZia deS. Sebatião o nobente Com idade de vinte anos, eanobente Com Vinte quatro, forão Testemunhas An.to Joaquim da Costa Doria, eJoZe daCostaDoria e Joaquina An.ta da Costa Doria, e D. Eleuteria Maria Sufia de Menezes, lhedei as benções Conforme o Rito Seremnia daSanta Madre Igreja, epara Constar mandei fazer este assento em que assignei. OVigr.o Manoel Fran.co Glz.

(Livro 1 de Casamentos, 1826/1849, de São Sebastião do Passé, fls. 45v.) Martinho Correia é muito certamente Martinho Correia de Vasconcellos, de Itapicuru.

¹⁵¹Seu batistério:

Aos dezenove de Novembro demil oito centos enove, no oratorio do Eng.o do Papagaio desta Fgr.a Bapt. Solemnem.te oP.e Francisco Gonçalves Martins dem.a L.ça, a Joze, filho leg.to de Manoel Joaquim da Costa Doria, ede D. Tereza Sebastiana desta Fgr.a P.P. oTen.e Cor.el Antonio de Bittencourt Ber.er eCezar, e D. Felipa Joaquina doque para constar fiz este tr.o que aSignei. OVigr.o An.to R. da S.a.

(Livro 8 de Batizados, 1807/1821, São Pedro do Rio Fundo, fls. 65; [45])

¹⁵²Um documento no qual aparece D. Helena com o nome “Vasconcellos”:

Aos vinte oito deNovembro de mil oito centos quarenta cinco, nacap.la de N.S. da Saude filial a esta Matriz do Itapicuru deCima assistiu o Vigr.o da Freg.a

em Itapicuru (ver à pág. 60). José da Costa Doria foi dado como “professor” em 1833, em Itapicuru, e como “capitão” em 1857 em Aracaju (SE).¹⁵³ Filhos:

1. Manuel Mendes da Costa Doria, n. 1831, em Itapicuru (BA), † 1904, advogado sem diploma com exercício em Estância (SE), c.c. D. Felicidade Sizenanda de Azevedo, *Dadá*, filha do cônego Antonio Luiz de Azevedo e de sua *common-law wife* D. Jacinta Clotildes do Amor Divino (ver abaixo); segue.
2. José da Costa Doria Junior, n.c. 1833 em Itapicuru (BA), vivo em 1872 e então morador em Estância (SE). Capitão de voluntários da pátria, nomeado em comissão para o 24^o corpo de voluntários da pátria em 1^o.7.1865; dispensado em 19.5.1866. Marchou para a campanha do Paraguai em 3.7.1865. Não chegou a entrar no teatro da guerra, embora tenha atingido Corrientes. Teria sido dispensado por excesso de contingente ou por saúde precária. A 4^a companhia do 24^o corpo de voluntários da pátria, onde era capitão este José da Costa Doria Jr., era comandada pelo tenente-coronel Domingos Mondim Pestana, comerciante abastado radicado em Sergipe, contra-parente destes, e † antes de 23.1.1874, quando José da Costa Doria Junior faz suas petições. Foi negada a patente porque não entrara em combate [46].
3. Justino Olympio da Costa Doria, n.c. 1835 em Itapicuru (BA), gêmeo com sua irmã abaixo. Com Maria Joana do Carmo teve natural:
 - (a) (Na dúvida.) Justiniano Doria. Casou em 17.1.1903 em Santo Amaro com Maria de Nazaré do Amor Divino, filha de Cirilo Alves e de Patrícia Bernardina do Amor Divino.

Seria também sua filha natural:

- (a) (Na dúvida.) D. Justina da Costa Doria. Teve filha natural:
 - i. D. Lucia da Costa Doria. Em 3.5.1902 c.c. Romualdo Muniz Barreto, filho natural de Zué Muniz Barreto; em Santo Amaro.¹⁵⁴

da Snr.a da Conc.m do Soure João Dias d'Andr.e com licença m.a por S. Ex.a R.ma ao recebim.to conjugal de João An.to Simões f.o leg.o de [em branco] com M.a Joaq.na da Pureza Costa, f.a leg.a de Joze Joaq.m da Costa e Joanna M.a de Jezus, o contrahente nactural da Cid.e de Portugal, dispençados os proclamas P.r S. Ex.a R.do ao Nub.e, de Sua nacturalid.e p.r desp. de 20 de Novembro do corr.e anno, eacontrahente d'esta do Itapicuru, forão testem.as J.e da Costa Doria, e sua m.er D. Helenade Vasconcellos, tendo-me da Q. effectuado o conçorcio enviado o assento desp. de S. Ex.a deq̃ P.a constar mandei fazer este assento q̃ assignei. OVigr.o P.e Manoel J.e da Hora.

(Livro 2 de Casamentos, 1831/1855, de Itapicuru de Cima, fls. 68v.)

¹⁵³José da Costa Doria, testemunha no casamento da irmã Joaquina Rosa, supra, 26.2.1843 [44].

¹⁵⁴Livro cas. freg. N.S. do Rosário da cidade de S. Amaro, 1889–1908, fls. 112.

Em 24.6.1882, em Santo Amaro, na capela do Bonfim,¹⁵⁵ Justino Olympio c.c. D. Idalina Elisia da Rocha Doria, dispensados no 2º grau de consanguinidade na linha lateral igual, sendo Idalina Elisia filha de Antonio Joaquim da Rocha Doria e de s.m. D. Rita Joaquina da Costa Doria. (Ver às págs. 42 e 76.) Pais de:

- (a) Cândido da Costa Doria. Em 31.1.1912, em Santo Amaro, c.c. Benta L. de Almeida Cavalcanti, n. Santo Amaro, filha de Sízínio Neves Cavalcanti e de s.m. D. Ursulina L. de Almeida Cavalcanti.
- 4. D. Maria Olympia da Pureza Doria, gêmea com o precedente, n.c. 1835 em Itapicuru (BA), † 1906, s.g.
- 5. D. Joana da Costa Doria, em casada Joana Ribeiro Doria, c.c. José Pereira Ribeiro de Oliveira, c.g.:
 - (a) Everaldo Ribeiro Doria, herdeiro de sua tia Maria Olympia.
- 6. Diocleciano da Costa Doria. Segue no § 9.3.
- 7. D. Antonia Francisca da Costa Doria, em casada Antonia Francisca Doria Mundim, c.c. Eutychio Mundim Pestana, filho de Domingos Mundim Pestana (Salvador, (BA), 1805–Aracaju (SE), 1874), c.g. Domingos Mundim Pestana, pai de Eutychio Mundim Pestana, que se casa com Antonia Francisca da Costa Doria, nasce em Salvador em 1805 e morre em Aracaju em 1874. Luta pela independência como praça, junto a Manuel e Antonio Rebouças, e a Francisco Moniz Barreto, remanescente da *conjura dos alfaiates* de 1798. Tenente-coronel da guarda nacional brasileira, foi deputado provincial em Alagoas e oficial-maior na secretaria de governo de Sergipe. Morre depois de comandar um batalhão na guerra do Paraguai, mantendo a patente de coronel. Pais, Eutychio e Antonia Francisca, *Tia Totonha*, de:
 - (a) D. Tiburtina Mondim [de Albuquerque], que casou duas vezes. Da primeira vez com Manuel Anacleto Cavalcanti de Albuquerque. Pais de:
 - i. D. Julia Mondim de Albuquerque; c.c. Joaquim da Silva Mendes, seu primo. P.d.:
 - A. D. Maria Mondim de Albuquerque Mendes, que c.c. seu primo Jorge Moitinho Doria, abaixo, s.g.;
 - B. Joaquim da Silva Mendes, *Quincas*; residia em S. Paulo em 1974;
 - C. D. Helena Mondim de Albuquerque Mendes.
 - ii. D. Antonia Mondim de Albuquerque, que c.c. Benedicto da Silva Mendes, irmão de seu cunhado também. P.d.:

¹⁵⁵Se o identificamos a *Josino* da Costa Doria, como tudo leva a crer ser certo pelas dispensas dos cônjuges.

- A. D. Lourdes Mendes. Vivia em 1974 em S. Paulo.
- iii. Luiz Mondim de Albuquerque; e
- iv. D. Guilhermina Mondim de Albuquerque, que c.c. ... Gomes Pereira.

Enviuvando, Tiburtina casou-se com seu primo Manuel Mendes da Costa Doria Filho, abaixo. Ver à pág. 81.

26. MANUEL MENDES DA COSTA DORIA. N. 1831, em Itapicuru (BA), † 1904, advogado sem diploma (“rábula”) com exercício em Estância (SE), c.c. D. Felicidade Sizenanda de Azevedo, *Dadá*, filha do cônego Antonio Luiz de Azevedo † 2.3.1848, senhor do engenho “Palmeira,” em Lagarto, Sergipe (filho do Cel. Antonio Luiz d’Azevedo, † 1845 ou 1846 em Estância), e de sua *common-law wife* D. Jacinta Clotildes do Amor Divino,¹⁵⁶ † 5.11.1861, e irmã, *Dadá*, de Francisco Camerino de Azevedo, o *Voluntário Paisano*, herói da guerra do Paraguai, onde † em Curupaiti.

Manuel Doria aparece na relação de eleitores de Estância, feita em 1^o de julho de 1896 pela comissão municipal encarregada de rever o alistamento eleitoral da comarca. Sob o número 158, listado entre os eleitores do 8^o quarteirão de Estância, aparece Manuel Doria como tendo 50 anos em 1881, filho de José da Costa Doria, estando casado no mesmo ano de 1881, residindo à rua Camerino e sendo advogado de profissão. (Como não tem o tratamento de Doutor, caracteriza-se como rábula.) Em 23 de dezembro de 1894 (segundo inventário no cartório do 2^o ofício de Estância), inventaria a Francilina Maria de Jesus, † 13.12.1893, criada da família, deixando uma filha, Estilina, com 8 anos (nascida, portanto, em 1885), sendo seu tutor Manuel Doria.¹⁵⁷

Aos dezoito anos, ainda em Itapicuru, teve Manuel Doria dois filhos:

1. José da Costa Doria. Segue no § 9.1.
2. Manuel de Araújo Doria, ancestral dos *Araújo Dorias* de Sergipe.

Felicidade Sizenanda (ou Cezinanda) de Azevedo nascera em 1834, segundo o inventário do cônego seu pai, senhor de engenho e dono de “muitos livros de assuntos diversos.” Em 1861, Manuel Doria, já casado com *Dadá*, serve de inventariante à sogra Jacinta Clotildes; estoura então um conflito entre Manuel Doria e o concunhado Antonio da Silva Moutinho, comerciante português, marido de Turíbia Cassimira de Azevedo, irmã mais velha de *Dadá*, pois Antonio Moutinho se opõe a que Manuel Doria tenha a tutela dos filhos menores do cônego, donos de imóveis em Estância. Os bens no engenho “Palmeira” ficaram sob a guarda de Francisco Camerino de Azevedo, enquanto que em 28.2.1862 a tutela das crianças passa ao irmão Antonio Cassimiro de Azevedo.

¹⁵⁶Dada como “esposa” no inventário do cônego.

¹⁵⁷Seria sua filha carnal? Tudo o faz supor; a empregada deixara inclusive uma casa à filha, na rua General Prado, em Estância, e a filha é mandada para o Rio, em companhia da mulher do engenheiro Alfredo Alves da Costa, talvez um contraparente, o futuro general Alfredo *Ribeiro* da Costa, ela sua madrinha.

Francisco Camerino faleceu na mesa de cirurgia, no próprio campo de batalha, recitando os seguintes versos de uma peça romântica muito popular na época:

*Ou morre o homem na lida
feliz, coberto de glória,
ou surge o homem com vida
mostrando em cada ferida
o hino de uma vitória.*

Manuel Doria e *Dadá* tiveram 24 filhos, dos quais apenas duas mulheres. Foram os sobreviventes:

1. Joseph Doria Neto, *Joseph*, ou *Doria Neto*.¹⁵⁸ N. Estância (Sergipe), 9.8.1857. † Salvador (Bahia), 25.11.1929. C.c. Zulmira Heitor Doria, † Salvador (Bahia), 15.2.1934. Pais de:
 - (a) Raymundo, † menor.
 - (b) Manoel, idem.
 - (c) Maria do Carmo Doria, c.c. o Dr. João de Sousa Pondé, de quem era viúva em 1934.
 - (d) Nelson Heitor Doria. C. 1^o c. Maria Liguore Doria, n. 1891 e † 6.9.1915, filha de Isaura de Freitas Liguore, s.g. C. 2^o c. Saphira Duarte Doria. Do segundo casamento, p.d.:
 - i. Manoel Doria, *Manoelito*;
 - ii. Fernão Doria.
 - (e) Constança Heitor Doria; c.c. Camilo Carneiro Alonso. Residiam em Santo Amaro em 1934. P.d.:
 - i. José Doria Alonso. Em 26.5.1950 c.c. Alvaceli Bulcão Bezerra, n. freguesia de S. Gonçalo do Amarante, S. Francisco do Conde (Bahia), em 9.4.1928, filha de Eutímio Alves Bezerra e de Maria Augusta de Argolo Bulcão. P.d.:
 - A. Raimundo José Bezerra Alonso, n. Salvador, 28.6.1951.
 - B. Maria das Graças Bezerra Alonso, n. Santo Amaro (Bahia), 12.9.1952.
 - C. Jorge Otávio Bezerra Alonso, n. Salvador, 21.10.1954.
 - (f) Francisco Joseph Doria, solteiro em 1929, bacharel em direito.¹⁵⁹
Encontramos o seguinte registro, que pode revelar uma neta ilegítima de Manuel Doria e de Felicidade Sizenanda:

¹⁵⁸Pronunciavam o nome: *Jozéf*.

¹⁵⁹O testemunho pessoal de Antonio Adolpho Accioli Doria, neto de *Doloque* (§ 9.3), dá conta de um filho ilegítimo de Joseph Doria Neto, havido numa ex-escrava, que c. 1930 era médico em Ilhéus.

(g) Felicidade de Santana Doria. Dada como africana em seu inventário, processado em Salvador (BA) em 1916. Faleceu em sua residência à rua Bela Vista, estrada das Boiadas (Pirajá), região pobre da capital, sem parente algum notoriamente conhecido.

2. Manuel Mendes da Costa Doria Filho.¹⁶⁰ C. 1^o c. Hermínia de Andrade [Doria] e tiveram a:

- (a) Genolina, e
- (b) Alayde Doria. Ambas criadas em casa de uma das suas contraparentas Moutinho, cunhada a Moutinho de Diocleciano Doria (§ 9.3), mulher de João Vicente de Souza.¹⁶¹ Alayde c. no Rio c. o Dr. Galdino Martins. Pais de:¹⁶²
 - i. Helio Galdino Martins, general (reformado);
 - ii. Lourdes Martins, casada com Luiz Felipe Carneiro da Cunha, almirante, † em dezembro de 1995, tendo um filho, Roberto Carneiro da Cunha, oficial de marinha;
 - iii. Paulo Galdino Martins, general (reformado).

Pela segunda vez, no Rio, em 18.7.1891, Manuel Mendes da Costa Doria Filho c.c. sua prima Tiburtina Mondim de Albuquerque, *Tonica* (pág. 79), viúva de Manuel Anacleto Cavalcanti de Albuquerque. Declaram-se pobres, ao pedir a dispensa de proclamas. Foram testemunhas Antonio José Gomes Brandão Filho e o Dr. Samuel Pertence.¹⁶³

P.d.:

- (a) Rubem, n. 19.4.1893.¹⁶⁴
- (b) Cacilda, n. no Rio em 28.4.1894.¹⁶⁵

¹⁶⁰Os descendentes de Manuel Doria Filho e de Antonio de Azevedo Doria (exceto onde se registram fontes documentais) nos foram passados por Helena Moitinho Doria e por Pedro da Costa Doria.

¹⁶¹João Vicente, por sua vez, era primo destes nos *Mendonças* de Itapicuru.

¹⁶²Os descendentes de Francisco Camerino Doria nos foram passados por informação de Licia Leahy Madureira.

¹⁶³Vemos aqui um interessantíssimo exemplo de movimentação social nesta família. Manuel Doria, o primogênito de José da Costa Doria, era com certeza de condição social modesta; Manuel Doria Filho declara-se pobre, ao pedir a dispensa de proclamas quando de seu segundo casamento em 1891. Waldemar Doria segue a carreira—modesta—de policial de rua, e como delegado é assassinado durante uma caçada ao ladrão Meneghetti, mistura de bandido e de contestador social anárquico. Casou “bem,” no entanto, com uma moça de família paulista com raízes agrárias, e seus filhos são profissionais liberais com sucesso, no setor mais conservador da economia.

¹⁶⁴Santo Antonio, L. 10, fls. 71v, em 16.7.1893. Padrinhos: Dr. Diocleciano da Costa Doria e Julita de Azevedo Doria.

¹⁶⁵Seu batistério: Divino Espirito Santo, L. 6, fls. 188; batizado de Cacilda em 29.6.1894, nascida em 28.4.1894, filha de Manuel Mendes da Costa Doria e ‘Ciburtina’ ‘Monteiro’ da Costa Doria. Padrinhos: Manuel Barretto Dantas e Adelina Batista Dantas; vigário José Alves Pereira.

- (c) Waldemar da Costa Doria. Bacharel em direito, policial em São Paulo, † assassinado por Gino Amleto Meneghetti. Homenageia-o uma rua em S. Paulo. C.c. Luiza de Abreu Sampaio, em S. Paulo, n. 1895 e † Jaboticabal em 5.3.1970, filha de Antonio de Abreu Sampaio Vidal. Tiveram os filhos:
- i. Luiz Antonio de Abreu Sampaio Doria, c.c. Ruth Mursa de Sampaio Doria.
 - ii. Roberto de Abreu Sampaio Doria, advogado e banqueiro, † 16.-5.1982 em S. Paulo, c.c. Elcy de Sampaio Doria.
 - iii. Alvaro de Abreu Sampaio Doria, c.c. Maria Robinson de Sampaio Doria.
- (d) Polinice, e
- (e) Altamira da Costa Doria, n. 25.3.1899.¹⁶⁶
3. José de Azevedo Doria, *Zé Doria*, c.c. sua prima D. Julita Moitinho Doria, filha de seu tio o Dr. Diocleciano Doria (§ 9.3). Casaram em 15.6.1895, em casa, em oratório particular, à rua Itapiru, 63, no Rio Comprido, um bairro de classe média alta, àquela época, no Rio. Foram testemunhas Alípio Bittencourt Calazans e Antonio Moitinho Doria, este irmão da noiva.¹⁶⁷
- P.d.:
- (a) Maria Helena Moitinho Doria, n. Sergipe, Estância, em 17.8.1898, e † 1973 no Rio. C. em 2.12.1919 c. Teófilo Marques Valente, n. 5.3.1896, filho de Pedro Marques Valente (n. 5.10.1851, † 2.9.1923) e de s.m. Rita Honorina Cerqueira Lima (n. 27.11.1861, † 27.8.1941). P.d.:
- i. Jorge Doria Marques Valente, n. 29.4.1920. C. em 22.4.1946 c. Lília Pinheiro de Vasconcellos Valente, n. 30.5.1922. P.d.:
 - A. Jorge Marques Valente Filho, n. 4.2.1947; e
 - B. Rita Honorina de Vasconcellos Marques Valente, n. 29.3.1953.
 - ii. Eliane Doria Marques Valente, n. 20.11.1925. C. 31.1.1946 c. Humberto Lemos Lopes, n. 8.4.1921. P.d.:
 - A. Humberto Valente Lopes, n. 13.11.1946.
- Separada de Teófilo Marques Valente, Maria Helena Moitinho Doria ligou-se a Renato de Camargo. Tiveram uma filha:
- i. Renata Doria de Camargo.

¹⁶⁶Seu batistério: Divino Espírito Santo, L. 8, fs. 218, batizado de Altamira em 16.7.1899, nascida em 25.3.1899, filha de Manuel Mendes da Costa Doria e Ciburtina Mondim da Costa Doria. Padrinhos: Eutichio Mondim Pestana e Antonia Doria Mondim Pestana; pároco Isauro de Araujo Medeiros. Devem-se esses três batistérios, de Rubem, Cacilda, Polinice e Altamira, a Hugo Forain Jr., que também montou essa genealogia dos descendentes de José da Costa Doria, de Vila Barracão.

¹⁶⁷Registro: Engenho Velho 12, fs. 52v.

- (b) Jorge Moitinho Doria, médico e industrial, diretor da Fábrica *Bangu*, membro da Academia Nacional de Medicina, † 1971. C. 1^o c. sua prima Maria Mendes, filha de Joaquim da Silva Mendes e de Julia Mondim de Albuquerque; n.p. de Manuel Anacleto Cavalcanti de Albuquerque e de Tiburtina da Costa Doria. (Ver à pág. 79.) S.g. C. 2^o c. Maria de Castro Barbosa da Silveira, *Mariah*, † 1977, filha de Guilherme da Silveira e de s.m. Maria Leopoldina de Castro Barbosa. P.d.:
- i. Jorge Moitinho Doria Filho, *Jorginho*, casado, já †, com uma filha, casada em 1994.
 - ii. Marita da Silveira Doria, que c.c. Fernando Ernesto do Nascimento Silva, filho de Fernando do Nascimento Silva. P.d.:
 - A. Eduardo Doria do Nascimento Silva; e
 - B. Jorge Doria do Nascimento Silva.
- (c) Fernando Moitinho Doria, † solteiro;
- (d) Armando Moitinho Doria, que c.c. Dinah . . . P.d.:
- i. Julita Beatriz Doria, † aos 13 anos;
 - ii. José de Azevedo Doria Neto, n. 1945.

4. Helena de Azevedo Doria, solteira, que residia em Estância em 1929;

5. Maria Doria, *Cota*, c.c. Mário Soares. Era viúva em 1929;

6. Antonio Doria, que segue;

7. Francisco Camerino Doria, que segue no § 9.2.

8. Aarão Doria, que veio para o Rio com seu tio *Doloque*, abaixo; e

9. Agenor Doria, que se teria transferido para Ilhéus.

27. ANTONIO DE AZEVEDO DORIA n. em Estância em 1874, e † 26.7.1926 no Rio. C.c. Maria José Ribeiro da Costa, filha de Inácio de Loyola da Costa e de s.m. Maria Firmina Ribeiro de Lima, nn. da Bahia. Maria José Ribeiro da Costa era irmã do general Alfredo Ribeiro da Costa, ministro do STM e, hoje, nome de rua no Leme (Rio), casado o general com Antonia de Azevedo Moutinho, *Totonha*, irmã de Dária de Azevedo Moutinho, mulher de Deocleciano da Costa Doria (§ 9.3).

Alfredo Ribeiro da Costa e sua mulher Antonia foram os pais de Alvaro Moutinho Ribeiro da Costa, ministro do STF (tribunal que presidiu) durante o regime militar pós-1964.

Um terceiro irmão, de Maria José e de Alfredo, Joaquim Ribeiro da Costa, era engenheiro naval, e c.c. Alina Ferreira. Foram os pais do arquiteto Lucio Costa, n. 27.2.1902 em Toulon, na França, e autor do plano de Brasília—em concurso no qual derrotou seus contra-parentes os irmãos Roberto, filhos de Turíbia Moitinho Doria (abaixo, § 9.3), e netos maternos de Diocleciano Doria e Dária Moutinho.

Pais, Antonio Doria e sua mulher Maria José, de:¹⁶⁸

1. Nair da Costa Doria. N. 17.4.1895 em Estância (SE). C.c. Arnóbio de Souza Lobo, já viúvo e com filhos. P.d.:
 - (a) Geraldo de Souza Lobo, † aos 27 anos, numa 5a. feira santa, de modo misterioso, quando limpava uma arma.
2. Tasso da Costa Doria. N. em Maroim (SE) em 29.5.1897, e † no Rio em 29.5.1977. C.c. Maria Cândida de Mello Cunha. P.d.:
 - (a) Gustavo da Cunha Doria, engenheiro–mecânico, casado, c.g.;
 - (b) Maurício da Cunha Doria, solteiro em 1978.
3. Pedro da Costa Doria, n. em Aracaju, no Beco do Açúcar, em 9.2.1899. Foi, durante muito tempo, chefe dos telegrafistas do Palácio do Catete, então sede da presidência da república, e se aposentou neste cargo. Em 15.4.1929 c.c. Maria José Caribé, † 12.4.1997, filha de Tibúrcio Caribé da Rocha e de s.m. Faustina Figueiredo Rocha. P.d.:
 - (a) Anna Maria, n. 20.8.1932. C. 1^o c. Gilberto Braz da Cunha. P.d.:
 - i. Gilberto Braz da Cunha Filho, n. 20.3.1954;
 - ii. Marcelo, n. 30.8.1958.
 C. 2^o c. Julio Jacob de Souza Mendes. P.d.:
 - i. Roberto de Souza Mendes, n. 20.2.1962.
 - (b) Pedro da Costa Doria Filho, advogado. N. no Rio em 5.9.1937. C. 1^o c. Suely Rage. P.d.:
 - i. Marcus Vinicius, n. 1.12.1961;
 - ii. Márcia, n. 18.7.1963.
 C. 2^o c. Jurema Rodrigues Lima. P.d.:
 - i. Stella, n. 22.7.1976; e
 - ii. Fernanda, n. 13.2.1978.
4. Eleonora da Costa Doria, n. Campinas (SP), em 5.8.1904 e † no Rio, 8.8.81; c.c. o Cel. Leony de Oliveira Machado. P.d.:
 - (a) Antonino Doria Machado, coronel do exército, ex–presidente da Cia. Nacional de Álcalis, n. 1922, †. C.c. Marina ... P.d.:
 - i. Ângela Vitória Doria Machado, casada, c.g.;
 - ii. Ricardo Doria Machado.
 - (b) Leone Doria Machado, advogado. C. 1^o c. ..., de nacionalidade francesa. C. 2^o c. C. 2 filhos.

¹⁶⁸Informações de Pedro da Costa Doria, nesta seção.

(c) Marcelo Doria Machado, advogado, † 1989. C.c. Márcia . . . , desquitados. Com um filho.

5. Zulica, primeira do nome, † ainda bebê de uma queda de sete metros na Fortaleza de Santa Cruz.

6. Zulica da Costa Doria, segunda do nome. N. em 1908 na fortaleza de Santa Cruz. C.c. Fernando Gomes de Mattos, n. de Fortaleza (Ceará), † 1971, viúvo ao se casar com Zulica.

Pais de:

(a) Roberto Doria Gomes de Mattos, e

(b) Fernando Doria Gomes de Mattos, ambos advogados.

7. Fernando Carlos da Costa Doria. N. em Niterói em 5.11.1913; † 25.11.-1988. C.c. Hilda Carneiro, n. Niterói (RJ), n. 20.7.1916, filha de Manuel Octávio de Souza Carneiro, ex-prefeito de Niterói, e de s.m. Olga Paranhos, e n.p. de Francisco Fernandes Carneiro. (Manuel Carneiro era irmão do jurista Levi Fernandes Carneiro.) P.d.:

(a) César Carneiro Doria, n. 18.7.1946, desquitado, c.g.

(b) Eliana Carneiro Doria, divorciada, n. 10.1.1949.

9.1 *José da Costa Doria, o neto*

27. JOSÉ DA COSTA DORIA,¹⁶⁹ filho de Manuel Mendes da Costa Doria, à pág. 79, n.c. 1848, e † 2.11.1881 em Itapicuru. Era casado com Ana Maria de Jesus [da Costa]. Deixa sete filhos (uma filha, póstuma); deixou duas casas em Vila Barracão, umas terras, três escravas e uma alimária.

Pais de:

1. Cunegundes, n. 1872.

2. José Marçal da Costa Doria, n. 1874, s.g.

3. Bartolomeu Alves da Costa, n. 17.12.1875, no Rio Real (BA), e † 7.2.1947 em Ibicaraí (BA). Comerciante e alfaiate. C.c. Maria Maciel da Costa, n. 5.1.1885, † 4.9.1934. Filha única de Cesário de Oliveira Maciel (fazendeiro) e de Maria Francisca de Oliveira.

P.d.:

¹⁶⁹Inventário APEBA, 1/149/248/01; processado em Itapicuru em 13.2.1882. Representava a inventariante viúva seu irmão José Alves da Costa. Seus descendentes foram comunicados por Hugo Forain Jr. e por José Maciel da Costa Irmão. Ao que parece este ramo abandonou o *Doria* devido ao tio que criou aos filhos de José da Costa Doria, José Alves da Costa. Mas mantiveram na memória oral a tradição de um parentesco a D. Duarte da Costa. Helena Moitinho Doria já falara em 1974 ao A. sobre estes parentes.

- (a) Alcides Maciel da Costa, n. 1.1907, † 8.10.1986. Era fazendeiro e também tinha comércio. Primeira esposa: Cremilda Cota de Oliveira. Fal. em Itororó (BA).
P.d. quatro filhos, todos nascidos em Itabuna:
- i. Francisco José da Costa. Militar da marinha, casado com três filhos.
 - ii. Rita de Cássia Oliveira da Costa. Bacharel em direito, reside nos Estados Unidos.
 - iii. Carlos José da Costa. Policial militar (DF). Reformado.
 - iv. Angélia Oliveira da Costa. Bacharel em direito.
- Segunda esposa: Alzira da Costa, com 7 filhos.
- (b) Judith Maciel da Costa, n. 11.2.1908, em Vila Barracão, viva em 1998. Casou c. Juvenal Garcia, n. em Vila Barracão, fazendeiro e comerciante. P.d. Jair da Costa Garcia, n. Ilheus (BA), fazendeiro e comerciante.
- (c) Maria Maciel da Costa, n. 15.11.1909, em Vila Barracão, † 26.11.1997 em Itabuna. C.c. Antonio Pereira Cavalcante, † c. 1972 em Ibicaraí, alfaiate. P.d.:
- i. Humberto Costa Cavalcante. N. Ilhéus, advogado.
 - ii. Orlando Costa Cavalcante. N. Ilhéus, advogado estabelecido em Fortaleza (CE).
- (d) Edith Maciel da Costa, n. 12.11.1910, solteira.
- (e) Ageu Maciel da Costa, n. 7.10.1911, tenente–enfermeiro da Polícia Militar do Rio de Janeiro, † no Rio, no Hospital da PM, em 7.7.1974. C.c. Aurea Pereira da Costa, s.g.
- (f) Carmelita Maciel da Costa, n. 30.9.1912 em Vila Barracão; c.c. Edson Alves de Oliveira, n. Itabuna e lá † em 1971, fazendeiro. P.d.:
- i. Nelson da Costa Oliveira. Sargento da PM do Rio de Janeiro.
 - ii. Bernadete da Costa Oliveira. Professora primária em Itabuna.
 - iii. Iara Lúcia da Costa Oliveira. Professora primária em Itabuna.
 - iv. Antonio da Costa Oliveira. Funcionário da CEPLAC (entidade ligada à lavoura cacauzeira).
- (g) José Maciel da Costa, n. 19.1.1916, em Barracão; † 27.9.1987 em Ilhéus. Era funcionário da Companhia Siderúrgica Nacional. C.c. Josefa Macedo Costa, n. em Canudos (BA), viva em 1998. P.d.:
- i. Nicodemos Macedo da Costa. N. de Volta Redonda (RJ).
 - ii. Archimedes Macedo da Costa. N. de Volta Redonda (RJ).
 - iii. Eugênia Macedo da Costa. N. de Volta Redonda (RJ), fonoaudióloga.
 - iv. Moisés Macedo da Costa. N. de Volta Redonda (RJ), onde é funcionário da prefeitura local.

- (h) Antonio Maciel da Costa, n. em Barracão em 15.7.1919, † 23.10.1991 no Rio. (Policial militar no RJ, faleceu assassinado em frente à sua casa em Senador Vasconcelos.) C.c. Laura Porto da Costa, † 5.1974 no Rio. P.d.:

- i. Elza Porto da Costa; do lar.
- ii. Maria Helena Porto da Costa. Professora municipal no RJ.
- iii. Dalva Porto da Costa. Professora municipal no RJ.
- iv. José Roberto Porto da Costa. Engenheiro-químico industrial e em seguida oficial de marinha, capitão de corveta.
- v. Therezinha Porto da Costa. Professora municipal, no Rio.
- vi. Maria Luiza Porto da Costa, do lar.
- vii. Rita de Cássia Porto da Costa. Funcionária da Telemar.

Antonio Maciel da Costa c. em 2as. núpcias c. Juracy. . . .

- (i) Daniel Maciel da Costa, n. 1.8.1920 em Barracão, e † 26.10.1980, em Ibicaraí, solteiro. Era músico, faleceu solteiro e sem geração.

- (j) José Maciel da Costa Irmão, n. 5.2.1922; Cel. PM-RJ e advogado; n. Barracão mas o registro do seu nascimento foi feito em Ilhéus no Distrito de Barbosa. Iniciou na carreira policial em 1940; inaugurou a delegacia de Ilhéus em agosto de 1965. É formado em direito desde 1974. C.c. Diva Forain Brazuna, n. 30.10.1919, em São José do Barreiro (SP), filha de Aurélio Gonçalves Brazuna e Noêmia Forain. Casaram em 28.6.1951. Pais de:

- i. José Aurélio Brazuna Maciel, n. 10.9.1952, Ten.-cel. PM-RJ, tendo sido oficial desde 11.1974. C.c. Maria Lúcia dos Santos, n. 19.9.1950, filha de Daniel dos Santos e Waldemira Freitas dos Santos e formada em Educação Física pela UFRJ. Pd.:
 - A. Fabiano Brazuna Maciel, n. 3.2.1982. Estudante do segundo grau, 1998.
 - B. Aurélio Brazuna Maciel, n. 6.10.1983. Estudante do segundo grau, 1998.
- ii. Ana Iracema Brazuna Maciel, n. 25.5.1954, batizada em 5.2.1955 na Ig. Matriz de Bangu. C.c. Danilo de Azevedo Horta, n. 9.2.1949, administrador de empresas e funcionário da Michelin, filho de Antero Ramos Horta e Maria de Azevedo Horta. P.d.:
 - A. José Henrique Maciel Horta, n. 25.8.1974. Administrador de empresas.
 - B. Adriano Maciel Horta, n. 25.11.1977. Em 1998 estudava engenharia de produção na UFRJ.
 - C. Luana Maciel Horta, n. 17.7.1981. Em 1998 estudava direito na UFF.

4. João Alves da Costa, n. 1878. C.c. Mariana Machado da Costa. Pais de 22 filhos, dos quais 17 chegaram à idade adulta. P.d.:

- (a) Carmem Machado da Costa c.c. Leonidas Alves de Oliveira.
 - (b) Jayme Machado da Costa
 - (c) José Machado da Costa
 - (d) Jader Machado da Costa, juiz de direito.
 - (e) . . . , “Costinha,” médico cirurgião e professor universitário.
 - (f) Julieta Machado da Costa.
 - (g) . . . (11 outros filhos).
5. Febrônia, n. 1879.
6. Domingos Alves da Costa, n. 1880. C.c. Joaquina Lins da Costa. P.d.:
- (a) Lourival Lins da Costa.
 - (b) Cidália Lins da Costa.
 - (c) Rosalva Lins da Costa, que c.c. José Freire Gouveia.
 - (d) Altair Lins da Costa.
 - (e) Nilza Lins da Costa, que c.c. Eduardo Cavalcante Lins.
 - (f) Políbio Lins da Costa.
 - (g) Nivaldo Lins da Costa (cel. PM–Bahia), c.c. Maria do Amparo Aleluia (*Nina*). Pais do Deputado Federal (1998–2002) José Carlos Aleluia. (José Carlos Aleluia Costa é engenheiro, ex–diretor da Cia. Hidrelétrica do S. Francisco, e no momento deputado federal pelo PFL da Bahia; casado com Maria Luiza Dantas da Costa, c.g.)
 - (h) Péricles Lins da Costa (cel. do exército) c.c. Therezinha Fortes.
 - (i) João Lins da Costa (cel. do exército dentista), c.c. Vera Guazelli, prima de Sinval Guazelli, ex–governador do Rio Grande do Sul.
 - (j) Everaldino Lins da Costa.
 - (k) Antonio Lins da Costa c.c. Benedita . . .
 - (l) Orlando Lins da Costa, solteiro, falecido quando cursava o 6^o ano de direito, de tuberculose.
 - (m) José Lins da Costa.
7. Maria, n. 1882, póstuma.

9.2 *Francisco Camerino Doria*

27. FRANCISCO CAMERINO DORIA, filho de Manuel Mendes da Costa Doria (à pág. 79), e de s.m. Felicidade Sizenanda de Azevedo, n. 5.11.1868 em Estância (SE), e † em Salvador (BA) em 6.6.1950. C.c. Maria Constança Heitor Carvalho, n. em Estância (SE) em 5.9.1870 e † em Salvador (BA) em 15.5.1956, irmã de sua cunhada Zulmira, supra, casada com Joseph Doria.

Filhos:¹⁷⁰

¹⁷⁰Informações de Licia Leahy Madureira.

1. Constança Heitor Carvalho Doria, n. em Salvador (BA) em 5.4.1898 e † 15.5.1983. C.c. Eduardo Leahy, n. 12.6.1895 e † em Salvador, tesoureiro da Petrobrás naquela cidade. P.d.:
 - (a) Geraldo Doria Leahy, c.c. Lourdes Silva Leahy, ele n. em 8.3.1923 em Niterói, geólogo e funcionário aposentado da Petrobrás, e ela n. 16.1.1929. P.d.:
 - i. Geraldo José, geólogo, c.c. Vânia (falecida), e pais de Flávio Augusto (20 anos em 1997) e Adriane (15 anos em 1997);
 - ii. Constança Maria, divorciada, mãe de Daniela (22 anos em 1997) e Tiago (16 anos em 1997);
 - iii. Maria Ângela, c.c. Jean Salla Santos, pais de Ínis (7 anos em 1997) e Ingrid, n. 12. 1995.
 - (b) Cid José Doria Leahy, bancário aposentado, c.c. Angelica Maria Renaldy Cruz, assistente social, ele n. em 9.2.1927, e ela n. 15.6.1933. P.d.:
 - i. Carlos Antonio Cruz Leahy, n. 17.6.1960, comerciário. C.c. Rita de Cássia Costa Leahy. P.d. Patrícia e Carlos Antonio, menores em 1996.
 - (c) Licia Maria Doria Leahy, n. 6.3.1929, professora de letras e hoteleira; c.c. Auro Madureira, oficial de marinha da reserva resumerada. P.d.:
 - i. Maria Constança Leahy Madureira, n. 27.5.1956. C. (1) c. Jayme Vital Santos Souza, médico cirurgião em Salvador. P.d. Ana Carolina Madureira Santos Souza, n. em 5.2.1984; c. (2) c. Daniel Homem de Carvalho, professor de direito tributário da PUC (RJ) e da Cândido Mendes. P.d. Pedro Affonso Homem de Carvalho.
 - ii. Lucia Maria Leahy Madureira, n. 25.9.1959, pedagoga e hoteleira.
 - iii. Silvia Maria Leahy Madureira, n. 21.4.1961, bióloga e hoteleira.
 - iv. João Augusto Leahy Madureira, n. 6.5.1976, estudante de direito da UFRJ em 1996.
 - (d) Silvia Maria Doria Leahy, n. 26.1.1931, c.c. Mário Guimarães Guerra, n. 25.4.1925. P.d.:
 - i. Mário Leahy Guerra, n. 1^o.10.1956, economista. C.c. Maria Cristina ...; p.d. Eduardo, Cristiano e Camila, todos menores em 1996.
 - ii. Francisco Camerino Guerra, b. 24.11.1958, engenheiro, c.c. Verônica ..., arquiteta. P.d. Fábio e Priscila, menores em 1996.
 - iii. Rita de Cássia Leahy Guerra, n. 4.12.1959, c.c. Cleverson Paoletti, os dois economistas. P.d. Rodrigo e Ricardo, menores em 1996.
 - iv. Carlos Eduardo Leahy Guerra, engenheiro, n. 20.7.1962, c.c. Luciana Freire, n. 15.7.1964. P.d. Daniel, e Lucas e Gabriel, gêmeos, nn. 4.2.1991.

- (e) Carlos Antonio Doria Leahy, n 5.7.1942 e † 13.6.1960.
2. Suzana Carvalho Doria, n. 1900 e † c. 1934. C.c. Manuel Egydio Nogueira. P.d.:
- (a) Ana Maria Doria Nogueira, n. 20.3.1929 e † 1^o.9.1988; c.c. Manuel da Silva Fernandes, † em 1996 ou antes. P.d.:
- i. Antonio Fernando, com três filhos;
 - ii. Paulo César, e Martha, cujo filho Marco Antonio é um matemático da Unicamp.
- (b) José Augusto Doria Nogueira, n. 3.10.1931 e † 1994. C.c. Jenny . . . , e teve três filhos.
3. Maria de Lourdes Carvalho Doria, n. 20.5.1903. C.c. Ary Cunha. P.d.:
- (a) Maria Regina Cunha, n. 23.6.1927, c.c. Luiz Athanazio Gonzaga, Cel. do exército, reformado, e engenheiro da firma Norberto Odebrecht. P.d.:
- i. Viviane, arquiteta, assim como Lilian; e mais Luiz Marcio.
- (b) Maria Lais Cunha, n. 20.10.1930, c.c. Olavo Moreno, fazendeiro de cacau em Ilheus (BA). Pais de:
- i. Ary, Márcio, Paulo, comerciantes, um deles empresário em S. Paulo.
4. Helena Carvalho Doria, solteira, n. 15.11. . . .
5. Camerino Carvalho Doria, c.c. Mercês . . . , portuguesa. Com filhos e netos vivendo em Salvador (BA):
- (a) Roberto Doria, Regina Celia Doria, Adriano Doria e Camerino Doria.
6. Uaracy Doria, † 1986. Casou duas vezes. Da primeira, com Zulmira Fachinetti:
- (a) Luiz Fachinetti Doria, †, e Guilherme Fachinetti Doria, solteiro, † em 11.1961;
- (b) Vanda, Hélio Fachinetti Doria, Margarida, Frederico Fachinetti Doria e Marúcia, todos vivendo em Salvador (BA).
- Da segunda vez, c.c. Margarida . . . P.d.:
- (a) Francisco Camerino Doria [Neto], Henriqueta e Henrique Doria estes dois últimos adotados.
7. Dois filhos, †† crianças.

9.3 Diocleciano da Costa Doria

26. DIOCLECIANO DA COSTA DORIA.¹⁷¹ Caçula (Itapicuru, 17.11.1841–Rio, 2.8.1920), médico (Bahia, 1869), deputado provincial por Sergipe (1880), e em seguida diretor de higiene e instrução públicas em Santa Catarina, durante a presidência Rodrigues Chaves.

Fixou-se, em fins dos anos 80 do século XIX, no Rio de Janeiro, deixando a carreira política, e para o Rio atraiu muitos de seus parentes baianos. A lista dos presentes a seu enterro, em Agosto de 1920, é um *Who's Who* da sociedade do tempo, o que demonstrava seu prestígio como clínico e personalidade pública.

C. em 15.1.1870 em Estância (SE) com D. Dária de Azevedo Moutinho, filha de Antonio da Silva Moutinho e de D. Turíbia Cassimira de Azevedo, filha esta do cônego Antonio Luiz de Azevedo, † 1848, sr. do engenho “Palmeira,” em Lagarto (SE), e de sua *common-law wife* D. Jacinta Clotildes do Amor Divino.¹⁷² Pais de:

1. Diocleciano da Costa Doria Filho, *Doria Filho*, n. Estância (SE), 11.1870. Engenheiro-civil pela Escola Central, turma de 1895, † 1896 no Rio de tuberculose.
2. Raul Moitinho da Costa Doria. (Estância (SE), 18.10.1871–Rio, 3.9.1948). Em 27.5.1899 c.c. D. Inesilla do Valle e Accioli de Vasconcellos, filha do Cel. Francisco de Barros e Accioli de Vasconcellos e de s.m. D. Maria do Carmo do Valle; n.p. do cap. José de Barros Accioli de Vasconcellos Pimentel e de s.m. D. Ana Carlota de Albuquerque Mello; n.m. do fidalgo cavaleiro da casa real João Maria do Valle e de s.m. D. Antonia Brandina de Castro Pessoa.¹⁷³ Pais de:
 - (a) Antonio Adolpho Accioli Doria, n. no Rio em 12.6.1901, e † também no Rio em 20.2.1971, dos problemas cardíacos frequentes na família, num domingo de Carnaval, o que batia muito bem com seu temperamento.
Capitão de mar e guerra da reserva remunerada, foi diretor da antiga SNAAPP em Belém do Pará, até os inícios da década de 60, quando

¹⁷¹Seu batistério:

Aos dezoito de Fevr.o de mil oito centos equarenta e dois, Baptizei solemnmente a Diocleciano, branco, nascido a dezasette de Novembro demil oito centos equarenta ehum, filho leg.o de Jozé da Costa Doria, e sua m.er Helena Bernardina de Souza, foram Padr.os o D.or Caetano Vicente de Alm.da Junior, e Nossa Senhora, P.r q. apresentou, e tocou a Coroa Jozé Vicente de Souza. OVigr.o P.e Manoel Jozé Alvares.

(Livro 5 de Batizados, 1835/1856, Itapicuru, fls. 111v.)

¹⁷²Diocleciano da Costa Doria, Tese de Doutorado, frontispício c. filiação e relações de parentes, Fac. de Medicina da Bahia, Novembro de 1869. Diocleciano, batistério, Itapicuru, 18.2.1842 [23]. Diocleciano da Costa Doria, tese inaugural [24], Fac. de Medicina da Bahia, 27.11.1869. Diocleciano da Costa Doria, casamento, Estância (SE), 15.1.1870 [25]. Notemos que D. Jacinta Clotildes era negra, e provavelmente ex-escrava ou filha já liberta de escravos.

¹⁷³Raul, batistério em Estância (SE), 31.3.1872 [63]. Raul Doria, casamento, Rio, 27.5.1899 [64].

enfim se radicou no Rio. *Tatá, Tititátá*, muito querido por toda a família, casou-se com Helena Maria Amalia Fialho de Castro Silva, filha do almirante José Machado de Castro Silva, † como ministro do Superior Tribunal Militar, e de sua mulher Maria Amalia Fialho, *Marieta*. Pais de:

- i. Luiz Carlos Doria, nascido em 25.2.1937, arquiteto premiado pelo *design* de móveis; empresário. Casado com Eliane. . . , com uma filha, Maria, n. 1991.
- (b) Luiz Gilberto de Accioli Doria, *Titio, Titibé*, nascido no Rio em 22.10.1902 e † 31.12.1959, no Rio também, de um enfarte agudo do miocárdio, sofrido quando passava em frente à Galeria Cruzeiro, na Avenida Rio Branco.
- (c) Conceição Accioli Doria, nascida no Rio em 23.3.1904, e no Rio falecida em 28.9.1988. Casou-se com Carlos Soares dos Santos, *Papalô*, primo-irmão do filósofo Órris Soares, e filho de Tomás Lopes dos Santos e de sua mulher Esmeraldina Soares, todos naturais da Paraíba. Casaram Carlos e Conceição em 1931, e Carlos † 8.1967. Pais de:
 - i. Dina Maria Doria Soares dos Santos, nascida em 17.12.1932, professora do ensino médio. Em 27.1.1976 casou-se com José Augusto de Oliveira, natural de Alburitel, em Portugal; divorciados. Adotaram um filho, Bernardo.
- (d) Raul Moitinho Doria Filho, *Rausinho, Titidau*, nascido no Rio em 28.9. 1907 e no Rio falecido em 25.5.1972 de problemas circulatórios. Comerciante, casou-se no Rio, em 2.10.1943, com Ridette Gouveia da Cunha, n. no Recife (PE) em 18.12.1917, filha de Francisco Thomaz da Cunha, *seu Cunha*, dono de casas lotéricas no Recife, e de sua mulher Maria Izabel Bezerra Cavalcanti de Gouveia, *dona Maria*, todos naturais de Pernambuco, e ela da família Paes Barreto. S. g.
- (e) Gustavo Alberto Accioli Doria. (Rio, 17.10.1910–Rio, 10.12.1979). Jornalista e advogado, crítico de teatro de *O Globo* (1948–1959) e, desde 1980, nome de rua no Rio de Janeiro, a rua Gustavo Doria. C.c. Silvia Cresta Mendes de Moraes (Rio, 19.1.1913—Rio, 4.12.1969), filha de Justo Rangel Mendes de Moraes e de s.m. D. Hermínia Gomes de Mattos Cresta; n.p. do Marechal Luiz Mendes de Moraes, ministro da guerra no gov. Afonso Penna, e de s.m. D. Cecília Ferreira Rangel; n.m. de Emmanuele Cresta e de s.m. D. Leonor Gomes de Mattos.¹⁷⁴ Pais de:
 - i. Francisco Antonio de Moraes Accioli Doria.¹⁷⁵ (Rio, 18.11.1945). Professor universitário, casado com Margareth Guimarães Rubim de Pinho, n. 19.8.1952 em Manaus (AM), filha do engenheiro civil e político Simplicio Rubim Madureira de Pinho (1918–1962),

¹⁷⁴Gustavo Alberto Accioli Doria, casamento, Rio, 11.11.1944[39].

¹⁷⁵Francisco Antonio de Moraes Accioli Doria, nascimento, Rio, 18.11.1945 [34].

suplente de senador pela UDN do Amazonas para a legislatura 1958–1966, e de s.m. Noemia Leite Guimarães; n.p. do médico baiano Alvaro Madureira de Pinho e de s.m. Mercedes de Resende Rubim; n.m. de Alvaro Leite Guimarães, comerciante e proprietário em Manaus (AM), n. de Guimarães (Portugal) e de s.m. Rita Leite Guimarães. Pais de:

- A. Pedro Rubim de Pinho Accioli Doria, n. no Rio em 5.11.1974. Jornalista, casado com Leila Braga Sterenberg, filha de Max Sterenberg e de Cleia Braga.
 - B. Mariana Rubim de Pinho Accioli Doria, n. no Rio em 5.3.-1978, engenheira-química pela UFRJ (2002).
 - C. Manuel Rubim de Pinho Accioli Doria, n. no Rio em 2.1.1987, estudante.
3. D. Julita Moitinho Doria, *Lita*, n. em Estância (SE) em 1873 e † no Rio em 3.12.1949. C.c. seu primo co-irmão José de Azevedo Doria, filho de Manuel Mendes da Costa Doria, c.g. Ver à pág. 82.
4. Antonio Moitinho Doria, *Tunico*, advogado e professor de direito, n. Estância (SE), 25.10.1874 e † no Rio em 13.4.1950. Em companhia dos pais mudou-se em 1881 para Santa Catarina, e daí para o Rio. Bacharelou-se na Faculdade Livre de Direito, no Rio, em 1894, e dela foi secretário em 1895 e 1896. Com escritório no Rio desde então, viajou à Europa de 1908 a 1911, tendo acompanhado cursos na Faculdade de Direito de Paris. Lecionou economia política nas escolas do 2^o grau da prefeitura do Rio, e ocupou diversos cargos administrativos: foi membro do conselho administrativo da Caixa Econômica do Rio de Janeiro; do Conselho Nacional do Trabalho, do Conselho Nacional da Aeronáutica; presidiu a seção brasileira do Comitê Jurídico Internacional de Aviação que elaborou o Código do Ar, e era membro honorário do Colegio de Abogados de Lima (Peru).

Era membro efetivo do Instituto dos Advogados do Brasil desde 1897, e presidiu a diretoria provisória da Ordem dos Advogados do Brasil, seção do Distrito Federal, quando esta se constituiu, à imitação do *barreau* francês. Deixou uma lista imensa de artigos publicados, pareceres, ensaios jurídicos, alguns colecionados no livro *Cinquenta Anos de Profissão* (Rio, 1944). C.c. Ernestina da Silva, viúva, s.g. Era esta filha de Estevão José da Silva e de s.m. Camila de Dirceu Peixoto, e irmã de Camila Peixoto da Silva, casada com Manuel José de Amoroso Lima, e pais de Alceu de Amoroso Lima, *Tristão de Ataíde*.

5. D. Turibia Moitinho Doria, *Yayá*, n. no Rio e † 1973. C.c. Roberto Otto Baptista, coronel-dentista do corpo de bombeiros do Rio de Janeiro, filho do Dr. Henrique Baptista e de s.m. Alcina Baptista. Pais de:
- (a) Marcello Roberto Doria Baptista, que profissionalmente se assinava

Marcello Roberto, arquiteto, † 1964. C.c. Lydia de Araújo Motta, filha de José de Araújo Motta, s.g.

- (b) Margarida Doria Baptista, solteira, professora de inglês, †.
- (c) Milton Roberto Doria Baptista, ou Milton Roberto, arquiteto, solteiro, s.g.
- (d) Mauricio Roberto Doria Baptista, ou, profissionalmente, Mauricio Roberto, † 12.1996. C.c. Maria da Graça Couto Campello, filha de Arnaldo Campello e de s.m. Heloisa da Graça Couto. P.d.:
 - i. Marcio Roberto, n. no Rio em 25.10.1945, e
 - ii. Claudio Roberto, n. no Rio e c. 1975 c. . . .

6. José Moutinho Doria, *Juca*, diretor de departamento na polícia civil do Rio; funcionário público do ministério da justiça, lotado no departamento de justiça. N. em Estância (SE), 8.1. . . . , † no Rio em 23.7.1965. Casou com Aimée de Faria Doria, de solteira Aimée de Moura Faria, dona de casa, cuiabana, filha do Gen. Marçal Nonato de Faria e de Adelaide Bem Dias de Moura Faria, ela n. 25.4. . . . e † em 2.2.1975. P.d.:¹⁷⁶

- (a) Ronaldo de Faria Doria, médico cardiologista, carioca, n. 31.10.1933 e † em 3.5.1992, casado com sua prima-irmã Heloísa de Faria Doria, psicopedagoga, n. em João Pessoa (PB) em 4.3. . . . , filha de Edgar Moura de Faria (irmão de Aimée) e Maria de Lourdes Nóbrega de Faria. S.g.
- (b) Clea Maria de Faria Doria, em casada Clea Maria Doria de Araujo. Dona de casa, carioca, n. 20.4.1935. casada com seu primo de terceiro grau (em 11.12.1954) Dario Moura de Araujo, químico, carioca, n. 25.1.1925, filho de Dacio Browne de Araujo, bahiano, n. 26.10. . . . e † em 31.5.1965, e de Hostília Moura de Araujo, cuiabana, n. em 8.7. . . . e † em 16.8.1994. Pais de:
 - i. José Antonio Doria de Araujo: economista, carioca, nascido em 12.1.1956 casado em 4.7.1991 com Jane Teixeira Griffó Doria de Araujo, dona de casa, carioca, nascida em 12.11.1963. Filho:
 - A. Luis Felipe Griffó Doria de Araujo, brasileiro, nascido em 19.11.1992.
 - ii. Patrícia Aimée Doria de Araujo, pedagoga, carioca, nascida em 26.3.1957.
 - iii. Dario Doria de Araujo, engenheiro, carioca, n. em 27.12.1959; casado com Carla Izabel Rocha Doria de Araujo: portuguesa da cidade de Espinho, professora de educação física, nascida em 25.4. . . . Filha:
 - A. Lúcia Margarida Rocha Doria de Araujo, carioca, nascida em 19.10.1998.

¹⁷⁶Informação de Daniela Doria de Araújo.

- iv. Daniela Maria Doria de Araujo: pedagoga, carioca, nascida em 17.8.1964; teve como filho:
 - A. Tarso Doria de Araujo, carioca, nascido em 5.1.1995.
 - v. Marcos Octávio Doria de Araujo: advogado, carioca, n. em 15.-8.1967; de Vera Lúcia Barros Barreto, advogada, carioca, n. em 18.2... teve a filha:
 - A. Juliana Barros Barreto Doria de Araujo, carioca, nascida em 18.3.2000.
7. D. Helena Moitinho Doria, *tia Nenê* também (como sua cunhada Ernestina), n. no Rio, 1890; † S. Paulo, na fazenda de seu sobrinho Roberto de Toledo, em 5.5.1977. Solteira, s.g.
8. Luiz Moitinho Doria, n. no Rio em 1891 e † S. Paulo, 6.6.1964. Advogado com banca em S. Paulo. C. 1^o c. Cecília Vieira. C. 2^o c. Gemma C.g. do primeiro leito.
- (a) Gustavo Roberto Vieira Doria. C. (1962) c. Maria Lucia Calmon Villas-Boas. Desquitados. P.d.:
 - i. Gustavo Calmon Doria.
 - (b) Maria Doria. C.c. Roberto de Toledo Piza [filho], filho de Roberto de Toledo Piza e de s.m. Maria Teresa de Toledo. Fazendeiros em Presidente Prudente (SP). P.d. 7 filhos em 1977:
 - i. Roberto de Toledo Piza,
 - ii. Antonio Roberto de Toledo Piza,
 - iii. Cecília Doria de Toledo Piza,
 - iv.

9.4 Antonio Joaquim da Costa Doria

25. ANTONIO JOAQUIM DA COSTA DORIA foi filho de Manuel Joaquim da Costa Doria (§ 9), n. c. 1815 ou pouco antes, e † no seu engenho “Caberi,” na freg. de N. S. do Monte (hoje Monte do Recôncavo, S. Francisco do Conde), em 28.10.1859. C.c. D. Eleutéria Sofia de Menezes, que usava o nome de devoção D. Eleutéria Sofia do Espírito Santo, talvez ligada ao ramo dos *Menezes Dorias* morgados de Loreto. Pais de:¹⁷⁷

- 1. Pedro José de Menezes Doria. N.c. 1840 ou um pouco antes. P.d.:
 - (a) João Antonio da Costa Doria, n. “na Bahia” (Salvador? Ou Monte Recôncavo?) em 11.4.1867. Colou grau na Faculdade de Medicina da Bahia em 4.12.1888, e recebeu o grau de doutor em medicina por termo passado em 7.1.1891 em Salvador.

¹⁷⁷Excetuando-se a parte referida documentalmente, este ramo baseia-se em informações de Jayme da França Doria e de João Agripino da Costa Doria Neto.

2. José Luiz da Costa Doria, n. 1843. Em 1880 os herdeiros de Antonio Joaquim dizem-no ausente da província.
3. D. Emília Augusta de Menezes Doria, n. 1845 e † em Salvador em 18.-6.1898.¹⁷⁸ No engenho “Santa Cruz,” em 9.7.1861, c.c. seu parente José Ferreira da Rocha Doria, à pág. 63, n. 1824 e † antes de 1898, filho de José Ferreira da Rocha Doria e de s.m. D. Isabel de Vasconcellos Doria. P.d.:
 - (a) D. Caetana Isabel de Menezes Doria, n. 1865; solteira em 1898.
4. João Agripino da Costa Doria. Segue.
5. D. Eulália Amélia de Menezes Doria, n. 1856.

26. JOÃO AGRIPINO DA COSTA DORIA. N. na Bahia em 23.6.1854, e † em Salvador em 3.4.1902. Doutorou-se em medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia, e teve, paralelamente, uma carreira médica e uma carreira política. Na carreira médica, foi chefe do serviço de clínica geral e cirúrgica da Santa Casa da Misericórdia de Salvador, e também professor catedrático de patologia cirúrgica na Faculdade de Medicina da Bahia, além de catedrático (através de concurso) da cadeira de medicina legal da (então) Faculdade Livre de Direito da Bahia. Seu principal discípulo foi o parente afim Clementino Fraga (ver à pág. 69), que trabalhou como seu assistente antes de se estabelecer no Rio e assumir a cátedra de clínica médica na (então) Faculdade Nacional de Medicina, da Universidade do Brasil. Devido a este fato, João Agripino da Costa Doria é chamado (mesmo sendo cirurgião) *Pai da Clínica Médica no Brasil*.

Diplomado em medicina com o grau de doutor em 17.12.1877, foi adjunto de anatomia topográfica e de medicina operatória (clínica cirúrgica), por concurso, em 1883. Pela reforma do ensino de 1891, foi nomeado substituto da 6^a seção (cirurgia) da mesma faculdade, passando a lente catedrático de patologia cirúrgica em 1898, posição na qual sucedeu a José Pedro de Souza Braga, e que exerceu até falecer em 1902.

Na política, foi, de 1891 a 1895, vereador na Câmara Municipal de Salvador, junto com seu primo Guilhermino Álvares da Costa Doria (ver a pág. 74). Ocupou também, interinamente, a prefeitura municipal de Salvador, de 10.1895 a 11.1895.

Casou-se duas vezes. Da primeira, com uma prima, D. Oráida Rodrigues da Costa, filha de João Antunes Rodrigues da Costa e de sua mulher e parenta D. Febrônia de Menezes Doria (pág. 69); n.p. de outro João Antunes Rodrigues da Costa e de s.m. Luiza Marques de Almeida Torres, filha esta de Bernardino Marques de Almeida Torres e de s.m. Joana Angélica de Menezes Doria, filha, enfim, do Cel. José Luiz da Rocha Doria, † 1796, e de sua segunda mulher (e prima) D. Francisca Xavier de Menezes Doria (ver à pág. 63). C.g. descrita abaixo. Febrônia Augusta de Menezes Doria n. em 1829 e era natural do Monte no Recôncavo, em S. Francisco do Conde, filha de Antonio Pereira de Menezes Doria e de Febrônia Maria Palhares, já † ele em 1849, casada com João Antunes

¹⁷⁸Não listada no inventário do pai, mas sua filiação está dada no próprio inventário.

Rodrigues da Costa, no engenho “Natiba,” dos *Menezes Dorias* da ilha dos Frades, em 1.12.1849, com seu parente distante, como dissemos, João Antunes Rodrigues da Costa, n. 1823. Foram testemunhas Ezequiel Antonio de Menezes Doria e Guilhermina de Araújo Goes, daquele ramo da família, dos morgados de Loreto.

Casou-se pela segunda vez com Auta de Magalhães Moreira Sampaio. Também c.g., descrita em seguida.

Do primeiro casamento tiveram a:

1. Isaura da Costa Doria, *Zarinha*, n. em Salvador em 21.7.1884, e † c. 1977, também em Salvador. Solteira.
2. Ana Benvenida da Costa Doria, *Nanoca*, n. em Salvador em 31.7.1887, e † em Salvador em 23.12.1968. Solteira.

Do segundo casamento, tiveram a:¹⁷⁹

1. Maria Carolina (*Marieta*) da Costa Doria, n. na Cidade do Salvador em 25.8.1886, onde †. Foi batizada em Sant’Anna, em 29.1.1887, tendo como padrinhos Pedro José de Menezes Doria e Maria José de Sampaio Meireles, tio paterno e tia materna. Professora primária, solteira.
2. Edgard da Costa Doria, n. 1888, † c. 1932, solteiro, s.g.
3. Oraida da Costa Doria. N. 17.12.1887; † 22.5.1969, sempre em Salvador (BA). Batizada em 17.2.1888, na freguesia de Sant’Anna, tendo como padrinhos o tenente Ursulino de Magalhães Moreira Sampaio e Maria da Glória Sampaio. Foi uma das primeiras mulheres a se matricular numa escola superior, a Faculdade de Medicina da Bahia, onde se diplomou farmacêutica. C.c. Altino Serbeto de Barros, n. 13.7.1892 e † 9.11.1984, sempre em Salvador, bacharel em direito pela Faculdade Livre de Direito da Bahia. Magistrado, e depois advogado militante. Era filho de Gaudencio Pereira Serbeto de Barros e de s.m. Lucia Serbeto de Barros. P.d.:
 - (a) Emmerson José Doria Serbeto de Barros, n. 17.11.1919 e † 28.6.1984 em Salvador (BA). Bacharel em direito pela (atual) Universidade Federal da Bahia, promotor e em seguida advogado militante, e, enfim, executivo da Petrobrás. Em 20.1.1944 c.c. Bernardete Teódulo de Souza, *Detinha*, n. 14.7.1920 em Salvador, também bel. em direito e funcionária pública federal. Divorciados. Filha de Henrique Teóphilo de Souza e de s.m. Syphise Cantídia de Souza. Pais de:
 - i. Altino Henrique de Souza Serbeto de Barros, n. 14.11.1941 em Salvador. Economista pela UFBA e um dos superintendentes do Banco de Desenvolvimento do Estado da Bahia. Em 5.7.1974 c.c. Maria de Fátima Fonseca, n. 17.4.1955 em Salvador, filha de José Gomes da Fonseca e de s.m. Lucia Bastos da Fonseca. P.d.:

¹⁷⁹Informações de Jayme de França Doria.

- A. Maria Victoria Fonseca Serbeto de Barros, n. 5.11.1976.
- B. Juliana Fonseca Serbeto de Barros, n. 17.8.1978.
- ii. Maria do Céu de Souza de Barros, n. 2.12.1945 em Salvador. Funcionária da UFBA. Em 28.9.1975 c.c. José Américo de Araújo Filho, industrial, n. Salvador, filho de José Américo de Araújo e de s.m. Edyr de Araújo. P.d.:
 - A. José Américo de Araújo Neto, n. 17.4.1976.
 - B. Clarisse de Araújo, n. 25.11.1977.
 - C. Dahlia Maria de Araújo, n. 26.12.1986.
- (b) Maria de Lourdes Doria Serbeto de Barros, n. 2.10.1925 em Salvador. Secretária e funcionária pública aposentada. Em 24.5.1950 c.c. Orlando Amado de Freitas, n. 13.8.1916 em S. Felix do Paraguassu (BA), bacharel em direito, funcionário público do estado, filho de Maurilio Amado de Freitas e de s.m. Nicolina de Souza Freitas. P.d.:
 - i. Ana Lúcia de Freitas Matos, n. 28.5.1951 em Salvador (BA). Em 8.1.1971 c.c. Ezequiel da Silva Mattos Jr., economista, chefe de departamento do Banco Central na Bahia, n. 23.2.1944 na dita cidade, filho de Ezequiel da Silva Mattos e de s.m. Maria Pompéia da Silva Mattos. P.d.:
 - A. Gustavo de Freitas Matos, n. 9.3.1972, † com 7 meses.
 - B. Leonardo de Freitas Matos, n. 8.7.1973 na Cidade do Salvador (BA), estudante da UFBA.¹⁸⁰
 - ii. Orlando Amado de Freitas Filho, n. 20.4.1953 na Cidade do Salvador (BA), funcionário em cargo de chefia no Banco Central, na Bahia. Em 4.12.1981 c.c. Maria das Graças de Oliveira Brandão, *Gal*, n. 14.7.1958 em Ilheus (BA), filha de Wilson de Almeida Brandão, já † e de s.m. Enir de Oliveira Pereira Brandão. P.d.:
 - A. Daniel Brandão Amado de Freitas, n. 18.7.1989; † 25.1. 1990, na Cidade do Salvador (BA).
 - B. Gabriel Brandão Amado de Freitas, n. 16.6.1991 em Salvador.
 - iii. Claudio Amado de Freitas, n. 28.3.1955 na Cidade do Salvador (BA). Funcionário público. Em 22.12.1979 c.c. Lycia Marques Alves de Freitas, licenciada em geografia pela Univ. Católica de Salvador, funcionária pública, filha de Milton Antonio Alves e de s.m. Magdalena Cyrila Vasconcelos Alves. P.d.:
 - A. Tiago Alves de Freitas, n. 6.12.1981, na Cidade do Salvador.
- (c) Auta Margarida Doria Serbeto de Barros, n. 15.6.1927 na Cidade do Salvador (BA). Em 24.5.1952 c.c. Clovis Bahia Tourinho, n. 6.5.1926 na Cidade do Salvador, engenheiro civil, filho de Rodolpho Gonçalves Tourinho, *Dodô*, e de s.m. Francisca Bahia Tourinho e neto de João Gonçalves Tourinho. Divorciados. Pais de:

¹⁸⁰O casal Ana Lucia e Ezequiel adotou uma menina, que recebeu o nome de Ana Luiza de Freitas Matos, n. 5.1.1988 no Paraná.

- i. Maria Cristina Serbeto Tourinho, *Tuti*, n. 30.3.1953 na Cidade do Salvador (BA). Em 31.5.1974 c.c. Fernando Tocantins, engenheiro civil, n. no Rio, filho de Antonio Tocantins e de s.m. Ruth Tocantins. Divorciados. P.d.:
 - A. Viviana Tourinho Tocantins, n. no Rio em 26.8.1979.
 - B. João Pedro Tourinho Tocantins, n. 27.9.1982 no Rio.
 - ii. Luiz Felipe Serbeto Tourinho, n. 6.11.1960 no Rio. Médico pela Univ. Gama Filho. Em 10.7.1984 c.c. Concepción Pazo Gandara, espanhola, n. 26.8.1964, médica pela mesma universidade, filha de Eduardo Pazo Gandara e de s.m. Rosaluz Pazo Gandara. P.d.:
 - A. Thomaz Pazo Tourinho, n. 10.5.1992.
4. Cesar da Costa Doria. N. 16.3.1890 na Cidade do Salvador, onde † 13.11.1955. Em 11.3.1922 c.c. Maria Constança Basto da França, n. 30.3.1901 na mesma cidade, filha de Henrique de França de Oliveira Garcez e de s.m. Ana Basto; n.p. de Henrique de França Pinto de Oliveira Garcez e de s.m. Maria José Coutinho Sodré; n.m. de de Pedro Viana de Araújo Basto e de s.m. Maria Constança de Pinho. (O pai do avô paterno era Bento de França Pinto de Oliveira, Conde com grandeza de Fonte Nova, título português, e o pai do avô materno, Luiz Paulo de Araújo Basto, Visconde com grandeza dos Fiais, título brasileiro.

Pais de:

- (a) Jayme da França Doria, n. 11.1.1923 na Cidade do Salvador (BA), onde † 11.11.1993.¹⁸¹ Funcionário aposentado do Banco do Brasil, capitão de infantaria do exército brasileiro, com curso de extensão (correspondência) junto ao exército norte-americano. Tem também um curso intensivo de administração de empresas junto à UFBA. Em 9.6.1949 c.c. Nelzita Cal Garcia, n. 27.10.1927 também em Salvador, bel. em história pela UFBA e lic. na mesma disciplina pela Univ. Católica de Salvador, filha de Laureano Duran Garcia, espanhol, e de s.m. Izaura Cal Garcia, brasileira. P.d.:
 - i. Maria da Graça Garcia Doria, n. 14.5.1950 na Cidade do Salvador, solteira.
 - ii. Anna Christina Garcia Doria, *Nucha*, n. 4.5.1953 na Cidade do Salvador. Professora primária. Em 17.1.1976, em Maringá (PR), c.c. Carlos Roberto Souza Garcia, enteado e filho adotivo do tio materno José Carlos Cal Garcia, engenheiro civil especialista em tratamento de água e de esgotos sanitários. P.d.:
 - A. Barbara da França Doria Garcia, *Babi*, n. 30.1.1986 em Maringá (PR).
- (b) Wanda da França Doria, n. em Salvador em 27.12.1923, e lá †. Professora primária, solteira.

¹⁸¹Foi um dos principais incentivadores e colaboradores do trabalho que levou a este texto.

- (c) Anna Sylvia da França Doria, n. 12.4.1927 na Cidade do Salvador (BA). Solteira.
- (d) Lycia Margarida da França Doria. N. 11.4.1932 na Cidade do Salvador (BA). Lic. ciências sociais, prof. da Univ. Estadual da Bahia e do ensino médio. Em 12.4.1952 c.c. Julio Porto Guedes, comerciante hoje aposentado, n. 31.10.1930 em Salvador, filho de Eneas Guedes e de s.m. Edméa Marques Porto Guedes. Divorciados. P.d.:
 - i. Julio Augusto Doria Guedes, n. 3.3.1953 na Cidade do Salvador. Físico pela UFBA, onde recebeu o grau de M. Sc. e se prepara para o doutoramento. Em 29.8.1976 c.c. Isabela Goulart Sant'Anna, filha do eng. Fernando Sant'Anna e de s.m. Gilka Goulart Sant'Anna. Separados, s.g.
 - ii. Claudio Doria Guedes. N. 23.3.1954, na Cidade do Salvador. Geofísico pela UFBA, superintendente de distribuição da CESP. Solteiro. Com um filho:
 - A. Pedro Caetano Guedes, n. 1.6.1979.
 - iii. Eneas Doria Guedes, n. 13.11.1955 em S. Paulo (SP). Engenheiro civil pela Univ. Católica de Salvador. Em 27.1.1979 c.c. Vera Lucia do Nascimento, n. 10.2.1949, na Cidade do Salvador (BA), filha de João Ribeiro do Nascimento e de s.m. Marialita Costa do Nascimento. P.d.:
 - A. Paloma Nascimento Guedes, n. 22.8.1981 na Cidade do Salvador.
 - iv. Eva Margarida Doria Guedes, n. 3.4.1957 na Cidade do Salvador (BA). Economista pela Univ. Católica de Salvador, func. pública, solteira.

5. Nelson da Costa Doria, que segue.

27. NELSON DA COSTA DORIA. n. Salvador (BA) em 7.9.1891. Bacharel em direito pela Faculdade Livre de Direito da Bahia, promotor público, magistrado † assassinado em 4.2.1929. C.c. Maria Carolina Barbosa de Oliveira, prima terceira de Ruy Barbosa, n. em Feira de Santana (BA) em 10.10.1891 e † 12.12.1970 em São Paulo, filha do juiz Raphael Inocêncio de Oliveira e de s.m. Virginia Gonçalves Barbosa [de Oliveira].
P.d.:

1. João Agripino da Costa Doria [Neto]. N. na Cidade do Salvador em 21.12.1919 e † em São Paulo (SP) em 2000. Bacharel em direito, psicólogo e publicitário. Deputado federal pelo PDC da Bahia, foi eleito em 1962, assumiu o mandato em 1963 e foi cassado em 1964 pelo regime militar.

Formou-se em S. Paulo em ciências jurídicas e sociais; inscrito na OAB (SP) sob o número 66700. Na juventude foi auxiliar de gabinete (encarregado dos serviços de comunicação) do governo Landulfo Alves, na Bahia

(1940–1942). Jornalista profissional, voltou-se para a área de propaganda e publicidade, trabalhando de 1942 a 1951 na Standard Propaganda, em S. Paulo, chegando à posição de seu vice-presidente nacional. Em 1951 fundou, e dirigiu até 1965 a *Doria Associados Propaganda*. Foi, àquele tempo (1952–1954), assessor de RP e comunicações do governador Lucas Nogueira Garcez, de São Paulo. Em 1953–54 participa da comissão de propaganda do IV Centenário de S. Paulo. No governo Kubitschek, assessora José Maria Alkmin, então ministro da fazenda, e então estagia em Washington, no *Internal Revenue Service* com vistas ao preparo do plano de combate à sonegação de impostos no Brasil durante o governo Kubitschek.

É eleito em 1962 deputado federal pela Bahia, filiado ao PDC, para o quadriênio 1963–1967, mas o regime militar de 1964 cassa-o de pronto através do ato institucional de 8.4.1964. O motivo: participara da comissão de política agrária da câmara de deputados e fora membro atuante da CPI que investigava o IBAD, organização ideologicamente voltada para a direita e financiada através de capitais de origens obscuras.

Exilado na Europa, cursou a Sorbonne em Paris, e recebeu o mestrado e o Ph.D. em psicologia pela Universidade de Sussex, na Inglaterra. Entre outros títulos universitários, tem o de professor h.c. da Southern University (Florida, EUA) e foi membro da New York Academy of Sciences e da Société de Médecine de Paris, onde era o único psicólogo.

Foi feito cidadão paulistano honorário, título que recebeu em sessão solene da câmara de S. Paulo em 23.8.1983.

De uma união (em 1942) com Clarita Maria Cruz, já †, teve uma filha:

- (a) Sandra Maria Cruz Doria, n. 21.11.1944, que c.c. Renato Pavan. Com filhos:
 - i. Clarita Maria Doria Pavan [Ramos], que c.c. José Pereira Ramos. P.d.:
 - A. Mariana, n. 22.11.1991.
 - ii. José Renato Cruz Doria Pavan, n. 2.2.1969.
 - iii. Luciano Cruz Doria Pavan, n. 15.6.1970.
 - iv. Fabiana Cruz Doria Pavan, n. 12.71.

C. em seguida, em 5.4.1956, c. Maria Sylvia Vieira de Moraes Dias, nascida em 6.12.1937 e † em 11.8.1974. P.d.:

- (a) João Agripino da Costa Doria Jr. [Bisneto], *João Doria Jr.*, publicitário e jornalista, n. 16.12.1957, presidente da Embratur no Governo Sarney. Em 11.7.1992 c.c. Beatriz Maria Bettanim, empresária e estilista de moda, n. 8.5.1960 em Pinhalzinho, SC. Presidiu a Paulistur (1983 a 1986), e em seguida a Embratur (de 1986 a 1988), no governo Sarney. Entre 1983 e 1988 recebeu 58 prêmios

na área de propaganda e publicidade, inclusive três *Top de Marketing* consecutivos. Foi diretor de promoções e comunicações da Rede Bandeirantes de Televisão (1979 a 1982). Colabora com o *Correio Braziliense*, *A Tarde* (BA), e o *Estado de Minas*. Dirige e apresenta semanalmente, pela Rede Bandeirantes, o programa *Sucesso*, e pela CBN o programa *Business*. Dirige, desde janeiro de 1992, a MAX Produções, voltada para o mercado televisivo.

Têm um filho, João Agripino, n. em 1996.

- (b) Raul Fernando Dias Doria, n. 23.2.1963. É casado com Leonor de Oliveira [Doria], *Pinky*, assessora de comunicação social da Standard, Ogilvy & Mather.

Raul Fernando é diretor-geral da Mikson Filme e Vídeo, especializada em tecnologia da comunicação. De 1977 a 1980 escreveu no *Diário Popular* a coluna semanal “Poder Jovem.” De 1981 a 1982 foi supervisor de comunicação social e depois gerente de comunicação da MPM-CB Comunicação, que é a maior agência de publicidade da América Latina. Em 1983 passou a diretor nacional de atendimento e planejamento da SGB Publicidade, sendo responsável pelas unidades de S. Paulo, Rio e Brasília. Em 1984 fundou a Mikson, que dirige desde então.

Recebeu muitos prêmios em sua área. Teve em 1991 a medalha de ouro no *Anuário de Criação de 1992*; recebera em 1991 a medalha de bronze no Festival de Cannes (propaganda).

Após desquitar-se de Maria Sylvia, uniu-se a Tania Pereira Henrique, com quem teve dois filhos:

- (a) Raphael Pereira Henrique Doria, que nasceu em 30.10.1969 e cursou a Faculdade Álvares Penteado de Comunicação Social. É gerente de contas do departamento comercial da AMS Informática Ltda.
- (b) Marcelo Pereira Henrique Doria. Nasceu em 17.10.1971 e cursou a Faculdade Álvares Penteado. É coordenador de publicidade do grupo Diário do Grande ABC.

C. 2a. vez, em 15.2.1975 c. Maria Teresa Fernandes da Silva [Doria], professora especializada e psicoterapeuta. N. em 24.2.1931, é filha de João Fernandes da Silva, de origem portuguesa, e de s.m. Rosa Mazzante da Silva, n. na Itália. Maria Teresa Doria é diretora do Instituto *Mind Power* do Brasil desde 1975.

2. Maria Virginia de Oliveira Doria n. 1920 na Cidade do Salvador (BA). Professora primária. C.c. Tulio Hostilio Montenegro. N. em 9.3.1916 em Vitória (ES), foi estatístico-chefe na secretaria-geral do IBGE, órgão no qual ingressou em 1940 para realizar o censo. Em 1946 foi escolhido secretário-geral do Instituto Interamericano de Estatística, com sede em Washington (EUA). Escreveu diversos livros na sua área, como *Aspectos*

Censitários Americanos (1949); e vale também citar *Tuberculose e Literatura*.

Pais de:

- (a) Fernando José Doria Montenegro, n. 31.3.1943, economista do FMI, residente em Washington DC (EUA), divorciado.
 - (b) Regina Maria Doria Montenegro, n. 12.5.1944, casada com . . . , professor universitário. Pais de:
 - i. Rachel Jean, n. 16.12.1968, divorciada,
 - ii. Jorge Michael e Jorge Eric, gêmeos, nm. em 27.9.1971, nos EUA, onde residem.
 - (c) Maria Carolina Doria Montenegro [Di Sandro], n. 19.11.1947, c.c. Mario Di Sandro, n. 8.9.1952. Filha:
 - i. Rachela Virginia, n. 13.4.1986.
3. Maria Ilza de Oliveira Doria, n. 18.5.1923 na Cidade do Salvador (BA). Professora primária. C.c. José Fernando de Carvalho Severino, n. 7.2.1920 em Coimbra (Portugal), naturalizado brasileiro, publicitário, filho de Julio de Araújo Severino e de s.m. Rosalina de Carvalho Severino. Trabalhou nas agências Sul Americana (1939), Grant (1942), Standard Propaganda (1950); foi diretor comercial da TV Tupi, primeira emissora de TV da América Latina, e em 1989 tornou-se diretor comercial da TV Manchete. Maria Ilza trabalhou no consulado geral dos EUA em Salvador (BA) e depois na Standard Propaganda em S. Paulo (onde o irmão João Agripino era vice-presidente) chefiando uma carteira de contas (de 1944 a 1950). Teve igual função na Doria Associados Propaganda (de 1950 a 1964), até ser esta extinta pelo golpe de 1964.

P.d.:

- (a) Vera Severino Mencarini, decoradora e paisagista, n. S. Paulo (SP) em 2.12.1946. C.c. Elvio Mencarini, n. 23.12.1945, em Santos (SP), empresário na área de comunicações, filho de Bruno Mencarini e de s.m. Elvia Soares Mencarini. P.d.:
 - i. Roberto Severino Mencarini, n. 7.12.1971 em S. Paulo.
 - ii. Fernanda Severino Mencarini, n. 31.10.1973 em S. Paulo, onde † 9.11.1986.
 - iii. Eduardo Severino Mencarini, n. 18.12.1978 em S. Paulo.
4. Raphael Nelson de Oliveira Doria, n. 19.8.1925 na Cidade do Salvador (BA) e † em S. Paulo em 1.12.1979. C.c. Maria Helena Garcia [Doria]. † em S. Paulo (SP).

Pais de:

- (a) Nelson da Costa Doria Neto, n. 1.1.1951. É corretor de imóveis da empresa *Eschema*, em Vitória (ES), e c.c. Vitoria Maria Neto [Doria], n. 31.12.1944. P.d.:

- i. Marcelo Neto Doria, n. 6.12.1979;
 - ii. Carlos Eduardo Neto Doria, n. 20.3.1981.
- (b) Maria Lucila Garcia Doria, n. 9.3.1954; solteira, gerente de divisão da *griffe* Giorgio Armani (Vila Romana), em S. Paulo (SP).
- (c) Antonio Roberto Garcia Doria, n. 21.1.1956, publicitário, chefe do setor de eventos e promoções da agência *Veritas*. Divorciado, tem uma filha:
- i. Marion de Lucas Doria, n. 13.9.1986.

Referências

- [1] — “Livro de Tutelas e Inventários da Vila de S. Francisco do Conde,” *Anais do APEBA* **37** (1960).
- [2] J. C. de Abreu, editor, *Primeira visitação do santo officio ás partes do Brasil—Confissões da Bahia, 1591–92*, Briguiet, Rio (1935).
- [3] Alarame Doria [Aleramo Doria], padrão de juros, Chanc. D. João III, Livro 65, fls. 65–67v, 1557, ANTT.
- [4] Ana de Menezes Doria, óbito, *Livro de óbitos de Maragogipe, 1770/1808*, fls. 24.
- [5] Angela de Menezes, assento de óbito, *Livro misto de batizados, casamentos e óbitos, Monte Recôncavo, 1749–1784*, fls. 87.
- [6] Antonio Marcelino da Costa Doria, Inventário (APEBA, 04/ 1802/2273/08).
- [7] A. Augusto da Silva, “Árvore Genealógica da Família Augusto da Silva, 1770–1964,” *Rev. Inst. Genealógico da Bahia* (1964).
- [8] Bartolomeu de Vasconcellos Cavalcanti de Albuquerque, familiarato [Tribunal do Santo Officio, Conselho Geral do Santo Officio, Habilitações, Bal-tazar, maço 5, doc. 91] 1712–1725, ANTT.
- [9] N. Battilana, *Genealogie delle Famiglie Nobili di Genova*, repr. A. Forni (1971).
- [10] Belarmino Jácome de Menezes Doria, sentença de justificação de nobreza, ms., Salvador (21.5.1845).
- [11] A. R. de G. Bittencourt, *Longos Serões do Campo, I e II*, Nova Fronteira, Rio (1992).
- [12] A. Braamcamp Freire, *Brasões da Sala de Sintra, 3 vols.*, Imprensa Nacional, Lisboa (1996).
- [13] A. P. da Costa Mesquita Brito, *Patriciado Urbano Quinhentista; as Famílias Dominantes do Porto, 1500–1580*, tese, Porto (1991).
- [14] A. A. A. Bulcão Sobrinho, “Soeiro,” em *Rev. do Inst. Gen. da Bahia* **3**, p. 41 (1948).

- [15] P. Calmon, *Introdução e notas ao Catálogo Genealógico das Principais Famílias, de frei Jaboatão*, Empresa Gráfica da Bahia (1985).
- [16] J. Capistrano de Abreu, ed., *Primeira Visitação do Santo Officio às Partes do Brazil*, São Paulo (1925).
- [17] V. de Cardenas y Vicent, *El Protectorado de Carlos V en Génova*, Instituto Salazar y Castro, Madrid (1977).
- [18] J. de Castilho, *Lisboa antiga*, Lisboa (1937).
- [19] Christóvão da Costa Barbosa, inventário, 1809, APEBA: 04/1680/2150/16.
- [20] A. Costa, “Genealogia Baiana,” em *Rev. IHGB* **191**, p. 1 (1946).
- [21] A. Costa, “As órfãs da rainha,” em *Rev. Inst. Genealógico da Bahia* **6**, p. 83 (1951).
- [22] G. W. Day, *Genoa’s Response to Byzantium, 1155–1204*, Univ. of Illinois Press (1988).
- [23] Diocleciano da Costa Doria, batistério, Arquivo da Cúria de Salvador, Livro de Batizados de Itapicuru, no. 05, 1835/1856, fls. 111v. (18.2.1872).
- [24] Diocleciano da Costa Doria, *Infecção Purulenta*, tese inaugural (doutoramento), Fac. de Medicina da Bahia (1869).
- [25] Diocleciano da Costa Doria, casamento, certidão ms. (15.1.1870).
- [26] S. A. Epstein, *Genoa and the Genoese*, Univ. of North Carolina Press (1996).
- [27] N. Esteves, *Catálogo dos Irmãos da Santa Casa da Misericórdia da Bahia—Século XVII*, Salvador (1977).
- [28] L. F. Farina e R. W. Tolf, *Columbus Documents: Summaries of Documents in Genoa*, Omnigraphics (1992).
- [29] M. F. da C. Felgueiras Gayo, “Silvas,” em *Nobiliário de Famílias de Portugal*, I–XII, Carvalhos de Basto (1989/90).
- [30] M. J. da C. Felgueiras Gayo, “Moreiras,” em *Nobiliário de Famílias de Portugal*, I–XII, Carvalhos de Basto (1989/90).
- [31] J. G. Felizardo, “O sesmeiro do morro de Sant’Ana,” *Rev. Gen. Brasileira* **I**, pp. 35–49 (1940).
- [32] Fernão Vaz da Costa e Clemenza Doria, *Docs. Hists.* XXXVI, 152; ANTT, Chanc. de D. Sebastião e D. Henrique, Doações, Livro 1, fls. 394 (1559).
- [33] Firmino José Doria, Arquivo Nacional, Rio (col. 525, livro 1, fls. 64; armário 3, livro 1, fls. 77 (1868); cx. 793, pac. 2, doc. 61; cx. 790, pac. 2, doc. 13; cx. 793, pac. 1, doc. 34).

- [34] Francisco Antonio de Moraes Accioli Doria, registro de nascimento, certidão (18.11.1945).
- [35] C. Fusero, *I Doria*, Dall'Oglio Editore (1973).
- [36] A. Gallo, *Antonii Galli, Commentarii de Rebus Genuensium et de Navigatione Columbi*, ed. Muratori, E. Pandiani, ed., Città di Castello (1911).
- [37] Georgina Luiza Sacramento Doria, Inventário (APEBA 06/2707/ 03).
- [38] Guilhermino Álvares da Costa Doria, Inventário (APEBA, 01/353/ 680/ 01).
- [39] Gustavo Alberto Accioli Doria, casamento, certidão ms. (11.11.1944).
- [40] Isabel de Aragão, reg. óbito, *Livro misto de batizados, casamentos e óbitos, Monte Recôncavo*, 1749/84, fls. 158v.
- [41] João Agripino da Costa Doria, Inventário (APEBA, 1/ 45/ 50/ 7).
- [42] Joaquim Apolinário da Costa Doria, Razões de Cadete, Arq. do Exército, Rio.
- [43] Joaquim Apolinário da Costa Doria, Arquivo Nacional, Rio (col. 526, livro 2, fls. 230v).
- [44] Joaquina Rosa da Costa Doria, casamento, Arquivo da Cúria de Salvador, Livro de Casamentos de S. Sebastião do Passé, no. 01, 1826/1849, fls 45v. (26.2.1843).
- [45] José da Costa Doria, batistério, Arquivo da Cúria de Salvador, Livro de Batizados de S. Pedro do Rio Fundo, no. 08, 1807/1821, fls. 65 (19.11.1809).
- [46] José da Costa Doria Jr., registros no AHEx, docs. 5219, Rio (RJ).
- [47] José Lucatelli Doria, assento de casamento, *Livro de casamentos da freg. de Pirajá*, 1905–1908, fls. 11.
- [48] José Luiz da Rocha Doria, segundo inventário, 1799 (APEBA, 03/ 1351/ 1820/ 14).
- [49] Leopoldina Matilde da Costa Doria, Inventário (APEBA, 01/365/ 705/ 01).
- [50] Libério Calixto da Costa Doria, Razões de Cadete, Arq. do Exército, Rio.
- [51] Luiz de França da Costa Doria, assento de casamento. *Livro de casamentos da Penha* (Salvador, 1837–1880), fls. 66v.
- [52] R. L. de Macedo Leme, *Memorias de Familias...*, ms., 1792, Biblioteca Nacional (Rio, RJ).
- [53] C. Malheiros Dias, org., *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, I–III, Litografia Nacional, Porto (1921/24).

- [54] Manuel da Rocha Doria, assento de óbito, *Livro misto de batizados, casamentos e óbitos, Monte Recôncavo*, 1749–1784.
- [55] J. Mattoso, “As famílias condaís portucalenses dos séculos X e XI,” em *A nobreza medieval portuguesa*, Estampa (1987).
- [56] J. Mattoso, “A nobreza rural portuense nos séculos XI e XII,” em *A nobreza medieval portuguesa*, Estampa (1987).
- [57] A. da Motta Alves, *O Morgadio de Fontellas*, Livr. Coelho, Lisboa (1937).
- [58] H. H. de Noronha, *Nobiliário da Ilha da Madeira*, 3 fascículos, ed. de Salvador de Moya, Rev. Gen. Latina, S. Paulo (1947).
- [59] Pittes da Costa Doria, batistério, *Livro de Batizados da Sé* (Salvador, 1829–1853), fls. 246v.
- [60] Pittes da Costa Doria, Razões de Cadete, Arq. do Exército, Rio.
- [61] J. A. Pizarro, *Linhagens Medievais Portuguesas*, Univ. Moderna, Porto (1999), 3 vols.
- [62] J. F. Prisco Paraiso Neto, *Descendência de José Vicente Gonçalves Tourinho*, Salvador (1977).
- [63] Raul Moitinho da Costa Doria, batistério, certidão ms. (18.10.1871).
- [64] Raul Moitinho da Costa Doria, casamento, certidão (27.5.1899).
- [65] L. Ribeiro, “Genealogia dos Moreiras,” fragmento ms., cerca de 1680, em Bartolomeu de Vasconcellos Cavalcanti de Albuquerque, familiarato [Tribunal do Santo Ofício, Conselho Geral do Santo Ofício, Habilitações, Baltazar, maço 5, doc. 91] 1712–1725, ANTT.
- [66] A. Ruy, *História da Câmara Municipal da Cidade de Salvador*, Câmara Municipal de Salvador (1953).
- [67] Fr. A. de Santa Maria, “Santuário Mariano,” IX, em *Rev. I. G. H. da Bahia* 74 (1947).
- [68] Fr. A. de Santa Maria Jaboatão, *Catálogo Genealógico*, Inst. Gen. da Bahia (1950).
- [69] Fr. A. de Santa Maria Jaboatão, “Doreas,” e “Moreyras,” no *Catálogo Genealógico*, ms. original com a letra do autor (1768).
- [70] A. Scorza, *Le Famiglie Nobili Genovesi*, Forni (1996).
- [71] S. Schwartz, *Segredos Internos*, Cia das Letras/CNPq, S. Paulo (1988).
- [72] C. Settipani, comunicação pessoal a F. A. Doria (1999).

- [73] A. de Sousa Lara, M. A. Fernandes, “Moreiras de Tarouquela,” em *Genealogia & Heráldica*, 1 (1999).
- [74] V. Spreti, “Doria,” em *Enciclopedia Storico-Nobiliare Italiana*, Roma (1941).
- [75] A. Torres, “Silvas,” em *Nobiliário*, 10 vols., mss, original de c. 1630, cópia de começos do século XVIII, Biblioteca Nacional (Rio, RJ).
- [76] C. Varela, ed., *Cristóbal Colón: Textos Completos*, 2a. ed., Madrid (1984)
- [77] C. Varela, *Colón y los Florentinos*, Alianza, Madrid (1989).
- [78] F. Vicente Vianna, “A Bahia colonial, I,” *Rev. Instituto Geographico e Historico da Bahia* **17**, pp. 3–50 (1910).
- [79] F. Vicente Vianna, “A Bahia colonial, II,” *Rev. Instituto Geographico e Historico da Bahia* **18**, pp. 3–45 (1911).
- [80] Waldemar da Costa Doria, arquivo histórico da Faculdade de Medicina, UFBA (SA).
- [81] Waldemar da Costa Doria, Inventário (APEBA, 06/ 2531/ 3031/14).

Apêndice A: Os Moreiras.

MOSTRA-SE AQUI uma restauração da genealogia desses *Moreiras*, exemplo de *gentry* portuguesa com raízes muito velhas. Veja-se à pág. 38 o entroncamento dessa gente nos *Costas Dorias*, aos quais dão a ascendência agnática.

Falamos de *restauração de uma genealogia* porque o que se exhibe em seguida é um quebra-cabeças com seis pedaços:

- A linha que vai de *Evenandus* até *Pedro Gonçalves*, patrono do mosteiro de Moreira, foi tomada em Mattoso [56].

Passa-se à linha direta dos *Moreiras* (cuja fonte principal é Pizarro [61]) com a identificação de *Pedro Pires de Moreira*, primeiro ancestral comumente reconhecido para esta família, a um filho de Pedro Gonçalves, pelo patronímico, pela consistência cronológica, pelo apelido *Moreira* explicável através do padroado do mosteiro homônimo, e pelos paralelos onomásticos entre os irmãos de Pedro Gonçalves e os filhos de Pedro Pires de Moreira.

- A genealogia do ramo principal dos *Moreiras* vem de Pizarro. Procuramos segui-la à risca, e compatibilizá-la aos entroncamentos que lhe fazemos.
- Os *Moreiras de Penela* estão apenas em Gayo, que se refere, aparentemente, a documentação primária, contemporânea aos personagens da linha.¹⁸² Corrigimos no entanto seu primeiro ancestral: seria Rui *Esteves* de Moreira, encontrado este Rui por Pizarro em fonte primária na data adequada. (Mas modificamos o entroncamento deste Rui, em Pizarro.)

¹⁸²Desde que Gayo fala da concessão e sucessão de propriedades.

- A genealogia dos *Moreiras do Porto* vem de Gayo [30], do trabalho mais recente, de Pedro de Brito [13], e sobretudo do texto de Sousa Lara e Fernandes [73]. A ligação dos do Porto aos Moreiras mais antigos é aceita por Gayo e por Brito, e seguimos sua opinião. Corrigimos apenas, também (porque novamente em Pizarro a base é documental e primária) a posição de Afonso Martins Moreira, ou de Moreira, ancestral desta linha.
- A linha dos *Moreiras de Tarouquela* está em Sousa Lara e Fernandes [73]. Nos locais adequados discutimos o que parece ser um *gap* na cronologia, junto às soluções propostas.
- A linha que leva à *casa de Pascoais* está em Gayo, mas com a ajuda do texto de Sousa Lara e Fernandes [73] corrigimos seu entroncamento. Novamente cuidamos da consistência na cronologia e na onomástica.
- A linha brasileira dos *Moreiras do Socorro* parte da identificação do ancestral *Antonio Moreira* ao homônimo da linha acima, que leva aos srs. de Pascoais, identificação à qual se juntam paralelos onomásticos e consistência cronológica.

Além disso foram sempre checadas, como critérios básicos eliminatórios: a consistência cronológica, a consistência onomástica (reiteração de prenomes a cada geração de uma família), e, nos séculos X a começos do XV, a consistência no uso dos patronímicos.

A A linhagem dos Moreiras, século X ao século XVI

Esta linhagem se apresenta em várias subseções, a saber:

- Os patronos do mosteiro de Moreira.
- A linha-tronco dos Moreiras, desde Pedro Pires.
- Os senhores de Penela.
- Os Moreiras de Tarouquela.
- Os Moreiras do Porto.
- Os Moreiras de Basto, de Pascoais e do Socorro (estes, no Brasil).

A.1 Patronos do mosteiro de Moreira: do século X ao século XII

I. EVENANDUS, DOMINUS, [55, 56] proprietário em Freixieiro em meados do século X,¹⁸³ junto com a mulher Truili Davidis. Era provavelmente um funcionário da administração régia (um delegado dos reis de Leão) ao norte de Portugal, sem a independência dos chefes das outras grandes famílias da região,

¹⁸³Mattoso cita um documento com a data de 909, mas esta é obviamente errada.

como os Abunazares da Maia ou os senhores de Riba Douro, com os quais, por sinal, estes se casam. A família tinha um *status* social notório, pois a este Evenando refere-se um documento como *dominus*, “senhor,” ou, em tradução sintética, *dom*.¹⁸⁴

A mulher, Truili *Davides*, talvez fosse Truili *Alvites*—outro erro de leitura— já que “Truili” é prenome comum na família de Lucídio Alvites, família condal existente na mesma região.¹⁸⁵

P.d.:

II. GUIMIRO EVENANDES, que c.c. Anímia.¹⁸⁶ Foi Guimiro Evenandes quem comprou o mosteiro de S. Salvador de Moreira, patronato destes. Tiveram a:

1. Trutesendo Guimires, que segue;
2. Evenando Guimires, que pode ter sido o *magister* Evenando, funcionário da região de Leça, sob as ordens do Conde Mendo Gonçalves, em 1004, e que também aparece em 1021 e em 1025. Pai de:
 - (a) Sindo, Godinha e Guimiro Evenandes, atestados em 1019.

III. TRUTESENDO GUIMIRES, atestado entre 976 e 1027, patrono do mosteiro de S. Salvador de Moreira. Exerceu funções judicantes em Leça, como o irmão. Era senhor de Louredo, Guilhabreu, da igreja de S. Veríssimo de Paranhos, e de Freixieiro, além do mosteiro de Moreira da Maia. C.c. Aragunte, atestada entre 1009 e 1036. P.d.:

1. Diogo Trutesendes, que segue;
2. Guterre Trutesendes, no § A.2.

IV. DIOGO TRUTESENDES, filho de Trutesendo Guimires, é atestado entre 1040 e 1100. Com propriedades em Gondinhães, Escariz, Besteiros, Santo André de Ferreira, S. Saturnino de Velinhas, Valungo, Rio Tinto, S. Félix de Coronado, Silva Escura, S. João do Campo, Lubazim, S. Jorge de Moreira, Mandim, Tardinhade, Vila Boa de Arouca.

Nesta família de funcionários régios e delegados do poder central, foi governador de Santa Maria, com o filho Mendo.

C. (1) c. Alivergo Vitisciliz, atestada em 1077, filha de Vitiscilo Leoderigues, e (2) com Ausenda Ermiges, atestada em 1100, possivelmente filha de Ermígio Viegas, dos de Riba Douro.

Do primeiro casamento:

1. Unisco Dias, atestada entre 1077 e 1078, proprietária em Rio Tinto;

¹⁸⁴Almeida Fernandes, tratando dos senhores da Maia, a que estes se relacionam através de parentesco e possivelmente de vassalagem, traduz “*dominus*” ou “*domno*,” naqueles senhores, como *Conde*.

¹⁸⁵As considerações a respeito de Truili Davides? Alvites? são do autor.

¹⁸⁶Seria esta uma das senhoras de nome *Anímia Eris*, da família de Bayão? (Ver [56].)

2. Gonçalo Dias, atestado entre 1049 e 1090 (na dúvida, aqui); seria o Gonçalo Dias que confirma duas doações do rei Garcia, em 1068 e 1070. Teria c.c. Emisu Dias;
3. Trutesendo Dias, atestado entre 1060 e 1077. Funcionário público na região de Anégia, com terras em Ferreira, proprietário do mosteiro de Cete, confirma uma doação do rei Garcia em 1068. Pai de:
 - (a) Diogo Trutesendes, atestado antes de 1100, e até 1136. Seria o proprietário do mosteiro de Vilar de Andorinho, casado com Ilduara Cides. Pais de:
 - i. Trutesendo Dias, at. entre 1109–1146, proprietário em Pedroso e patrono de Vilar de Andorinha; Gonçalo Dias, at. entre 1113 e 1146; Ermesenda Dias, devota, at. 1113–1146; Monia Dias, at. 1113–1146; Pedro Dias, idem, que talvez fosse o c.c. Ausenda Dias, e proprietário em Gondomar em 1125; e Gontila Dias, citada em 1113.
4. Mendo Dias, que segue.

V. MENDO DIAS é atestado entre 1059 e 1068. Governador de Santa Maria, junto com o pai, em 1064. Proprietário em Serzedo (Vila Nova de Gaia).

C.c. Gontinha Guterres, atestada em 1072. A mulher, segundo Mattoso, seria irmã de Gonçalo Guterres, filhos de Guterre Trutesendes, no § A.2, IV, e portanto sua prima. A ver, no entanto, a diferença das gerações, o que indica ser este ramo o primogênito.

Pais de:

1. Alivergo “Boa,” atestada entre 1072 e 1102. Proprietária em Mandim em 1102. Talvez fosse a “Boa” Mendes que em 1078 doou ao mosteiro do Rio Tinto um quinto de seus bens. Seria a *Adibergo Bona* que em 1101 doou um casal à catedral de Braga. Neste caso, c.c. Paio Daviz, já † nesta data de 1101.
2. Guterre Mendes, que segue;
3. Diogo Mendes, atestado entre 1072 e 1115, e talvez em 1125. Proprietário em Fornos, Tardinhado, Romariz, Inha, Escariz e talvez Roge e Padrastos. C.c. Dulce . . .
4. Unisco Mendes, atestada entre 1072 e 1115. C.c. Mendo Trutesendes, seu primo, a partir de 1088. Ver entre os descendentes de Guterre Trutesendes, na próxima seção.

VI. GUTERRE MENDES, citado a partir de 1072 e † 1117. Proprietário em Serzedo, Avelada, Fornos, perto de Castro Portela, Vila Nova da Telha, Enxemil, Mansores, e do mosteiro de Rio Tinto. Seu túmulo pode ser visto no mosteiro de Cete, ainda hoje, onde se lê a data de sua morte.

C.c. Ônega Gonçalves, atestada entre 1098 e 1114. P.d.:

1. Ermesenda, devota, priora do mosteiro de Rio Tinto.
2. Emisu Guterres, citada em 1140, s.m.n.
3. Gontinha Guterres, atestada entre 1110 e 1179. C.c. Gonçalo Mendes, citado entre 1110 e 1143, que se supõe seja o Gonçalo Mendes da Maia, “o lidador,” segundo Mattoso, filho de Mendo Soares *da Maia*. Uma de suas filhas, Maria Gonçalves, seria a que c.c. Gonçalo Trutesendes, no § A.2, VI.

A.2 *De Guterre Trutesendes a Pedro Pires de Moreira*

IV. GUTERRE TRUTESENDES, filho de Trutesendo Guimires (pág. 114) atestado entre 1031 e 1060; teve funções judicantes em 1048, e confirmou vários documentos em 1042, 1048 e 1060. Foi senhor de Guilhabreu, Terroso, Vila Chã, Arões, Loureiro, Gemunde, Lagoa, Gondinhães.

C.c. Ermentro Gondesendes, atestada entre 1031 e 1057, filha de Gondesendo Vitisciliz, de quem herdou Lagoa. P.d.:

1. Trutesendo Guterres, que segue;
2. Gontinha Guterres, que recebe uma doação de Gonçalo Guterres em 1072, e que casa com Mendo Dias, supra, no número V;
3. Gonçalo Guterres, atestado entre 1042 e 1115, sr. de Perafita, Gemunde, Mindelo, Vilarinho, Arões, Carvalhido, Figueiró, Vila do Conde, Freixo, Guilhabreu, Cornes, Azevedo, Vairão, Zabreiros, Rio Tinto, Campanhã, Serzedo, Segueiros, Osseia, Sezures, Arnoso. Esteve na corte do rei Garcia, onde confirma documentos. C.c. Elvira Gonçalves, atestada entre 1067 e 1115, filha de Gonçalo Raupariz. P.d.:
 - (a) Monio Gonçalves, atestado em 1126, proprietário em Arões de bens que deu ao mosteiro de Moreira; e
 - (b) Toda, que c.c. Garcia Gonçalves, atestado entre 1049 e 1091; casaram pouco antes de 1069, ele sendo velho, já. Tiveram dois filhos:
 - i. Gonçalo Garcia, e Elvira Garcia.

V. TRUTESENDO GUTERRES, atestado entre 1030 e 1109. Sr. de Gemunde, Loureiro, Moreira, Avioso, Moreiró, Couso, Vilar de Pinheiro, Carvalhido, Retorta, Mosteiró, Labruga, Vila do Conde, Parada, Rial, Guidões, Foz do Leça, Pampelido, Arnoso, Tebosa, Espinho.

C. (1) c. Gontrode Garcia, c.g., tetraneta de Abunazar Lovesendes,¹⁸⁷ do sangue do Profeta. Era filha de Garcia Pinioliz, de quem esta família recebe em herança uma parte do mosteiro de Santo Tirso. Garcia Pinioliz é atestado entre 1052 e 1083, e c.c. Leodegúndia Bermudes; era Garcia Pinioliz filho de

¹⁸⁷Assim reconstrói Almeida Fernandes o nome deste personagem: Abunazar Leodesindes, o que nos parece correto também. Nos nobiliários, é conhecido como “Dom Alboazar Ramires.”

Ausenda Abunazar e de Piniolo, e por Ausenda, neto de Abunazar Lovesendes, fundador do mosteiro de Santo Tirso de Ribadave em 978, e de sua mulher Unisco Godinhes. Abunazar Lovesendes está no centro da “lenda da Miragaia,” e (segundo um fragmento de genealogia que data do século XIII) era trineto de Abdallah, emir de Córdoba, através de sua mãe Ortega, ou Zaïra bint Zahadon, sendo portanto do sangue dos califas omíadas—que eram da família de Maomé. P.d.:

1. Mendo Trutesendes, atestado entre 1088 e 1113. Com senhorios em Moreira, Foz do Leça, Vilar do Pinheiro. C.c. Unisco Mendes (atestada entre 1072 e 1115), filha de Mendo Dias, VII. Não devem ter tido filhos, porque doaram seus bens ao mosteiro de Moreira em 1088.
2. Garcia Trutesendes, atestado entre 1092 e 1122. Proprietário em Viariz, Vilarinho, Vilar do Pinheiro, Retorta, Refonteira, Couso, Sangemil, e patrono do mosteiro de Santo Tirso por sua mãe. C.c. Elvira Soares “Boa,” atestada entre 1105 e 1111. Também não devem ter deixado filhos.
3. Guterre Trutesendes, atestado entre 1103 e 1131. Sr. de Sangemil, Vilar do Pinheiro, Arões, Vila Verde; c.c. Châmoa Mendes, atestada entre 1103 e 1131. Com filhos:
 - (a) Soeiro Guterres, Gonçalo Guterres e Trutesendo Guterres, citados entre os patronos do mosteiro de Santo Tirso em 1145.

4. Gonçalo Trutesendes. Segue.

C. (2) c. Elvira Moniz, s.g. Trutesendo Guterres pode, ainda, ter deixado outros filhos [56].

VI. GONÇALO TRUTESENDES, atestado entre 1098 e 1121, sr. de terras em Palmazão, Mandim, Aveleda, Quiraz, azevedo, Fajozes, Carcavelos, Pindelo; patrono do mosteiro de Sesmonde. Confirma documentos em 1098 e 1105.

C.c. Maria Gonçalves (atestada entre 1102 e 1144). Seria filha de Gonçalo Mendes da Maia, “o lidador,” e de Gontinha, supra.

P.d.:

1. Pedro Gonçalves, que segue;
2. Soeiro Gonçalves, atestado em 1145 e 1146, patrono de Moreira e de Mosteiró;
3. Mendo Gonçalves, atestado em 1144 e 1145, igualmente patrono de Moreira e Mosteiró;
4. Rodrigo Gonçalves, atestado em 1145, patrono de Moreira.

VII. PEDRO GONÇALVES, atestado entre 1145 e 1151; proprietário dos mosteiros de Moreira, Sesmonde e talvez Mosteiró; com herdades em Aveleda, Fajosa, quintã, Celeiro da Torre. Teria sido quem fez incendiar uma casa de Monio Sarracins em 1151. C.c. Mor Peres. P.d.:

1. Gonçalo Pires.
2. Pedro Pires, “de Moreira.” Segue.¹⁸⁸

VIII. PEDRO PIRES “DE MOREIRA,” que vivia no tempo de Sancho I (1154–1211, rei em 1185) e de Afonso II (1185–1223, rei em 1211), sr. da Quinta da Torre da freguesia de Santa Maria de Moreira, em Celorico de Basto.¹⁸⁹

Teve a:

1. Rui Pires de Moreira, que segue;
2. João Pires de Moreira, cavaleiro; segue no § A.3.
3. Martim Pires de Moreira. Cavaleiro, documentado desde as inquirições de 1258, possessor de bens nas freguesias de Moreira e de Arnóia, em Celorico de Basto. C.c. D. Aldara . . . e pais de:
 - (a) Nuno Martins de Moreira, citado em doc. antes de 1293.
 - (b) Estevão Martins de Moreira, cavaleiro. Em 1284 testemunhou o testamento de seu tio João Pires, e em 1293 achava-se casado com Sancha Martins, quando doaram à Sé de Lamego o que possuíam na quintã de S. Martinho de Souto—na Sé já repousavam então a mãe e a avó materna de Estevão. Pais de:¹⁹⁰
 - i. Rui Esteves de Moreira. No tempo de D. Afonso III deu à igreja de Tresminas parte da aldeia de Quintã, na freguesia de Santa Maria de Jales; isso antes de 1290. Ver sua sucessão na linha dos proprietários de *Penela*, no § A.4.
 - (c) Gonçalo Martins de Moreira, s.m.n.
4. Hermígio Pires de Moreira, † 4.9.1240 no ataque a Alamonte, sendo vassalo de D. Gonçalo Mendes de Sousa.¹⁹¹

IX. RUI PIRES DE MOREIRA, 2o. senhor da dita Quinta da Torre, antes (em 1290), sr. da quintã do Outeiro, em Santa Maria de Moreira. Segundo Gayo, c.c. Brites Fernandes de Ataíde, filha de Fernão de Ataíde, alcaide-mor de Cintra (Sintra?¹⁹²), e de Brites Gonçalves de Vinhal, filha de Gonçalo Fernandes de Vinhal e de Catarina Aranha.

P.d.:

¹⁸⁸Esta filiação não é dada em nenhum documento, mas ela se deve ao seguinte: consistência da cronologia e do patronímico; explicação do nome *Moreira* como originalmente derivando-se do patronato ao mosteiro homônimo; e dos paralelos onomásticos entre a geração de Pedro Gonçalves e a dos filhos de Pedro Peres.

¹⁸⁹A partir daqui, e até o seu fim, esta seção segue Pizarro, no seu capítulo sobre os *Moreiras*, [61], com uma ou outra divergência pontual.

¹⁹⁰Devido ao patronímico.

¹⁹¹Pizarro coloca aqui ainda um Estevão Pires de Moreira, personagem hipotético, devido ao patronímico de Rui *Esteves*, que no entanto colocamos supra.

¹⁹²Gayo escreve “Cintra,” mas parece ser Sintra. Agradecemos a Joaquim Neto Teixeira a correção.

1. Gonçalo Ruiz Moreira, que segue;
2. Teresa Rodrigues de Moreira. C.c. Afonso Anes Maravilha.
3. Mem Rodrigues de Moreira, pai de:
 - (a) Gonçalo Mendes de Moreira, cavaleiro, citado num documento de 1324, de D. Afonso IV.

X. GONÇALO RUIZ DE MOREIRA, 3o. sr. da Quinta da Torre e honra de Moreira; disputou ao tio o padroado de Borba de Gondim; sem sucesso, pois ambos o perderam. Foi do conselho de D. Diniz.

Nomeado por volta de 1280 procurador dos herdeiros de D. Gonçalo Garcia de Sousa, já falecido, para acompanhar as inquirições sobre os bens daquele, desempenhou satisfatoriamente essa tarefa, de 1286 a 1287. Foi então representante de um grupo da nobreza nas Inquirições de 1288. Atestado ainda em 1290, quando sr. de uma casa que fora de seu pai, em S. Miguel de Moreira.

C. (1) c. Margarida Martins do Amaral, filha de Martim Afonso do Amaral. P.d.:

1. Maria (I) Gonçalves de Moreira, c.c. Rui Vasques da Fonseca.

C. (2) c. Maria Martins de Ulguezes, filha de Martim Martins de Ulguezes e de Sancha Pires. P.d.:

1. Fernão Gonçalves de Moreira, que segue;
2. Maria (II) Gonçalves de Moreira, c.c. Afonso Fernandes Furtado;
3. Guiomar, c.c. Egas Gonçalves Barroso;
4. Inês, c.c. Vasco Lourenço da Fonseca;
5. Aldonça, c.c. Rui Martins de Moraes.
6. Aires Gonçalves de Moreira,¹⁹³ Citado em 1327, criado de Martim Pires de Alvim, de quem foi testamenteiro. S.m.n.

XI. FERNÃO GONÇALVES DE MOREIRA, 4o. sr. da Quinta da Torre. Citado já em 1290. Honrava então quatro casais, no julgado de Panoias.

C.c. Maria Gomes da Cunha, e já estava casado em 1306, filha de Gomes Lourenço da Cunha e de s.m. Teresa Gil. P.d.:

XII. MARGARIDA FERNANDES MOREIRA, que c.c. João Rodrigues Portocarreiro, a quem levou a casa de Moreira, sucedida em seguida pelos Meneses, Condes e marqueses de Vila Real.

¹⁹³Na dúvida. Filiado pelo patronímico.

A.3 *Moreiras de Tarouquela*

IX. JOÃO PIRES DE MOREIRA, cavaleiro. Documentado desde 12.1.1268, como executor testamentário de Mem Pires de Entrida, filho de Pedro Pires, progenitor da linhagem, à pág. 118. Teve o padroado da igreja de Borba de Gondim no tempo de Afonso III, revogado em 1270, junto de seu sobrinho Gonçalo Rodrigues. Em 1274 aparece como vassalo de D. Martim Gil de Riba de Vizela, e testou em 1284, deixando bens ao mosteiro de Tarouquela, onde pediu para ser sepultado. Teria morrido em 1284.¹⁹⁴

Pai de:

1. Martim Anes de Moreira, escudeiro, que segue.
2. Gonçalo Anes de Moreira. Testemunha um documento do mosteiro de Tarouquela em 14.2.1319.¹⁹⁵
3. Teresa Anes de Moreira, citada no testamento paterno, de 1284.
4. Gil Anes de Moreira, atestado em 1303.

X. MARTIM ANES DE MOREIRA, escudeiro. Recebeu em 1284, no testamento do pai, uma herdade na freguesia de Moimenta, tendo nessa mesma freguesia a quintã de Moreira. Testemunha, em 1309, uma composição entre Martim Pires de Alvarenga e o mosteiro de Entre-Rios. Entre 1317 e 1319 mostra-se muito ligado ao mosteiro de Tarouquela. † antes de 1344. C. c. Guimar Garcia, c.g.:

1. Afonso Martins de Moreira, que em 1344 e 1345 partilhou com os irmãos os bens de seu pai em Moimenta. Era considerado *natural* do mosteiro de Grijó, em 1365.¹⁹⁶ Atestado ainda [73] em 1387.¹⁹⁷ Ver § A.6.
2. Alvaro Martins de Moreira, escudeiro, igualmente referido nos docs. de 1344/45. Em 1355 testemunhou um emprazamento feito por seu irmão Rui Martins; Pizarro conjectura que já teria falecido em 1357. P.d.:
 - (a) Pedro Álvares de Moreira, documentado em 1357—ver em seguida.
 - (b) Maria Álvares de Moreira, a quem sua tia D. Maria Martins de Moreira emprazou, em 1357, metade dos bens do dito mosteiro em Santa Comba. O irmão está citado neste documento.

¹⁹⁴Segundo Gayo, seu testamento está no mosteiro de Pendorada, e no testamento constam seus filhos.

¹⁹⁵Seria o Gonçalo Anes *de Moeiro*, dado como cavaleiro galego, que teria armado cavaleiros a uns Valadares?

¹⁹⁶Pizarro não lhe assinala filhos, mas segundo Gayo, é deste que descendem os *Moreiras burgueses* do Porto.

¹⁹⁷Sendo duvidosa, nos parece, esta última data, devido à cronologia dos irmãos de Afonso Martins. O artigo de Sousa Lara e Fernandes [73] foi comunicado ao autor por Manuel Abranches do Soveral.

3. Fernão Martins de Moreira, escudeiro, documentado em 1342. Já casado com Constança Anes em 1344, vendeu por 255 libras o casal de Paços, na freguesia de S. Martinho de Moreira. Em 1349 aparece como procurador do mosteiro de Tarouquela. Tabelião em Sanfins do Douro, morador em Barreiros [73].
4. Gil Martins de Moreira, escudeiro, atestado no doc. de 1344.
5. Vasco Martins de Moreira, atestado entre 1344 e antes de 1357. Teve filhos:
 - (a) Fernão Vasques de Moreira, doc. em 1357—ver abaixo.
 - (b) Maria Vasques de Moreira, que de sua tia a abadessa teve o mesmo que a prima supra.
6. Rui Martins de Moreira, escudeiro. Em 1343 já casado com Beatriz Rodrigues. Ainda atestado em 1364.
7. Martim Martins de Moreira, escudeiro. Segue.
8. D. Maria Martins de Moreira, dona de Tarouquela e abadessa do mesmo mosteiro em 1344/45, e até 1357.
9. Guiomar Martins de Moreira, dona igualmente de Tarouquela.
10. Inês Martins de Moreira, dona do mosteiro de Lufrei (conselho de Amarante) em 1344/45.

XI. MARTIM MARTINS DE MOREIRA, ou MARTIM MOREIRA, escudeiro. Atestado em 1344. C.c. Teresa Martins Alcoforado. Com bens em Tarouquela, S. Martinho de Sande e Bem-Viver, foreiros ao mosteiro de Vila Boa do Bispo [73]. C.g.:¹⁹⁸

XII. GONÇALO [MARTINS] MOREIRA, que sucede [73] nos bens de Martim Moreira e de Teresa Martins em Vimieiro, bens foreiros ao mosteiro de Vila Boa do Bispo.¹⁹⁹ Ver no § A.5.

¹⁹⁸Em mensagem eletrônica de 12.1.2002, Manuel Abranches de Soveral nota que, segundo [73], bens foreiros ao mosteiro de Vila Boa passam em seguida a um Gonçalo Moreira, aqui colocado como filho e herdeiro de Martim e Teresa.

¹⁹⁹Devido à sucessão nos bens, e com alguma confusão nos patronímicos, pois é mantido o “Martins” na sucessão. Manuel de Soveral sugere que este seria o pai de Inês Moreira, de João Martins, e demais irmãos—exceto Afonso Martins?—no *caput* do § A.5. Aqui, o que determinaria a filiação é a sucessão nos bens.

Ou haveria outro irmão, não documentado, de nome Martim? Ou ainda, proviriam aqueles de Tarouquela de uma filha herdeira inominada, casada com algum Martim?

A.4 *A quinta de Penela*

XII. FERNÃO RUIZ DE MOREIRA,²⁰⁰ filho²⁰¹ de Rui Esteves, que é neto de Pedro Pires, e se acha à pág. 118. Foi sr. da quinta em Penela ao tempo de D. Diniz (1261–1325, rei em 1281). C.c. Andreza Nunes Homem, filha de João Nunes Homem e n.p. (B) de Nuno Homem.

P.d.:

1. João Fernandes Moreira, que segue;
2. Pedro Fernandes Moreira;
3. Diogo Fernandes Moreira;
4. José Fernandes Moreira;
5. Rui Fernandes Moreira.

XIII. JOÃO FERNANDES MOREIRA, 2o. sr. da quinta de Penela, que lhe coutou D. Fernando I em 1382. C.c. . . . , irmã do Mestre de Cristo . . . P.d.:

1. Rui Fernandes Moreira, que segue;
2. Diogo Fernandes Moreira, que serviu a D. João I, que lhe deu as terras de S. Fins e Parada;²⁰² deixou-as ao sobrinho em 1385, porque não teve filhos.

XIV. RUI FERNANDES MOREIRA, 3o. sr. da quinta de Penela. Pai de:

XV. JOÃO RODRIGUES MOREIRA, sr. da quinta de Penela e herdeiro do tio Diogo Fernandes, que deixou a este sobrinho as terras de S. Fins e Parada em 1385. Por sua morte os bens reverteram à Coroa, pois filhos não os teve legítimos. Teve bastardo a:

XVI. FERNÃO ANES, DITO “DE SOUSA.”²⁰³ Herdou a quinta de Penela do pai. Serviu ao infante D. Pedro na minoridade de D. Afonso V (entre 1435 e 1449, portanto). Filho:

XVII. DIOGO FERNANDES MOREIRA²⁰⁴ foi alcaide-mor de Castelo Branco. C.c. Maria Anes de Abreu, filha de João de Abreu. Serviu a D. Afonso V nas guerras contra Castela, no fim do reino deste, e, segundo Gayo, “foi muito bom cavaleiro.” P.d.:

²⁰⁰Gayo fá-lo filho de Rui *Pires* de Moreira, mas Pizarro só documenta Rui *Esteves* de Moreira, na faixa temporal adequada, não dando nenhum Fernão como filho de Rui Pires.

²⁰¹Que supomos, por ser o citado o único personagem documentado de nome Rui, nessa faixa cronológica.

²⁰²Eram terras dos Abunazares da Maia e dos Palmazões.

²⁰³Talvez um locativo este seu nome, relativo ao mosteiro de Paço de Sousa.

²⁰⁴Ver o § A.7. Gayo coloca aqui, irmão deste Diogo, um Gonçalo Anes, dito “de Sousa,” que parece resultar de uma confusão entre *Gonçalo de Sousa*, fundador e primeiro proprietário da Quinta de Pascoais, e João *Anes* Moreira, foreiro ao Mosteiro de Paço de *Sousa*, e primeiro ancestral da linha dos senhores da Quinta de Pascoais.

1. Gonçalo Anes Moreira. Segue.
2. Nuno Fernandes Moreira, c.c. Violante de Magalhães, filha de Vicente de Paiva e de s.m. Violante de Magalhães.

XVIII. GONÇALO ANES MOREIRA, 2o. alcaide-mor de Castelo Branco nestes, c.c. Beatriz Pereira de Altero, filha de Gil Vaz de Altero, comendador de Almada na Ordem de Cristo. P.d.:

XIX. CATARINA GONÇALVES MOREIRA, que c.c. Pedro Gil de Ambroens, “rico do conselho de Bemviver,” fidalgo da casa real. C.g. de nome *Altero*.²⁰⁵

A.5 *Tarouquela, segunda linha*

XII. GONÇALO MOREIRA, filho²⁰⁶ de Martim Martins de Moreira, à pág. 121, foi o pai de:

1. João Martins Moreira, no § A.7.²⁰⁷
2. Inês Moreira, que segue,²⁰⁸
3. Margarida Martins, casada em 1429 em S. Lourenço do Douro, com João Vasques; srs. do casal do Ribeiro, em Vila Boa do Bispo, c.g. [73].
4. Maria Martins, casada com João Álvares, srs. da Quinta de Sande, em S. Lourenço do Douro, por prazo de 1461; viera-lhe do tio²⁰⁹ André Anes.²¹⁰

XIII. INÊS MOREIRA. Foi sucessora nos bens de pai em Sande. C.c. Pedro de Marvão, de Penhalonga [73]. P.d.:

1. João Pires ou João Marvão. Matriculado em Braga (6.6.1444); sr. da Quinta de Poiares em Penhalonga (prazo de 1457). C.c. Teresa Anes, sra. do casal do Ribeiro em S. Lourenço do Douro (prazo de 1486, foreiro ao mosteiro de Vila Boa do Bispo). C.g.
2. . . . Pires [Moreira], que c.c. Martim Mendes Cerveira, juiz dos feitos cíveis e crimes (Évora, carta de 24.5.1440); filho de Mem Cerveira.²¹¹ P.d.:

²⁰⁵Há, aparentemente, uma inconsistência no número das gerações neste ramo, face aos demais.

²⁰⁶Como supomos devido à sucessão em bens foreiros a Vila Boa do Bispo; veja-se no parágrafo sobre Martim Martins.

²⁰⁷Este, e as irmãs Inês, Margarida e Maria, em seguida, tiveram documentadamente o patronímico *Martins*, e eram, devido à sucessão nos bens, do ramo de Martim Anes, dos de Tarouquela. Devemos prestar atenção à cronologia de Inês.

²⁰⁸Seguimos [73], mas esta senhora poderia talvez estar na geração anterior: comparem-se as datas nas gerações correspondentes, na descendência desta e na de João Anes.

²⁰⁹De que lado?

²¹⁰Isso explicaria o nome do *André*, na descendência de João Anes, abaixo? Ou será que este nome passa, simplesmente, a fazer parte agora do *pool* onomástico?

²¹¹Este seria o que está em Gayo, “Cerveiras,” § 8, no. 4, *Mendo Affonso de Cerveira*, que o mesmo autor dá como vivo em tempos de D. Fernando, em 1380, e que ainda teria assistido

- (a) Antão Martins [Cerveira], escudeiro de D. João de Azevedo e sr. da Quinta de Bairros (Paiva), emprazada em 1485. C.c. Beatriz Aranha, c.g.
- (b) Manuel Moreira. Escudeiro fidalgo, nomeado pelos pais na Quinta de Bairros.
- (c) João Martins Moreira, genro²¹² e criado de Heitor Moreira (pág. 125); c.c. a filha desde, Violante Afonso. Ver a sucessão abaixo.

A.6 *Moreiras do Porto*

XI. AFONSO MARTINS DE MOREIRA,²¹³ que viveu no século XIV, no tempo de D. Afonso IV, de D. Pedro I, de D. Fernando e do começo do reino de D. João I. Bisneto de Pedro Pires e filho de Martim Anes, à pág. 120. C.c. Maria Alvelo,²¹⁴ por quem tinha uma comedoria em Grijó em 1365. Pai de:²¹⁵

XII. AFONSO MOREIRA. Estava vivo no Porto em 1415.²¹⁶ C.c. Clara Gonçalves; instituíram em 1435 uma capela em S. Domingos. P.d.:

XIII. HEITOR MOREIRA, † 1481. Foi juiz no Porto em 1459; um dos “homens bons” da governança e do alto comércio da cidade, com os Carneiros e diversas outras famílias.

à tomada de Ceuta em 1415. O irmão de Martim, no caso, Rui Mendes de Cerveira, foi aposentador-mor de D. Duarte e de D. Afonso V, e morreu em Alfarrobeira em 1449.

Mendo Afonso, dado em Gayo como filho de Afonso Pires de Cerveira, o que é absurdo na cronologia, poderia na verdade ser seu bisneto, e talvez neto de Rodrigo Anes de Cerveira ([61], I, p. 415), já casado em 1326 com Urraca Fernandes, e alcaide de Chaves.

²¹²E não filho, como o coloca F. Gayo [73].

²¹³Agradecemos a Manuel Abranches de Soveral, que nos comunicou o trabalho de Sousa Lara e Fernandes [73] sobre os *Moreiras de Tarouquela*.

²¹⁴O nome da mulher é segundo Gayo, mas a razão (comedoria deste Afonso) em Grijó é confirmada documentalmente.

²¹⁵Precisamos explicar:

1. A talvez inconsistência cronológica nas famílias dos *Moreiras de Tarouquela* [73] e dos *Moreiras do Porto*—pareceria faltar nos dois casos uma geração;
2. A onomástica: o ancestral dos de Tarouquela seria um *Martim*;
3. A sucessão nos bens;
4. A proximidade dos dois grupos familiares, os do Porto e de Tarouquela, que se entrecasam.

Outras opções seriam, ou supormos que os ramos não se aparentam, ou enfim que os dois ramos se aparentam, mas não provêm dos *Moreiras* mais antigos, ou ainda que um deles provem, o de Tarouquela, e não o do Porto. Mas cremos na hipótese explicitada.

Em mensagem eletrônica ao autor, de 12.1.2002, Manuel Abranches de Soveral nota que Sousa Lara e Fernandes assinalam [73] que os bens do “Martim Moreira” foreiros ao mosteiro de Vila Boa do Bispo, passam a um “Gonçalo Moreira,” sem maior precisão. E este, por ser documentado, é o que aqui tomamos por seu filho.

²¹⁶Dado como filho de Afonso Martins por Gayo, mas as datas revelam, como dissemos, inconsistência, pois existiria uma geração intermediária. Ou seriam estes um ramo secundogênito? Ou estes *Moreiras do Porto* teriam na verdade outra origem?

Teve BB:

1. João Afonso Moreira, que c.c. Maria Pires de Neiva, filha de Pedro Álvares do Souto e de s.m. Brites Anes. P.d.:
 - (a) Henrique Moreira de Álvaro, casado com Antonia Barbosa, c.g.; Madalena Moreira (que c.c. Antonio do Couto, c.g.), e Felipa Moreira, casada com Pantaleão Carneiro.
Teriam nascido pelas duas últimas décadas do século XV ou no começo dos quinhentos.
 - (b) Gaspar Moreira de Álvaro. Desembargador, do conselho do rei, chanceler do cardeal D. Henrique, cavaleiro da ordem de Cristo. Viveu em Évora e casou com D. Brites da Silva, já viúva (e quando enviúva de Gaspar, casa-se com Tristão Vaz de Castro).
2. Violante Afonso, que segue.

XIV. VIOLANTE AFONSO c.c. João Martins Moreira, atestado em 1480 no Porto; supra. P.d.:

XV. HEITOR MOREIRA, *o moço*, c.c. Maria Aranha Figueiroa, filha de João Figueiroa. P.d.:

1. Belchior Moreira, que c.c. Apolónia Carneiro, filha de Tristão Rodrigues e de s.m. Catarina Carneiro, filha esta de Jorge Carneiro e neta de Vasco Carneiro *o velho*. P.d. Manuel Carneiro e de uma filha, freira em Vila Nova do Porto.
2. Maria Moreira, que c.c. Gaspar de Anaia, c.g.

Para mais detalhes, ver o estudo de Brito [13] e o título de Sousa Lara e Fernandes, “Moreiras de Tarouquela” [73].

A.7 *Moreiras de Celorico de Basto; Moreiras de Pascoais; Moreiras do Socorro*

XIII. JOÃO MARTINS MOREIRA, sr. do casal de Carrapatelo em Penhalonga, foreiro ao mosteiro de Vila Boa do Bispo, emprazado em 3.9.1440. C.c. Maria Anes, dada no mesmo documento, possível irmã de Afonso Anes, de Cardia, Sande, e de João Anes. P.d.:

XIV. JOÃO ANES,²¹⁷ sr. do Casal do Laurentim, em Sande, emprazado em

²¹⁷Gayo chama, a este, sem citar documentos, Gonçalo Anes “de Sousa,” e dá-o numa conjectura como filho de Fernão Anes, dito “de Sousa,” nos srs. da Quinta de Penela. Gayo exprime dúvidas sobre esta filiação. Diz, textualmente, “que supomos ser filho de Fernão Anes Moreira [...], por dizer o P.e Frei Raimundo ser do concelho de Basto, e não aparecer outro deste nome mais que ali se diz.”

Frei Raimundo Veloso, dominicano, do Convento de S. Gonçalo do Amarante, era filho

1482, e foreiro ao Mosteiro de Paço de Sousa. Teria casado com Margarida Pires, também de Sande. P.d.:²¹⁸

1. André Moreira, que segue;
2. Cecília Moreira, que c.c. Gonçalo Fernandes, em 1512.
3. Baltazar Moreira,²¹⁹ que c.c. Maria Dias, filha de Diogo Dias, “do tapado,”²²⁰ e de s.m. Isabel Pires. P.d.:
 - (a) Baltazar Moreira, clérigo, mestre de gramática e cura de S. Gonçalo. Amancebou-se com Isabel, “criada de Maria Queiroz,” c.g.—Maria Moreira, casada com o barbeiro . . . da Fonseca, filho de Gonçalo Pires, vigário de Tolões, c.g.
 - (b) Natália Moreira, c.c. Pedro Monteiro, do concelho de Gouveia, c.g.

XV. ANDRÉ MOREIRA, que viveu ao tempo de D. João II (1455–1495, rei em 1481). Casou com uma filha de Jorge Calado, e de s.m. Isabel Pires, de Tarouquela; a irmã de André, Cecilia, como vimos, casa em 1512.

Pais de:²²¹

1. Gaspar Moreira, que c.c. Isabel Teixeira, filha de Gaspar (ou Baltazar) Teixeira e de s.m. Catarina Gonçalves. P.d.:
 - (a) Gaspar Teixeira Moreira, vigário do Pinheiro no concelho de Basto. Amancebou-se com Angela Mendes *a bonitinha*. P.d.:
 - i. Maria Moreira;
 - ii. Francisco Moreira, que passou ao Brasil;
 - iii. João Moreira.
2. Antonio Moreira, que segue;
3. Domingos Moreira, casado com Maria Fernandes, de Belas, filha de Jorge Fernandes, sr. da casa de Belas, e de s.m. Maria Gonçalves, e neta de Pedro Afonso, sr. da casa de Belas. C.g.

de Sebastião Navarro e de s.m. Maria de Queiroz Ribeiro, e foi, no século XVII, o autor de um nobiliário manuscrito, que ainda existiria em começos do século XX [57]. Segundo Gayo, portanto, Fr. Raimundo Veloso identifica este “Gonçalo Anes, dito de Sousa,” a um dos Moreiras do ramo original, e Gayo em decorrência identifica-o ao homônimo coetâneo na linha de Penela, assinalando-se o fato de, na geração precedente, o personagem usar também do nome “de Sousa.”

É possível que Frei Raimundo haja reproduzido aqui uma tradição oral, na qual se confundia o ancestral deste ramo, foreiro do Paço de Sousa, com o fundador da Casa de Pascoais, os quais descendiam destes. Veja-se Fernão Anes “de Sousa” no § A.4, XVI.

²¹⁸Segundo Gayo, o personagem que ocupa esta geração vive em S. João da Pesqueira.

²¹⁹Filhos, de Baltazar em diante, apenas citados em Gayo, não em [73].

²²⁰Seria este na verdade Jorge Calado, sogro de André Moreira?

²²¹Filhos listados apenas em Gayo, que aparentemente deve tê-los tomado em Fr. Raimundo.

4. Gonçalo Moreira, que c.c. Maria Coelho, filha de Antonio Coelho e de s.m. Cecília Gomes. C.g.
5. Isabel Moreira, que c.c. João Brochado, c,g,;
6. Francisca Moreira, que c.c. Manuel Pedro de Vabo, mercador, pais do padre Manuel Pinto, reitor de Santa Cristina; e
7. Maria Moreira, que c.c. Salvador André, da freguesia de S. Pedro de Cahide do Rei, concelho de Santa Cruz, filho de Salvador André, do mesmo concelho, e de s.m. Mécia Gonçalves. P.d.:
 - (a) Maria Moreira de Carvalho, c.c. Manuel Fernandes, do concelho de Gouveia, filho de Gaspar Fernandes e de s.m. Maria Dias. P.d.:
 - i. Martim Afonso Moreira. Estava vivo em 1688/89, casado com D. Isabel de Vasconcellos e Queiroz; era cavaleiro da Ordem de Cristo, e senhor da quinta de Pascoais. C.g.²²²
 - (b) João Moreira de Carvalho, que empobreceu e deixou, ainda assim, providos seus BB. Instituiu, em 1672, a capela de N. S. do Pilar, na quinta de Pascoais.²²³

XVI. ANTONIO MOREIRA,—nascido na primeira metade do século XVI—c.c. Maria Teixeira, e viveram em Amarante.²²⁴ Sua mulher Maria Teixeira,²²⁵ filha de Baltazar Teixeira, morador no Cuvelo, e de s.m. Catarina Gonçalves, era n.p. de Paulo Gonçalves *de Toloins* e de s.m. Violante Gomes [Teixeira]; por esta bn.p. de Manuel Gomes e de s.m. Isabel Dias [Teixeira], moradores em Amarante. Um irmão de Maria Teixeira, mulher de Antonio Moreira, como o pai Baltazar Teixeira, familiar do Santo Ofício, vivia em Lisboa, onde casou.²²⁶

Pais de:

1. Martim Afonso Moreira, que segue;
2. Marta Teixeira, que c.c. Francisco de Moura, filho de Gonçalo Dias, do concelho de Bayão, c.c.

²²²A geração que aparentemente faltaria nesta linha—este Martim Afonso é contemporâneo do filho homônimo de Antonio Moreira de Gamboa, abaixo—seria explicável se vissemos essa linha de Pascoais como uma linha secundogênita. Estica-se a cronologia, decerto, mas não de modo irremediável.

²²³Segundo Motta Alves [57], p. 41, a quinta de Pascoais foi do Dr. Paulo Rebelo de Sousa, desembargador da Casa de Suplicação, lente em Coimbra, filho de Gonçalo de Sousa “de Pascoais,” e de s.m. Maria Pinta. Foi depois adquirida por João Moreira de Carvalho, que a deixou ao sobrinho Martim Afonso.

A quinta de Pascoais ficou na família até Joaquim Pereira Teixeira de Vasconcellos, o poeta Teixeira de Pascoais, nos anos 30 do século XX.

²²⁴Viria seu nome de uma promessa a Santo Antonio, que se perpetuou até o século XX nos *Moreiras do Socorro*?

²²⁵Dados tomados em Gayo.

²²⁶Lembremos que Martim Afonso Moreira, que deste vemos filho, é dado como originário de Setúbal, junto a Lisboa, e nascido c. 1550. Teria na verdade Martim Afonso ido residir junto ao tio?

XVII. MARTIM AFONSO MOREIRA. Dado como vindo de Setúbal (Portugal), e n.c. 1550.²²⁷ Chega ao Brasil em 1567 (segundo Lourenço Ribeiro e Macedo Leme), ou já casado (1o. leito) com Joana de Gamboa, ou casa com ela aqui pouco depois, ela irmã de um Sebastião de Gamboa e filhos de Jorge Dias de Gamboa. Lavrador de canas, vereador em Salvador em 1604; fidalgo cavaleiro (Jaboatão). Vende terras em 1580 e 1622 aos frades de S. Francisco: nessas terras levantou-se a igreja de S. Francisco no Pelourinho (Salvador, Bahia). Pais de:

1. Antonio Moreira de Gamboa, que segue.
2. Martim Moreira, jesuíta.
3. D. Ana de Gamboa, c.c. Baltazar Lobo de Sousa, c.g.
4. D. Antonia de Gamboa, c.c. Gaspar de Barros de Magalhães, irmão do precedente, c.g.
5. Francisco Moreira, sacerdote.

Casa-se em seguida com Luzia Ferreira Feio, “irmã do deão da Sé da Bahia,” com uma filha:

1. Elena do Amaral.

XVIII. ANTONIO MOREIRA DE GAMBOA. Fidalgo da casa real (Jaboatão); senhor de engenho de açúcar no Socorro. C.c. D. Antonia Doria de Meneses, ou D. Antonia de Meneses, filha de Cristóvão da Costa Doria, primeiro do nome, n. 1560, fidalgo cavaleiro, e de s.m. D. Maria de Meneses. C.g. até o presente. Ver sua sucessão à pág. 38.

²²⁷ Aqui colocado porque Jaboaatão o faz filho de um Antonio Moreira “de Mendonça,” de Celorico de Basto, que tentativamente identificamos ao homônimo supra. O “Mendonça” apenas aparece nos descendentes de Antonio Moreira de Gamboa, e cremos provir de Mecia Lobo de Mendonça, avó materna de D. Antonia de Meneses, mulher do dito Antonio.

É certo que seu pai era um *Antonio Moreira*, pois nessa família que na primeira geração brasileira tem um padrão onomástico rígido (ver em seguida), o primogênito é um *Antonio*, o que pela paponímia nos dá o nome do pai de Martim Afonso. E esta linha dos Moreiras é onde surgem os personagens mais recentes de nome *Martim*, nome que no Brasil perpetua-se até o século XIX.

O nome de seus filhos nessa primeira geração brasileira segue rigidamente a convenção onomástica nobre: os homens têm o apelido da varonia, *Moreira*, ou, no caso do primogênito, *Moreira da Gamboa*, apelido do pai e apelido da mãe; o apelido das filhas, apenas o da mãe.

Um comentário

O autor recebeu, em 12.1.2002, esta mensagem, via e-mail, de Manuel de Abranches de Soveral, comentando versão anterior para a reconstrução que aqui se faz:

Caro Francisco Antonio:

Se bem que, como lhe disse, só agora esteja a prestar atenção aos Moreira, e não tenha sobre eles feito investigação, estive a ver a seu estudo (nova versão) e, confrontado as fontes bibliográficas disponíveis, ocorrem-me as notas que seguem. Entretanto, logo que o Pizarro volte de viagem procurarei saber a sua opinião sobre o desfasamento cronológico:

- 1. A sua filiação de Inês, João, Margarida e Maria num virtual Martim Afonso Moreira, vem resolver a questão cronológica. Há aqui, contudo, necessidade de verificar as fontes primárias, ou seja, se no prazo de 1440 feito a João Martins Moreira não constam os pais como sendo Martim Moreira e Tereza Martins, ou pelo menos que a eles sucedeu no prazo. Porque, na verdade, Lara/Maurício não colocam como hipotética a filiação deste João. Ora, esta certeza tem que lhes vir de alguma fonte primária, ainda que mal interpretada.*
- 2. E digo mal interpretada porque é evidente que Inês (casada cerca de 1429) e os irmãos referidos não podiam ser filhos de Martim (Martins) Moreira e Tereza Martins Alcoforado, se é certo o que diz Pizarro sobre estes já estarem casados em 1344.*
- 3. Repare, contudo, que Lara/Maurício dizem em nota que as terras do Vimieiro que foram de Martim Moreira e sua mulher Tereza Martins, depois foram de um Gonçalo Moreira, que não identificam nem tratam. Quem era este Gonçalo? Dá ideia, pela sucessão nos bens, que seria filho do casal Martim/Tereza. Portanto um Gonçalo Martins Moreira. Podiam Inês e os irmãos serem filhos deste Gonçalo, mantendo o patronímico paterno? O problema cronológico também ficaria assim resolvido. Ou então, mais complicado ainda, serem filhos de uma irmã deste Gonçalo que casou com um Martim qualquer. Porque parece que Lara/Maurício encontraram, no mínimo, uma consistência na sucessão patrimonial.*
- 4. A sua hipótese de Inês e os irmãos serem ainda irmãos de Afonso Moreira, parece-me razoável, sobretudo porque um neto*

de Inês foi criado por Heitor Moreira, o que indicia parentesco próximo. Mas este Afonso não requer necessariamente um avô Afonso para usar este nome, pois podia vir-lhe do tio (avô) que V. lhe dá por avô. De resto, se o Afonso Martins c.c. a Alvelo tivesse um filho, este seria certamente referido nas comedorias de Grijó. E a verdade é que não vejo os Moreira de Tarouquela e do Porto ligados a Grijó.

Apêndice B: Os Meneses.

MENESES são os moradores do Vale do Mena. A genealogia que aqui se expõe foi comunicada ao A. por Maria Emma Escobar.²²⁸ Assim esta autora resume a origem dos *Meneses*:

Por volta de 920 possuía terras no norte de Castela, no Vale do Mena, Gonzalo Tellez, Conde de Lantarón, possivelmente relacionado por sua mulher Flamula à família de Fernán González (Fernão Gonçalves).

Telo González era provavelmente filho desse Gonzalo Tellez, assim como um Ansur González. Em conflito com Fernán González, diversos grupos familiares tiveram problemas, Telos, Ansuers, Velas, por exemplo, e mudaram-se para Leão. Na Terra de Campos há um vilarejo chamado Villaramel (Villaherrameliz), e a dez quilômetros de distância está a vila de Meneses (cujo nome significa, “os do Vale do Mena”). Ainda na proximidade está Sealices (San Felices)—São Félix era o santo padroeiro da família dos Telos.

Lá fixadas, essas famílias casaram-se noutras já há muito estabelecidas na Terra de Campos, os Gomes, Flaines e os Alfonsos, mas certas “marcas” dos grupos que chegaram mantiveram-se: como o nome Telo. Tratava-se este de um nome raro em Leão e na Galiza, nos séculos X e XI, embora fosse comum em Castela, em Alava.

²²⁸ Além de M. E. Escobar, muito contribuiu Manoel Cesar Furtado para esta discussão.

Esta linha dos *Meneses* apresenta duas dificuldades: a origem da família, que certamente está nos *Alfonsos* de Terra de Campos, devido à onomástica e à sucessão das propriedades, mas onde a ligação precisa, que passa por uma quebra na varonia, é algo incerta. Depois, a questão da identidade de Inês de Meneses, mulher de Gonçalo Nunes Barreto, discutida no lugar adequado.

A linha dos *Meneses*, nesta restauração recente, seria a seguinte:

I. MARTÍN PÉREZ DE TORDESILLAS vivia em meados do século XI. Foi o segundo marido de *Mor* ou *Maior Pérez*.

Esta era filha de *Pedro Ansúrez* e de *Eilo Alfonso*; neta paterna de *Ansur Díaz*; neta materna de *Alfonso Muñoz* (Moniz), filho de *Munio Alfonso*, que era irmão de *Gutier* ou *Gutierre Alfonso*. Estes dois irmãos eram os mais ricos proprietários na Terra de Campos, nos começos do século XI, e parte de suas propriedades pertencerão aos Telos um século depois.

Pais de:

II. PEDRO MARTÍNEZ, que vivia na passagem entre os séculos XI e XII.²²⁹
Pai de:

III. D. TELO PERES, o primeiro personagem seguro da família dos Meneses. Em 1161 casou com *Gontrode Garcia*, filha de *Garcia Perez* e de *Teresa Perez*, fundadores do mosteiro de Gradefes. N.p. de *Pedro Martínez* (filho de *Martín Flainiz* e de *Sancha Fernández*, esta filha de um *Fernando ...* marido de *Tigridia Guterres*, filha de *Gutierre Alfonso*) e de *Maria Gómez*—todos personagens da Tierra de Campos.

P.d.:

IV. D. AFONSO TELEZ, † 1230. Rico—homem, sr. de Meneses, Medellín, Montealegre, Valladolid, Madrid, etc. Fundou o castelo de Alburquerque. Estivera em Navas de Tolosa, em 1212. Casou duas vezes: primeiro, com Tareja Roiz Girón. Em seguida, e antes de 1220, com D. Teresa Sanches, filha bastarda de D. Sancho I, rei de Portugal, em Maria Pais da Ribeira, a *Ribeirinha*.

Do segundo leito, p.d.:

V. D. JOÃO AFONSO TELO. Rico—homem e 2o. sr. de Alburquerque, foi alferes—mor de D. Afonso III de Portugal de 1250 a 1255, ao menos. Passou a Castela, onde serviu a D. Afonso X, e † antes de 1268. C.c. D. Elvira Girón.
P.d.:

1. D. Rodrigo Anes, que segue.

2. D. Gonçalo Anes *Raposo*. Segue no § B.1.

²²⁹Este personagem é referido nos nobiliários como *Pedro Bernardes de Sahagún*, ou de *São Facundo*. Mas não existe evidência documental para um Pedro Bernardes ligado ao mosteiro de Sahagún, nesse período.

Não há evidência documental garantindo a filiação que aqui se apresenta, mas percebem-se muitos paralelos onomásticos entre o clã dos Alfonsos, e os primeiros personagens que identificamos na família dos Meneses: Gutierre Alfonso teve filhos de nome Telo e Soeiro, nomes que aparecem entre os irmãos de Alfonso Téllez, ou Afonso Teles, abaixo, no. IV—Soeiro é variante de Ansur.

VI. D. RODRIGO ANES TELO, 3o. sr. de Albuquerque. Rico-homem de Castela, casou com D. Teresa Martins, filha de D. Martim Gil de Soverosa “o bom.” P.d.:

VII. D. JOÃO AFONSO TELO, Conde de Barcelos, 4o. sr. de Albuquerque. Rico-homem de Castela, e depois de Portugal; rebelou-se contra Sancho IV de Castela, e foi perdoado graças à intercessão de sua parenta a rainha D. Maria de Molina. Foi feito Conde de Barcelos—o primeiro Conde português—em 1298, e † 1304. C.c. D. Teresa Sanches, filha bastarda de D. Sancho IV de Castela. P.d.:

1. D. Violante Sanches, c.c. o alferes-mor D. Martim Gil, feito Conde de Barcelos por D. Diniz em 1304.
2. D. Teresa Martins. 5a. senhora de Albuquerque, Codiceira, Vila do Conde, etc. C.c. D. *Afonso Sanches*, filho bastardo e alferes-mor de D. Diniz. C.g.—*Albuquerque*. A linha destes é:

D. Afonso Sanches foi, dos filhos de D. Diniz “o lavrador,” o primogênito, ainda que bastardo. Foi o 5o. sr. de Albuquerque, *iure uxore*. Nasceu de Aldonça Rodrigues Telha, antes de 1289. Foi mordomo-mor de seu pai, e depois opôs-se à revolta do meio-irmão legítimo, o infante D. Afonso, depois D. Afonso IV “o bravo.” Desterrado pelo irmão legítimo em 1324, morreu em 1329. Casou, antes de Outubro de 1307, com D. Teresa Martins, filha de D. João Afonso Telo, 1o. Conde de Barcelos, e da Condessa D. Teresa Sanches, bastarda de D. Sancho IV de Castela. D. Teresa Martins sucedeu no senhorio de Albuquerque (que passamos agora a escrever sem o ‘r’ herança da origem árabe do nome, *al-Burkirk*), que levou a seu marido e aos descendentes. Pais de:

D. João Afonso de Albuquerque, o “do ataúde” (segundo a lenda, levado num ataúde pelos seus vassalos). Foi o 6o. sr. de Albuquerque. Foi mordomo-mor de D. Pedro I, também “o cruel,” como seu primo português, de Castela; contra ele se revoltando, foi, segundo se diz, envenenado em 1354. Seu filho legítimo, de D. Isabel de Molina, 10a. sra. de Meneses, D. Martim de Albuquerque, morreu entre 1364 e 1366, apoderando-se a coroa de Castela do senhorio de Albuquerque. De Maria Martins Barba, D. João Afonso teve o filho:

D. Fernando Afonso de Albuquerque. Foi mestre da ordem de Santiago, e faleceu antes de 1387. Segundo os linhagistas teve, “de loura inglesa,” duas filhas, entre as quais:

D. Teresa de Albuquerque, 2a. mulher de *Vasco Martins da Cunha*, “o velho,” 7o. sr. da Tábua. A filha do casal que nos interessa é:

D. Isabel de Albuquerque, mulher de *Gonçalo Vaz de Melo*, 2o. sr. de Castanheira, Povos e Cheleiros. C.g. (Para sua sucessão, ver à pág. 143.)

B.1 *Barretos de Meneses*

VI. D. GONÇALO ANES “RAPOSO.” (Ver à pág. 132.) Rico-homem de Castela, está documentado até 1286. Casou com D. Urraca Fernandes de Límia. P.d.:²³⁰

1. D. Rui Gonçalves de Meneses, que c.c. D. Maria. . . .

²³⁰A família *Barreto*, aqui discutida, tem um particular interesse etno-sociológico: vale como estudo de caso, e nela se mostra que a antiguidade de uma linhagem não implica na sua preeminência. Os Barretos são uma família de imensa antiguidade, mas que nunca chega ao primeiro plano; não é das grandes famílias titulares de Portugal, e nem possui figuras que tenham chegado ao centro da ação histórica.

Principia em figuras quase lendárias, os Ferrandos, régulos de Amaia, na Galiza, por volta dos séculos V ou VI. De um destes,

1. FERNANDO, foi filho:
2. ERO FERNANDES, (atestado entre 895 e 926), Conde de Lugo. Casou duas vezes, com Ausenda, e depois com Elvira, esta antes do fim do século IX, ainda. Não se sabe de qual delas era filho:
3. GONDESENDO ERIZ, fundador do mosteiro de Azevedo, antes de 947, quando já havia morrido sua mulher Inderquina Mendes “Pala.” Teve entre outros ao filho:
4. SOEIRO GONDESENDES (atestado em 947, † antes de 964). C.c. Goldregodo, † antes de 964, e tiveram a:
5. GONDESENDO SOARES (citado em 964). Teria sido seu filho, face ao patronímico, à cronologia, e à região,
6. ARUALDO GONDESENDES, testemunha de uma venda de Ero Soares a Froila Erotiz [Eriz], em 1020. Seria este personagem o “Dom Arnaldo de Baião” dos livros de linhagem medievais. C.c. Ufo. . . . Entre outros, foi seu filho:
7. GALINDO [GOIDO] ARUALDES, atestado como sr. do mosteiro de Paço de Sousa. C.c. Ledegúndia Soares, filha de Soeiro Egicaz, dos Sousões. P.d.:
8. SOEIRO GALINDES, fundador do mosteiro da Várzea (atestado em 1072). Teria casado com Goína Pais, da família de Afonso “Betote.” Pais de:
9. NUNO SOARES “VELHO,” que c.c. Ausenda Todereis, atestado em 1092, filha de Toderedo Fromariques “Cid,” e de Farégia Forjaz, e neto de Fromarico Abunazar, dos da Maya. P.d.:
10. SOEIRO NUNES “VELHO,” atestado entre 1092 e 1112, c.c. Aldonça Nunes. Tiveram a:
11. NUNO SOARES VELHO, padroeiro do mosteiro da Várzea ao tempo de D. Afonso Henriques. C.c. Mor Pires Perna (1a. mulher). P.d.:
12. MEM NUNES VELHO, p.d.:
13. GOMES MENDES BARRETO, que se achava na corte de D. Sancho I, em 1208; alcaide de Leiria em 1211; vivo em 1258. C.c. Constança Pais Gabere. P.d.:
14. FERNÃO GOMES BARRETO, † antes de 1272, a mulher viva; na corte entre 1248 e 1259. C.c. *Sancha Pais de Alvarenga*, que era senhora de bens dos Templários, devolvidos em 1265 pelo casal. Era descendente de Egas Moniz “Aio.” P.d.:
15. MARTIM FERNANDES BARRETO, que se envolveu em vários litígios com ordens religiosas e militares, entre as quais a de Aviz, de 1272 a 1284. Já estava casado, em 1284, com Maria Rodrigues de Chacim. Pais de:
16. NUNO MARTINS BARRETO, o assassino do bispo de Évora, D. Geraldo, em 1321, a mando do futuro D. Afonso IV. É o que se casa c. Maria Anes, e depois com Berengária Roiz Teles Raposa; supra, c.g.

Esta genealogia combina dados tomados em Almeida Fernandes, em Mattoso, em Pizarro e, enfim, em Gayo.

P.d. *Berengária Rodrigues Raposa*, que c.c. *Nuno Martins Barreto*, de quem foi a segunda mulher, filho de Martim Fernandes Barreto e de s.m. Maria Rodrigues de Chacim. Deste casamento foi filho, entre outros, *Gonçalo Nunes Barreto*, alcaide de Montemor-o-Velho em 1357 e sr. de Sarnache dos Alhos. C.c. Brites Fernandes Cogominho.²³¹

P.d. *Diogo Gonçalves Barreto*, que passou a Castela porque D. Fernando lhe confiscara os bens em 1381. C.c. Berengária Rodrigues.

P.d. *Gonçalo Nunes Barreto*, que sucedeu ao avô no senhorio de Sarnache dos Alhos até receber de D. João I o senhorio de Quarteira. C.c. *D. Inês de Meneses*, abaixo, filha bastarda do Conde *D. Pedro de Meneses*. Ver à pág. 136.

2. D. Afonso Martins Telo, que segue.

VII. D. AFONSO MARTINS TELO, rico-homem de Castela e depois de Portugal, onde foi alcaide-mor de Marvão, atestado até 1322, e da parte do (então) infante D. Afonso contra o pai, o rei D. Diniz. C.c. D. Berengária Lourenço, filha de D. Lourenço Soares de Valadares. P.d.:

VIII. D. JOÃO AFONSO TELO. Conde de Ourem, alferes-mor de D. Pedro I; sr. de Barcelos em 1357 e Conde de Ourem em 1371, ou pouco antes. † em 1381. C.c. D. Guiomar Lopes, filha de Lopo Fernandes Pacheco e de s.m. D. Maria de Vilalobos. A Condessa vivia ainda em 1404. P.d.:

IX. D. JOÃO AFONSO TELO. Conde de Viana do Alentejo já em 1376, ao menos. Tendo seguido a parte de Castela, foi assassinado em 1384 por seus vassalos. C.c. D. Mor de Portocarreiro. P.d.:

X. D. PEDRO DE MENESES. Conde de Viana e Conde de Vila Real. Foi o 1o. capitão de Ceuta. Fugiu para Castela com a mãe após o assassinato do pai, mas retorna em 1407. Ficou em Ceuta de 1415 a 1424. Torna-se então Conde de Vila Real, e depois de Viana, este título em 1433; † 1437. Casou três vezes: com D. Margarida, filha bastarda do arcebispo D. Martinho de Miranda; com D. Filipa, filha de Gonçalo Vaz Coutinho; e com D. Genebra, filha do almirante Carlo Pezagno. C.g. Seguimos uma bastarda:

²³¹A linha que vai dos *Alvarengas* de Egas Moniz “Aio” aos Barretos é a seguinte: Sancha Pais de Alvarenga era filha de *Paio Viegas de Alvarenga*, e de s.m. Teresa Anes de Riba de Vizela; n.p. Egas Afonso, e de s.m. Sancha Pais “Curvo”; bn.p. de Afonso Viegas “Gasco,” filho de Egas Moniz “Aio.”

XI. INÊS DE MENESES,²³² casada com *Gonçalo Nunes Barreto*, acima (pág. 135). Tiveram entre outros à filha:²³³

XII. INÊS DE MENESES, n.c. 1430–40, † após 1510 em Lisboa, casada com *Henrique Moniz*, alcaide–mor de Silves (de quem foi a segunda mulher). Era filho este Henrique de *Vasco Martins Moniz*, filho por sua vez de *Martim Fagundes* e de *Branca Lourenço*, primeiros ancestrais desta família. Martim Fagundes está documentado como fazendário entre 1377 e 1379; nascera c. 1340–1350, e vivia ainda em fins do século XIV. Vasco Martins foi armado cavaleiro em Tavira em 1415, antes da tomada de Ceuta, e † antes de 1439. Foi vedor da fazenda da casa do infante D. Henrique. C.c. Beatriz Pereira, filha de Paio Pereira, “homem honrado do Algarve.” Pais, Inês e Henrique, de:

XIII. VASCO MARTINS MONIZ. Passou à Madeira c. 1450, e fez seu assento em Machico. Fidalgo da casa real, † em Portugal em 1510 em casa de sua mãe; testara em 1489. Instituiu morgado de sua terça. C. (1) c. uma filha de Diogo Cabral, s.g. C. (2) c. Brites Vaz Ferreira, viúva, filha de Vasco Fernandes e de Eva Gomes Ferreira, dos *Ferreiras da Casta Grande*, da Madeira; c. (3) c. Joana Teixeira, filha de Lançarote Teixeira o velho, e neta de Tristão Vaz, junto com João Gonçalves Zarco, descobridor da Madeira. Deste terceiro casamento, pai de:

XIV. EGAS MONIZ BARRETO.²³⁴ N.c. 1500, † 1582, c.c. Maria, filha de Afonso Rodrigues, de Machico. Chega ao Brasil pouco depois de 1550, e fixa–se

²³²Os nobiliários só tardiamente dão a filiação desta *Inês de Meneses* em D. Pedro de Meneses, Conde de Viana. No entanto, Gonçalo Nunes Barreto, sr. de Quarteira e alcaide–mor de Faro, no Algarve, esteve em Ceuta como “cap.am da gente do Inf.e D. Pedro” quando a praça era da responsabilidade de D. Pedro de Meneses. Nada mais razoável, portanto, que o casamento com uma filha de seu comandante.

Fontes documentais sobre Gonçalo Nunes Barreto e Inês de Meneses, levantadas nos ANTT por Luis Cavaleiro Madeira, são:

- GONÇALO NUNES BARRETO. Em “Livros de Direitos Reais” (Chanc. de D. João I), fls 275v., “Carta de Escambo com El Rey da Villa de Cernache pelos Reguengos da Quarteira, termo de Loulé, e de Boina, e Aria, em termo de Silves.”
- GONÇALO NUNES BARRETO. Na Chancelaria de D. João I, Lv. 3, fls 185, “Doação de Foros Casas Tendas e Vinhas em Loulé, e seu termo.”
- GONÇALO NUNES BARRETO. Na Chancelaria de D. Afonso V [será Gonçalo filho?]. “Carta de privilégio aos lavradores de suas terras de Quarteira. . .”
- INÊS DE MENESES. Na Chancelaria de D. Afonso V, Lv. 12, fls 20, “padrão de 2\$ s brancos e mey apeça de panno de Bristol de tença.”

²³³Manuel Soveral corrige aqui também essa genealogia, mostrando que Inês de Meneses, a filha, mulher de Henrique Moniz, necessariamente estaria entre os filhos do casal Gonçalo Nunes I e Inês, devido à cronologia.

²³⁴Há documentos madeirenses mostrando indiretamente que esta Joana Teixeira, 3a. mulher de Vasco Martins Moniz, seria bem jovem nos fins do século XV. Logo, Egas Moniz seria de fato um filho temporão.

Note–se, enfim, que o nome “Egas” aparece nesta família após o casamento nos *Barretos*, sabidamente descendentes de Egas Moniz “Aio.”

na Bahia. Era, em 1578, ouvidor da capitania. P.d.:

XV. JERÔNIMO MONIZ BARRETO. Fidalgo escudeiro, † 1606. C. (1) c. Mécia Lobo de Mendonça (1559–1593), filha de Francisco Bicudo, espingardeiro de Tomé de Sousa, e de outra Mécia Lobo de Mendonça, c.g. C. (2) c. Isabel de Lemos, † 1634, filha de João Rodrigues Palha e de s.m. Maria de Lemos, e irmã de frei Vicente do Salvador, c.g. Teve, do primeiro leito, entre outros a:

XVI. MARIA DE MENESES, que c.c. Cristóvão da Costa Doria, à pág. 35.

Apêndice C: Os Vasconcellos.

VASCONCELLOS têm origem ainda mais controversa que os *Meneses*. Começam numa lenda, a história da morte heróica de *Martim Moniz*, primeiro ancestral documentado destes, na tomada de Lisboa, em 1147.

Mas ao contrário do que dizem os nobiliários, a varonia dos Vasconcellos não parece vir dos reis godos, ou, pelo menos, não de Fruela II; *basconcillo* é “pequeno basco,” e trabalhos mais recentes [56] sugerem que Martim Moniz, tronco dos Vasconcellos no século XII, poderia descender de certo Fromarico Moniz, atestado no século XI, e filho provável de Munio ou Monio Viegas *Gasco*, tronco dos de Riba Douro.

Os de Riba Douro eram de muito possível origem basca, visível antes de tudo no cognome “gasco,” e talvez no uso sistemático de nomes como “Munio” (“Nuño,” no País Basco) e “Egas” (“Enneca,” ou “Iñigo”). A genealogia que Mattoso restaurou recentemente nos diz que Monio Viegas *Gasco* é atestado em 1015, e † 1022 na região do Riba Douro, sendo irmão do bispo do Porto D. Sisnando. Mattoso supõe que dele fosse filho Fromarico Moniz, atestado antes de 1071 na mesma região. Deste Fromarico seria filho Monio (ou Nonio, Nuño) Fromariques, atestado na mesma região, sempre, em 1087 e 1095. Casado com Elvira Gondesendes, teve—entre outros filhos—a Egas Moniz, atestado em 1095 e 1115, e marido de Dorotéia (“Dordia”) Osores, esta citada em documentos de 1106 e 1121, sendo já viúva neste último. De um dos filhos deste Egas, Monio Viegas (atestado em 1128 e 1134), supõe enfim, e ainda, Mattoso, haja sido filho Martinho ou Martim Moniz, atestado no intervalo de 1140 a 1149, e casado com Ouroana Rodrigues. Este seria o “Martim Moniz” de quem descendem os Vasconcellos. Não teria, ao contrário da lenda, morrido no cerco de Lisboa, em 1147, no local que se conhece como *Porta de Martim Moniz*; aliás, nenhum documento de 1147, referente ao cerco de Lisboa, o cita, ou atesta a sua presença

naquele evento.

Esta é, com certeza, uma genealogia com dois nexos precários, a filiação de Fromarico Moniz e a deste último Martim Moniz. Mas está baseada nos documentos da época, e parece mais razoável que a tradicional, onde se faz Martim Moniz descendente de D. Fruela II, rei de Leão, rei que não teve descendentes conhecidos.

Outros autores, como Pizarro, preferem colocar esse Martim Moniz como filho de Monio Osore, dito “de Cabreira,” e de Boa Nunes de Grijó [61], embora haja dificuldades cronológicas nesta identificação. Neste caso, Martim Moniz, dos Vasconcellos, seria neto do Conde D. Osório de Cabreira, de origens obscuras (mas talvez com raízes visigóticas).²³⁵

Principiando a genealogia dos Vasconcellos em Martim Moniz, o que é seguro, temos a sequência de gerações:

I. MARTIM MONIZ, ancestral dos Vasconcellos. Casou com Teresa Afonso.²³⁶
Pais de:

²³⁵A onomástica parece apontar na direção de reelaboração da linha tradicional, se identificarmos o “conde D. Osório” ao Conde Osório Martins, personagem de família de fato ligada aos senhorios de Cabrera e Ribera. Se assim, a ascendência do tronco dos Vasconcellos ficaria:

1. FLAÍN, personagem leonês. P.d.:
2. MONIO FLAÍNEZ, atestado em 960, casado com Froiloba Bermúdez, da chamada “Casa de Cea.” Filha do Conde Vermudo Nuñez e de Argilo, sendo—talvez—Vermudo Nuñez filho de um infante Nuño Ordoñez, dito “o cego,” porque teve os olhos arrancados, filho de Ordonho I (mas poderia este Vermudo provir de uma família de Álava). P.d.:
3. CONDE FLAÍN MUÑOZ (ou MONIZ), † no ano 1000. Casou com a parenta Justa Fernández “de Cea,” filha do Conde Fernando Vermúdez e de Elvira Díaz, n.p. do Conde Vermudo Nuñez e de Argilo. Justa era irmã da rainha Ximena (Jimena) de Navarra. P.d.:
4. CONDE FERNANDO FLAÍNEZ, † 1049, casado com Elvira Peláez, filha do Conde Pelayo Rodríguez e de Gontíña Fernández “de Cea,” irmã de Justa e da rainha Ximena, supra. P.d.:
5. CONDE FLAÍN FERNÁNDEZ, † 1070, c. (1) com Toda, e (2) c. Sancha. Do primeiro casamento:
6. CONDE MARTÍN FLAÍNEZ, † na batalha de Uclés em 1108. Casou com Sancha Fernandes, da família dita “dos Alfonsos,” ancestral dos *Meneses*. Era filha de Fernando González e de Tigrídia Guterres, esta filha do Conde Guterre Alfonso, † 1055, e de Goto, sendo Guterre Alfonso irmão de Munio Alfonso, e filhos do Conde Alfonso Díaz e de María. Pais de, entre outros, a:
7. CONDE OSORIO MARTÍNEZ, † 1160 na batalha de Lobregal. Casado com Teresa Fernández, filha do Conde Fernando Fernández e da infanta Elvira Alfonso, bastarda de Afonso VI de Leão.
Seria bastardo (porque não listado entre os filhos legítimos, e porque de *status* social mais baixo que o restante dessa gente:
8. MONIO OSORES, casado com Boa Nunes de Grijó, atestados em Grijó em 1139. Então, pais de:
9. MARTIM MONIZ, ancestral dos *Vasconcellos*.

Se correta esta genealogia, fica de vez afastada a bela lenda da morte de Martim Moniz na porta do castelo de Lisboa em 1147, por motivos cronológicos.

²³⁶Se for o atestado em 1149, terá casado com Ouroana Rodrigues.

II. PEDRO MARTINS “da Torre,” cujo nome sugere-lhe tenha sido já senhor da Torre de Vasconcellos. C.c. Teresa Soares, filha de D. Soeiro Pires “Torta” e de s.m. Fruilhe Viegas, filha de D. Egas Fafes “de Lanhoso,” que segundo Braamcamp fora o primeiro senhor da honra de Vasconcellos, sendo D. Soeiro Peres um dos primeiros da linhagem dos *Silvas*. P.d.:

III. JOÃO PIRES “de Vasconcellos,” dito “o tenreiro,” ou “o temeiro,” personagem dado na história como de caráter dúbio, o que não elaboramos aqui. Recebeu em 1228 o arcebispo de Braga D. Estevão Soares da Silva, e esteve no cerco de Sevilha em 1248. C.c. a *Condessa* Maria Soares Coelho, filha de Soeiro Viegas “Coelho,” primeiro dessa gente, descendente de Egas Moniz “Aio,” cujo sangue entrará nessa linha também pelos Alvarengas, abaixo. P.d.:

IV. RODRIGO ANES DE VASCONCELOS, trovador. Atestado na freg. de Santa Maria de Ferreiros desde 1258. † antes de 1297. C.c. Mecia Rodrigues de Penela, filha de Rui Vicente de Penela, alcaide-mor de Alenquer. P.d.:

V. MEM RODRIGUES DE VASCONCELLOS, alcaide de Guimarães e meirinho-mor de Entre-Douro-e-Minho. Documentado a partir de 1297. Presente na corte de D. Diniz desde 1318, surge designado meirinho em 1321, cargo que exerceu até 1324. Casara em 1297 com Maria Martins Zote, a quem doara uma quintã de Penela em ato solene “por compra de seu corpo.” Viúvo antes de 1308, c.g., casou em segundas núpcias nesse ano com Constança Afonso de Brito, filha de Afonso Anes de Brito. Deste segundo casamento foi filho:

VI. MARTIM MENDES DE VASCONCELLOS, dado em 1339 como “infância natural de Mancelos,” casado com Aldonça Martins de Alvarenga, viúva de Egas Gonçalves Barroso e filha herdeira de Martim Mendes de Alvarenga, sr. de Alvarenga e descendente de Egas Moniz *Aio*, cujo sangue entre nessa linha pela segunda vez.²³⁷ Seu filho:

VII. JOANE MENDES DE VASCONCELLOS, “moço pequeno” em 1347, teve geração. Recebeu em 1381 a terra de Alvarenga, e mais outras doações de D.

²³⁷É a seguinte a linha dos *Alvarengas*, em resumo:

- I. EGAS AFONSO, filho de Afonso Viegas e neto de *Egas Moniz “Aio,”* c.c. Sancha Pais. P.d.:
- II. PAIO VIEGAS, sr. de Alvarenga. C.c. Teresa Anes, filha de João Fernandes de Riba de Vizela. P.d.:
- III. PEDRO PAIS DE ALVARENGA. C.c. Guiomar Afonso, filha de Afonso Pires “Gato.” P.d.:
- IV. MARTIM PIRES DE ALVARENGA, como o pai e avô sr. de Alvarenga. C.c. Inês Pais, filha de Paio Rodrigues. P.d.:
- V. INÊS MARTINS DE ALVARENGA, que, viúva de Egas Gomes Barroso, c.c. *Martim Mendes de Vasconcellos*.

Fernando. C.c. Isabel Pereira, filha de Álvaro Pereira, marechal do reino e de s.m. Mecia Vasques Pimentel.

Colocamos como seus filhos,²³⁸ e não seus irmãos, a:

1. Martim Mendes de Vasconcellos, que passou à Madeira com o irmão abaixo. Martim Mendes casou com a filha de João Gonçalves o zarco, Helena Gonçalves da Câmara. C.g.—*Vasconcellos* da Madeira.
2. Mem Rodrigues de Vasconcellos. Segue.

VIII. MEM RODRIGUES DE VASCONCELLOS estava ainda vivo em 1470, quando testemunha o testamento do sogro, Bartolomeu Perestrelo, pois casara-se na Madeira com Catarina Furtada de Mendonça, filha do Perestrelo.

Bartolomeu Perestrelo n. em Lisboa, filho de *messer* Filippone Palastrelli, natural de Piacenza e que vivia em Portugal em 1437. Bartolomeu Perestrelo chegou à Madeira com João Gonçalves o zargo e Tristão Vaz em 1419/20. Ganhou a donatária de Porto Santo, confirmada em 1446. C. (1) c. Beatriz Furtada de Mendonça, filha de um Afonso Furtado, que seria bastardo de Afonso Furtado, o anadel de besteiros.²³⁹

Do segundo casamento, ou união consuetudinária de Bartolomeu Perestrelo, com Isabel Moniz, nasceu *Filipa Moniz*, mulher de *Cristóvão Colombo*.

²³⁸Todos os nobiliários, inclusive Alão de Moraes, colocam os dois irmãos abaixo como filhos de Martim Mendes, supra, o que é cronologicamente impossível. Como houve, comprovadamente, um *Mem Rodrigues* entre os filhos de Joane Mendes, identificamos este ao da Madeira, e colocamos aqui também Martim Mendes “o moço,” o genro do Zarco.

²³⁹Eis aqui, segundo comunicação pessoal de Lourenço Correia de Mattos, a ascendência dos *Palastrellis* de Piacenza:

- I. GUIDONE PALASTRELLI, “Console di Giustizia” em Piacenza (Placência); c. com . . . Filho:
- II. PETRACCIO PALASTRELLI, “Console di Giustizia” em Piacenza em 1245; c. com . . . Filho:
- III. GHERARDO PALASTRELLI, c. com uma filha do Conde Langosco. Filho:
- IV. MATTEO PALASTRELLI (parente de São Gotardo?), c. com Benigna Scotti. Filho:
- V. GHERARDO PALASTRELLI, c.c. Franceschina Forno. Filho:
- VI. GABRIELLE PALASTRELLI, c. duas vezes; a 1a. com Benigna Borgognoni, c.g., e a 2a., em 1347, com Bertolina Bracciforte. Filhos do 2o.,— casamento, entre outros:
 - Bartolommeo Palastrelli.
 - Filippo Palastrelli. Segue.
- VII. FILIPPO PALLASTRELLI n. entre 1350 e 1355; chegou a Portugal em 1383/4; c. duas vezes: a 1a. com Caterina Visconti, e a 2a. com Catarina de Melo. Filhos do 1o. casamento:
 - Richarte, ou Ricardo, Perestrelo, progenitor dos *Perestrellos de Torres Vedras*.
 - Isabel, progenitora dos *Perestrellos da Beira*.
 Filhos do 2o. casamento:
 - Branca Dias Perestrelo, que teve filhos de D. Pedro de Noronha, Bispo de Lisboa.
 - Bartolomeu Perestrelo, donatário da Ilha de Porto Santo, c.g.

Pais, Mem Roiz e Catarina, de:

IX. HEITOR MENDES DE VASCONCELLOS. C.c. sua prima co-irmã Catarina Correia da Cunha, ou de la Cerda, filha de Pedro Correia da Cunha e de Hiscoa (ou Izeu, ou Izabel) Perestrelo, e irmã de Catarina, acima.

Pedro Correia da Cunha, sr. da ilha da Graciosa, era filho de *Gonçalo Correia*, sr. de Farelães, confirmado em 1411, e de s.m. Isabel Pereira de la Cerda.

Isabel Pereira de la Cerda era filha de *Martim Gonçalves de la Cerda*, n.c. 1350, e de Violante Pereira, irmã do Condestável *D. Nun'Álvares Pereira*, e n.p. bastarda de *D. Juan de la Cerda* (1327–1357) e de *Sol Martínez*, filho *D. Juan de D. Luis de la Cerda*, n.c. 1296, † 1348, príncipe das Canárias, c. em 1306 c. Leonor de Guzmán († c. 1341).

Pais, Heitor Mendes e Catarina Correia, de:

X. TROILO DE VASCONCELLOS. C.c. Iria de Mello, filha de *Diogo de Mello da Cunha* e de s.m. . . . Sodrê, filha de *Vasco Gil Sodrê* (filho de *João de Rezende Sodrê* e neto de *John de Sudeley*); n.p. de *Gaspar Dias de Arce* e de *Brites*, b. de *Vasco Martins de Mello*, filho de *Gonçalo Vaz de Mello* e de *Isabel de Albuquerque*. (Para a ascendência de Isabel de Albuquerque, ver à pág. 133.) P.d.:

XI. LUIZA DE MELLO DE VASCONCELLOS. Casou na Bahia com *Antonio de Oliveira Carvalhal*.

Era filho de *Simão de Oliveira*, dado como cavaleiro fidalgo nos nobiliários, e de Maria de Lemos; n.p. de *Fernão Lopes de Oliveira*, que seria fidalgo da casa real; bn.p. de *Lopo Gonçalves do Carvalhal*; e tn.p. de *Fernão Lourenço de Oliveira*, que vivia em começos do século XV, nascido em fins do século XIV. Antonio de Oliveira foi mandado a Salvador em 1551 como comandante de uma armada na qual trouxe a primeira leva de moças nobres para casarem na colônia; foi nomeado alcaide da Vila Velha (o aldeamento do *Caramuru*); cavaleiro fidalgo, em 1554. C. (11.7.1557) c. Luiza de Mello de Vasconcellos, n. 1531 na ilha Graciosa. Faleceu Antonio de Olivera em 18.12.1603; teve ainda um engenho de açúcar aquém da Praia Grande. Pais de:

XII. PAULO DE CARVALHAL DE OLIVEIRA DE VASCONCELLOS. Personagem trágico. Bat. em 11.7.1557, † degolado em Salvador, com cadeia no pé, em 7.10.1614. C.c. Francisca de Aguiar de Espinosa, filha de Cristóvão de Aguiar de Álder e de Isabel de Figueiró (filha decerto de Francisco Bruzza de Espinosa, o bandeirante). Jaboatão conta que Paulo e o filho, Bartolomeu de Vasconcelos, mataram ao ancião Francisco de Barbuda em 11.3.1607, “abrindo-o a machado, de alto a baixo pelas costas.” Sendo nobre, Paulo de Carvalhal teve, segundo o frade, o privilégio da degola. Não há documentos contemporâneos fundando essa narrativa.

Pais de:

XIII. BARTOLOMEU DE VASCONCELLOS, dito “o má pele.” Cúmplice do pai no assassinato do Barbuda, segundo os cronistas do século XVII e do XVIII, acabou casando maduro com uma bisneta de sua vítima, Luiza Pacheco, descendente do *Caramuru*, filha do capitão Francisco Fernandes Pacheco e de Violante de Araújo. P.d.:

D. MARIA DE VASCONCELLOS. Bat. em Cotegipe em 27.9.1637. C.c. *Mateus de Aguiar de Álder*, bat. em Cotegipe em 29.8.1624, filho de Custódio Nunes (suspeito de ser cristão-novo, sr. de engenho) e de Ana de Figueiró (filha de Cristóvão de Aguiar de Álder, acima, e de Isabel de Figueiró).

Dos dez filhos que tiveram, citamos:

1. João Álvares de Vasconcellos. Doutor em cânones, médico no presídio (fortaleza) de Salvador em 1693, desembargador da relação da Bahia. C.c. D. Angela de Meneses, sobrinha do infamado alcaide-mor Francisco Teles de Meneses. Está enterrado na Capela de N. S. da Piedade sob uma pedra armoriada com suas armas.
2. D. Maria de Vasconcellos. C.c. Manuel Gomes Dias. Uma de suas filhas, D. Ana Maria de Jesus e Vasconcellos, c. em 4.12.1726 na capela da família de N. S. da Piedade, no Carmo, com Manuel da Rocha Doria. C.g.

Para a descendência destes, ver à pág. 51.

Apêndice D: Duas Lendas.

A história é tão estranha—

D. Mendo Alão viveu no Reynado dos Reys D. Fernando o Magno, e D. Affo. 6 de Leão foi Sr. de Bragança q alguns dizem q tomou aos Mouros. O Conde D. Pedro no seu Nobiliario lhe chama D. Mendo Alão de Bragança, e o da por chefe dos Bragancoes [...] M.el de Sousa da Silva nas Notas ao do. Conde D. Po. alegando o livro Antigo dis q cazou com hua filha de hum Rey da Armenia q veio com seu pay de romaria a S. Thiago de Galiza...

Cito esse parágrafo do título dos Alões, no *Nobiliário* do linhagista português Felgueiras Gayo, que o escreveu em fins do século XVIII. Gayo dá como suas fontes um outro linhagista, que pouco lhe é anterior, Manuel de Sousa da Silva, além de dois dos três livros de linhagens medievais portugueses, o *Livro Velho*, e o *Nobiliário* do Conde D. Pedro. Estes, datando de entre os fins do século XIII e meados do XIV. A lenda da princesa da Armênia, princesa sempre inominada, é singela: Dom Mendo Alão era senhor das terras de Bragança, mais ou menos a nordeste do Porto, terras altas, montanhosas e de gente conhecidamente áspera. Isso, no século XI. Santiago de Compostela tem uma rota que atravessa esta região, onde fica também o mosteiro de Castro de Avelãs. Gayo resume, disfarça, o que o Conde D. Pedro e os outros linhagistas seus contemporâneos contam às claras. A princesa e o rei seu pai, peregrinos a Santiago, hospedam-se no mosteiro. Lá os encontra o senhor de Bragança Dom Mendo, que estupra, violenta a princesa, e filha-a de um filho, Dom Fernão Mendes, senhor de Bragança, chamado *o velho*. Personagem histórico, este, a quem se referem documentos do tempo do Conde D. Henrique, no princípio do século XII.

A base histórica

Têm muito má fama esses primeiros Braganções. Neto homônimo de Fernão Mendes o velho, Fernão Mendes *o bravo* rapta e estupra a irmã do próprio rei, D. Afonso Henriques, segundo outra narrativa do livro de linhagens. Isso porque o rei caçoara de seus modos porcos à mesa, quando ao tomar um pouco de leite, caíram-lhe nas barbas restos de nata—babava o leite, o senhor de Bragança. Pior: queixa-se a mãe da barregã do filho, e o filho, *o bravo*, manda matar à mãe. O estupro da princesa é episódio menor em tudo isso.

Mas, de onde vem essa narrativa inacreditável, sobre um rei da Armênia pacífico e indefeso, em peregrinação a um santuário, que vê a filha ser brutalizada dentro de um convento pelo senhor das terras onde fica o convento?

São Mendo, ou Santo Hermenegildo

Nosso guia é o nome do senhor de Bragança, Mendo, isto é, uma forma corrupta do nome germânico *Hermengild*. Nome que significa “guerreiro ilustre,” e que aparece entre os visigodos em certa grande família no século VI, quatro, cinco séculos antes da lenda que envolve o senhor de Bragança. Certa família muito especial: a família real visigoda, os descendentes de Leowegild, rei da Espanha visigoda.

Leowegild sobe ao trono dos visigodos em 568. É um nobre sem parentesco à antiga família real, os Baltunge, à qual pertenciam Alaric e Athaulf, os conquistadores do século anterior. Mais ainda: Leowegild é de confissão ariana, quando aos poucos vai-se fazendo católica a população da Espanha. Seu filho primogênito, Hermengild, casa-se com uma princesa católica, Ingundis, filha de Sigebert de Austrasia e de Brünnhilde—sim, são as matrizes históricas para outro casal mítico, Siegfried e Brünnhilde. Instigado pela mulher, Hermengild abjura o arianismo, converte-se à religião católica, declara guerra ao pai, é vencido, aprisionado, e assassinado na prisão em 585, um ano antes da morte de Leowegild. (Filipe II pede, e o papa de plantão canoniza-o; é Santo Hermenegildo, mártir da fé.)

A Leowegild sucede o filho segundo, Reccared, que pacifica o reino convertendo-se ao catolicismo, enquanto a linha de Hermengild fica por uns tempos excluída do trono. Seu filho (com Ingundis) Athanagild exila-se em Bizâncio, onde encontraremos agora o núcleo duro, histórico, da lenda da princesa da Armênia.

Príncipes armênios em Bizâncio

Pois em 578 vemos um príncipe armênio, Vardan ou Vardanes, terceiro do nome, da dinastia dos príncipes Mamikonianos da Armênia—dinastia que, segundo fortes e fundadas evidências (mostradas no livro de Christian Settipani, *Nos Ancêtres de l'Antiquité*, de 1990), remonta aos Arsácidas, aos Aquemênidas, aos Ptolomeus, e talvez mesmo aos faraós do Médio Império egípcio—vemos este príncipe Vardan exilar-se em Bizâncio, onde se casa com uma filha do patricio

Philippikos e de Gordia, irmã do imperador Mauricius. Muito provavelmente foi mulher de Athanagild, filho de Hermengild, uma filha de Vardan Mamikonian. Este Vardan era sobrinho de outro dos grão-príncipes da Armênia, Artavazd IV, cujo nome se reproduz naquele do filho de Athanagild, Ardabasto.

A mãe inominada de Ardabasto (helenização do nome Artavazd), nora de Hermengild, o santo, é a matriz, o modelo, o molde de onde sairá a lendária princesa que é violentada pelo senhor de Bragança Dom Mendo. Mas, estamos em Bizâncio. Como relacionar tais fatos à lenda que tem como cenário um pequeno senhorio no norte de Portugal, tão distante?

Condes dos cristãos em Coimbra

Ardabasto volta à Península Ibérica e usurpa o trono visigodo; é deposto em 649, e morre em 652. Seu filho Erwig volta ao trono e morre em 687. Nos começos do século VIII, quando a Espanha é invadida pelos árabes, um descendente destes, Sisebut, é nomeado pelos conquistadores *comes* dos cristãos em Coimbra. Sábua estratégia dos conquistadores muçulmanos: melhor deixar cada comunidade sob a direção de seus próprios líderes, e conduzi-los, aos líderes, e não diretamente às populações. Assim sendo, cada região possuía seu “conde dos cristãos,” assim como cada comunidade judaica (pois que essas haviam, na Ibéria do ocidente, desde o tempo da queda de Cartago) se mantinha organizada sob seus rabis.

A convivência dos condes dos cristãos de Coimbra com os muçulmanos nunca é muito pacífica. Sabemos, no século VIII, de duas intervenções do abade de Lorvão, mosteiro que ficava nas proximidades de Coimbra, junto ao vali muçulmano, o governador da área, em defesa do conde. (Na verdade, o vali em causa poderia ter sido o próprio emir de Córdoba, Hisham, ou Abu al-Walid ar-Radi Hisham.) Finalmente, em 878, Hermenegildo ou Mendo Guterres, o último dessa linha, expulsa os muçulmanos do território de Coimbra e se declara feudatário do rei Afonso III de Leão—o que na prática o fazia um senhor independente.²⁴⁰

²⁴⁰Eis o documento—falso, ou reescrito posteriormente, mas com uma genealogia cronologicamente plausível—que une estes Condes de Coimbra aos últimos reis godos:

In nomine Dei Patris genitoris, et fi-/lii eius unigeniti. spiritus quoq; sācti / illuminatoris, Trinitas inseparabilis, et / indivisa. Ego Theoddus Comes Christia-/norum, qui sunt in Colimb. cognoscens / multa bona, quae recipio quotidie de ma-/ nu Domini nostri Iesu Christi, in medio // //nostrorum inimicorum, qui nos undique / praemunt, et vexant quotidie, cum mul-/tis tormentis, et vexationibus, et quoniā / fui iam per duas vices salvatus à morte, / per petitionem Aydulfi Abbatis de La-/urbano, et suorum Monachorum, quoniā / me condenavit Maruan Ibenzorab domi / nus in Colimb. ubi ego remansi cum meo / Patre Athanarico, et gubernavi Chris / tianos, qui sunt ibi de suo rogatu, tanquā / de genere Gothorum, et de generatione / Egicae boni Regis: et propter hoc ego de / bono animo, et sana mente do monasterio / praedicto constructo ad honorem Sancti / Mamettis, et Pelagii, duas hereditates, / quas ego habeo in Almafala territorio / Colimb. et sunt valatae suis moionibus, / ex quatuor plagis mundi, de quas ego do / in pecho octo pesantes de argento, per quem / que annum; eruntque monachis, et homi / nibus fidelibus qui Deo serviunt in mo- / nasterio ad cibum, et vivendam, et red- / dent pro illas praedicto Maruan Iben- / zorah dictos octo pesantes de suo pecho, / aut

salvent per solidum, vel tremissem. Et / quia Dei gratia, nouimus dictum Mar-
/ uan Ibenzorah, esse amicum de vobis Ab / bas Aydulfus, et ire ad vestrum
monas- / terium multis vicibus, ad caçam de ves- / tros venatos, quos dat vobis
si matat, et / dormit ibi, et manducat cum suis; curã / vos habendam tenebitis,
cum ego, et alii / Christiani furmus in praesura, venire ad / illum, et rogare pro
nobis, et cum ego / fur defunctus de isto seculo, dabunt vo / bis meos heredes
triginta pesantes argen / ti, pro cruce faciendo facere, et vos leva- / bitis meum
corpus ad Laurbano, et ro / gabitis Deo pro anima mea, et mando / meis filiis
Theodorico, Ataulpho, et Hermegil- //

//megildo servare vobis totum istud: quod / ego video mandare, quod si non
fecerint / sint a Deo maledicti, neq; sint habitati pro / genere Gothorum: neque
Christiani ha- / beant eos suos Comites. Si vero homo / estranius hereditates
iam dictas rapien / do turbaverit, cum Datanio, et Abiro- / nio sumergatur, et
cum Iuda proditore / vadat ad infernum per semper. Facta fuit / cartula testa-
menti, era DCCCVIII. / mense Aprili. Ego Theoddu Comes, propria manu /
roboravi. Ego Cisindo Gothus, confirm. / Ego Theodoricus, quod Pater meus
consent. Ego Hermegildus, quod Pater / meus consent. Ego Servandus humilis
e- / piscopus Col confir. Ego Stephanus praes / biter christ. confir. Ego Petrus
Diaconus / christi conf. Ego Ordonius Subdiaconus / christi confir. Ego Salvia-
tus cantor ec- / clesiae, col. confir. Ego Iulianus Iudex chri / stianorum, confir.
Ego Ariovigildus Go / thus, confir. Ego Egica Gothus, confirm. / Ego Cimbria
vidua famula christi, conf. / Ego Placencia vidua famula christi, conf. / Ego
Dumia vidua famula christi, conf. / Ego Marcia virgo christi, confir. Ego / Mu-
nia virgo christi, confir. Ego Servi- / ania virgo christi, confir. Ego Lucendria
/ virgo christi, confir. Ego prudencia vir / go christi, confirm. Ego Heriana
virgo / christi, confir. Aydulfus Abba quod vi- / dit, Odorius Praesbiter, qui
notavit.

Tradução:

Em nome de Deos Padre que ge- / rou, e de seu filho unigenito, e tam / bem
do Spiritu Santo alumiador, //

// trindade inseparavel, e indivisivel. Eu Theodo Conde dos christãos / que
viverem em Coimbra, conhecen / do os muitos oes que recebo cada / dia de nosso
Senhor Iesu Christo, / no meo de nossos inimigos que nos / opprimem, e
vexão, cada hora, com / muitos tormentos e opressões, e por quanto mediante
os rogos de / Aydulfo Abbade de Lorvão, e de / seus monges, fui já livre duas
vezes / da morte a que me tinha condena / do Marvan Ibenzorah senhor de /
Coimbra, onde eu fiquei com meu pay Athanarico, e governei os chri / stãos
que hahi morão, por elles proprios mo pedirem, como a homem / em fim de
geração Godo, e descen / dente do bom Rey Egica, pellas qua / es obrigções,
eu com bom animo, e / saa vontade, dou ao sobredito mo / steyro, fundado em
honra de São / Mamede, e São Payo martires de Christo, duas erdades minhas
que / tenho em Almasala termo de Coimbra, e são demarcadas com se / us
padrões, pera todas as quatro / partes do mundo, das quaes pago / em cada
hum anno de tributo oi / to pesos de prata, e servirão pera / mantimento, e
comida dos mon- / ges e pessoas fieis que servirem a / Deos no mosteiro, e
pagarão del- / las ao sobredito Marvan Ibenzo- / rah; os ditos oito pesos de seu
tri- / buto, ou o rimão com soldos e tre / misses. E porque sabemos que me /
diante a graça de Deos, o sobredi- / to Marvan Ibenzorah, tem grande / amor
a vós Abbade Aydulfo, e vai muitas //

// muitas vezes ao vosso mosteyro á / caça de vossos veados, e vo los dá /
quando os mata, e dorme hahi, e / come com os seus, ficará á vossa con- / ta
ter cuidado quando eu e os outros / Christãos estivermos em tribula- / ção ir
ter com elle, e rogar por nós, / e quando eu partir deste mundo, / vos darão
meus erdeiros trinta pe / sos de prata pera mandardes fazer / huma Cruz, e
vòs levareis o meu cor / po a Louvão, e rogareis a Deos por / minha alma: e
mando a meus fi- / lhos, Theodorico, Ataulfo, e Her / megildo, que vos goardem

Forma-se a lenda da princesa da Armênia

Imaginemos o seguinte. Bragança, nos começos do século X, é um lugar no fim do mundo, montanhoso, terra hostil a seus habitantes, e tendo como senhores a uma família de brutamontes. Esta família, talvez longínqua descendente dos álanos que se fixaram na península depois da dispersão dos hunos (aos quais os álanos acompanhavam), esta família dos Alões exerce o padroado senhorial sobre o mosteiro de Castro de Avelãs. Um dos senhores se interessa, se afeiçoa nalguma das freiras do convento, talvez de origem nobre. Estupra-a, e mais ainda, torna-a sua mulher. Seu nome é Mendo, ou Hermenegildo. À distância, duas, três, quatro gerações depois, este Mendo, descendente bruto dos álanos, se confunde ao grande presor de Coimbra, Hermenegildo Guterres.

Lendas se formam como se foram sonhos sonhados ao longo de alguns séculos por uma população sem grandes tradições escritas. Há inflação—um senhor menor, Mendo, o dos Alões, incha-se na memória oral até capturar a imagem, o molde, de um grande senhor, Mendo de Coimbra—e conflagração, ou condensação—o Mendo inflacionado toma para a sua própria história os detalhes mais notáveis da história do outro Mendo. Assim nasceu a lenda da princesa da Armênia.

Mas Hermenegildo Guterres está também na matriz de outra lenda, a *Lenda do Rei Ramiro*.

A Lenda do Rei Ramiro

A lenda do rei Ramiro, ou lenda da Miragaia, ou lenda da família da Maia, conta a história das origens de uma família de infanções—nobres de baixa hierarquia—cujas terras situavam-se nos entornos do Porto. Foram os padroeiros do mosteiro de Santo Tirso de Ribadave, fundado em 978 pelo primeiro ancestral certo dessa família, um moçárabe (isto é, árabe cristianizado), Abunazar Lovesendes. Na lenda o infanção Abunazar torna-se no infante Dom Alboazar Ramires, filho, que não o foi, de Ramiro II, rei de Leão.

O do. D. Ramiro roubou D. Ortiga, irmã de Alboazar Abuzadão Sr. de Gaya the Santarem, e bisneta de [rei] Aboali a qual pela sua rara formozura obrigou ao do. Rey D. Ramiro a pedilla pa. cazar com ella, q lhe foi negada, dizendo-lhe Alboazar q a ley dos Christaons não prometia ter mais q hua mulher de q resultou o do. roubo, e sentido Alboazar do dito roubo sabendo onde D. Ramiro tinha deixado sua molher em q.to se divertia com D. Ortiga a foi tãobem Roubar, e

tudo isto / que me pareceo mandar, e se o não / fizerem sejam amaldiçoados de Deos / e não sejam avidos por descenden / tes dos Godos, nem os Christãos os / aceitem por seus Condes: mas se algum / homem estranho perturbar as ditas / erdades usurpando as pera si, seja su / mergido com Datão, e Abirão, e vã / pera sempre ao inferno com Iudas / o trêdor. Foy feita esta carta de tes / tamento, na era de oitocentos e / oito (que he anno de Christo, setecen / tos e setenta) no mês de Abril. O res / tante são confirmações de pessoas nobres, que não consentem na doação.

A transcrição da *Monarchia Lusitana* deve-se a Eduardo Albuquerque.

levou para Gaya, e o q sabendo o Rey D. Ramiro, cobrio as suas fragatas de pano verde, e se veyo meter sem ser percebido em S. João da Foz q entam tinha muytos arvoredos, e pella sua industria se meteo no Palacio [de Alboazar] e fallou com sua mulher pa. ver como a havia de tirar do poder de Alboazar deixanbo ordem aa sua escolta pa. q ouvindo tocar uma corneta q levou lhe acudissem, e como sua m.er allem de queixosa estava namorada de Alboazar o fichou em Caza pa. o entregar aa morte, de q escapou dizendo [Rei Ramiro] a Alboazar q hia ali pagar seu pecado, e roubo de sua irmã, mas q o seu confessor lhe dissera q pa. ser perdoado o do. seu crime havia de morrer afrontozam.te diante do povo a tocar em aquella corneta the arrebrantar, no q conveyo Alboazar, para o q lhe mandou fazer hum poste no meyo da Praça alto, e delle se poz a tocar a cujo toque acodindo a sua gente matarão todos os Mouros e trocerão a Raynha, q mandou D. Ramiro atar a hua moo, e lançar no Rio, e dipois recebeu D. Ortiga, de q teve o infante D. Alboazar Ramires.

Outras variantes dizem que D. Ortiga, ou Ortega (isto é, urtiga), chamava-se Zara antes do batismo. A lenda é fascinante, porque Ramiro II (c. 900–951) foi rei de Portugal, entre 920 e 930, e depois de Leão, e é personagem atestadíssimo. E *rei Aboali* é, com certeza, Abdallah, emir de Córdova (844–912; ascendeu ao emirado em 888). Isso tudo, no prólogo à genealogia dos Coelhos, em nosso autor setecentista, Gayo. Que mais nos diz no começo da história dos da Maia:

O Livro das Linhagens do Conde D. Po. [Pedro] principia esta familia em D. Ramiro 2o. de Leã q roubando hua Moura q poz o nome no batismo Ortiga irmã de Albuaçar Albocadão Sr. da terra de Gaya a the Santarem, e filha de D. Çadãoçada, e bisneta de ElRey Aboali, com a qual D. Ortiga cazou dipois da morte de sua m.er. . .

Mais detalhes. Em resumo, a lenda nos conta que Ramiro II trai a mulher, Aldara, com uma moura, Zara ou Ortega, de família nobre—é descendente dos Omíadas de Córdova, parentes do próprio Profeta do Islã. Aldara vinga-se traindo Ramiro com o mouro, e é morta por isso. Ramiro II sai sem punições ou penas, e se casa com a moura Ortega, de quem deixa um filho, Dom Alboazar Ramires.

Ausenda Guterres, a princesa que Ramiro II repudiou

Ramiro II teve por primeira mulher a Ausenda Guterres, filha do conde Guterre Osores, e neta materna de Hermenegildo Guterres, o presor de Coimbra que nos guiou à história da princesa da Armênia. Tiveram quatro filhos: Bermudo, que morre adolescente; Ordonho, depois rei Ordonho III de Leão, e mais dois que desaparecem da história. O casamento dura uns dez anos; pois Ausenda Guterres é repudiada por volta de 930, e some. Ramiro volta a se casar ainda duas vezes, com uma infanta de Navarra e com uma certa Urraca, ou Teresa.

Por que foi repudiada Ausenda Guterres? Não por infertilidade. A lenda do Rei Ramiro nos sugere—que Ausenda Guterres, grande senhora, filha e neta

de magnatas, haja traído o rei. Se narrativas lendárias são como sonhos, nelas então ocorrem inversões e mecanismos compensatórios. Ramiro II trai Aldara, sua mulher na lenda. Ela dá o troco, e é punida. E se esta sentença refletir, com sinal contrário, o que de fato aconteceu? Ramiro II traído pela mulher, Ausenda?

Os documentos de Lorvão

Na busca pelo que existe de histórico e de fantástico (se é que podemos separar uma coisa da outra) nessa narrativa fascinante, encontramos de súbito um tesouro: os arquivos do mosteiro de Lorvão, publicados há século e meio por Alexandre Herculano nos seus *Portugaliæ Monumenta Historica, Diplomata et Chartæ*. As cartas de Lorvão que nos interessam ficam na parte mais antiga do acervo. E neles comparecem quase todos os personagens da lenda do Rei Ramiro. Por exemplo, leiamos o diploma que tem o código DC 39, datado do ano de 933:

Karta uenditionis de abbalat que comparauit gondemirus et uxor sua susana in dei nomine.

ego zahadon et uxor mee aragunti, cresconio et uxor mee smelilo, et ueremudo. placuit nobis casto animo proprio uolumptas integroque consilio nulliusque gentis imperio neque suadentis articulo set propria nobis accessit uoluntas et uenderemus tibi gondemiro et uxor tue susanna sicut et uendimus rationes nostras que abemus in uillas prenomintas in territorio conimbrense. de uilla albalat. . .

Zahadon in hanc scriptura uenditionis a me facta manus mea conf. — Aragunti manus mea conf. — Veremudus manus mea conf. — Exemenus didas conf. Cresconio manus mea conf. — Elduara confirmans conf. — Froila gutierriz conf. Veremudus rex confirmans — Ranemirus rex confirmans.

Zahadon e sua mulher, Aragunte, junto a Cresconio e a mulher, Smelilo, e ainda Bermudo, herdeiros de um certo Fromarico—decerto pai dos que têm nome visigodo, Aragunte, Cresconio e Bermudo—vendem a Gondemiro (que, aprendemos depois, chamava-se Gondemiro iben Dauti) e à sua mulher Susana, partes da Vila de Albalat na região de Coimbra. Testemunhas do ato? Leiam: Ramiro II; seu filho Bermudo; a condessa Ilduara (lembram-se da Aldara, a mulher de Ramiro na lenda?), os condes Ximeno Dias e Froila Guterres.

Escritura de venda feita por gente poderosa, com o testemunho das gentes mais poderosas da terra, o rei, o príncipe, e membros da família de Hermenegildo Guterres, senhores da região de Coimbra.

Coincidência? Ora, vejamos o documento DC 47, de 938. É a doação de um moinho, na vila de Ançã, feita pela condessa Ilduara a Gondemiro iben Dauti e a sua mulher Susana:

In dei nomine. elduara a tibi gondemiro iben dauti salutem. donamus atque concedimus tibi nostro molino proprio que abemus in uilla

*que uocitant anzana... Ueremundus prolis regis - Froila Gutierriz
conf. Zahad test Zahadon presbiter test Nazari test*

A relação das testemunhas repete, na mesma ordem, o fragmento da genealogia que nos é trazida na lenda: Alboazar filho de D. Zadão Zada, filho de Zada... [Abd al?] Nazar, test.; Zahadon, test.; Zahad, test. Zahadon aparece como *presbiter*, mas isso não lhe indica um status de eclesiástico. (Ainda que Zahad signifique “ermitão,” e Zahadon, “referente ao ermitão.”) *Presbiter* era apenas alguém ligado a uma comunidade monástica, e essa família com certeza tinha padroado sobre Lorvão, pelas doações que faz ao mosteiro (DC 68, de 954):

*Rodorigus Abudmundar et uxor ejus testamento legant Monasterio
Laurbanensi uillas Tentugal, Cendelgas, Oleastrelo et alia bona mo-
bilia et immobilia. Liber Testamentorum ejusdem monasterii textum
nobis praeuit.*

*... rodoricus cognomento abulmundar et uxor mea coraxia... rodori-
gus in ac testamento manu mea + - coraxia in ac testamenti manu
mea + - petrus abba conf. - eronius test. - valid test. - hadella test.
- iubarius presbiter. - habdelmek test. - abobadella test. - neuridius
test. - zahdon test. - menendo test. - azakri test. - egriz test.*

Rodrigo, também conhecido como Abu al-Mundhir, e sua mulher Coraxia, legam ao mosteiro de Lorvão várias vilas, entre as quais Tentúgal, além de outros bens. E vejam os nomes dos confirmantes: Walid, Abdallah (Hadella), Abd al-Malik, Ubaid' Allah, Zahadon... Al-Mundhir é o nome do emir de Córdoba que morreu guerreando Ibn Hafsun em 888; irmão de Abdallah e de Ubaid' Allah; de Abdallah, já dissemos que nascido em 844 e falecido em 912, de quem a genealogia, muito com certeza verdadeira, que está embutida na lenda, diz, descende essa gente de moçárabes com nome de emires, califas, e mais pessoas da família do Profeta.

(Por que verdadeira a genealogia? Ora, encontramos nos documentos, nos períodos corretos, consistentemente, os personagens da linhagem de Zara. Por que não seria verdadeira essa linhagem omíada desta família dos Zahads e Zahadons, família obviamente de alta hierarquia? Mas veja-se ainda o que dizemos em seguida.)

O núcleo histórico da lenda do Rei Ramiro

A lenda do Rei Ramiro procura nos esclarecer sobre as origens da família da Maia, cujo primeiro ancestral documentado é certo Abunazar Lovesendes, fundador do mosteiro de Santo Tirso de Ribadave em 978. A lenda faz do rei Ramiro II pai deste Abunazar, o que é impossível—pela cronologia, já que Ramiro morreu em 951; e pelo patronímico, pois o pai de Abunazar se chamava Lovesendo, jamais Ramiro. Segundo a lenda, a família da Maia descenderia do adultério de Ramiro com uma princesa moura: Abunazar ganha na lenda uma ascendência real, da mais alta nobreza, por seu pai e por sua mãe.

Mas, notemos o seguinte: quando esta lenda se fixa por escrito nos livros de linhagens, o árabe é o inimigo subjugado. A conquista do Algarve fora feita nos fins do século XIII por Afonso III. A lenda revela uma ascendência ilustre dos senhores da Maia na família real do inimigo, inimigo político e religioso. Numa família real que, inclusive, se aparentava ao próprio fundador da religião adversária. Ramiro II parece que entra de início na lenda como um contrapeso ideológico.

Mas notemos que há vínculos indiretos, ou indícios que apontam vínculos, entre a família da Maia, em fins do século X, e a família do conde de Coimbra, Hermenegildo Guterres. Uma das filhas de Abunazar Lovesendes tem o nome Ausenda—como a mulher repudiada de Ramiro II. Um dos filhos de Abunazar, de quem aliás descenderá outro personagem lendário português, Egas Moniz *Aio*, é Ermígio. Forma rara do nome Hermenegildo (mais comum é o vernáculo Mendo, ou Mem), aliás só encontrada nessa família dos da Maia. Há mais evidências: no século XI, Soeiro Mendes da Maia, dito o bom, litiga nos tribunais contra os herdeiros de certo Froila Cresconiz, que, sempre pela raridade do nome, parece ser filho do Cresconio cunhado de Zahadon e irmão de Aragunte, mulher de Zahadon.

O que aconteceu, na história, no concreto, nunca vamos saber certo. Mas o seguinte cenário—cenário, deixo claro—parece explicar a narrativa lendária. Ausenda, rainha de Leão e mulher de Ramiro II, comete adultério. É, por isso, repudiada. (Não deve ter sido morta; sua família era poderosa demais.) Do filho adulterino, Lovesendo (compare-se a desinência participial, Ausenda, Lovesendo), que se casa com a filha de Zahadon, nasce Abunazar Lovesendes, primeiro senhor das terras da Maia.

Razão da lenda

Para que a lenda? Para mascarar as origens adulterinas e heréticas de uma família que será tão poderosa. Cujos descendentes, muitíssimamente numerosos hoje em dia, todos compartilham, inda que muito, muito longe, do sangue dos Omíadas e de seu parentesco ao Profeta do Islã.

Sumário

<i>Introdução</i>	1
<i>Os Dorias em Gênova</i>	5
Da lenda à realidade histórica	7
Oberto Doria e Lamba Doria, século XIII	8
A batalha de Curzola, 1298, e a prisão de Marco Polo	10
Manuele Doria e a Sardenha	11
Branca Doria, colocado no <i>Inferno</i> pelo Alighieri	12
Dois papas: Adriano V e Inocêncio IV	13
Valensa Doria, senhora de Milão, ancestral dos Valois reis da França	13
Andrea Doria e os príncipes Doria–Pamphilj	16
Os senhores de Oneglia	18
Origem dos Dorias da Madeira	18
Uma primeira Clemenza Doria	18
Luciano e Pietro Doria, que derrotam os venezianos, no século XIV	18
Francesco Doria e Lodisio Centurione Scotto, financiadores de Colombo	23
Cristóvão Doria, o navegador de Faro	23
Aleramo Doria, que financia D. João III	24
Clemenza Doria e Fernão Vaz da Costa	24
Genealogia dos <i>Menezes Dorias</i> da ilha dos Frades	24
A família de Franklin Doria, Barão de Loreto	24
A sentença de nobreza de Belarmino Jácome Doria	26
O primeiro Cristóvão da Costa Doria	35
A família Subtil de Siqueira	35
Moreiras do Socorro	37
Martim Afonso de Mendonça, fidalgo da casa real	39
Gonçalo Barbosa de Mendonça	40
Cristóvão da Costa Barbosa e D. Antonia Luiza de Vasconcellos Doria	41
1 <i>Vaz da Costa, Sá Doria</i>	42
Antonio de Sá Doria, um potentado baiano do século XVII	43
A capela de N. S. do Loreto na ilha dos Frades	43
Sobrinhos do Pe. Antonio Vieira	45
Castros do Rio, Ximenes de Aragão	46
Um afilhado de Antonio Vieira	48
Carneiros da Rocha	48
2 <i>Carneiro da Rocha</i>	49
O doutor João Álvares de Vasconcellos	50
O assassinato do alcaide Teles de Menezes	50
O assassinato de Francisco de Barbuda	50
Um caso escabroso na Bahia quinhentista	51
Descendentes do <i>Caramuru</i>	51
Gouveia Portugal; a Condessa de Barral	52

3	<i>Argolo de Meneses, Vargas Cirne</i>	54
	Vargas Cirne, I	54
	Vargas Cirne, II	56
	Vargas Cirne, III	57
4	<i>Os judeus de Itapicuru</i>	58
	Mendes de Vasconcellos, morgados do Esporão em Portugal	58
	Os judaizantes Carvalhos Pinheiros	58
	A lenda dos “judeus de itapicuru”	58
	O mito das judias sedutoras: “. . . as mulheres, quase todas bonitas, não primavam por honestidade. . .”	59
	O capitão-mor de Itapicuru, Martinho Afonso de Mendonça	59
	O tabelião de Itapicuru, Antonio Ponciano de Souza Mendonça	60
	Martinho Correia de Vasconcellos	61
5	<i>Rocha Doria</i>	62
	Manuel da Rocha Doria	62
	O Cel. José Luiz da Rocha Doria	63
	Veiga Ornellas	64
	Magalhães Castro	64
6	<i>Lucatelli Doria</i>	65
	O brigadeiro Antonio Frutuoso de Menezes Doria	65
	Lucatelli Doria	65
	Araújo Gois, Barões de Camaçari	66
	Um Lucatelli Doria empobrecido	66
	Horácio Lucatelli Doria	67
	Almeida Couto	67
7	<i>D. Joana Angélica, os Almeidas Torres, e outros</i>	68
	Almeida Torres	68
	Rodrigues da Costa	68
	José Luiz de Almeida Couto, presidente de S. Paulo e da Bahia	68
	Rodrigues da Costa	68
	Freire de Carvalho	68
	Oscar Freire, um baiano que tornou-se rua em S. Paulo	68
	Freitas, de Salvador	69
	Manuel Vitorino Pereira, vice-presidente da república	69
	A família Pereira Novis	69
	A família Augusto da Silva	69
	Clementino Fraga; Clementino Fraga Filho	69
	Helio Fraga, reitor da UFRJ	70
	Aristides Novis	70
	Costa Carvalho, Cezário Alvim, Souza Dantas	70
	Chico Buarque de Holanda	70
	Quintino Bocayuva	71

A família Catão	71
Viscondes de Macaé, Condes de Lages	71
8 José da Costa Doria	72
Antonio Marcelino da Costa Doria e sua descendência	72
Combatentes na guerra do Paraguai	73
Guilhermino Álvares da Costa Doria, vereador em Salvador, 1891–1895	74
9 Manuel Joaquim da Costa Doria	75
José da Costa Doria, o sobrinho	76
Manuel Mendes da Costa Doria, rábula em Estância	77
Mundim Pestana	78
A mulher do cônego, uma ex-escrava?	79
Araújo Doria, de Sergipe	79
O cônego Azevedo, sr. do engenho “Palmeira”	79
Francisco Camerino de Azevedo, “o voluntário paisano”	79
Joseph Doria	80
Waldemar Doria, nome de rua em S. Paulo	81
Abreu Sampaio Doria, de S. Paulo	82
José de Azevedo Doria, <i>Zé Doria</i>	82
Marques Valente	82
Jorge Moitinho Doria, da Academia Nacional de Medicina	82
Nascimento Silva	83
Antonio Doria; Ribeiro da Costa	83
Álvaro Ribeiro da Costa, presidente do STF	83
Um arquiteto: Lucio Costa	83
Doria Gomes de Mattos, advogados	85
9.1 <i>José da Costa Doria, o neto</i>	85
Alves da Costa	85
Maciel da Costa	85
Lins da Costa, Aleluia da Costa	88
9.2 <i>Francisco Camerino Doria</i>	88
Leahy Madureira	89
9.3 <i>Diocleciano da Costa Doria</i>	91
Diocleciano da Costa Doria, <i>Doloque</i> , deputado provincial por Sergipe	91
O saneador de Santa Catarina	91
Moitinho Doria	91
Accioli Doria	91
Gustavo Doria, teatrólogo, nome de rua no Rio	92
O jurista Moitinho Doria, fundador e presidente da OAB	93
Os arquitetos MMM Roberto	93
Faria Doria, Doria de Araujo	94
Toledo Piza	95
9.4 <i>Antonio Joaquim da Costa Doria</i>	95
João Agripino da Costa Doria, prefeito de Salvador	96
Serbeto de Barros	97

Serbeto Tourinho	98
França Doria da Bahia; Pinto de Oliveira Garcez	99
Conde de Fonte Nova, Visconde de Fiais	99
O deputado João Doria	100
João Doria Jr.	101
Severino Mencarini	103
Referências	106
A. Os Moreiras.	112
Restaurando a genealogia dos Moreiras	112
A A linhagem dos Moreiras, século X ao século XVI	113
A.1 <i>Patronos do mosteiro de Moreira: do século X ao século XII</i>	113
O Conde Evenando: uma família de funcionários públicos	113
Guimiro Evenandes compra o mosteiro de Moreira	114
Os patronos do mosteiro de Rio Tinto	114
A.2 <i>De Guterre Trutesendes a Pedro Pires de Moreira</i>	116
Os descendentes dos Omíadas e da família do Profeta	116
O sangue dos Abunazares: três patronos do mosteiro de Santo Tirso	117
O primeiro dos Moreiras	118
A.3 <i>Moreiras de Tarouquela</i>	120
A.4 <i>A quinta de Penela</i>	122
A.5 <i>Tarouquela, segunda linha</i>	123
Cerveiras de Évora	123
A.6 <i>Moreiras do Porto</i>	124
De fidalgos a burgueses: Heitor Moreira, juiz no Porto em 1459	124
A.7 <i>Moreiras de Celorico de Basto; Moreiras de Pascoais; Moreiras do Socorro</i>	125
O poeta Teixeira de Pascoais	127
Moreiras do Socorro na Bahia	128
<i>Um comentário</i>	129
B. Os Meneses.	131
Senhores da Terra de Campo e do Vale do Mena	131
Dom Tel Pérez	132
O Conde de Barcelos	133
A linha dos Albuquerque	133
B.1 <i>Barretos de Meneses</i>	134
O grande D. Pedro de Meneses	135
Inês de Meneses	135
Monizes Barretos de Meneses	136

<i>Sumário</i>	159
C. Os Vasconcellos.	139
Origens dos Vasconcellos	139
De Egas Moniz “Aio” aos Vasconcellos	141
Vasconcellos Alvarengas	141
Bartolomeu Perestrelo, sogro de Colombo, e suas raízes	142
La Cerdas	143
Sodrés e Albuquerque	143
Oliveira Carvalhal	143
D. Duas Lendas.	145
<i>Agradecimentos</i>	160

A pesquisa documental original para esta genealogia foi feita, no Arquivo Público Estadual da Bahia, por *Jorge Ricardo Almeida Fonseca* em 1992, a pedido do autor. Informações sobre os descendentes de João Agripino da Costa Doria foram passadas ao autor por *Jayme da França Doria*, e por *João Agripino da Costa Doria Neto*, infelizmente já falecidos.

Outros ramos foram levantados por *Daniela Doria de Araujo*, *Licia Leahy Madureira*, e *Hugo Forain Jr.*, que, este, também repassou ao autor batistérios e casamentos colhidos na Cúria do Rio. Os *Freitas*, *Fragas*, e *Augustos da Silva* foram repassados ao autor em textos cedidos por *Myriam Vilarinho*.

Neusa Esteves, Diretora do Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia (Salvador), desde 1995 tem repassado ao autor inúmeros documentos, referências e fontes sobre esta e outras famílias baianas, e mais de uma vez disse ela ao autor, via sua mão guiada pelos Orixás. . .

Theresa Carvalho, através de *José Pereira Damasceno*, levantou inúmeros documentos e certidões na Cúria de Salvador. Vieram-nos também informações através de *Zita Alves*.

Do outro lado do Atlântico, *Miguel de França Doria* relacionou para o autor os personagens de nome “Doria” documentados nos ANTT (Torre do Tombo). *Luis Cavaleiro Madeira* localizou, a pedido do autor, vários desses documentos. *Doug Holmes* ligou-nos os Perestrelas aos Sodrés. *António de Sousa Lara* instruiu-nos sobre um ramo alentejano dos Dorias, onde surgem cristãos-novos nessa família. *Cesare Patrignani*, enfim, localizou e ofereceu ao autor o livro de Fusero, *I Doria*.

Manuel de Abranches de Soveral criticou-nos e guiou-nos através de várias reconstruções, entre as quais a genealogia dos Moreiras, no Apêndice. Deve-se a *Maria Emma Escobar* a restauração das origens dos Meneses e a linha dos Condes Osórios, citada no Apêndice sobre os Vasconcellos; para estas também muito contribuiu *Manoel César Furtado*.

E, enfim, como a um próprio anjo tutelar, muito ouviu o autor os conselhos saudosos de *José Gabriel Calmon da Costa Pinto*.

E, finalmente, *Sergio Buratto* hospedou cordialmente este material no seu site.